

Tatiana Emediato Corrêa

**REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM NARRATIVAS DE VIDA
PROTAGONIZADAS POR MULHERES:
UMA ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DAS SEÇÕES EU, LEITORA E MOI, LECTRICE
DAS REVISTAS *MARIE CLAIRE*, EDIÇÕES BRASILEIRA E FRANCESA**

Tatiana Emediato Corrêa

**REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM NARRATIVAS DE VIDA
PROTAGONIZADAS POR MULHERES:
UMA ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DAS SEÇÕES EU, LEITORA E MOI, LECTRICE
DAS REVISTAS *MARIE CLAIRE*, EDIÇÕES BRASILEIRA E FRANCESA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso

Linha de pesquisa: Análise do Discurso

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Ximenes Cunha

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
Novembro 2020

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Priscila Oliveira da Mata CRB/6-2706

C824r Corrêa, Tatiana Emediato.
 Representações femininas em narrativas de vida protagonizadas
 por mulheres [manuscrito] : Uma análise semiolinguística das
 seções Eu, Leitora e Moi, Lectrice das revistas Marie Claire,
 edições brasileira e francesa / Tatiana Emediato Corrêa. – 2020.
 224 f., enc., il., grafs (p&b) (color)

 Orientador: Gustavo Ximenes Cunha.

 Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

 Linha de Pesquisa: Análise do Discurso.

 Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
 Faculdade de Letras.

 Bibliografia: f. 220-224.

1. Marie Claire (Revista) – Teses. 2. Análise do discurso –
Teses. 3. Mulheres – Linguagem – Teses. 4. Estratégia discursiva
– Teses. 4. Mulheres na comunicação de massa – Teses. 5.
Mulheres – Identidade – Teses. I. Cunha, Gustavo Ximenes. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III.
Título.

CDD: 418



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM NARRATIVAS DE VIDA PROTAGONIZADAS POR MULHERES: UMA ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DAS SEÇÕES EU, LEITORA E MOI, LECTRICE DAS REVISTAS MARIE CLAIRE, EDIÇÕES BRASILEIRA E FRANCESA

TATIANA EMEDIATO CORRÊA

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Análise do Discurso.

Aprovada em 17 de novembro de 2020, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Gustavo Ximenes Cunha - Orientador
UFMG

Prof(a). Micheline Mattedi Tomazi
UFES

Prof(a). Janaína de Assis Rufino
IF Sudeste MG

Prof(a). Ida Lucia Machado
UFMG

Prof(a). Luciano Magnoni Tocaia
UFMG

Belo Horizonte, 17 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Ida Lucia Machado, Professora Magistério Superior - Voluntária**, em 18/11/2020, às 13:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gustavo Ximenes Cunha, Professor do Magistério Superior**, em 18/11/2020, às 14:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Micheline Mattedi Tomazi, Usuário Externo**, em 18/11/2020, às 16:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciano Magnoni Tocaia, Professor do Magistério Superior**, em 20/11/2020, às 15:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Janaína de Assis Rufino, Usuário Externo**, em 23/11/2020, às 15:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0316325** e o código CRC **052EB7EE**.

Dedico este trabalho especialmente aos meus pais, Ivaí e Nancy, que, mesmo não estando mais neste plano, sei que torceram por mim e estão felizes. E também aos meus filhos, Thais e Enzo, por terem sempre acreditado no meu potencial.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus por me guiar nos momentos mais difíceis que passei nestes quatro anos de pesquisa. Mas consegui; aqui estou para defender a minha tese e finalizar essa minha trajetória. Quero agradecer também àquelas pessoas que estiveram mais próximas e ao meu lado: meus filhos, Thais e Enzo, que sempre torceram por mim; meu irmão Wander, que também me incentivou, me apoiou e me mostrou que é muito importante ter o pensamento crítico, pois é a melhor forma de construirmos um país melhor para nossos filhos. Agradeço também a minha irmã Solange que sempre esteve ao meu lado quando eu mais precisava. Enfim, a toda minha maravilhosa família.

Nessa jornada, conheci muitas pessoas. Vivi grandes experiências com os colegas da faculdade que estarão sempre dentro do meu coração, principalmente aqueles que sempre estão presentes nos encontros e eventos do Núcleo de Análise do Discurso da Faculdade de Letras: Stener, Maíra, Mariana, Thiago, Adriana, Fábio, dentre outros. Construí verdadeiras amizades no âmbito acadêmico. Viajei com a Mariana para o Rio de Janeiro para representarmos o Núcleo de Análise do Discurso no encontro CIAD e, durante o meu estágio doutoral sanduíche em Paris, encontrei com o Fábio, que começava seu estágio. Divertimo-nos em dias difíceis e nos incentivamos mutuamente em dias de luta.

Quero agradecer enormemente ao meu orientador Gustavo pela contribuição deixada, seja na indicação de novas leituras para o desenvolvimento da pesquisa, seja nas anotações realizadas durante o processo de correção do meu texto. O professor Gustavo me ajudou a ter disciplina. Tivemos grande sintonia referente ao calendário de toda pesquisa. Para mim, o Gustavo sempre foi um Lord (apelido carinhoso que eu lhe dei pela sua paciência, gentileza e educação). Foi uma parceria maravilhosa, na qual cresci muito. Foi um presente tê-lo como orientador. Uma benção de Deus!

Agradeço ao CNPQ pela bolsa de estudos concedida durante toda a pesquisa e ao NAD (Núcleo de Análise do Discurso) da FALE/UFMG, do qual participo, pois os encontros e debates ali realizados muito acrescentaram ao meu conhecimento. Agradeço também à CAPES pela bolsa concedida, permitindo o meu estágio doutoral sanduíche em Paris pela UPEC, no laboratório CEDITEC, coordenado pelo professor Dominique Ducard. Essa experiência foi possível através do acordo entre Ducard e a professora Ida

Lucia Machado. À professora Ida eu devo toda a minha gratidão pela realização do meu estágio na França, um país onde aprendi a amar e a viver. A professora Ida sempre acreditou e me apoiou nos meus momentos de glória e nos meus momentos de luta. Foi ela quem acalmou o meu coração na segunda etapa do meu estágio em Paris, pois fui pega de surpresa pela pandemia do coronavírus que mudou o mundo e estava no olho do furacão da doença. Eu não queria voltar para o Brasil, mas sofri pressões pessoais para que tomasse essa atitude. A minha querida mestre acalmou o meu coração com as seguintes palavras: *Paris sera toujours là!* Minha querida Ida Lucia, você é a minha estrela guia, a minha mãezona – acadêmica e também na vida pessoal. Nossa amizade não acabará jamais. Não posso deixar de agradecer também ao grande mestre francês, Patrick Charaudeau, que me recebeu em sua casa para me ajudar nesta pesquisa. Sempre muito atencioso e dócil. Charaudeau deu grandes contribuições pessoais na minha pesquisa, em grande estilo.

Nossa! Como não agradecer a estes grandes mestres que me ajudaram nessa grande caminhada? Gustavo, Ida e Charaudeau: minha eterna gratidão! Agradeço também à professora Gláucia. Estivemos juntas em Paris, cada uma na sua pesquisa. Passeamos juntas, fomos à seminários juntas... ela foi uma grande companhia. Passamos o natal e o réveillon com as nossas famílias. Rimos muito! Registro o meu muito obrigada à professora Gláucia por fazer parte dessa minha jornada e maravilhosa experiência em Paris.

Por fim, agradeço a todos que me apoiaram, a todos que conheci durante esta jornada e que, de alguma forma, interferiram na minha trajetória acadêmica; sejam professores, sejam alunos. Sei que é o fim de uma etapa e, ao mesmo tempo, o início de outra, que me trará desafios, mas também vitórias. Que esta pesquisa possa contribuir para outras pesquisas, que possa fomentar também novas discussões acerca da figura feminina, da análise do discurso e dos discursos de representações da mulher.

RESUMO

Sabemos que a mulher é representada em diversos suportes midiáticos e ganha espaço e visibilidade, fazendo emergir uma voz historicamente silenciada. No entanto, as representações sobre a mulher circulantes na sociedade e nesses meios são baseadas em estereótipos enraizados na memória social. Os estereótipos estão presentes quase sempre na sociedade em que o discurso é produzido. O objetivo geral da pesquisa é de apreender a representação da mulher contemporânea na *revista Marie Claire* brasileira e francesa (de um mesmo ano), a partir da análise dos principais procedimentos linguístico-discursivos de construção das narrativas de vida publicadas nas seções Eu, leitora (versão brasileira) e Moi lectrice (versão francesa) da revista, verificando os papéis narrativos da mulher – vítima, agressora etc –, bem como os papéis narrativos do homem – agressor, aliado etc – nesses relatos. A escolha do *corpus* analisado se deu por acreditarmos que nesse material há um grande nicho de informações que nos levam para o resultado que mais nos interessa em nossas pesquisas sobre a representação feminina, que é responder à pergunta: qual é a construção da imagem da mulher nos dias de hoje em uma determinada mídia? A escolha do objeto nos permitiu traçar as representações sociais que circulam em um veículo de comunicação, mais precisamente no *corpus* escolhido pertencente à revista *Marie Claire*, fazendo uma comparação entre as versões com relação ao gênero feminino e os papéis atribuídos a ele. Na nossa pesquisa, analisamos dois textos extraídos da revista publicados nos anos de 2017 e 2018, pertencentes ao macrotema “relações afetivas”. O *corpus* completo é composto por 26 textos: 13 extraídos da *Marie Claire* brasileira e 13 da *Marie Claire* francesa. Para traçar essas representações, utilizamos a Semiologia, do teórico francês Patrick Charaudeau (1983, 1992, 2002, 2008, 2014, 2015a, 2015b, 2016, 2017), partindo de algumas categorias essenciais, tais como o contrato comunicacional e os sujeitos da linguagem, os modos de organização do discurso (principalmente o narrativo e o enunciativo), os imaginários sociodiscursivos e a construção identitária dos sujeitos envolvidos na enunciação. Ademais, buscamos estabelecer um diálogo com outros teóricos das Ciências Humanas. Nossa hipótese de que as diferenças culturais influenciam na forma como a mulher é representada na seção Eu, leitora e Moi, lectrice se confirmou. Através da comparação entre as duas versões, observamos que, na versão brasileira, a figura feminina representada de maneira mais atual em relação aos comportamentos e atitudes perante suas experiências de vida, apesar de existirem também certos posicionamentos conservadores. Já na versão francesa, a mulher é representada mais formalmente, seguindo o conservadorismo de uma sociedade patriarcal como a francesa. Logo, a mulher na revista *Marie Claire* é representada seguindo o editorial da revista: um folhetim que segue as mudanças e conquistas do gênero feminino, porém com ideias ainda conservadoras presentes na sociedade ocidental.

Palavras-chave: narrativa de vida; análise do discurso; mulher; *Marie Claire*.

RÉSUMÉ

Nous savons que les femmes sont représentées dans différents médias et elles gagnent en espace et en visibilité, donnant lieu à une voix historiquement silencieuse. Cependant, les représentations des femmes circulant dans la société et dans ces médias reposent sur des stéréotypes ancrés dans la mémoire sociale. Les stéréotypes sont presque toujours présents dans la société dans laquelle le discours est produit. L'objectif général de la recherche est d'appréhender la représentation des femmes contemporaines dans le magazine brésilien et français *Marie Claire* (de la même année), à partir de l'analyse des principales procédures linguistiques-discursives de construction de récits de vie publiés dans l'UE, lecteur (Version brésilienne) et Moi lectrice (version française) du magazine, vérifiant les rôles narratifs de la femme – victime, agresseur, etc. – ainsi que les rôles narratifs de l'homme – agresseur, allié, etc. – dans ces reportages. Le choix du *corpus* analysé a été fait parce que nous pensons qu'il y a dans ce matériel une large niche d'information qui nous conduit au résultat qui nous intéresse le plus dans notre recherche sur la représentation féminine, qui est de répondre à la question: quelle est la construction de l'image de la femme en nous? aujourd'hui dans un média particulier? Le choix de l'objet nous a permis de retracer les représentations sociales qui circulent dans un véhicule de communication, plus précisément dans le *corpus* choisi appartenant au magazine *Marie Claire*, en faisant une comparaison entre les versions par rapport au genre féminin et les rôles qui lui sont attribués. Dans nos recherches, nous avons analysé 26 textes extraits du magazine publié dans les années 2017 et 2018, appartenant au macro-thème «relations affectives»: 13 extraits du brésilien *Marie Claire* et 13 du français *Marie Claire*. Pour tracer ces représentations, nous avons utilisé la théorie semiolinguistique du théoricien français Patrick Charaudeau (1983, 1992, 2002, 2008, 2014, 2015a, 2015b, 2016, 2017), à partir de certaines catégories essentielles, comme le contrat communicationnel et les sujets du langage, les modes d'organisation du discours (principalement le récit et l'énonciatif), l'imaginaire socio-discursif et la construction identitaire des sujets impliqués dans l'énonciation, ainsi que nous tenterons d'établir un dialogue avec d'autres théoriciens des sciences humaines. Notre hypothèse selon laquelle les différences culturelles influencent la manière dont les femmes sont représentées dans la section *Eu, leitora* et *Moi, lectrice* a été confirmée. À travers la comparaison entre les deux versions, nous avons observé que dans la version brésilienne, la figure féminine est plus à jour en ce qui concerne les comportements et les attitudes à l'égard de ses expériences de vie, bien qu'il y ait aussi certaines positions conservatrices. Dans la version française, les femmes sont plus formellement représentées, suivant le conservatisme d'une société patriarcale comme les Français. Bientôt, la femme du magazine *Marie Claire* est représentée à la suite de l'éditorial du magazine: un livret qui suit les changements et les réalisations du genre féminin, mais avec des idées encore conservatrices présentes dans la société occidentale.

Mots-clés: récit de vie; analyse du discours; femme; *Marie Claire*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL	13
PARTE 1	
CAPÍTULO I – A representação da mulher nas revistas voltadas para o público feminino	21
1.1. A mulher e a sociedade	23
1.2. Um breve histórico das revistas voltadas para o público feminino e algumas características do suporte revista	40
1.3. Como a mulher é representada em revistas brasileiras voltadas para o público feminino?	44
1.4. Como a mulher é representada em revistas francesas voltadas para o público feminino?	51
1.5. A AD e sua aplicação em narrativas de vida ligada ao feminino.....	54
1.6. Considerações parciais	56
CAPÍTULO 2 – Uma questão de gênero: depoimento	60
2.1. O gênero biografia e seus <i>subgêneros</i> : uma abordagem relacionada ao <i>subgênero</i> depoimento	60
2.2. As instâncias enunciativas do nosso corpus: os sujeitos da enunciação	71
2.3. Narrativas de vida protagonizadas por leitoras da revista <i>Marie Claire</i> : o “eu” que se narra	74
2.4. Considerações parciais	77
CAPÍTULO 3 – Teoria Semi linguística: fundamentos teóricos e desdobramentos recentes	80
3.1. Breve histórico da Teoria Semi linguística	80
3.2. Os sujeitos da linguagem	85
3.3. O contrato comunicacional	92
3.4. Os modos de organização do discurso	95
3.4.1. O modo de organização enunciativo	97
3.4.2. O modo de organização descritivo	98
3.4.3. O modo de organização narrativo	101
3.4.4. O modo de organização argumentativo	104
3.5. Imaginários sociodiscursivos	108
3.6. A construção identitária	111
3.6.1. Identidade social	112
3.6.2. Identidade discursiva	113
3.7. A noção de <i>ethos</i> pelo olhar da TS	114
3.8. História de vida	118
3.9. Considerações parciais	121

CAPÍTULO 4 – Metodologia	122
4.1. A escolha do <i>corpus</i> para análise	122
4.2. Percurso de análise para a pesquisa	137
4.3. Considerações parciais	139
 PARTE 2	
 CAPÍTULO 5 – Representações Femininas em narrativas de vida da revista <i>Marie Claire</i>	141
5.1. Análise das narrativas da revista <i>Marie Claire</i> brasileira	143
5.1.1. Estudo dos papéis dos sujeitos e o contrato comunicacional	143
5.1.2. Estudo dos modos de organização do discurso: os pontos de vista na construção narrativa	151
5.1.3. Estudo dos imaginários sociodiscursivos, da construção identitária e do <i>ethos</i>	162
5.2. Análise da revista <i>Marie Claire</i> francesa	177
5.2.1. Estudo dos papéis dos sujeitos e o contrato de comunicação	177
5.2.2. Estudo dos modos de organização do discurso: os pontos de vista na construção narrativa	185
5.2.3. Estudos dos imaginários sociodiscursivos, da construção identitária e do <i>ethos</i>	188
5.3. Análise comparativa das versões brasileira e francesa da revista <i>Marie Claire</i>	202
5.4. Considerações parciais	215
 CONCLUSÃO	217
 REFERÊNCIAS	220

Perder, dói! Não adianta dizer não sofra, não chore;
só não podemos ficar parados no tempo chorando
nossa dor diante das nossas perdas.
Com as perdas, só há um jeito: perdê-las.
Com os ganhos, o proveito é saborear cada um
como uma boa fruta de estação. *Lya Luft*

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Esquema dos subgêneros	64
FIGURA 2 – Semiotização do mundo	86
FIGURA 3 – Quadro da situação comunicacional	92
FIGURA 4 – Processo argumentativo	106
FIGURA 5 – Quadro comunicacional reformulado por Ida Lucia Machado	120
FIGURA 6 – Proposta do quadro comunicacional	145
FIGURA 7 – Exposição do <i>site</i> da revista	147
FIGURA 8 – Quadro comunicacional charaudiano	178

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Quantitativo da versão brasileira	129
GRÁFICO 2: Quantitativo quantitativo da versão francesa	133

INTRODUÇÃO GERAL

Enquanto pesquisadora e mulher, foram vários os motivos que me despertaram o interesse para a escolha do *corpus* e do objeto de minha pesquisa. Início este meu trabalho redigindo em primeira pessoa, pedindo licença aos leitores e às regras textuais acadêmicas, para expor o meu interesse pelo discurso feminino. Nesta pesquisa, coloco-me de forma consciente e mais imparcial possível para apresentar as construções identitárias presentes em narrativas de vida de mulheres – hoje engajadas e inseridas no mundo globalizado, ao qual também pertença – e busco levantar as representações do gênero feminino em discursos criados por este mesmo gênero.

Meu interesse pela *Marie Claire*, suporte midiático com o qual trabalho, começou mesmo antes de iniciar o meu doutorado. Como leitora da revista há um bom tempo, calhou-me a vontade de enxergar a visão do folhetim em relação ao universo feminino, bem como analisar a maneira que se constrói, através do discurso, a representação do seu público-alvo: a mulher.

Percebi que fazer um estudo sobre toda a revista seria uma pesquisa exaustiva, pois é uma fonte inesgotável a ser explorada por diversos campos ligados às ciências humanas. Logo, percebi a necessidade de delimitar o *corpus*, e, por isso, escolhi a seção *Eu, leitora*, da qual sou leitora assídua. A seção é construída a partir de depoimentos coletados de leitoras que expõem uma experiência vivida e marcante nas suas vidas. Esses depoimentos são transformados em narrativas, protagonizadas por essas leitoras. Confesso ter lido diversas narrativas de vida antes mesmo de almejar esse *corpus* e, após a escolha, li tantas outras para separar o meu material a ser analisado de acordo com a metodologia, que será apresentada no capítulo 3.

Como mulher e pesquisadora na área de análise do discurso, minha intenção foi de, ao menos nesse espaço delimitado, enxergar qual é a projeção do gênero feminino nessa revista de grande abrangência, não somente nacional, mas também mundial. Trata-se de um folhetim de origem francesa, publicado em 30 países,¹ além da França, com edições específicas nos respectivos idiomas e, ainda, com uma versão na internet. Primeiramente,

¹ África do Sul, Arábia Saudita & Emirados Árabes, Argentina, Austrália, Bélgica (francês e flamenco), Brasil, China, Coreia (sul e norte), Espanha, Estados Unidos, Grécia, Holanda, Hong Kong, Hungria, Indonésia, Itália, Japão, Malásia, México, Reino Unido, República Tcheca, Romênia, Rússia, Sérvia, Suíça, Taiwan, Turquia e Ucrânia.

foi nessa ânsia pela descoberta das representações que também resolvi fazer um estudo comparativo entre as versões brasileira e francesa da revista. Devido à minha proposta de comparação entre as duas versões que compõem o *corpus*, a minha hipótese é de que, apesar de se tratar de um mesmo contrato comunicacional, podemos achar discursos diferentes, devido às diferenças culturais. Logo, a nossa intenção é verificar se existem discursos diferentes, se tais discursos constroem imaginários diferentes no que tange à representação da mulher, e responder à pergunta: o que significa ser mulher na visão de uma revista feminina como a *Marie Claire* e como se constrói a sua identidade da mulher?

Essas narrativas de vida reúnem elementos capazes de agregar múltiplas vivências, existências e construções discursivas que nos levam às representações e construções identitárias. Portanto, para darmos mais embasamento a essas primeiras reflexões, começemos a expor o que venha a ser a nossa pesquisa doutoral.

A mulher do mundo contemporâneo tem um papel bastante representativo e heterogêneo: ela é mãe, esposa, profissional, dona de casa, participando, assim, tanto do planejamento quanto do sustento familiar. Para muitos, conforme pesquisas acerca da mulher, o século XX teria representado um grande avanço para ela e, depois de muitas batalhas, novas conquistas lhes deram mais liberdade de agir e de se expressar, marcando a sociedade como um todo. A título de exemplo, Zimbalist e Lamphere (1979) expõem e colocam em evidência as transformações e as questões de desigualdade desse “segundo sexo”. Com a ascensão de debates sobre o gênero, outras perspectivas surgiram e a mulher se destacou em diversos segmentos sociais, políticos e culturais do/no mundo.

Essas conquistas, bem como outras conjunturas acerca da mulher, foram e continuam sendo objetos de debate, objetos de representações que (re)produzem imagens acerca da mulher, as quais podem remeter a diversificados papéis sociais e discursivos, comportamentos e lugares do “feminino” na sociedade (tal como Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo*, 1949). *O segundo sexo* foi publicado pela primeira vez em 1949 e apresentou Beauvoir na filosofia mundial, uma vez que a autora abordou os fatos e os mitos de condição da mulher numa reflexão fascinante para os meados do século passado. Na obra de dois volumes, Beauvoir analisa a condição da mulher em todas as suas dimensões: sexual, psicológica, social e política. O trabalho inaugurou um novo modelo de pensamento sobre a mulher na sociedade.

Como não poderia deixar de ser, a mídia não está alheia a essas representações. Pelo contrário, ela desempenha um papel considerável no que se refere à propagação e à

circulação das representações do feminino em nossa sociedade. Mas o problema que continua é: a mulher ainda faz parte de uma categoria “menor” com relação à atuação masculina vista como um todo, no mundo.

Hoje, no campo da Análise do Discurso (doravante AD), os discursos das minorias são frequentemente objeto de estudo. As escolhas realizadas pelos pesquisadores partem do pressuposto de que existem vozes silenciadas e de que a voz do dominado é, muitas vezes, abafada, sem ter repercussão no meio social em que vivemos, da forma como deveria. Segundo Ducard (2015, p. 110), em pesquisa que estudou as vozes silenciadas, os problemas de construção da identidade e as figuras de representação do mundo criadas pelo texto – narrativas de vida relatadas em reportagens radiofônicas –, a escolha das reportagens para sua análise

[se] justifica pela vontade de privilegiar as formas de resistência aos poderes e aos discursos estabelecidos, de revolta contra as opressões, de luta pela vida, de resiliência diante das adversidades e dos sofrimentos da vida, assim como as formas de expressão inconfessáveis ou condenáveis, não politicamente corretas, ou ainda as formas de vida movidas pela paixão, motivadas pelas vocações ou pelos sonhos de infância, e ainda destinos singulares, as exceções à regra e curiosidades, pela ótica do que seria uma normalidade sem história.

A proposta que aqui trazemos tem como enfoque as representações da mulher em um veículo midiático de comunicação, a revista *Marie Claire*, com base em pressupostos da AD, especificamente, da Teoria Semiolinguística (CHARAUDEAU, 1983, 1992). Acreditamos que tomar as representações do feminino como objeto de análise discursiva pode nos conduzir a apreensões mais profundas acerca dos sentidos que circulam e são reproduzidos pelas mídias, assim como também permitir o estabelecimento de relações entre as diversas representações que circulam sobre a mulher na mídia, em diversos discursos ligados a sua figura. Interessa-nos, sobremaneira, estudar ou pesquisar as condições que possibilitam a emergência de tal discurso, investigando as regulações que agem e normatizam as práticas discursivas do campo midiático sobre ele, as representações expostas pelos textos selecionados, enfim, toda uma problemática que envolva a representação do feminino em uma certa mídia, ou seja, a mídia feminina, voltada para este público.

Nesse sentido, o discurso midiático pode ser apreendido como prática discursiva, interessado em interpelar o leitor a realizar uma reflexão sobre uma temática – intenção essa silenciada na produção do texto, segundo Charaudeau (2015a). Nos gêneros que

circulam na mídia impressa, por exemplo, os sentidos acerca da mulher se (re)constituem nos posicionamentos que “dialogam” e podem ser apreendidos seja por meio da análise dos discursos de diferentes locutores (sujeitos da fala), seja, ainda, pelo exame da “voz” do locutor² (implícito ou explícito, individual ou coletivo) que, nesses discursos, se projeta como fonte dos valores em jogo. E é dentro dessa perspectiva dialógica que podemos analisar, via discurso, quais são os caminhos e as configurações que a mídia (o sujeito comunicante) toma para apresentar e representar posicionamentos e pontos de vista, subjetivando a mulher, uma vez que as narrativas veiculadas na mídia produzidas por mulheres, tais como o objeto de estudo desta pesquisa, são carregadas de situações que trazem sensibilidade ao texto.

Há muitas pesquisas sobre revista feminina e, em especial, sobre a *Marie Claire* publicada no Brasil, em diferentes perspectivas e disciplinas (na sociologia, na antropologia, na comunicação, etc.). No entanto, é importante esclarecer que, apesar de sabermos que há diversos estudos sobre o tema, estudaremos de forma descritiva e interpretativa as narrativas de vida dentro da concepção da Teoria Semiológica (CHARAUDEAU, 1992, 2008, 2014, 2015a, 2015b).

Desse modo, nesta pesquisa, interessamo-nos, em especial, pelas representações da imagem da mulher em relatos/histórias de vida publicados em uma revista voltada para o público feminino, representações essas que emanam de/em discursos sobre a mulher contemporânea. Assim, nosso olhar não recai sobre toda a revista *Marie Claire*, mas apenas sobre uma seção específica da revista, “Eu, leitora”, em que leitoras dão depoimentos em que narram acontecimentos importantes de suas vidas: relacionamento amoroso, trabalho, família, sexo etc.

Desse ponto de vista, o texto midiático parece ser um “lugar” privilegiado para a apreensão de diferentes e múltiplas imagens discursivas acerca do feminino. É através das mídias que podemos observar as trocas sociais, as representações e valores presentes no discurso e, ainda, como elas produzem o sentido do texto. Segundo Charaudeau (2015a), a mídia chama a atenção de todos que precisam dela, pois é por meio dela que se propaga a informação. É uma espécie de “visibilidade social” que, de alguma forma, consegue gerir o espaço público. Por isso, acreditamos que realizar uma pesquisa desses relatos retirados de uma revista voltada para o público feminino possui grande relevância nos estudos sobre as

² “Designando, na origem, a pessoa que fala.” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 310).

imagens do feminino que circulam na mídia. Nessa perspectiva, as concepções de vidas relatadas nas narrativas que constituem nosso *corpus* podem ser bastante representativas e, muitas vezes, até intencionais.

Portanto, o recorte proposto para o estudo compreende narrativas de vida protagonizadas por mulheres. Nosso *corpus* será composto por vinte e seis textos da revista *Marie Claire*, publicados nas seções “Eu Leitora” e “Moi, lectrice”, apuradas durante o período de um ano, mais precisamente as publicações do ano de 2018 (período de coleta do *corpus*), de depoimentos sobre o macrotema “relações afetivas”: treze da edição brasileira e treze da edição francesa. A fim de problematizar as representações em dois contextos sociais diferentes, os textos selecionados compreendem aqueles publicados nas edições brasileira e francesa da revista.

Propomo-nos realizar uma análise comparativa dos dois contextos sociais, para podermos verificar, principalmente, as diferenças entre as imagens criadas nos depoimentos em duas sociedades distintas: uma latino-americana e outra europeia. Buscamos verificar em quais condições o discurso feminino é construído, quais imaginários sociodiscursivos³ podem ser apreendidos e quais discursos (feminino, masculino, religioso etc.) estão presentes na fala da narradora (locutora) e das eventuais personagens (enunciadores). O estudo desse *corpus* nos permitirá, ao investigar a imagem do feminino, compreender e comparar a maneira como as narradoras brasileiras e francesas enxergam e constroem o eu e o outro, ou seja, como elas se representam, construindo para si determinadas imagens, como representam outras mulheres (colegas de trabalho, amigas, parentes etc.) e como representam os homens (companheiros, maridos, namorados, amigos, colegas de trabalho, parentes etc.), construindo, por meio do discurso, diferentes relações de conflito, de poder, de camaradagem, de distanciamento ou de proximidade.

A seleção desse material de análise se justifica por alguns motivos que vão além da presença feminina estampada nas capas. A escolha da seção “Eu, leitora” se deu pelo fato de que, além de ser uma seção da revista que não foi objeto de estudos sistemáticos em outras pesquisas, essas narrativas de vida, do ponto de vista do regime enunciativo que a caracteriza, são escritas pela editora e por uma equipe de profissionais da revista, que

³ Entendemos como imaginários sociodiscursivos os discursos que circulam dentro de uma sociedade referente a um determinado assunto/tema ligados a práticas sociais. As representações sociais, por sua vez, estão ligadas a cada imaginário sociodiscursivo que circula, e que corresponde a um tema/assunto; e a imagem é o que construímos de nós mesmos ou o outro constrói de nós (pré-imagem construída), sendo que estas imagens podem ser flutuantes (CHARAUDEAU, 2015a). Essa noção será apresentada de forma mais aprofundada no capítulo teórico.

transformam em narrativa o relato de uma leitora. A seção torna-se especial ao convidar as leitoras a conhecerem uma história de outra leitora, e estas sempre têm um assunto atual e, não raro, polêmico, cujo fim é despertar o interesse do público-alvo. Na *Marie Claire*, as narrativas de si apresentam-se como um apoio a problemas parecidos, também enfrentados por outras leitoras.

Todas essas questões nos atraem e constituem um material importante para o estudo do que é colocado em circulação pela revista como sendo a imagem da mulher contemporânea. Nesse sentido, acreditamos que as análises dessas narrativas podem nos fazer compreender melhor as representações da mulher em uma revista direcionada ao público feminino brasileiro e francês, permitindo, no movimento da pesquisa, realizar um aprofundamento teórico acerca dos imaginários sociodiscursivos que circulam nessas duas sociedades. Todos esses aspectos e todas as problemáticas discursivas imanentes dessas produções despertaram nosso interesse nesta pesquisa.

Creemos que o nosso estudo trará uma contribuição para as pesquisas da Teoria Semiolinguística e para a AD em geral, uma vez que trata de um *corpus* ainda não estudado no campo da AD e, mais especificamente, no quadro teórico central desta pesquisa, da Teoria Semiolinguística, bem como trata de um *corpus* e bastante representativo no que se refere ao discurso feminino, cujo objeto torna-se pertinente com relação aos estudos do sujeito dentro da enunciação. Uma análise comparativa da mesma revista produzida em sociedades diferentes pode garantir uma pesquisa ampla sobre a construção do sentido acerca da mulher, passando pelas categorias de base da TS (Teoria da Semiolinguística), tais como o contrato comunicacional, os modos de organização do discurso e a construção das identidades.

Nessa perspectiva, a pesquisa apresentada neste trabalho tem por objetivo geral apreender a representação da mulher contemporânea na revista *Marie Claire* brasileira e francesa (de um mesmo ano), a partir da análise dos principais procedimentos linguístico-discursivos de construção das narrativas de vida publicadas nas seções “Eu, leitora” (versão brasileira) e “Moi lectrice” (versão francesa) da revista, verificando os comportamentos das protagonistas e a construção identitária da mulher nas narrativas de vida do nosso *corpus*.

Para alcançar esse objetivo geral, foram necessário realizar os seguintes objetivos específicos:

- 1) definir o contrato de comunicação próprio das seções “Eu, leitora” (versão brasileira) e “Moi lectrice” (versão francesa);
- 2) analisar os modos de organização do discurso presentes no *corpus*;
- 3) analisar a dinâmica dos pontos de vista do *corpus* ou, nos termos da TS, propor um aprofundamento sobre o modo de organização enunciativo;
- 4) analisar os imaginários sociodiscursivos, com um aprofundamento na questão da construção do *ethos*;
- 5) comparar as edições brasileira e francesa.

Com os resultados obtidos nos itens anteriores, buscamos estabelecer as correlações possíveis na representação de diferentes lugares, ou seja, imaginários, e características do feminino dentro das narrativas de vida.

Para desenvolvermos o objetivo da pesquisa, nossa tese possui 5 capítulos:

Capítulo 1) Exposição sobre trajetória da mulher e as revistas voltadas para o público feminino;

Capítulo 2) A questão dos gêneros do discurso;

Capítulo 3) Revisão teórica;

Capítulo 4) Metodologia;

Capítulo 5) Análises do *corpus*.

Logo, aplicamos a Teoria Semiolinguística, utilizando das categorias ligadas ao contrato comunicacional de Patrick Charaudeau. Dialogamos com outros autores da AD, bem como com outros campos das Ciências Humanas.

PARTE 1

CAPÍTULO I – A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS REVISTAS VOLTADAS PARA O PÚBLICO FEMININO

A mulher hoje é representada em diversos suportes midiáticos e ganha espaço e visibilidade, fazendo emergir uma voz historicamente silenciada. No entanto, as representações sobre a mulher circulantes na sociedade e nesses meios são baseados em estereótipos, enraizados na memória social, tanto negativos quanto positivos. Tais estereótipos estão presentes quase sempre na sociedade em que o discurso é produzido (CHARAUDEAU, 2017). A noção de estereótipo é complexa e se mistura a outros termos próximos, como clichês, representações preconceitos, imaginários, etc. Para Charaudeau, o termo estereótipo é compreendido através de diversos outros termos, no campo da semântica: “clichês, poncifs, lieux communs, idées reçues, préjugés” (2017, p. 1). Na língua portuguesa, os termos podem ser traduzidos como clichês, lugares comuns, ideias transmitidas (falsas verdades), pré-julgamentos. Para o autor, essas palavras são interligadas e circulam dentro dos grupos sociais, designando uma função identitária para os sujeitos protagonistas de um determinado discurso. É preciso ressaltar que os estereótipos podem ser falsos ou verdadeiros e que concernem à caracterização de certos grupos, ou seja, o que pode ser falso para uns pode ser verdadeiro para outros e vice-versa. Por exemplo, entre os julgamentos que os homens têm das mulheres e os julgamentos que as mulheres têm dos homens, pode existir uma possibilidade de haver algo de falso ou algo de verdadeiro por vezes (CHARAUDEAU, 2017, p. 1). Ainda,

Há uma ambigüidade em relação ao uso que fazemos da noção desse termo e compreendê-lo dentro os escritos dos sábios que são consagrados: de um lado, defende-se a ideia que o estereótipo tem uma função necessária de estabelecer um lugar social, uma aprendizagem social fazendo o uso de ideias comuns que se repetem como garantias de normas de julgamento social, por outro lado, rejeita-se o estereótipo, pois ele deformaria e desmascararia a realidade. É muito difícil usar esta noção em certas pesquisas da análise do discurso reveladoras de um ou outro sujeito, dentro de um ou outro contexto social. (CHARAUDEAU, 2017, p. 1.)

Logo, chegamos ao fenômeno das representações sociais⁴; presentes em todos os discursos e que fazem parte das construções identitárias dos indivíduos de uma sociedade. O discurso é criado por um sujeito que sabe da existência do outro. Para Butler (2011), há uma problematização da representação do outro em discursos midiáticos, porque, na maioria das vezes, não conseguimos enxergar a alteridade.⁵ Quando nos comunicamos, pressupomos a existência do outro, mesmo quando falamos sozinhos ou escrevemos para que alguém nos leia depois. O ato de linguagem pressupõe uma interação com o mundo em que vivemos. Essa interação é permeada por imaginários, saberes compartilhados, estereótipos. Ainda, para Butler (2011, p. 13), “a representação da alteridade constitui-se em um meio de humanização/deshumanização, de reconhecimento do vínculo ético-moral com o outro ou de justificativa para sua eliminação”.

Nosso intuito é, neste capítulo, abordar a representação da mulher nas revistas voltadas para o público feminino, no contexto brasileiro e francês. A construção identitária da mulher contemporânea esbarra, muitas vezes, em clichês, mesmo quando eles são negados por determinado grupo. Primeiramente, faremos um breve percurso histórico da mulher no século XX. Há muitos estudos sobre a história da mulher, porém, para Perrot (2007), os dados históricos não são abundantes e, por este motivo, não há muitos registros que façam com que os estudiosos sejam exatos ao relatar esse percurso, preferindo a autora pesquisar os relatos pessoais para traçar uma trajetória, como veremos mais adiante. Para nós, com base nas leituras realizadas para a pesquisa (PERROT, 2007; BOURDIEU, 2012; BUTLER, 2011), a mulher é a responsável por construir uma trajetória, uma vez que ela mesma é responsável pela maioria dos

⁴ Essa noção será definida de uma forma mais ampla no capítulo 2. Em análise do discurso, as representações sociais são um tipo de representação coletiva (MARIN, 2003), que organizam os esquemas de classificação, de ações e de julgamentos de ‘exibição’ do ser social por meio de rituais, estilizações de vida e signos simbólicos que os tornam visíveis de ‘presentificação’, que é uma forma de encarnação, em um representante, de uma identidade coletiva.

⁵ “Alteridade (princípio de) – Essa noção é derivada da filosofia, no interior da qual serve para definir o ser em uma relação que é fundada sobre a diferença: o *eu* não pode tomar consciência do seu *ser-eu* a não ser porque existe um *não-eu* que é outro, que é diferente (...). Na análise do discurso, esse termo é retomado com essa mesma definição aplicada à relação de comunicação. Ele é empregado por Patrick Charaudeau (1995b) na expressão princípio da alteridade (algumas vezes, princípio de interação, 1993a) para designar um dos quatro princípios que fundam o ato de linguagem (com os princípios de influência, de regulação e de relevância). Esse princípio define o ato de linguagem como um ato de troca entre dois parceiros que são, no caso, o sujeito comunicante (eu) e o sujeito interpretante (tu). Eles se encontram em uma relação interacional não simétrica, já que cada um deles desempenha um papel diferente: um, o da produção do sentido do ato de linguagem, o outro, o da interpretação do sentido desse ato.” (CHARAUDEAU, 2014a, p. 34).

registros, tais como os diários íntimos, ou romances intimistas, sobre o gênero feminino. No entanto, muitas vezes ela é falada por outro, e não por ela mesma, ou seja, ela é representada por um discurso masculino. Em seguida, abordaremos o surgimento das primeiras revistas voltadas para o público feminino, para que consigamos expor como são construídas as representações da mulher nas revistas brasileiras e francesas. Também, nesse item, discutiremos a particularidade desse suporte: a revista feminina. Os caminhos percorridos para desenvolver esse capítulo foram realizados através de estudos mais amplos.

Logo, a partir daqui, faremos uma reflexão sobre as mulheres e o silenciamento na história e da História. Iremos abordar os movimentos feministas, a trajetória histórica da mulher, o aporte teórico utilizado e a complexidade que envolve noção de gênero. Para isso, apoiamos-nos nos trabalhos de Perrot (2007), Butler (2011), Riot-Sarcey (2016), Bourdieu (2012), dentre outros estudiosos desse grande cenário do universo feminino.

1.1. A mulher e a sociedade

Os estudos sobre a mulher vêm se destacando em diversos campos de pesquisas, tais como a Antropologia, Sociologia, Psicologia, dentre outras pertencentes a Ciências Humanas. A partir do século XIX, o “segundo sexo” (termo utilizado por Beauvoir, 1949) aparece como uma figura que “pede licença para passar e marcar seu tempo”. A sociedade – em especial a masculina – precisou adaptar-se aos movimentos da mulher, que buscou diversos direitos dados somente ao homem e precisou, também, se engajar nessas mudanças que acontecem ainda nos dias de hoje, dia após dia, não sem sofrer uma forte resistência por parte dos conservadores. A nossa sociedade ainda continua patriarcal, machista e misógina. Mesmo assim, a mulher pode, pode sim, pode estudar, pode trabalhar, pode participar de decisões políticas, sociais e econômicas. Esse é o cenário no qual as mulheres se integraram dentro do mundo globalizado. A luta pelas bandeiras feministas é constante. Um estudo cultural e social, mesmo que breve, faz-se necessário para qualquer pesquisa que queira entender a construção das representações da mulher e, no âmbito dos estudos da linguagem, não poderia ser diferente, uma vez que essas representações estão presentes em diversos espaços da esfera social: nos discursos da mídia, nos discursos literários, nos discursos políticos,

nos discursos religiosos, nos discursos institucionais etc., lugares onde os imaginários sociais⁶ circulam e trazem, dentro desses discursos, representações e práticas sociais.

Acreditamos que as representações da mulher carregam elementos de compreensão para o mundo social, elementos esses que revelam como essa imagem é construída em determinado contexto e época histórica, mas também em determinado suporte, tais como revistas, jornais, livros etc. Nesse mundo de informações e de criações de representações sociais (aquilo que circula numa sociedade e é projetado por grupos sociais), existem julgamentos de valor, de moral e de crença que influenciam a projeção do gênero feminino em uma dada sociedade, tais como os estereótipos enraizados nos grupos sociais. Portanto, a noção de gênero é bastante polissêmica e o uso desse termo nos traz bastante problematização na atualidade, uma vez que a sua significação, muitas vezes, pode ser mal interpretada por toda sua complexidade e fonte inesgotável de evolução. Para Riot-Sarcey (2016), a noção de gênero foi evoluindo de acordo com o seu uso, em constante movimento, flutuando em função dos interesses de pesquisa. Historicamente, a noção de gênero sempre parte do antagonismo entre homem e mulher e ajuda a construir as identidades sociais que dela fazem parte, porém acreditamos que, nas últimas décadas, a definição do que venha a ser gênero está cada vez mais complexa e é utilizada de diversas formas em pesquisas universitárias. Por isso, a autora diz que

(...) a função do gênero, de uma grande atualidade nas nossas sociedades, está em debate em grandes disciplinas, tais como nas obras dos sociólogos, dos biólogos, dos psicanalistas e em numerosos outros estudos de pesquisa, especialistas dos mais diversos, transbordando enormemente os limites históricos. A complexidade da natureza não está em debate: o que é contestado e debatido é a redução a um determinismo supostamente natural do corpo das pessoas e de sua sexualidade como função social. (Trad. Nossa. p. 6)

Ora, nessa afirmação há uma inferência que diz que a questão do gênero não está ligada somente ao sexo de forma biológica, mas sim a como uma pessoa se comporta dentro de uma sociedade e qual o seu papel social nas representações que circulam. E esse é o debate dentro das Ciências Humanas no que se refere ao gênero e ao seu antagonismo entre os sexos. Sobre o antagonismo, sabemos que, dentro da história, na maioria das vezes existiu essa bipartição tendenciosa à predominância do

⁶ Imaginários sociais são os posicionamentos mentais e experimentais que circulam nos diversos discursos de acordo com a visão de um determinado grupo.

gênero masculino, pois está enraizada na cultura. Exemplo claro disso, um dos milhares que poderíamos citar, foi quando a mulher foi “colocada de lado” nos eventos iluministas, definidos como uma abertura de ideias humanistas e filosóficas no século XVIII, explicitamente clara a relação de poder entre os gêneros. Se o gênero foi construído pela bipolaridade dos sexos, sob o olhar da heterossexualidade, como ficaria hoje, sob o olhar da homossexualidade e dos transgêneros? Hoje, estamos diante de um leque ainda mais complexo do que venha a ser a noção de gênero, o que não cabe nesse momento dentro da nossa pesquisa. Porém acreditamos que a abertura da complexidade da noção, mesmo que ainda lenta, acontecerá mais cedo ou mais tarde, principalmente com a ascensão dos movimentos LGTB’S registrada na última década.

Na verdade, a bipolaridade dos sexos nos últimos séculos, foi construída pelo conservadorismo das sociedades. Porém, hoje, essa bipolaridade anda desestabilizada devido aos grandes movimentos feministas e de transgêneros, colaborando para a abertura de pesquisas que constituem nos movimentos de liberação, pois é impossível não projetar um futuro em relação à complexa definição de gênero (RIOT-SARCEY, 2016). Enfim, ainda para Riot-Sarcey, “a dicotomia entre homens e mulheres perdura no espaço público, e se reproduz, segundo as normas equivalentes, nos movimentos das minorias e nas categorias inferiorizadas” (Trad. nossa. p. 19-20), tais como os movimentos citados. É na construção histórica das sociedades que a noção de gênero vai se construindo, numa fonte inesgotável de saber e de formação dos indivíduos de uma sociedade, plena de diversidade entre os seres humanos.

Voltando para o nosso objetivo de estudo, as imagens da mulher, a nosso ver, são construídas através da fonte de dados históricos e pela experiência da inserção do indivíduo no mundo social no qual ele pertence. As imagens a que nos referimos são aquelas que projetamos de nós mesmos em um dado contexto ou aquelas que construímos do outro também em um dado contexto. A noção de representação social e imagem serão mais amplamente explicadas no próximo capítulo, mas, por ora, esclarecemos que representação social é, para Moscovici (1978), a inter-relação entre sujeito e objeto que se constrói pelo conhecimento, ao mesmo tempo individual (na forma psicológica) e coletiva (na forma social). É essa relação que promove as representações sociais que estão na ordem do senso comum e ela deve ser encarada “tanto na medida em que ela possui uma contextura psicológica autônoma como na medida em que é própria de nossa sociedade e de nossa cultura” (p. 45). Já a imagem,

segundo Amossy (2011), é a autoprojção do próprio indivíduo no seu discurso cotidiano, ou seja, a construção da imagem de si presente na sua fala.

Podemos também continuar a citar Butler (2011) no que se refere à imagem de si. Para ela, o rosto (ela utiliza-se, primeiramente, da designação de Levinas) quando produzido pela mídia, pode ser tendencioso. A autora cita exemplos de figuras conhecidas mundialmente retratados pela mídia com certa moldura, tais como Osama Bin Laden (retrata o rosto do terror), Arafat (o rosto do engano) e Saddam Hussein (o rosto da tirania contemporânea). Essas imagens nos dão a ideia de quem não devemos nos identificar, quando nos consideramos dentro da moral de que nos valem. Portanto, a construção de uma imagem realizada pela mídia pode nos remeter a alguma situação tendenciosa da época ou do que se quer por em evidência. Levinas chama de rosto, e segundo Butler (2011), a imagem é algo que é projetado, referente a uma dada situação, representada ou não por um humano.

Não há como negar o antagonismo existente entre os gêneros no que se refere ao conceito biológico e cultural de gênero, como já falamos um pouco. A partir dos estudos sobre gênero social, as relações entre os sexos são notoriamente baseadas nas relações de poder. Os estudos de gênero apontam mecanismos não só puramente naturais (biológicos), mas também abordam questões sociais na construção identitária do gênero, as quais dividem os sexos dentro de dois papéis sociais (masculino ou feminino) e na relação de poder. Zimbalist e Lamphere afirmam que

As atividades e os sentimentos humanos não são diretamente organizados pela biologia, mas sim pela interação das tendências biológicas com as várias expectativas culturais específicas, esquemas e símbolos que coordenam nossas ações, permitindo assim a nossa sobrevivência. A implicação de tal argumento para a compreensão dos papéis sexuais humanos, é que diferenças biológicas entre os sexos necessariamente podem não ter implicações sociais e comportamentais. O que é ser homem ou o que é ser mulher dependerá das interpretações biológicas associadas a cada modo cultural de vida. (1979, p. 22)

Para muitos estudiosos de diversas áreas, o gênero é uma categoria viva e rica para se analisar, por mais complexa que seja a sua noção. Entretanto, não podemos deixar de afirmar que um discurso é construído a partir da existência do outro, independentemente de quais os gêneros sociais estão envolvidos no ato comunicacional. E o comportamento do outro influencia a construção de um discurso, principalmente se a intenção é a de seduzir e persuadir o ouvinte/leitor ou de manter posições

hegemônicas no interior de uma dada cultura tradicional. A nossa existência pressupõe a existência do outro para que o nosso discurso seja validado. É assim que os discursos são construídos e estruturados; a partir das experiências em sociedade, onde nascem as representações. Para Butler,

A estrutura do discurso é importante para a compreensão de como a autoridade moral é introduzida e sustentada se concordamos com o fato de que o discurso está presente não apenas quando nos reportamos ao outro, mas que, de alguma forma, passamos a existir no momento em que o discurso nos alcança, e que algo de nossa existência se prova precária quando esse discurso falha em nos convencer. (2011, p. 15)

Como exemplo disso, podemos citar o nosso próprio *corpus* e objeto de estudos: de modo geral, as revistas femininas se instalam na bipartição dos indivíduos, ou seja, entre homens e mulheres e suas representações coletivas. Com relação a algum tema abordado numa determinada seção de uma revista cujo público-alvo é o feminino, a construção da imagem tende a manter, quase sempre, um jogo com o sexo oposto para conduzir certo conflito, seja ele negativo ou positivo. A representação feminina, de seu ser, de seus conflitos e de seus desejos, passa com muita frequência pela interação com o sexo masculino (PERROT, 2007; BOURDIEU, 2012). Essa foi uma das primeiras reflexões ao fazermos leituras dos textos da seção estudada da revista *Marie Claire*. Por isso, nos questionamos: o que significa ser mulher na ótica de uma revista feminina como a *Marie Claire*? Qual o significado dessas imagens projetadas por essa revista e qual a sua verdadeira posição no interior da problemática de gênero? Para respondermos a essas perguntas e, talvez a outras surgidas ao longo de nossa pesquisa, precisamos trazer alguns elementos que nos permitem entender a construção do gênero e a representação da mulher nessa revista voltada para o público feminino.

A luta pela paridade entre os sexos é constante. A busca pela construção de si mesmo através de uma identificação com o outro está presente em todo momento. Durante as discussões cotidianas, por exemplo, em textos publicados nas mídias, tais como crônicas jornalísticas, em entrevistas tratando um tema ligado ao feminino, artigos de opinião, editoriais, em instituições educacionais, em debates sobre a questão do gênero, em instituições governamentais, por exemplo, nas campanhas sobre prevenção das DST's, sobre o crime de feminicídio, no âmbito da participação política, ou seja, em toda esfera social, seja ela qual for, a luta permanece.

Sobre os estudos do percurso da mulher na sociedade, trazemos Michelle Perrot (1991, 1998, 2007). Durante décadas, Perrot publicou diversas obras sobre o tema, destacando o papel atuante das mulheres no século XX. *Minha história das mulheres* (2007) é uma obra em que ela enfatiza, através de relatos, o papel da mulher ditando suas próprias diretrizes, como agentes sociais de sua própria história. Nessa obra, a intenção foi tentar compreender e elucidar os acontecimentos marcados pela trajetória do gênero feminino, passando por um percurso histórico. Durante muito tempo, o gênero feminino foi objeto de um relato histórico, porém a sociedade o colocou num espaço de silêncio e de invisibilidade. Perrot (2007) aborda esse silenciamento e invisibilidade, afirmando que, em diversas épocas, o espaço público pertenceu aos homens e poucas mulheres aventuravam-se nele, saindo de seu espaço privado como dona do lar e cuidadora do marido e dos filhos. A autora relata, passo a passo, a trajetória feminina e utiliza-se da primeira pessoa para contar a história das mulheres, a partir de seu testemunho perante os acontecimentos dessa história. Ela diz:

Dessa história, eu, assim como muitas mulheres, fui testemunha e atriz. Por isso, gostaria de contar minha experiência, porque, sob certos aspectos, ela é significativa da passagem do silêncio à palavra e da mudança de um olhar que, justamente, faz a história ou, pelo menos, faz emergir novos objetos no relato que constitui a história ou, a relação incessantemente renovada entre o passado e o presente. (2007, p. 13)

Perrot começa a sua escrita relatando que a sua história sobre as mulheres se dá através das próprias experiências e de tantas outras mulheres. Ainda inicialmente, ela traça uma descrição do caminho percorrido pela historiografia: das diferentes formas de se escrever sobre as mulheres ao surgimento de uma verdadeira história das mulheres, escrita por elas mesmas. Para ela, as mulheres tornam-se reais objetos de seu próprio relato, levando a uma mudança radical na forma peculiar de se escrever a história das mulheres, uma vez que, antes, os discursos eram produzidos pelos homens em diversos discursos sobre a mulher.

As mulheres ditas “comuns” da primeira metade do século XX deixaram poucos vestígios materiais de suas ideias ou escritos: somente diários íntimos, autobiografias e declarações de amor. Esses gêneros do discurso são típicos da escrita feminina, de acordo com os registros. Muitos desses vestígios foram silenciados e desprezados. Para Perrot (2007), a invisibilidade morava nesse apagamento dos

vestígios históricos escrever a história das mulheres, diz a autora, foi uma forma de a mulher sair do silêncio em que estava confinada. Ela segue dizendo:

Nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais. E isso por várias razões. (2007, p. 16)

Em muitas sociedades, sabemos que a invisibilidade e o silenciamento das mulheres fazem parte da ordem social. Na literatura, temos romances que mostram essa invisibilidade, mas também, em outros momentos, os autores deixam a personagem feminina com mais visibilidade ao tratar de assuntos ligados ao gênero feminino. Como exemplo dessas duas situações, citamos, dentro da literatura brasileira, a obra *Iracema*, de José de Alencar (1865), retratando o dia a dia de uma mulher índia que se apaixona por um branco. Nesse romance, a mulher é representada somente através do amor, da paixão, de sentimentos estereotipados tipicamente associados à mulher. Já em outros romances modernos, tais como os de Clarice Lispector, temos uma visão mais social do papel da mulher em sociedade, como em *A hora da estrela* (1977). A obra conta a história de uma mulher, Macabeia, marcada por sentimentos e emoções que permitem a Clarice Lispector mostrar o universo psicológico da protagonista, principalmente ao usar uma linguagem intimista.

Alguns aspectos enraizados na sociedade demonstram a divisão dos sexos. Dentro de uma visão mais biológica, o corpo da mulher assusta, é muitas vezes encoberto de panos e véus, como em diversas culturas orientais e mesmo ocidentais, como no Brasil tradicional. Os sobrenomes também costumam ser transmitidos somente do pai, nunca da mãe. Vejamos uma situação citada por Perrot: “no começo de *Tristes tropiques*, Claude Lévi-Strauss descreve uma aldeia depois da partida dos homens para caçar: não havia mais ninguém, diz ele, exceto as mulheres e as crianças” (2007, p. 17). “Não havia mais ninguém” reflete a falta de importância que se dava à mulher nessa escrita. Portanto, essa falta de paridade é presente desde sempre nos contextos históricos passados, em diversas sociedades de todo o mundo, e ainda persiste na atualidade.

Os relatos de mulheres falando de si mesmas foram capazes de construir uma história das mulheres contada por elas mesmas, seja através de diários que se tornaram públicos, de relatos publicados na mídia, seja através da ocupação da mulher no espaço público, que tem crescido cada vez mais. Durante o século passado e o atual, a mulher vem escrevendo a sua história e rompendo com o regime de silenciamento e

invisibilidade que foi submetida, provando uma natural reação dos setores mais conservadores e tradicionais.

Perrot (2007) afirma que a preocupação por traçar e fazer surgir uma história da mulher se deu na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos no início da segunda metade do século passado, nos anos de 1960. Já na França, nos anos 1970, diferentes fatores levaram a esse advento, tais como científicos, sociológicos e políticos, principalmente imbricados com as Ciências Humanas. A autora explica esses três fatores da seguinte forma (p. 19-20):

- 1) Fatores científicos: a partir dos anos 1970, há uma renovação das ideias ligadas à crise do sistema de pensamento (como o marxismo e o estruturalismo), à modificação das alianças disciplinares em relação ao que devia ser estudado e praticado e à proeminência da subjetividade. A história coloca-se aliada à Antropologia e redescobre a família, uma vez que o campo aprofunda estudos sobre a estrutura familiar. A história das mulheres é bastante estudada e discutida nessa disciplina, a Antropologia, desde então. Quando o clima intelectual muda, a maneira de se escrever história também. Isso se dá em diversos momentos históricos.
- 2) Fatores sociológicos: entre tantos, a presença da mulher nas universidades da sociedade europeia. Nos anos 1970, as mulheres representam um terço das matrículas e, como docentes, após a segunda guerra mundial, elas assumem quase um terço das cadeiras dos professores na Europa.
- 3) Fatores políticos: esses foram decisivos. O movimento de liberação das mulheres a partir desse marco anos 1970 não visava somente no início ao ingresso à universidade. Esse movimento contava com o apoio das mulheres intelectuais da época, tais como Simone de Beauvoir e suas leitoras do livro *O segundo sexo*. Esse movimento teve consequências no saber, em busca de uma legitimação do papel da mulher e também da conquista de esferas do saber, antes dominadas somente pelos homens, como por exemplo, a Matemática.

Foi a partir desse momento, na segunda metade do século XX, que surgiu o desejo de construir uma nova história da mulher, que muitas vezes sempre foi representada em diversos discursos através do olhar masculino, tais como grandes obras

literárias, hoje consideradas alvo de estudos sobre a representação da mulher, mais visivelmente no que se refere ao estudo da linguagem. Como exemplos, têm-se o clássico francês *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert; as obras primas da literatura de língua portuguesa; *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz; *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e tantos outros *best-sellers* cuja personagem protagonista ou peça chave da trama do romance é uma mulher representada sob a ótica de um autor.

O percurso histórico da mulher é marcado pelo abafamento e pela falta de fontes necessárias para a construção da história. Por isso, ao se tratar da construção histórica feminina, os estudiosos se deparam com essa dificuldade, uma vez que, para escrever história, é preciso de fontes, documentos e vestígios. Temos alguns exemplos desse abafamento bem próximos, em diversas sociedades: na nossa gramática de língua portuguesa, quando há a mistura de gêneros no plural, o masculino predomina sobre o feminino, dissimulando o *elas*, por exemplo, ao falarmos “Eles irão fazer a prova do concurso nesse domingo”. O pronome pessoal *eles* representa tanto os candidatos do sexo masculino quanto as candidatas do sexo feminino; um exemplo claro do abafamento dentro da história. Perrot (2007), por sua vez, trata essa marca linguística ao falar das fontes estudadas que tratam do apagamento do gênero feminino.

Existem várias outras evidências que demonstram o abafamento do gênero feminino. De maneira geral, elas são de ordem linguística, conforme o exemplo e, também, de ordem social; seja na exclusão de um sobrenome da mulher na certidão de casamento, substituída pelo sobrenome do marido, seja no espaço público e político, nas poucas cadeiras ocupadas, por exemplo, em um congresso ou na academia de Letras.

Isso é visto claramente durante a trajetória histórica dos registros sobre a mulher no contexto mundial. Podemos afirmar que, dessa forma, há uma destruição dos vestígios sobre a mulher que garantam a construção de uma história das mulheres. Outro exemplo claro e evidente, para nós brasileiros, é o neologismo criado pela primeira presidente mulher eleita no Brasil: o substantivo *presidenta*. Criado e repetido por ela inúmeras vezes durante os seus mandatos, por outros parlamentares homens, ecoava-se, ainda, o termo presidente Dilma Rousseff.

Os relatos da mulher, ou as história de vidas, como diz Machado (2016a), são formas por meio das quais esse gênero garante seu papel e marca uma trajetória histórica. No século passado, os diários íntimos significavam uma fonte de saber para aqueles que queriam realmente traçar esse caminho. Os relatos trazem o que o indivíduo

vive e que, muitas vezes, não pode ser transmitido no espaço público. Hoje temos essa divisão entre o público e o privado. O que acontece para si e o que é automaticamente transmitido a todos, tornando-se público, são fatores que ajudam a construir uma trajetória. Um exemplo disso, nos dias de hoje, são as redes sociais, forte fontes de transmissão do que se vive para a rede pública dos internautas. Nosso *corpus* mesmo trata dessa exposição, pois conta uma experiência vivida por uma mulher que é transmitida às leitoras da revista.

Os discursos que circulam dentro das sociedades sobre a mulher são muitos. É desses discursos que saem as análises sobre o silenciamento e o abafamento da voz feminina na sociedade. Essa é a melhor forma de extrair uma historicidade da vida da mulher em sociedade, uma vez que é possível estudar suas próprias experiências, seja no âmbito do privado, seja no âmbito do público. Para Perrot (2007),

Discursos e imagens cobrem as mulheres como uma vasta e espessa capa. Como alcançá-las, como quebrar o silêncio, os estereótipos que as envolvem? Existem, entretanto, muitas fontes. Fontes que falam delas. Fontes que emanam delas, nas quais se pode ouvir suas vozes diretamente. Podem ser achadas nas bibliotecas, local do impresso, dos livros e dos jornais; como nos arquivos públicos ou privados. Lugares solitários e complementares, que não deveriam ser excludentes, mas que diferenciam, entretanto, por um grau maior ou menor de espontaneidade discursiva. São caminhos que eu gostaria de seguir ou, pelo menos, de assinalar alguns. (p. 25-26)

Portanto, é inegável que há uma carência de fontes, mas elas existem e, de alguma forma, podemos retirar delas traços históricos femininos. As mulheres possuem arquivos públicos, tais como os policiais e judiciários, e Perrot acredita que esses são os arquivos mais ricos. As mulheres mais atuantes perturbam a ordem, principalmente com as suas reivindicações. Um exemplo citado por ela é a obra “La Rebellion Française”, de Jean Nicolas, que mostra o papel das mulheres ao estudar os motins por alimentos durante a revolução francesa. A obra utiliza certas expressões, tais como “as rainhas das ruas”, “as guardiãs do preço justo”, “sempre as mais ardentes”. Isso nos faz pensar no papel público das mulheres durante esse momento histórico francês.

Já no espaço privado, Perrot (2007) também cita Anne-Marie Sohn, que se interessou pela vida de casais do final do século XIX até os anos de 1930, época em que começaram as mudanças comportamentais sobre a expressão do desejo (p. 28). A partir disso, os arquivos sobre as mulheres apresentam, na forma escrita, uma forte presença da mulher ao longo dos tempos. Alguns gêneros de discurso podem não pertencer somente à mulher, mas, por exemplo, o diário íntimo e as correspondências denotam

uma adequação maior às mulheres, uma vez que são encontrados assinados pelo gênero feminino nas pesquisas que ajudaram a construir trajetória da mulher; os chamados arquivos (PERROT, 2007). Nas bibliotecas, também há vestígios das mulheres em diversos outros gêneros discursivos, tais como nos romances, contos, crônicas literárias etc., como já citamos algumas obras extremamente conhecidas. Isso é um fato histórico. Todos esses lugares são espaços da memória feminina que colaboram para a construção da história das mulheres.

Os discursos são construídos pelos indivíduos que vivem em sociedade. O discurso da mulher é construído a partir da interação dos gêneros em comunidade. Sem dúvida alguma, o movimento da liberação da mulher sempre estimulou um grande interesse pela compreensão da vida feminina, possibilitando várias análises em diversos campos, como já expusemos. O feminino vem preenchendo diversas áreas de pesquisas, pesquisas estas realizadas por todos os gêneros, sendo que investigar sobre a mulher é propiciar uma nova perspectiva dentro de um determinado campo. Para nós, o mundo começou a mudar através das tentativas de reconhecimento e preenchimento de espaços antes tidos só como masculinos. Vejamos o que diz Beauvoir (1949), citada por Zimbalist e Lamphere (1979, p. 15), ao fazer uma reflexão sobre a não paridade dos sexos:

Pergunta-se como tudo isso começou? É fácil verificar a dualidade dos sexos e como qualquer dualidade, gera conflito. Sem dúvida, o vencedor assumirá o status absoluto. Mas por que os homens teriam vencido, desde o início? É possível que a mulher tenha obtido a vitória ou o resultado do conflito nunca poderia ter sido resolvido. Então, como é que o mundo sempre pertenceu ao homem e essa situação só recentemente começou a mudar? Essa mudança será boa? Ela ocasionará uma divisão do mundo em partes iguais tanto para os homens quanto para as mulheres?

Há uma máxima que circula a sociedade: “a humanidade sempre teve medo das mulheres, sejam elas bruxas ou livres.” Portanto, não há como negar que há uma relação de poder na mentalidade humana que ainda persiste na sociedade mundial. Hoje, em sociedade, é possível ver uma mudança de atitude do gênero masculino em relação a afazeres que antes eram só exercidos pelas mulheres, tais como cuidar da casa e dos filhos, cozinhar e lavar roupas. Mas a divisão ainda persiste, quando esses afazeres, antes feitos apenas pelas mulheres, passam a ser considerados menos importantes ou naturais, ao passo que no homem, constituem uma exceção ou concessão. Acreditamos

que o feminino tem se projetado nas mudanças e tentativas de mudanças que aconteceram e ainda acontecem ao redor do mundo. Beauvoir levantou tais questões em sua obra para expor a posição feminina nas sociedades. Os movimentos feministas são prova dessa busca incansável da paridade entre os gêneros (ALVES; PITANGUY, 1991).

Na tentativa de alterar as concepções sobre a mulher e de compreender suas origens, novas perspectivas são criadas e, atualmente, parece-nos razoável discutir e argumentar que o mundo social é construído por ambos os gêneros e que toda compreensão e qualquer mudança social precisará incorporar os interesses de ambos os agentes, tais como os objetivos, interesses e atividades do *segundo sexo*. Pensamos que a mulher é representada nos diversos discursos que tratam do feminino. Para compreender e mudar a posição feminina podemos levantar inúmeras questões, principalmente, a de como a mulher é colocada e como é representada em relação ao homem em outras sociedades diferentes da nossa. Embora saibamos de algumas semelhanças e diferenças que circulam na sociedade, o estudo sobre os motivos da desigualdade cabe aos antropólogos e sociólogos. Aqui, o que nos interessa é a construção do sentido do discurso partindo da visão feminina e a construção da imagem feminina presente no discurso da mídia analisada aqui.

Porém, o que é o feminino? Acreditamos que o feminino é tudo aquilo que está ligado ao gênero feminino, à figura das mulheres como um todo, seja pela escrita, sejam pelos comportamentos, sejam pelas atitudes, sejam pelas tendências ou pelas inferências destinadas a ela. Faz parte de um universo único, marcado por traços específicos que denotam suas características tão adversas. Para Perrot (2007), nem sempre o feminino goza de uma boa reputação, principalmente se interligado ao feminismo, porque está entrelaçado às lutas pela igualdade dos sexos, à memória da história etc. Para ela, “muitas mulheres se defendem, como se fosse uma ruga no rosto: ‘Eu não sou feminista, mas...’, dizem algumas, conscientes, apesar de tudo, do que elas devem a esse movimento” (p. 153). Muitas mulheres não sabem definir o que é feminismo e outras instâncias acreditam que o feminismo se define por um lugar em que a mulher coloca-se como vítima. Pesquisas são realizadas para chegarmos a essa conclusão, tais como a da Fundação Perseu Abramo (São Paulo) em 2010, que revela que uma em cada cinco mulheres (20%) tem uma visão negativa do feminismo e quase uma a cada quatro mulheres não soube definir feminismo (23%). Se, para Perrot (2007), existe uma lacuna

entre o termo feminino e feminismo, para Garcia, a definição de feminismo é bastante clara e historicamente comprovada, quando ele define que

(...) o feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca de liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Partindo desse princípio, o feminismo se articula como filosofia política, e ao mesmo tempo, como movimento social. (2015, p. 13-14)

Portanto, acreditamos que o feminismo está ligado à figura da mulher e está presente socialmente, pois é parte integrante da sociedade. É difícil conceituar precisamente o que seja feminismo, uma vez que o termo carrega uma raiz no passado através das memórias que se reconstróem no cotidiano, sem dia e hora para estagnar. É como se fosse um processo de transformação contínua, como uma língua; que sempre está em evolução.

Defendemos, ainda, que o feminismo também está presente sempre quando ressurge, em um dado momento histórico, os momentos de busca por direitos. Quando isso acontece, há uma ruptura com o silenciamento previsto e detectado sempre historicamente. Dentro do movimento feminista encontramos diversas vertentes, ou seja, uma mais dura, outra mais reflexiva, outra ainda menos radical, como a declaração de Perrot (2007): “não sou feminista, mas (...)”. Os traços das correntes feministas são consideravelmente presentes nas escrituras femininas, seja fidelizando ou contrariando os movimentos. As minorias sempre buscam a superação das desigualdades sociais, por isso, esses movimentos são desencadeados na sociedade, mantendo certa autonomia para se organizar e se articular. O feminismo procurou superar as formas tradicionais de organização, recriando a identidade de sexo sob uma ótica em que, independente do gênero, ou seja, do indivíduo, não deve adaptar-se a modelos hierárquicos e que as diferenças não sejam baseadas em relação de poder. Para isso, ainda não existem respostas prontas, mas sim uma luta constante em busca dos objetivos traçados. O movimento feminista defende alguns pontos de vista com iniciativas válidas e necessárias, não porque devem ser impostos e centralizados, mas porque devem ser frutos da prática, do conhecimento e das experiências de cada mulher em sociedade. (ALVES; PITANGUY, 1991).

Os primeiros “gritos” do feminismo enquanto movimento político se deram no século XVII, registrados na história americana. As mulheres se reuniam para ouvir suas pregações, afirmando que o homem e a mulher foram igualmente criados por Deus, contrariando os dogmas calvinistas que defendiam a superioridade masculina. No século XVIII, mesmo que fosse através de pregação religiosa, era inconcebível aceitar a igualdade entre os sexos. O século seguinte foi marcado pelas revoluções através das massas. As ideias de liberdade do indivíduo junto ao Estado se proliferaram, com a participação do cidadão comum na esfera política. A título de exemplo, podemos citar a Declaração de Independência, que tinha o princípio básico da igualdade: “Todos os homens foram criados iguais”. As mulheres contestaram, junto a seus maridos, pois o texto subtendia que somente o sexo masculino era livre. Havia um limite na ideologia da liberdade, no qual estava implícito que mulheres, crianças e índios não faziam parte do tratado.

Entretanto, foi na França que os primeiros movimentos ganharam forma, pois o feminino adquiriu características de uma ação política estruturada. As mulheres também lutavam pelos seus direitos de cidadania, assumindo um discurso próprio, dirigindo-se à assembleia, acompanhando a revogação de institutos legais que submetiam o sexo feminino ao domínio do masculino, tal como em acontecia com relação ao casamento – que constava que o marido tinha direito absoluto sobre o corpo da mulher–, afrontando os princípios gerais da revolução Francesa. Em 1789 foram publicados diversos artigos e manifestos sobre a condição das mulheres, com temas relacionados à desigualdade e ao trabalho. Abre-se o leque para que a mulher passasse também a ter direito à educação, mas, em paralelo, decretos impedindo a mulher de inserir-se na vida pública eram incitados, tais como os decretos de Rousseau, principal ideólogo da Revolução, que dizia que os homens eram superiores e as mulheres deveriam se retirar e permanecer em seus domicílios. Em contrapartida, os movimentos feministas continuavam. Em 1792 foi publicado um livro chamado Defesa dos Direitos da Mulher, por uma inglesa chamada Mary Wollstonecraft. Ela defendia que a diferença existente entre meninos e meninas era de caráter educacional e não o de nível de inteligência. (ALVES; PITANGUY, 1991)

Contudo, a palavra feminismo não tem uma “paternidade” certa. Perrot diz que

Atribuem-na a Pierre Leroux, inventor de ‘socialismo’. Com mais certeza a Alexandre Dumas Filho, em 1872, de maneira bastante pejorativa. Segundo ele, o feminismo era doença dos homens

suficientemente ‘efeminados’ para tomar partido das mulheres adúlteras, em vez de vingar a própria honra. Uns fracos, em suma. Em 1880, Hubertine Auclert, nossa sufragista francesa, declara-se orgulhosamente ‘feminista’. Ao final do século, esses vocábulos, substantivos ou adjetivos, difundem-se, entram na moda, sem no entanto, substituir expressões como ‘a casa das mulheres’ ou ‘*Women’s Movement*’, preferida pelas ‘anglo-saxãs’. (2017, p. 154)

Logo, o feminismo está entrelaçado aos movimentos que sempre buscaram a paridade entre os gêneros, seja em relação aos movimentos políticos, filosóficos, econômicos que visam à liberdade da mulher em uma sociedade conservadora, machista e misógina, seja refletido dentro de outros discursos, que não os da mulher. Dentro do estudo sobre gênero, social, esses são alguns entendimentos no que se refere ao feminismo, como prática social e política dentro da sociedade.

Para fidelizar a importância desses movimentos, falemos um pouco da historiografia social feminina e de como surgiram os primeiros movimentos feministas. Com a ascensão do capitalismo em todo o mundo no século XIX, o impacto no processo produtivo trouxe a necessidade da mão de obra feminina, aumentando absurdamente o número de mulheres nas fábricas. Entretanto, as mulheres sofriam com as péssimas condições de trabalho, muitas vezes trabalhavam até 18 horas por dia, com diferenças salariais em relação à mão de obra masculina; ou seja, havia uma desvalorização da força de trabalho da mulher. Sempre lutando a favor da paridade entre homem e mulher, começaram as reuniões nas quais se discutiam as condições de trabalho. Os primeiros sindicatos e associações começaram a surgir a partir desses movimentos. Os movimentos femininos reivindicavam tanto a condição de trabalho e salários quanto reivindicavam a participação nas decisões públicas enquanto cidadãs. Dá-se o nome desse movimento de *sufragista* (ALVES; PITANGUY, 1991). Eram solicitados direitos para homens e mulheres. Lutava-se, primordialmente, pelo direito à democracia.

Logo, em todo mundo, esse movimento durou décadas. No Brasil durou mais de 40 anos, a partir da Constituinte de 1891. Somente em 1932 é que Getúlio Vargas promulga, através de decreto-lei, o direito de sufrágio das mulheres. Para pesquisadores, o movimento sufragista não deve ser confundido com o movimento feminino. Portanto, entende-se como um movimento feminista, que denunciava as condições da mulher e buscava direitos, denunciando a exclusão do gênero feminino das esferas sociais. A partir de então, as contestações das mulheres foram atendidas: tinham direito ao voto, a frequentar instituições educacionais e a participar do mercado de trabalho, implicando o

reconhecimento do seu papel como cidadãs. Mas foi a partir desse fomento, das conquistas, que se teve um silenciamento da mulher. E contra esse momento, Simone de Beauvoir lança o livro que a consagrou dentro do campo da sociologia, *O segundo sexo*. A obra era considerada como uma voz isolada nesse momento de calmaria, denunciando as raízes culturais da desigualdade sexual (ALVES; PITANGUY, 1991).

De fato, a dominação masculina é presente nos discursos que falam da mulher. A bipartição entre os gêneros está enraizada na sociedade, muitas vezes de forma inconsciente. Existe uma representação da realidade de cada gênero não só a partir da explicação biológica, mas também a partir do papel de ambos; descritos pela e na sociedade. A condição feminina é abordada de forma a relacionar-se diretamente com a dominação masculina, já que há, na maioria das vezes, *uma relação de forças material e simbólica entre os sexos* (BOURDIEU, 2012).

É nesse ambiente em que as lutas femininas instalam-se: no ambiente da dominação masculina, seja no espaço doméstico (privado), seja no espaço público. A luta política contra todas essas dominações é constante, e as bandeiras podem ser vistas ao longo da história, tais como a luta pela representatividade política, liberação sexual, educação, direito ao divórcio, melhores condições de trabalho, dentre outras. Esses movimentos representam a luta pela igualdade entre os sexos que há tempos regem regras patriarcais. As mulheres eram propriedades de seus pais, de seus maridos, de seus irmãos, ou seja, de qualquer um do gênero masculino que era considerado chefe de família. No Brasil, somente durante o Império (1822-1889) foi reconhecido o direito da mulher à educação. O direito ao voto deu-se somente no século seguinte, conforme já relatamos. Portanto, as lutas feministas lentamente foram sendo conquistadas durante os últimos dois séculos, conforme mostram os registros referentes à história mundial e brasileira. Logo, em nenhuma instância social, podemos conceber às mulheres um plano de fundo redutor, ou seja, tal como um ser pertencente a categorias do sensível, da beleza estética e do privado, apesar de todas nós termos diferenças de posicionamento, referentes a diversos campos que nos tangem.

Para Bourdieu, a divisão entre o masculino e o feminino está centrada na oposição, ou seja, em um sistema de oposições homólogas, tais como alto/baixo, direita/esquerda, forte/fraco, em cima/embaixo, seco/úmido, fora (público)/dentro (privado) etc., que, para muitos, representam os movimentos do corpo (BOURDIEU,

2012, p. 16). Essa bipartição é uma forma de metáfora para justificar a dominação masculina sobre o gênero feminino. Ainda, para ele,

Semelhantes na diferença, tais oposições são suficientemente concordes para se sustentarem mutuamente, no jogo e pelo jogo inesgotável de transferências práticas e metáforas; e também suficientemente divergentes para conferir, a cada uma, uma espécie de espessura semântica, nascida da sobre-determinação pelas harmonias, conotações e correspondências. (p. 16)

Portanto, essas oposições acabam por caracterizar o posicionamento que caberiam ao homem e à mulher, através de traços naturais, dentro de uma relação social de dominação. A ordem social se incube de demonstrar essa dominação masculina sobre o feminino. Sobre isso, Bourdieu acrescenta que

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita nas atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo a ideia de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservado às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (2012, p.18)

Logo, a relação entre os sexos é construída pelo mundo social na ordem de divisão sexualizantes, como explica Bourdieu (2012). A diferença é feita através de uma divisão mítica do mundo, enraizada na sociedade, que traça uma relação arbitrária da dominação do homem sobre a mulher, relação esta, historicamente comprovada. Primeiramente, sabemos que o natural já distingue o homem da mulher, ou seja, é no corpo que começa a diferença sexual. Exemplo disso, podemos falar sobre o ato sexual, que expõe a dominação do homem sobre a mulher no sentido de possuir.

Com tudo que foi dito, ainda que de forma breve, é possível entender que o feminismo cresceu a partir do momento em que as mulheres perceberam a necessidade de se colocarem mais presentes nesse mundo social dividido pelas “coisas” e pelo sexo. As bandeiras levantadas em nome de um direito a conquistar ganharam destaque nos discursos que falam sobre a mulher. A mídia não pôde deixar silenciadas essas vozes que surgiam para fazer parar a dominação masculina, tão enraizada nas sociedades. Mesmo que exista uma tendência de acordo com interesses diversos, de certa forma, leva o interlocutor a refletir sobre uma determinada questão. Portanto, para entendermos como isso é projetado nos discursos femininos, diversos estudos são realizados dentro

das Ciências Humanas, uma vez que esse campo busca entender i) diversos fatores que influenciam as construções das representações sociais e, ainda, ii) como se dá a construção do sentido do texto através das formações identitárias (sejam elas individuais ou coletivas), e da construção da imagem do indivíduo, inserido no meio social (seja por ele mesmo ou pelas representações que circulam nesse meio). Para ilustrar alguns grandes nomes que compuseram esses estudos, destacamos aqueles que buscavam o reconhecimento do lugar da mulher na sociedade e fizeram parte da construção do discurso feminino, tais como as autoras Simone de Beauvoir, Virginia Woolf, Rose Marie Muraro, além de outras personalidades, de outras áreas, como Coco Chanel, Leila Diniz, dentre outras.

Enfim, nossa pesquisa trata de escritas femininas, ou seja, narrativas de vida escritas pela editora, a partir de depoimentos coletados pela revista *Marie Claire*, de leitoras que relatam uma experiência vivida. Nesse contexto, percebemos como o discurso é construído; envolto no universo feminino, carregado de influências sociais externas que (re)constroem a imagem do gênero. Podemos afirmar, ainda, que as vozes femininas formam um coro bastante contundente para solidificar os movimentos feministas, que se constroem a partir de bases que questionam as desigualdades de gênero, e são transmitidas através do discurso, pois, como disse Perrot (2007), as mulheres são responsáveis por transmitir seus valores sociais e costumes através de suas narrativas de vida, de suas próprias histórias.

1.2. Um breve histórico das revistas voltadas para o público feminino e algumas características do suporte revista

Para que possamos entender o suporte revista e um dos espaços onde o feminino começou a ser representado, vamos abordar, de forma breve, o percurso da revista impressa. Essas informações foram retiradas do artigo de Lobato (2013) e de sites conforme citações de rodapé.

Os primeiros registros sobre a atividade de folhetins que abrangiam também o público feminino se deram a partir do século XVII. A primeira revista que se tem registro surgiu na Alemanha, no ano de 1663, com o nome de *Erbauliche Monats-Unterredungen* – Edificantes Discussões Mentais. A publicação foi criada pelo teólogo Johann Rist, os temas abordados eram eruditos e os textos possuíam cunho didático. Algumas décadas depois, em 1693, surgiu no Reino Unido, mais precisamente na

Inglaterra, a primeira publicação voltada para moda, intitulada *Ladies Mercury*. Suas matérias traziam desde dicas de como se vestir até poesias e moldes. Além da *Ladies Mercury* outras publicações voltadas para moda surgiram nos séculos seguintes: a *Lady's Magazine*, em 1770, e *Godey's Lady's Books*, em 1820. A primeira foi pioneira ao falar também sobre figurino. Já a segunda começou com a reprodução de artigos franceses e, posteriormente, tornou-se a maior revista feminina do século XIX. Seu maior destaque eram os editoriais de moda ilustrados, que traziam as tendências apresentadas em Paris, palco da moda mundial nessa época.

Também no século XIX, no ano de 1867, foi lançada nos Estados Unidos a *Harper's Bazaar*. Inspirada na revista alemã *Der Bazar*, a publicação abordava temas como moda, literatura, decoração e vida doméstica. Com o passar dos anos, ela investiu em sofisticação e passou a ditar tendências para outras publicações. Atualmente é uma das mais importantes revistas de moda no mundo.

A *Vogue* foi criada em 1892 por Arthur Turnure, com o título de “Bíblia da Moda”. A publicação tinha, inicialmente, tiragem semanal, abordava a sociedade e tinha como público a alta sociedade de Nova York. Condé Nast adquiriu a revista em 1909, enxergando seu potencial para vender roupas para a elite. Foi justamente nesse período que Diana Vreeland atuou como editora da revista e alcançou o título de publicação de moda mais importante do mundo, que se mantém até hoje.

A França, apesar de pioneira em promover tendências, só lançou a sua primeira revista de moda, a *Elle*, em 1945, por Pierre Lazareff e sua esposa, Hélène. Assim como a *Vogue*, ela também surgiu como uma publicação semanal e atendia ao público feminino do pós-guerra: mulheres de classe média que viram a necessidade de ingressar no mercado de trabalho. A *Elle* trazia os *looks* da alta costura e mostrava como adaptá-los para a vida real com peças “mais em conta.”⁷

Já no Brasil, a primeira revista de moda foi o periódico *O Espelho Diamantino*, lançado em 1827 por Pierre Plancher (LOBATO, 2013, p.3). A publicação trazia material literário e abordava temas como política, arte, ciências e moda. Posteriormente, no século XX, foram lançadas a *Capricho*, no ano de 1952 (LOBATO, 2013, p.4) e a *Manequim*, em 1960. Várias outras surgiram no mercado brasileiro. Algumas se autoafirmaram no mercado, outras sumiram dando espaço para novas edições. Mesmo

⁷ Fonte sobre a revista *Elle*: <https://www.audaces.com/conheca-a-história-das-revistas-de-moda-no-mundo>. Acesso em: 22 jan. 2019.

sabendo que a qualquer momento podemos, através do computador ou do aparelho de celular, conectarmo-nos ao mundo virtual, a imprensa escrita não foi banida do nosso dia a dia e não faz muito tempo que as pessoas dependiam do jornalismo impresso para se informar ou se entreter. O mundo das revistas é de grande relevância para o mercado jornalístico. Esse é um mercado cada vez mais crescente, uma vez que é bastante lucrativo, mesmo com o advento do mundo eletrônico. Para Lobato,

O mais interessante é que, mesmo com toda a facilidade dos tempos digitais, a imprensa escrita não foi extinta, como previam alguns, e conseguiu manter sua importância junto aos leitores. Nesse cenário, vale falar do formato revista, um dos ramos jornalísticos menos afetados com a disseminação da internet e que segue sendo o mais lucrativo do mercado em impressos. (2013, p. 2)

Após fazermos um breve histórico do percurso da mulher dentro da história recente, precisamos abordar o suporte do nosso *corpus* que será analisado. As revistas voltadas para o público feminino representam grandes nichos que nos ajudam a compreender como a mulher é representada socialmente. O suporte é uma dimensão comunicacional muito importante, uma vez que é o modo como o discurso está se manifestando materialmente, bem como o seu meio de difusão. Nosso suporte revista é difundido através do texto escrito, porém, ele possui dois meios de difusão: a revista impressa e a revista eletrônica (publicada no site da revista, www.marieclaire.com) e que é uma dimensão da comunicação verbal. A revista é um meio que transmite o discurso, munido de conteúdos e aspectos, mas não só isso. Ela está encarregada de levar uma mensagem ao interlocutor. Entretanto, para Maingueneau (2004), uma simples mudança de transmissão do discurso poderá ocasionar várias transformações, até mesmo na mudança de um gênero do discurso. Ele chama de *midium* o meio pelo qual os discursos são construídos. (2004, p. 72)

O nosso suporte material do discurso (a revista) enquadra-se na modalidade escrita. O gênero do discurso do nosso *corpus* é o depoimento de leitoras da revista *Marie Claire*, depoimento que é escrito pela editora através de sequências narrativas, na forma de história vida de suas leitoras.⁸ Para Maingueneau, “o modo de transporte e de recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero do discurso” (2004, p. 72). No nosso *corpus*, os enunciados são classificados como estáveis e independentes. Estáveis porque são da ordem da escrita, seja o texto seja publicado no

⁸ As características do gênero depoimento serão abordadas nos próximos capítulos.

impresso, seja no site da revista; independentes porque não há uma reciprocidade dos sujeitos do ato comunicacional no momento em que o discurso está sendo concebido. Não há interlocutores dentro de um mesmo espaço físico, mas sim um sujeito destinatário idealizado pelo sujeito comunicante, que é a revista, como veremos no capítulo teórico sobre os sujeitos da linguagem. Ainda, para Maingueneau, “Os enunciados independentes tendem a ser autossuficientes, a construir um sistema de referências intratextual (no interior do texto). Eles não se apóiam em um ambiente partilhado com o co-enunciador, que não pode interferir na enunciação” (2004, p. 77).

O texto escrito tem suas particularidades que o diferem do texto oral. O texto escrito pode circular em diversos lugares, longe do espaço em que foi construído, tais como lugares públicos imprevisíveis, por serem impressos, digitalizados, copiados e difundidos e, ainda, quem o concebeu tem a responsabilidade de deixá-lo o mais interpretável possível, de forma que o seu leitor consiga entender o sentido e refletir sobre a proposta. Os textos escritos e impressos têm uma característica de permanência. No ato de imprimir textos idênticos, há uma forte tendência de perpetuar a escritura, o que não podemos dizer de textos manuscritos, como uma carta escrita a punho, por exemplo, salvo se fizermos fotocópias, de acordo com algum interesse. Podemos chamar a impressão, a partir de Maingueneau (2004), como um espaço material do texto escrito, inserido no papel (2004, p. 80). Em contrapartida com o que foi dito, Maingueneau afirma que, atualmente, pode se pensar numa falta de estabilidade dos textos com o advento das novas tecnologias, ou seja, dependendo do caso pode ser questionável (2004, p. 82).

Inegavelmente, o suporte revista é um *medium* capaz de transmitir discursos intencionalmente produzidos para um determinado público, com determinadas características, a fim de promover debates, discussões e levar informações. O discurso das mídias, para nós, é um verdadeiro fio condutor das representações sociais de diversos grupos da sociedade.

Feito um histórico sucinto das revistas femininas e tendo abordado brevemente as propriedades do suporte, abordaremos, na sequência, a forma como a mulher é representada em revistas brasileiras voltadas para o público feminino e, em seguida, em revistas francesas voltadas para esse mesmo público.

1.3. Como a mulher é representada em revistas brasileiras voltadas para o público feminino?

O século XX representou uma grande revolução da mulher, até então não alcançada. Essas mudanças vieram através de conquistas que significaram grandes transformações sociais. Embora tenhamos a ideia de que a imprensa não é só um reflexo da realidade, não podemos deixar de afirmar que a imprensa tem uma sintonia com o seu tempo. Para Scalzo,

[...] revistas representam épocas [...] só funcionam em perfeita sintonia com seu tempo. Por isso, dá para compreender muito da história e da cultura de um país conhecendo suas revistas. Ali estão os hábitos, as modas, os personagens de cada período, os assuntos que mobilizam grupos de pessoas. (2003, p. 16)

Como representantes de época, as revistas acompanham mudanças sociais ao longo do tempo. As revistas voltadas para o público feminino acompanham naturalmente essas transformações, uma vez que as mulheres são agentes constantes da história que abarcam essas mudanças.

A partir da nossa reflexão, os discursos das minorias têm chamado atenção em diversos estudos da linguagem na última década. Esses discursos das desigualdades, assim chamados por diversos analistas do discurso, ganharam enfoque uma vez que, em diversas sociedades, os inúmeros discursos das chamadas minorias circulam nos imaginários coletivos. No fito de trazer esse *corpus* para o campo da linguagem, diversas vertentes da AD apresentam uma análise desses “textos”, buscando as relações identitárias do dominador e do dominado, já que em diversos momentos e contextos a nossa história é contada e transmitida através do olhar do dominador (LARA; LIMBERTI, 2015). Charaudeau explica: “É importante refletir sobre as questões de identidade social e cultural, sobretudo porque nossas sociedades, ditas modernas, passam por crises: crise identitária, crise cultural, crise de gerações, crise no ensino, crise na cidadania, crise comunitária etc.” (2015a, p. 13).

A revista *Marie Claire*, de onde se extraiu o *corpus* analisado desta tese, traz o discurso da mulher em sua maioria, uma vez que o público-alvo dessa mídia é o público feminino. Ela constrói uma imagem fortalecida da mulher em tempos modernos. Há tempos se discute acerca da desigualdade de gênero. Em *Segundo Sexo* (1949), Beauvoir levantou questões sobre essa desigualdade. Essa obra ganhou o título do

ensaio mais importante da época sobre a posição feminina nas sociedades. Embora diversas sociedades deixassem e ainda deixem claramente a posição inferior desse gênero, não podemos negar que a mulher tem se destacado em diversos setores do mundo, e a mídia tem mostrado isso.

Acreditamos que o discurso midiático pode ser apreendido como prática discursiva, interessado em interpelar o leitor a realizar uma reflexão sobre uma temática, intenção essa silenciada na produção do texto. Nesse mundo de entretenimento, voltado para o público feminino, circulam várias possibilidades e posicionamentos de discurso. Diversas revistas constroem estratégias para orientações diferentes que vão além de um saber compartilhado, pois inserem também outros pontos de vista que são imanentes a desdobramentos de discursos de uma determinada vertente silenciada. Essas estratégias se dão de acordo com a intencionalidade da revista. Uma revista voltada para o público feminino tende a mostrar artigos, entrevistas, publicidades que atraem o público, nos quais existem, muitas vezes, um público feminino que se vê dentro desse mundo de possibilidades.

Essas matérias que circulam na mídia estão relacionadas ao cotidiano da mulher, mas não fogem a estereótipos negativos já enraizados na sociedade. Os assuntos tratados mostram como a mulher ainda é representada de maneira que continua tendo um papel muitas vezes inferior ao gênero masculino. Os discursos relacionados ao feminino, na maioria das vezes, vêm em forma de debates trazidos pelas matérias, e esses discursos não rompem a forma tradicional de se encarar o papel da mulher na sociedade atual.

Os assuntos que as mulheres querem que sejam abordados para que formem debates e opinião atraem esse público-alvo para uma reflexão do assunto abordado, mas nem sempre o posicionamento dentro do discurso é fiel à busca da paridade entre os gêneros. A revista *Marie Claire* traz consigo vários debates sobre a condição da mulher, porém os traços da desigualdade estão sempre presentes nos discursos de suas matérias, reafirmando a desigualdade entre os gêneros, como explica Bourdieu, em seu livro *A dominação masculina*.

Atualmente no Brasil, o mercado de revistas para o público feminino é enorme. Na verdade, no mundo inteiro. Consideramos, no Brasil, algumas extremamente conhecidas: *Claudia*, *Boa Forma*, *Capricho*, *Cosmopolitan*, *Marie Claire*, *Vogue*, *Nova* etc. Elas apresentam diversos temas ligados ao gênero: tabus, beleza, relacionamentos

familiares e amorosos, mercado de trabalho, como ter sucesso, como cuidar da família, da saúde etc. Esses temas estão ligados ao gênero pela ordem das coisas, conforme defendido por Bourdieu (2012). A divisão entre os gêneros interfere nessas escolhas, ou seja, em quais temas interessam o público feminino e quais interessam o público masculino. As escolhas passam pela construção social de cada gênero. O caminho das revistas femininas foi traçado através da evolução das mulheres ao longo do tempo e elas tiveram um importante papel na difusão de ideais feministas, principalmente, a partir da década de 1960 no Brasil. A mídia ajudou a aumentar o leque de expectativas e de autoestima, acompanhando a evolução das mulheres.

Embora saibamos que atualmente as revistas femininas afirmam e pregam padrões de comportamento e beleza, elas romperam com o comportamento patriarcal de que a única ocupação da mulher seria cuidar do lar, servir ao marido e cuidar dos filhos. Mas, sob uma ótica mais ampla, as revistas voltadas para o público feminino, apesar de levantarem algumas dessas bandeiras, continuam falando dos assuntos que promovem a bipartição entre os gêneros, como explica Butler (2011). Por que não falar da problemática que envolve o orgasmo feminino numa revista voltada para o público masculino? A dificuldade que as mulheres têm de chegar ao orgasmo tem um culpado? O homem egoísta que se preocupa com o próprio prazer ou a sociedade que inibiu a libido da mulher durante séculos? Tais questões, se não raras, são silenciadas nas revistas masculinas. No entanto, questões como essas são, com frequência, colocadas em revistas femininas. Uma das bandeiras dos movimentos feministas dos anos 1970, com o movimento *hippie*, foi a liberação sexual (ALVES; PITANGUY, 1991). Devemos discutir em sociedade essa divisão das coisas que permanecem sob o olhar da dominação masculina, mesmo quando o intuito é o de fazer falar os discursos femininos muitas vezes abafados (BOURDIEU, 2012).

As mulheres representam um nicho de consumidoras bastante fiéis. Elas são grande alvo para o movimento do mercado de produtos, principalmente aqueles voltados para a beleza, os quais têm origem na representação social do gênero construída socialmente. Logo, as revistas exploram esse potencial, utilizando-se de matérias que envolvem o universo feminino, universo esse construído socialmente, através das experiências e vivências do gênero feminino enquanto ser social e, por isso, passa a refletir no sucesso e na popularidade de uma determinada revista (LOBATO, 2013). Entretanto, para nós, o que interessa é a linguagem utilizada na composição das

estratégias discursivas e da construção da identidade, tanto da instância de produção quanto da instância de recepção desse mundo feminino, para chegarmos às suas representações.

A partir das transformações e questionamentos acerca dos papéis de gênero na atualidade e, ao considerarmos a importância da imprensa voltada para o público feminino como difusora de valores e ideias de uma época, principalmente no que se refere à construção de representações de mulher na imprensa feminina brasileira, percebemos que uma nova construção da identidade da mulher surge nas sociedades. A identidade pode-se dividir em múltiplos componentes: imagem de si, sentimento de si, o eu ideal, a estima de si, a representação de si, o eu íntimo etc. Essa construção está relacionada aos modelos culturais de uma sociedade, uma vez que os indivíduos os absorvem, formando uma personalidade. Daí a importância da mídia na construção da imagem do indivíduo, imagem tida como uma representação de mundo. Para Machado,

A identidade está sempre em construção ou reconstrução e suas bases estão na representação: representação que o indivíduo faz para si mesmo (de sua identidade) e que tenta enviar para os outros. Mas, também, representação que os outros fazem de si. (2016b, p. 113)

Logo, a construção da identidade parte da sociedade para o indivíduo, uma vez que ele está inserido nela e recebe informações identitárias sociais, do coletivo das quais fazem parte o seu próprio eu.

Podemos citar alguns trabalhos realizados no campo das Ciências da Linguagem, como na Comunicação e dentro da própria AD, com a revista *Marie Claire*. Ferreira (2017) analisou as revistas *Claudia* e *Marie Claire* a partir de uma contextualização histórica da imprensa feminina e da história da beleza. A autora focando no estudo sobre gêneros, utilizou também conceitos de teóricos da AD e de teóricos abordados pela AD, tais como Foucault, Charaudeau e Courtine. A análise mostrou como as editoriais de beleza nas revistas de maior número de vendas para público feminino no Brasil agem em favor da normatização estereotipada da mulher, dentro da sociedade do consumo, e expõem desafios para jornalistas da imprensa feminina, especialmente a especializada no universo da beleza. Desafios para as que desejam promover reflexão e serviço para suas leitoras, apoiados em referências como os estudos de gênero.

Outro trabalho realizado com a revista *Marie Claire* passando pelo viés da AD Francesa foi o realizado por Lima (2012), no campo da História. A autora do artigo trabalhou com os teóricos Foucault e Pêcheux para estudar as esferas que exercem um tipo específico de poder, utilizando-se de várias estratégias. Para ela, existe um adestramento implícito que circula através de textos e imagens da mídia impressa cujo objetivo maior é transformar os indivíduos em dóceis e úteis para a sociedade.

Conforme as pesquisas mencionadas, as revistas femininas se utilizam de estratégias que apontam posicionamentos destinados a persuadir e a seduzir as diferentes leitoras. As seções de uma revista têm ideias simples, claras, uma vez que tratam de assuntos que interessam ao público feminino, de diversas faixas etárias, e que podem pertencer a graus de escolaridade diferentes. É o que se comprova por meio desse fragmento extraído de uma das narrativas: “Minha infância foi solitária, minha mãe não me deixava brincar na rua com as outras crianças nem dormir na casa de amigas. Lembro-me de poder brincar somente com meu irmão, um ano mais novo”. Nesse fragmento, a personagem relata uma ação comum de uma mãe que se preocupa com a filha, entretanto demonstra também um posicionamento da personagem, que diz sentir-se frustrada por ter tido uma infância solitária.

As seções da revista utilizam-se, ainda, de estratégias persuasivo-sedutoras e têm também uma aparência lógica, ou seja, movida pelos acontecimentos que estão presentes no cotidiano da mulher. Porém, a emoção aparece como um pano de fundo, ou seja, camuflada para orientar o público-alvo. É o que visualizamos neste outro fragmento: “Aos 13 anos, arranjei um namorado, da minha idade. Minha mãe lançava olhares severos sobre nós. Não nos deixava ficar sozinhos. Depois de dois anos, conseguimos driblar o cerco dos nossos pais e fizemos amor. Foi uma delícia, eu gostava dele.” Nesse fragmento a personagem conta sua experiência com o primeiro namorado, demonstrando uma situação normal, corriqueira, que, de alguma forma, um dia aconteceria, mas também demonstra que a experiência teve emoção e sentimento.

Os relatos íntimos, como os analisados nesta pesquisa, atraem o público pela sedução, uma vez que pequenas histórias podem virar grandes histórias e produzir identificação genérica. A prática narrativa implica a recuperação de memórias, e esse tipo de *corpus* tem uma representação bastante ampla no que se refere aos gêneros. Enquanto que a ficção dá um amplo espaço para certo autor, as narrativas de si se

prendem a um mundo real contado. No texto da mídia, temos visadas argumentativas que têm a intenção de levar o outro para uma direção. Esse é o papel da mídia.

Entretanto, não faz muito tempo que a atividade jornalística é desenvolvida no Brasil. Segundo Lobato (2013), o jornalismo chegou ao Brasil junto com a Família Real no século XIX, enquanto que, na Europa, os impressos já estavam consolidados há muito tempo junto a uma população que tinha o hábito de lê-los. As primeiras revistas eram voltadas para o público masculino, porém Lobato (2013, p. 3) destaca algumas revistas do período que já traziam alguns textos ligados ao gênero feminino: “Destacam-se, nesse período, revistas como *As Variedades ou Ensaios literários* (1812), a primeira revista brasileira; *Museu Universal* (1837); *Semana Ilustrada* (1860) e *Revista da Semana* (1901)”. Elas tinham a pretensão de transmitir ideias da civilização humana.

Logo, essas revistas traziam seções sobre a família, lazer e lar para contemplar as mulheres. No Brasil, as primeiras revistas para esse público tinham um formato que mais parecia um livro, pois traziam cartas de leitoras com problemas sentimentais, recurso que até hoje é utilizado em revistas voltadas este público. A primeira revista feminina brasileira foi *O Espelho Diamantino* em 1827 (como expomos no item anterior). A revista foi impressa mesmo com baixo índice de alfabetização das mulheres. Logo, as revistas brasileiras voltadas para o público feminino têm sua imagem construída a partir das imagens coletivas que circulam nossa sociedade, mas podemos também falar que, em seu discurso, há a presença de um indivíduo que cria sua própria imagem (mesmo que influenciada pelas imagens coletivas), principalmente nos depoimentos escolhidos para a nossa análise, uma vez que são narrativas de vida protagonizadas pelas leitoras da própria revista.

Portanto, as revistas femininas no Brasil possuem fios condutores, que têm a finalidade de não deixar silenciado o discurso da mulher sobre o universo feminino pertencente ao gênero, a partir da segunda metade do século passado. Ditando ou não regras pré-determinadas, elas são um veículo no qual circulam ponto de vistas sobre o universo feminino.

Para nós, *Marie Claire* e várias outras revistas contemporâneas possuem ainda um vasto mundo ainda a ser explorado no que se refere à representação da mulher nos discursos da mídia. *Marie Claire* surgiu no Brasil em abril de 1991 e é uma revista voltada para mulheres engajadas no mundo social, seja no espaço privado ou público. Ela faz parte da edição original francesa e traz em seu formato local a representação da

mulher brasileira em diversos aspectos (LOBATO, 2013, p. 5). Outra revista que mantém um vínculo muito estreito com o universo feminino é a *Capricho* (1952), uma das revistas mais antigas ainda em circulação no Brasil. Ela é destinada a mulheres mais jovens e sonhadoras. Devido ao sucesso editorial, a revista *Capricho*, segundo Lobato (2013), chegou a vender 500 mil exemplares por mês e foi considerada a maior revista da América Latina. Essas revistas trazem a representação da mulher brasileira na mídia. A consolidação das revistas voltadas para o público feminino no Brasil se deu pelo conjunto do mundo jornalístico misturado com o de entretenimento (LOBATO, 2013, p. 5) e, ainda, para a pesquisadora, as revistas são “um fio invisível que une um grupo de pessoas.”

Diversos outros estudos sobre revistas femininas foram realizados e continuam sendo objeto de estudo. Cunha e Corrêa (2018), ao trabalharem a construção da imagem de si nos depoimentos da revista *Marie Claire*, citaram uma série desses estudos, tais como os realizados por Dias (2003), Barbosa e Silva (2010) e Ferreira (2017) sobre a *Marie Claire* brasileira e de Réigner (2005) e Geers (2016) sobre sua homóloga francesa. Para Cunha e Corrêa, tanto no Brasil quanto na França, “a revista se caracteriza por ser voltada para mulheres brancas, de classe média, com grau de escolaridade elevado, concomitantemente ativas e preocupadas em conciliar vida profissional e vida familiar” (p.144). E ainda, esses autores afirmam que os estudos comprovam que

Tendo em vista essa característica da revista, não surpreende, como atestam os estudos mencionados, que, em suas reportagens, publicidades e editoriais, a mulher seja representada como valorizando o sucesso profissional, a beleza física e bens de consumo (cosméticos, perfumes, roupas, joias, viagens) que apenas o dinheiro permite adquirir. (CUNHA; CORREA, 2018)

Por fim, o discurso feminino presente nas revistas voltadas para o público feminino traz algumas particularidades, uma vez que nele estão inseridas as representações do gênero que circulam na sociedade brasileira. Pela sua história e pela importância que tem nos estudos de gênero da atualidade, principalmente no que se refere às representações da mulher, o discurso é construído com base na vivência e experiência social. A partir dessa nossa concepção, abordar os posicionamentos do universo feminino nos traz uma possibilidade de melhor compreender o universo feminino midiático. As narrativas de vida de mulheres trazem esses posicionamentos presentes nesse mundo. Para Machado (2015), a prática narrativa pode assumir um

papel bastante positivo dentro dos discursos de desigualdades, uma vez que “os sujeitos marginalizados constroem, de uma forma ou de outra, uma identidade que poderá (ou não) apontar para uma saída de estado em que se encontram, uma fimbria de esperança.” (p. 130).

1.4. Como a mulher é representada em revistas francesas voltadas para o público feminino?

A partir das nossas leituras, sabemos que Simone de Beauvoir e Michelle Perrot são consideradas grandes escritoras francesas no que se refere à trajetória do gênero feminino na França. Sabemos também que o século passado representou um grande avanço no que se refere à reconstrução da identidade feminina através dos escritos sobre a mulher, seja através do olhar do discurso masculino, seja pelo discurso sobre a mulher, ou ainda, pelo discurso da mulher em todo mundo. Acreditamos que o olhar sobre a mulher partindo da visão masculina difere-se do olhar sobre a mulher passado por ela mesma. Os relatos de vida são prova dessa nossa afirmação. E, é claro que, de uma sociedade a outra, ambos os olhares, seja masculino, seja feminino, podem ter grandes diferenças. Nossa justificativa pela comparação das duas edições da *Marie Claire* passa por essa hipótese.

As revistas francesas dedicadas ao público feminino inicialmente exploravam o mercado do vestuário, uma vez que a França é considerada palco da moda até os dias de hoje. Como dissemos, a primeira revista francesa voltada completamente para o público feminino surgiu na primeira metade do século passado, logo após a segunda guerra mundial. Apesar de o país sempre ditar tendências, no que se refere às revistas femininas, ele foi um tanto que tardio com relação a outros países, tais como os Estados Unidos e Inglaterra. Apesar disso, hoje a França possui edições conhecidas mundialmente, que são editadas em diversos países e ditam tendências. A França possui diversas revistas femininas publicadas mundialmente em outros idiomas, tais como *Elle* e *Número Magazine*. *Elle* é uma revista feminina de moda francesa, publicada pela Hachette Filipacchi Médias. Em 1981, Daniel Filipacchi e Jean-Luc Lagardère, donos do grupo Hachette Magazines, compraram a revista e começaram a expansão da publicação. Já a *Número Magazine* é uma revista francesa publicada pelo Groupe Alain Ayache. Ela examina, de maneira incisiva e ampla, todos os territórios da criatividade e da cultura: moda, beleza, modo de vida, arquitetura, design (GEERS, 2016).

Num primeiro olhar, as revistas também abordam assuntos de moda, mercado de trabalho, relações afetivas e comportamentos. Considerado um país onde a presença da moda é significativa, a França possui um grande nicho de representações da mulher através dos discursos que circulam nos imaginários coletivos nessa sociedade e alguns estudos já foram realizados. Geers (2016) pesquisou sobre a construção da representação da mulher a partir das imagens na revista *Marie Claire*. E é através dessa construção midiática e de pesquisas recentes que podemos observar paradigmas de *etnia* (ou seja, padrões estabelecidos em determinada sociedade referente a uma comunidade), de classes sociais que se cruzam com a questão de gênero, ao observarmos vários moldes de dominação dentro das relações sociais.

As imagens construídas pela revista francesa *Marie Claire* são voltadas para um determinado público feminino que se insere em um contexto econômico e social particular. Para Geers (2016),

Para que as imagens sejam fontes exploráveis, é preciso entender sua dimensão social. No caso da revista feminina, as imagens participam do conjunto das narrativas. Essas últimas apóiam-se nas representações de gênero pertencentes a um dado momento. Essas imagens dão acesso a certas concepções e participam da sua construção. Logo, a imagem é uma fonte porque ela é considerada um sintoma, um elemento onde o uso narrativo permite compreender as concepções de gênero, historicamente datados, e não a realidade dos corpos de uma época. (Trad. nossa. p. 23)

Portanto, para a autora, a imagem e a narrativa constroem um mundo de significado com relação ao gênero feminino passando pelas representações sociais em um dado momento histórico, através das narrativas de vida, pois a revista como um todo pode ser considerada uma grande narrativa sobre o comportamento da mulher, dentro da qual iremos encontrar suas representações. Ainda para ela,

As diferentes abordagens permitem considerar o gênero em *Marie Claire* como uma narrativa de vida, no sentido de uma tomada em intriga narrativa, dinâmica, situada no cruzamento de questões complexas, compostas de numerosos fragmentos, onde é traçada uma história. Então, faz-se necessário observar através de um ponto de vista de escala, das grandes narrativas encontradas no seio de outras grandes narrativas, e nas mais modestas podem igualmente ter o seu lugar. A observação dessa forma implica em tornar mais suave, às vezes, as asperezas e os detalhes dos textos. (GEERS, 2016, p.35, trad. nossa).

Logo, a narrativa veiculada pela mídia da revista *Marie Claire* propõe uma aproximação da realidade feminina, através dessas histórias de vida contadas pela própria revista ou por outras mulheres, como a seção que estamos analisando nessa

pesquisa. Após observarmos a estrutura da *Marie Claire*, notamos que todas as seções fixas da revista tratam de assuntos sobre as últimas tendências de moda, incluindo roupas e acessórios de grifes famosas, nacionais e internacionais; trazem reportagens sobre artes e cultura, espetáculos, programas televisivos, novidades no cinema, indicações de livros e lugares para se divertir ..., ou seja, dita as tendências do momento.

Geers (2016) aponta que, inicialmente, os estudos sobre a representação feminina se davam a partir de categorias da arte. Porém, a partir de 1960, houve uma ruptura proposta pelos pesquisadores dos estudos visuais (*visual studies*), uma vez que as pesquisas começaram a seguir parte da sociologia da cultura francesa iniciada por Bourdieu, ao abordar a existência de hierarquias culturais ligadas à posição social, nesse momento valorizado pelos pesquisadores (GEERS, 2016, p. 15)

A pesquisa realizada por Geers (2016) no suporte revista *Marie Claire*, busca entender a história da imprensa feminina francesa, demonstrando que houve nela uma evolução; passando pela história política da arte até por uma história política cultural situada nos anos 1990, onde encontramos uma visão mais rica no que se refere às Ciências da Informação e da Comunicação (para nós, Comunicação Social). A partir disso, a história da imprensa é construída passando pelos preceitos culturais da sociedade francesa (p. 24). Para a pesquisadora, a partir de uma nova paisagem francesa sobre os estudos da imprensa feminina, as vozes femininas enriquecem os estudos de recepção, até então um pouco afastados dessa proposta. Verifica-se a possibilidade de religar várias características da imprensa feminina, frequentemente examinadas de maneira distinta: como um suporte publicitário, como um guia de saber-fazer e de saber-viver e como uma prática cultural, definida como própria do gênero feminino.

A partir de *Marie Claire*, a conquista do público feminino pelas indústrias e redações acha um ponto que leva desenvolvimento da revista. O título da revista tem por característica se direcionar às mulheres de todos os meios a partir de conteúdos editoriais diversificados, contrariando as revistas anteriores que visavam essencialmente um público de mulheres alienadas (GEERS, 2016, p. 51).

Marie Claire foi criada após contexto de crise, no final dos anos 1930, momento este em que haviam investimentos na imprensa. A indústria da moda estava em alta, principalmente da moda ligada à mulher, acompanhada da indústria de cosméticos e a de alimentos; todas em busca de consumidoras potentes. *Marie Claire*, então, adota um perfil voltado para uma imagem das moças jovens e das mulheres

francesas, dentro de uma situação rumo à modernidade: uma mulher ora simples, ora elegante, alegre, corajosa e obstinada a enfrentar o seu cotidiano. Esse momento influencia a revista até os dias de hoje. Em seu conteúdo, há diversas publicidades ligadas a vários produtos direcionados ao público feminino, uma vez que possui grande potencial para o consumo referente às indústrias da moda, da beleza, de alimentos etc.

Sabemos que nos estudos sobre representação da mulher, os discursos ligados ao feminino, ao gênero e ao social, são realizados frequentemente em diversos *corpora* de mídia, não somente na revista *Marie Claire*, *corpus* da nossa e diversas outras pesquisas. Para sustentar essa nossa afirmação, Blandin (2011) realizou uma pesquisa com a revista *Elle* intitulada *Elle et le travail des femmes*. O artigo realiza uma pesquisa de como tal revista construiu seu discurso referente à questão salarial da mulher nos anos 1960. Blandin (2011) afirma que acompanha uma nova fase midiática no que se refere ao segundo momento do feminismo. Ainda, para a autora da pesquisa, a revista *Elle* acompanhava o movimento da emancipação da mulher nos anos 1960 e 1970.

Enfim, as revistas francesas buscam um público feminino diversificado, porém erguido no pilar de uma tradição da sociedade, que é o mundo referencial da moda. Claro que a revista que estudamos não atua apenas nesse tema, como vimos, pois há uma ampla diversidade de assuntos ligados ao gênero. *Marie Claire* é uma revista tradicional para aquelas mulheres que estão além do seu tempo, pois suas seções promovem debates acerca do papel da mulher no mundo contextualizado e, hoje, cada vez mais globalizado. É assim que acreditamos que a imprensa feminina francesa projeta seu discurso sobre a mulher.

1.5. A AD e sua aplicação em narrativas de vida ligadas ao feminino

A AD é uma disciplina capaz de estudar diversos tipos de *corpora*, passando pelas diversas vertentes teóricas que circundam a disciplina. No caso de uma análise do discurso das narrativas de vida não podia ser diferente: estudos recentes demonstram um vasto campo a ser estudado. Essas histórias de vida nos colocam diante de uma questão que muitas vezes podemos nos perguntar: essas histórias são reais ou fictícias? Os

depoimentos das leitoras feitos para os editores da revista *Marie Claire*, da seção que estamos analisando, são reais? Para Machado,⁹

(...) em certas narrativas de vida é difícil separar a parte que pertence à ficção daquela que vem da realidade, da vida, pelo ‘ser de papel’, personagem que conta sua história ou a história de um outro. Na verdade, no âmbito da narratividade, tal fato não é assim tão importante. Segundo nosso ponto de vista, as histórias narradas em livros vindos da literatura não são construídas a partir do nada; quem as escreve ouviu algo que o inspirou, ou escutou uma história dita verdadeira e a transcreveu. Uma narrativa tem vários componentes ligados à parte real da vida e que podem ser verificáveis; porém, ao lado desses, existem outros que podem ter sido criados pela imaginação do escritor. O fato é que, frequentemente, os mundos ficcionais e factuais se confundem na escrita de certos autores, mais do que de outros. (2019)

Por isso, o que é importante para a nossa análise do discurso da mulher nas narrativas de vida da seção “Eu, leitora” e “Moi, lectrice” é como se dá a construção do sentido desses textos e quais as representações que enxergamos nas duas edições, brasileira e francesa. Para isso, trabalharemos categorias que acreditamos nos levar a uma análise fechada, no que se refere a uma análise da narrativa. Os relatos coletados através dos depoimentos das leitoras e transformados em narrativas de vida levam-nos a acreditar que se trata de uma experiência vivida por uma leitora da revista, seja num passado recente ou mais distante, mas também um fato importante que tenha marcado ou até transformado a sua vida. O papel da editora é transformar esses relatos em uma narrativa que detém a atenção das demais leitoras, talvez por terem passado a mesma experiência ou algo semelhante, ou, ainda, pela curiosidade de compartilhar com a depoente as experiências de vida. Se a história é real ou não, isso não importa, mesmo que pudéssemos checá-la de alguma forma.

Em consonância com Machado (2018), o importante é captar as estratégias discursivas que o narrador da história escolheu para deixar a história irresistível, instigante e sedutora. Essas estratégias passam pelos comportamentos e atitudes das personagens, pelos modos como são representadas e pelas descrições dos acontecimentos. A seção da revista inicia o texto em terceira pessoa, apresentando do quê trata a narrativa. Logo, a editora, nesse momento, busca despertar a curiosidade da leitora através de uma pequena sinopse da experiência vivida pela leitora. Vejamos um exemplo de um dos textos selecionado para nossa análise:

⁹ Trecho retirado do trabalho apresentado no seminário do Núcleo de Análise do Discurso (Letras/UFMG) em 5 de abril de 2019, por I. L. Machado.

Passagem 1) Eu, leitora: Sou tradutora durante o dia e dominadora à noite. Depois de várias decepções amorosas, a advogada e tradutora M., 36 anos, resolveu procurar um parceiro na internet. Encontrou uma tribo que pratica os mais variados fetiches e tornou-se dominadora de homens na cama. Criou um blog e colocou anúncios em comunidades na internet para divulgar seus dotes. Encontrou dezenas de submissos que pagam para ter encontros (nem sempre sexuais) com ela. Mas M. continua à procura de um grande amor.

É necessário que observemos, nesses diferentes discursos presentes numa narrativa, as ações linguageiras assumidas pelos sujeitos do ato da linguagem. Precisamos estar atentos às pistas que nos levam aos sujeitos da linguagem para que possamos perceber suas identidades e o modo como são representados dentro da narrativa. Os conceitos e categorias que iremos utilizar da Teoria Semiolingüística serão esclarecidos no próximo capítulo. É esse o papel da AD nos estudos da linguagem, em narrativas de vida. Ainda, para Machado (2018), é preciso analisar da seguinte forma:

Em nossas pesquisas, abordamos documentos que têm ou mostram ter uma ligação com o que chamamos de ‘espaço genealógico’. Apraz-nos verificar, em tais espaços, os recursos lingüísticos e discursivos utilizados no ato de narrar. Interessamo-nos também pelo estilo de escrita adotado pelos narradores quando contam fatos de sua vida ou da vida dos terceiros. (p. 51)

A narrativa feminina em nosso *corpus* elabora representações que envolvem a construção identitária das personagens e será por esse viés que a nossa análise será feita no capítulo 5, das edições brasileira e francesa, pela ótica da Teoria Semiolingüística exposta no capítulo seguinte. Para captar as representações da mulher no espaço midiático, é necessário passar pelas identidades, construídas pelos narradores das histórias, das personagens.

1.6. Considerações parciais

O percurso histórico da mulher é um tanto conflituoso como observamos no primeiro item deste capítulo. Falar do gênero feminino sem falar da bipartição dos sexos é praticamente impossível. A sociedade sempre instalou a disparidade entre homem e mulher, e isso se reflete nos discursos da mulher e sobre a mulher em todas as esferas sociais, incluindo nosso objeto de estudo, no discurso das mídias, ou seja, o discurso da imprensa sobre o feminino. A dominação masculina sobre a mulher está localizada no cotidiano através da divisão das coisas, como aborda Pierre Bourdieu (2012). Essa bipartição está presente em segmentos da sociedade. Os estudos que fazemos sobre a linguagem feminina esbarram também em outros campos, como vimos, principalmente da Antropologia e da Sociologia, e leituras associadas são capazes de explicar as

representações sociais da mulher que circulam em determinados grupos e ambientes sociais. Para realmente traçar, sem lacunas, essa trajetória, é preciso avançar em diversos campos das Ciências Humanas e fazer uma interdisciplinaridade.

Nosso intuito aqui também foi de expor de forma singular os movimentos que se deram a partir do século XX, época mais recente, que nos pareceu mais consistente, apesar de complexa. As bandeiras mais importantes dos movimentos femininos foram erguidas no século passado; buscando o direito ao voto, à educação, à liberação sexual, ao divórcio e a melhores condições e oportunidades no mercado de trabalho. O papel da mulher na sociedade ganhou destaque considerável em diversos campos e categorias pelas quais a figura feminina tem avançado a partir das conquistas do século passado. Em nome de uma nova era, essa mulher – seja através de escritura, seja através de mudança de comportamento e autoafirmação perante o mundo –, mesmo que muitas vezes durante o percurso histórico tenha sido silenciada e abafada, sobressaiu como o *segundo sexo* que conquista espaço dia após dia. As bandeiras do movimento feminista percorreram décadas a fio e grandes conquistas foram relevantes para a autoafirmação do gênero feminino no mundo pós-moderno. Mas, não podemos deixar de abordar que, mesmo hoje, a mulher continua sua caminhada na busca inesgotável da igualdade.

Dentro do nosso pilar de estudo, acreditamos encontrar uma gama de representações dessas mulheres protagonistas da vida, sejam elas brasileiras, sejam elas francesas, baseando-nos no *corpus* da nossa pesquisa. Semelhantemente ou não, sabemos que os discursos que circulam a sociedade partem das identidades construídas ao longo dos tempos, através das mudanças de comportamentos de cada momento histórico. Os discursos são construídos a partir da conjuntura histórica de uma determinada época. A mulher – que no início do século passado era vista como aquela que cuida do lar e da família, mas com os movimentos femininos – passa a ter direitos, principalmente o direito a trabalhar; buscando sempre melhores condições fora de casa, por necessidade de mão de obra e, ainda, para garantir o sustento familiar. Entretanto, sabemos que ainda há diferenças estabelecidas pela sociedade no mercado de trabalho entre homens e mulheres e isso é abordado nos discursos de hoje, principalmente nos discursos da mulher e sobre a mulher, sempre pela busca da paridade entre os gêneros.

Acreditamos que o discurso da mídia voltado para o público feminino abarca a trajetória histórica da mulher (como apontamos em Perrot), as bandeiras levantadas pelo gênero feminino no último século e no atual, os movimentos de emancipação e

emergência feminina na sociedade como um todo, mesmo carregando traços estereotipados e tradicionais da figura feminina dos últimos tempos. Assim, não seria diferente na revista *Marie Claire* e nas revistas cujo público-alvo é do gênero feminino. Durante nossas análises, poderemos identificar os pontos de vista presentes na organização da narrativa, bem como nos papéis dos sujeitos dentro do contrato de fala, conceitos esses vindos da TS (CHARAUDEAU, 1983, 1992). Na revista *Marie Claire* há um reflexo desses movimentos e de conquistas marcantes na trajetória do gênero feminino, mesmo que, muitas vezes, emerge com cuidado e esbarre no tradicionalismo patriarcal das sociedades em que optamos analisar a representação da mulher.

Nas narrativas de vida femininas, é possível encontrar a historicidade própria da mulher que muitas vezes foi apagada e, somente através dessas histórias de si mesma, somos capazes de traçar sua trajetória. Como dissemos, para se ter uma história da mulher, foi preciso encontrar fatos e vestígios em diversos espaços públicos, tais como no ambiente privado, no jurídico, na biblioteca, dentre outros arquivos. Dentro do espaço do discurso masculino se faz presente o discurso sobre a mulher, sob uma ótica masculinizada, muitas vezes controlada pelos discursos que inibem o espaço da mulher na sociedade. Já quando o discurso sobre a mulher é proferido por ela mesma, é possível delinear a construção da sua história, uma vez que ela transmite na escrita suas experiências, mesmo que a realidade se misture com a ficção, sem contar que sempre estão presentes algumas situações abafadas pela sociedade.

Analisar o discurso da mulher é algo complexo, mesmo nas narrativas de vida, nas quais são relatadas experiências vividas por elas. As representações são construídas, muitas vezes, através de estereótipos, sejam eles positivos ou negativos. Essa distinção caberá também a partir dos estereótipos ditos. Antes esses relatos eram escondidos e silenciados, como, por exemplo, no gênero diário íntimo. Hoje temos relatos de nível público, como vemos nas redes sociais e recursos midiáticos impressos ou eletrônicos, tal como o analisado aqui. Logo, estamos diante de uma nova forma de se escrever diários íntimos, porém publicamente e emergidos a tecnologia.

Portanto, as estratégias discursivas que acreditamos encontrar durante as análises irão tecer as representações da figura feminina nesse tipo de mídia voltada para o público feminino. É através desses sujeitos da linguagem que iremos buscar a resposta para a nossa hipótese: a imagem da mulher é construída através dos imaginários sociodiscursivos que circulam a sociedade como um todo. É necessário delinear as

estratégias que levam à construção do sentido nas narrativas de vida contadas por mulheres, protagonistas de sua própria história.

As revistas voltadas para o público feminino tendem a transmitir os problemas que envolvem o gênero: as derrotas, as conquistas, os movimentos de emancipação, as bandeiras de reconhecimento social etc. Os depoimentos da seção da *Marie Claire*, nosso *corpus* de estudo, não se limitam somente à problemática feminina. Como vimos, a revista para esse público, em geral, trata também de assuntos ligados ao papel tradicional da mulher: assuntos ligados à família, à moda, a relações afetivas, ao consumo etc. Nesse primeiro momento, esse é o perfil que podemos delinear dessas revistas femininas. Esses assuntos ligados ao gênero estão presentes nos diversos discursos ligados ao feminino: podem estar presentes também os discursos religiosos, publicitários e políticos, discursos esses que circulam todo tipo de discurso ligado à mulher; seja o discurso da mulher ou sobre a mulher.

Logo, nesse capítulo, tivemos uma breve discussão de como as revistas femininas criam as representações da mulher e como essa representação pode estar vinculada em diversos assuntos ligados à figura feminina. A identidade feminina construída nas revistas femininas é o resultado de diversos fatores que nos são transmitidos através da atividade linguageira. Para Charaudeau (2015a p. 14),

A atividade de linguagem constitui uma espécie de garantia de liberdade do indivíduo como possibilidade de interrogação e análise sobre o outro e sobre si mesmo, e como possibilidade de controlo de nossos afetos. Nada mais complexo, portanto, do que a identidade, que resulta do cruzamento de vários fatores, sem contar a dificuldade de abordá-la, tendo em vista seu impacto social e político: será que é possível falar de uma identidade sem ser tachado de comunista ou de anticomunista?

Ora, escrever sobre a mulher ou, a mulher escrever sobre ela mesma, não é tarefa fácil, pois a escrita sempre esbarrará no que chamamos de “tradicionalmente ligado aos gêneros”, seja feminino, seja masculino. É nesse âmbito que acreditamos que a revista *Marie Claire* caminha: algumas vezes abordando esses movimentos e reivindicações que acompanham a mulher desde sempre, com a intenção de garantir um novo espaço na sociedade, outras vezes pregando o tradicional ligado a ambos os gêneros. Para que possamos revelar essas características presentes nos depoimentos da revista em estudo, passaremos pelas categorias ligadas aos sujeitos da linguagem da TS charaudiana. O próximo capítulo tratará da teoria que iremos analisar as representações da mulher na revista *Maria Claire*.

CAPÍTULO 2 – UMA QUESTÃO DE GÊNERO: DEPOIMENTO

Neste capítulo procuraremos delimitar a noção dos gêneros discursivos que giram em torno do gênero depoimento para entendermos melhor o nosso *corpus*, as narrativas de vida, que são depoimentos publicados na revista *Maria Claire*, tal como abordado anteriormente. Neste capítulo, argumentaremos em favor da proposta de que o depoimento é um subgênero que pertence a um gênero maior, o gênero biográfico. Nessa perspectiva, a biografia seria um gênero amplo que abarca um conjunto de subgêneros por deterem características e efeitos de sentido semelhantes, como veremos a seguir. Devido à complexidade das características e semelhanças entre os gêneros discursivos que envolvem a biografia enquanto gênero superordenante, acreditamos ser pertinente tratar desse assunto dentro da nossa pesquisa de forma objetiva. Para isso, utilizamos como suporte teórico alguns estudiosos do tema geral deste capítulo que desenvolvem a noção de alguns gêneros discursivos jornalísticos, gênero biografia e as instâncias enunciativas, tais como Bakhtin (2003, 2005), Charaudeau (1992, 2013), Lejeune (1996), Machado (2013, 2016a, 2016b) e Cunha e Corrêa (2018).

2.1. O gênero biografia e seus *subgêneros*: uma abordagem relacionada ao *subgênero* depoimento

Para iniciar nossos estudos, passamos por algumas leituras sobre o tema do nosso presente capítulo: gêneros discursivos. A noção de gênero é debatida desde a *Antiguidade Clássica*, uma vez que nessa época já apareciam diversas atividades discursivas, sendo que, no primeiro momento, temos no discurso poético e, depois, dentro dos discursos da sociedade. Machado (2013, p. 55) levanta essa questão de forma bem objetiva, dizendo que

O tempo passou e o estudo dos gêneros foi assimilado e explicado pelos teóricos da literatura. Curiosamente, este estudo pouco interessou aos teóricos linguistas e discursivos; somente a partir da última década do século XX que pudemos ver um olhar de interesse, da parte de alguns teóricos: dentre outros, Maingueneau e Cossutta (1995), Adam (1999) e Charaudeau (2000). (Trad. nossa)

Para Charaudeau (2003), a noção de gênero discursivo sempre foi bastante utilizada no campo da literatura, que teve a preocupação de delimitar as características

dos textos literários de acordo com características próprias e engessadas. Hoje, no campo da linguística, também fazemos essa delimitação, porém sabemos das controvérsias que giram dentro dessas delimitações textuais fora da linguística do discurso. Para Charaudeau (2003),

Um gênero é constituído pelo conjunto de características de um objeto e constitui uma classe à qual o objeto pertence. Qualquer outro objeto tendo essas mesmas características integrará a mesma classe. Para os objetos que são textos trata-se de classe textual ou gênero textual. (p. 204)

Ainda, para o autor, as condições de produção reforçam a classificação de um determinado gênero. Para aplicar uma teoria dos gêneros devemos observar: “Três aspectos devem ser tomados em consideração para determinar uma classe textual: o de lugar de construção de sentido do texto, o de grau de generalidade das características que definem a classe, o modo de organização discursiva dos textos.” (CHARAUDEAU, 2003, p. 204. Grifos do autor).

Vejam, resumidamente, esses três aspectos trabalhados na TS, segundo Charaudeau (2003, p. 205-206):

- 1- Construção de sentido do texto: lugar de produção, lugar da recepção, lugar de produto acabado ;
- 2- Generalidade: quanto maior for o grau de generalidades, menor menos serão os discriminantes, ou seja, distantes do gênero (chamado também de princípios gerais do texto);
- 3- Modos de organização do discurso: textos narrativos, descritivos, argumentativos, explicativos, ou ainda injuntivos, declarativos, promissivos (procedimentos de organização do texto). Um texto pode ter uma ou mais definições tipológicas, porém irá possuir uma mais predominante, caracterizando o texto.

Os aspectos trabalhados pelo autor delimitam a classificação dos gêneros de acordo com as características emanentes.

Citados por Machado, temos também Bakhtin (1979) e Peytard (1995) que corroboraram com o assunto dentro do campo linguístico, mas

Bakhtin observou que os discursos estavam sujeitos a uma liberdade maior e, por isso, deveriam estar agrupados de acordo com as suas características. Por isso dividiu os gêneros em dois blocos: *gêneros primários* e *gêneros secundários*. O primeiro seria daqueles gêneros mais simples, o segundo, mais complexo. Os simples

são frutos dos discursos mais rápidos, já os segundos, estão presente nos gêneros tipo o romance, pesquisas científicas etc. Machado (2013, p. 57) explica melhor essa nossa colocação, ao dizer que

Se partimos desse ponto de vista, veremos que a questão dos gêneros se abre para várias interpretações. Assim, eu acredito que, fazendo toda essa distinção citada, Bakhtin queria, sem dúvida, enfatizar os gêneros susceptíveis de conter um discurso mais livre, quer dizer, discursos que visam principalmente as trocas comunicacionais rápidas, que exigem do sujeito falante uma reflexão rápida, uma maior flexibilidade de execução e de configuração – no que diz respeito ao ato pelos quais eles seriam elaborados. (trad. nossa)

Ainda, para Machado (2013, p. 56), esses reagrupamentos de discursos seriam os gêneros discursivos e que Bakhtin chamou de *translinguísticos*, uma disciplina que estudava as formas estáveis do discurso ou, ainda mais detalhado, em outro termo, as formas não individuais do texto. Como podemos perceber, existe uma grande complexidade no que se refere ao estudo dos gêneros discursivos. Sobre o gênero do nosso *corpus*, propomo-nos a discutir algumas noções e até a lançar alguns olhares no que diz respeito a esse campo de estudo, somente para elucidar para os nossos leitores o assunto.

Nossa abordagem, a partir de agora, sobrecai ao nosso gênero discursivo. A definição do gênero depoimento tem, na sua originalidade, uma complexidade que nos deixou curiosos ao realizar leituras sobre o assunto. Logo, começamos a pensar eficazmente nesse gênero para tentar defini-lo de modo que pudéssemos avançar na percepção de suas características, diferenciando-o daqueles que se assemelham a ele. Portanto, para isso, vamos tentar definir, primeiramente, o gênero do nosso *corpus*.

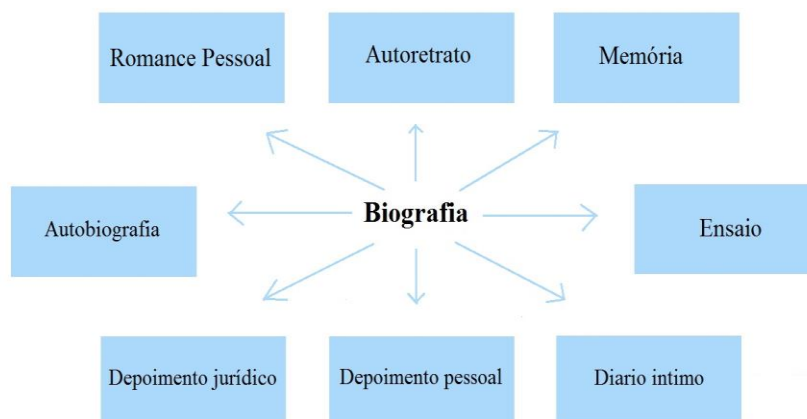
Para nós, depor é contar algo experimentado, vivenciado e presencial, ou seja, é relatar uma situação passada pelo indivíduo que viveu uma experiência ou por alguém que presenciou o experimentado. Esse gênero apresenta elementos básicos da narração; tais como sequências de fatos, pessoas, espaço e tempo. Quem narra é um narrador onipresente, ou seja, aquele que é sempre o protagonista da história. Ele é o narrador da própria experiência de vida. O gênero é predominantemente narrado na primeira pessoa e os verbos são usados sempre no tempo presente ou passado. Logo, para nós, o depoimento se diferencia da biografia, que é um ‘macrogênero’ do domínio do discurso que relata acontecimentos de uma vida inteira e que pode ser relatado por aquele que também viveu-a. Portanto, partimos da ideia de que o depoimento também é uma

autobiografia – um outro subgênero, tal como o depoimento – ou, se contado por outro (não sendo o narrador o protagonista), temos o gênero biografia. Uma vez que o nosso *corpus* é composto de vinte seis depoimentos de leitoras que relatam uma experiência e são transcritos em forma de texto pela editora da revista, concluímos que a editora narra uma situação a partir da sua visão, baseada no relato da leitora depoente. A partir da complexidade do estudo sobre os gêneros que representam características mais ou menos iguais, propomo-nos esclarecer alguns pontos e problematizar outros, uma vez que se trata de um assunto complexo no campo linguístico.

Acreditamos que o depoimento é um subgênero, o qual possui também características de um outro subgênero, pertencente ao gênero biografia. O gênero biografia possui características que dependem também das condições de produção em cada caso específico da materialidade do ato de fala, ou seja, do texto escrito. Acreditamos que o subgênero depoimento caracteriza-se, principalmente, em torno da memória do indivíduo que relata sua experiência de vida, fazendo perpetuar uma lembrança que, no caso do nosso *corpus*, é publicada, tornando-se, então, participante do domínio público uma vez que, a partir da publicação, as leitoras farão parte dessa interlocução. Essa é uma característica importante e comum a diversos subgêneros da biografia: torna-se pública uma experiência vivida em um determinado momento ou uma experiência vivida de toda uma vida.

Vejamos alguns desdobramentos desse gênero considerado como um gênero que abarca subgêneros. O esquema abaixo foi construído com base na proposta de Lejeune (1996) em relação os subgêneros:

FIGURA 1 – Esquema Subgêneros



Logo, a partir dos nossos estudos sobre alguns gêneros discursivos ligados ao nosso *corpus*, acreditamos que, por ser considerado como gênero maior ou englobante, o gênero biografia pode abarcar outros gêneros, como vimos acima e, nesse caso, podemos chamar esse movimento dos subgêneros como características de *efeitos de gênero*. Entretanto, consideramos que esses *efeitos de gêneros* são estratégias de escrita que visam prender a atenção dos leitores. Essa proposta está inserida nos mais recentes estudos sobre narrativas de vida. Primeiramente, os *efeitos de gênero* são observados por Charaudeau (1992) em seus estudos, ao afirmar que “Esse efeito resulta do emprego de certos procedimentos de discursos que são suficientemente repetitivos e característicos de um gênero por tornar-se uma pista daquele a que ele se assemelha.” (p. 668. Trad. nossa). Ou seja, segundo Charaudeau, cada gênero possui algumas características que os aproximam uns dos outros, pertencendo a um domínio maior, ou ‘macrogênero’, designação criada por nós. Ainda para o autor, (...)

certos textos jornalísticos (reportagens, pesquisas, crônicas, etc.) começam o relatório de um acontecimento da atualidade com frases mais ou menos estereotipadas destinadas a produzir um efeito de gênero policial, realista, fantástico, etc. (p. 698. Trad. nossa).

Logo, os traços discursivos comuns estão presentes dentro dos gêneros ligados ao macrogênero biografia.

Em seguida, Machado estuda os efeitos em um dos seus trabalhos que aborda a TS de Charaudeau (2016, p. 61), afirmando que “o sujeito-enunciador (ou narrador) pode ser levado, em meio a sua fala ou sua escrita a produzir alguns efeitos de sentido

quando descreve/narra certos enunciados”. A autora utiliza mais detalhadamente os *efeitos de gênero* de Charaudeau analisando alguns textos. Para ela, segundo o teórico, é preciso notar que

(...) tais efeitos são resultantes do emprego de certos procedimentos discursivos e pelo fato de já terem sido excessivamente repetidos, sinalizam a presença de determinado gênero: o poético, o trágico, o jornalístico, o conto de fadas etc. Assim, começar um texto pela fórmula ‘Era uma vez...’ já indica um desejo de dar à narrativa ou ao relato um efeito de gênero: de um conto maravilhoso. (2016b, p. 68)

Logo, podemos dizer que os efeitos de gêneros aparecem com frequência nos textos pertencentes a um gênero supeordenante, apontado aqui, no nosso estudo, como o gênero biografia e, os demais subgêneros abordados, semelhantes ao universo do gênero depoimento.

Machado (2016b) ainda afirma que, em muitos casos, os *efeitos de gênero* podem ser usados propositalmente.

Na verdade, os efeitos de gênero são muito mais comuns do que se pensa. Eles indicam, sem dúvida, uma transgressão do contrato inicial: o leitor começa a ler uma reportagem em uma revista e, de repente, percebe que o que está a ler é nada mais que uma publicidade “disfarçada” em documento jornalístico. Tal caso indica uma transgressão genérica que – como muitas transgressões desse tipo – pode ser portadora de um aspecto lúdico, irônico ou então, como no caso da publicidade, ser dotada de um aspecto astucioso. (2016b, p. 68)

Portanto, os *efeitos de gênero* podem ser percebidos, pois encontram-se nos gêneros de um determinado grupo de acordo com a condição e intenção de produção. No caso dos nossos depoimentos, quando materializados pelo folhetim para publicação, os *efeitos de gênero* são invocados, principalmente quando a narrativa inicia-se por uma apresentação da personagem realizada por ela mesma, associada à história. Logo, acreditamos que temos, no depoimento, um efeito de gênero do gênero autobiográfico. Leiamos uma passagem inicial de uma das histórias de vida para exemplificar a nossa abordagem:

Passagem 1) Em 2003, aos 28 anos, eu acabara de sair de um relacionamento longo e frustrado. Havia conhecido meu ex na Universidade Católica de Brasília, onde cursávamos Letras. Passamos seis anos juntos numa relação completamente apática. Desde a adolescência, nutria a expectativa de me casar e construir uma família – enquanto minhas amigas ficavam com vários caras, preferia relacionamentos sérios. O que não quer dizer sem graça, como era o meu. Não nos divertíamos nem evoluíamos como casal. Quando chegou ao fim, em março daquele ano, a sensação era de que havia perdido parte da minha juventude.

Texto: “Eu, leitora: Me apaixonei por um aluno adolescente e lutei contra todos para casar com ele”.

Esses efeitos nos sinalizam uma transgressão além da que podemos imaginar. Acreditamos que para tornar mais real o depoimento, a editora mantém a personagem protagonista como a própria narradora da história. Para que possam começar a entender inicialmente como se forma esse processo de construção da seção do nosso *corpus*, a leitora fornece um depoimento à editora que, por sua vez, transforma esse depoimento em uma publicação em forma de narrativa de vida, tendo como relatora a narradora/personagem (como veremos nos próximos capítulos). Esse também é um efeito que denota um traço característico do gênero autobiográfico. Acreditamos ser a intenção do autor (ou seja, da revista) deixar transparecer a veracidade da narrativa, dando a palavra à leitora/ personagem no lugar de ela mesma contar a história (que seria escrita na terceira pessoa). Esse formato do depoimento levado à publicação aproxima as leitoras da seção *Eu, leitora* da protagonista da história, uma vez que torna mais intimista a leitura da narrativa por esse público-alvo. O contexto do nosso *corpus* implica uma história contada pela leitora à editora da revista. A leitora depõe sobre uma experiência e o texto toma características de outros gêneros que pertencem ao do superordenante biografia (autobiografia, memória etc.), através dos efeitos de sentido. Logo, acreditamos que o depoimento incorpora *efeitos de gênero* do macrogênero biografia e, mais ainda, do subgênero autobiográfico. Se o objetivo de qualquer revista é atrair o público-alvo, acreditamos que esse é um efeito que revela um artifício bem sucedido da publicação.

Nessa mesma obra Machado propõe um novo efeito pertinente ao nosso *corpus* advindo dos *efeitos de gênero* observados por Charaudeau. Para isso, ela descreve:

Embora o chamado efeito de gênero de Charaudeau seja bastante amplo, vamos ousar um pouco e sugerir aqui um novo efeito discursivo: o efeito de narrativa de vida. Pois, existem documentos que não pertencem ao gênero genealógico propriamente dito, e mesmo assim detêm fragmentos que levam a uma espécie de minibiografia do *sujeito-falante*. Por exemplo, quando escrevemos um artigo ou capítulo de livro para uma coletânea, os organizadores desta geralmente nos pedem para enviarmos um resumo que fale de nós: quem somos, onde trabalhamos, quais são as áreas de estudo que nos interessam, quais são nossas publicações mais recentes, enfim, coisas do gênero, resumidas em cinco ou seis linhas. O que aí escrevemos faz parte da nossa história de vida mas não pode ser considerado uma história de vida, a que estaria em uma autobiografia (se fosse o caso). (MACHADO, 2016b, p. 70, grifo da autora)

Neste trecho, ela explica bem os efeitos que surgem nas narrativas de vida. O exemplo que ela nos fornece esclarece como temos um efeito de narrativa de vida numa simples minibiografia de um autor de artigos acadêmicos. E ainda acrescenta:

Depoimentos sobre si podem aparecer rapidamente em gêneros diversos tais como entrevistas concedidas a jornais, em poemas, em trocas comunicativas diversas onde, em meio a outros assuntos, de repente, certos *sujeitos falantes* contam casos relativos à sua infância ou à sua vida em geral. Esses fragmentos de vida, imersos em outros gêneros que o genealógico, poderiam então ser considerados como detentores de um *efeito de narrativa de vida* (p. 70, grifos da autora).

Machado fez um desdobramento advindo da categoria charaudiana efeitos de gênero e abrangiu-a para os estudos sobre narrativas de vida. Isso nos leva a perceber que temos um caminho amplo ao falar da complexidade dos gêneros discursivos, apresentando seus desdobramentos em alguns estudos ligados à narrativa.

Portanto, como já dissemos, os subgêneros aqui abordados estão ligados a um gênero superordenante, e o gênero depoimento possui efeitos de acordo com o grupo a qual pertence.

Nossas narrativas de vida, ou seja, o produto final dos depoimentos das leitoras, são narradas na primeira pessoa e é assim que estudamos o nosso *corpus*. O produto final é originário de depoimentos pessoais de mulheres leitoras cuja história marcou uma fase de suas vidas. Essa história de vida possui vários elos para que possa ser relatada, principalmente o elo da memória do indivíduo; um dos elementos principais que caracterizam esse gênero discursivo e dito como um dos principais caminhos para a elaboração de algo vivenciado e levado para o público.

O gênero depoimento possui traços característicos do gênero autobiografia. Para que possamos apoiar essa nossa última afirmação, recorremos ao estudo de Lejeune. Para Lejeune (1996), a noção de autobiografia é um tanto complexa, mas ele arriscou defini-la resumidamente da seguinte forma: “é um relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando ela acentua sobre sua vida individual, em particular sobre a história de sua personalidade” (p. 14). O autor ainda aponta algumas características como um jogo de elementos que compõe o gênero através de quatro categorias:

- 1) Forma da linguagem:
 - a) narrativa;
 - b) em prosa.
- 2) Tratamento do sujeito: vida individual, história de uma personalidade.
- 3) Situação do autor: identidade do autor (o nome remete a uma pessoa real) e do narrador.

4) Posição do narrador:

- a) Identidade do narrador e do personagem principal;
- b) Perspectiva introspectiva da narrativa.

Para Lejeune (1996), ao constatararmos tais categorias, podemos considerar determinado texto como uma autobiografia. Aqueles que possuem parte delas são considerados gêneros parecidos no caso do nosso *corpus*, o depoimento, que faz parte também do macrogênero biografia. Lejeune (1996) lista alguns desses gêneros, além dos que já citamos: memórias, romance pessoal, poema autobiográfico, diário íntimo, ensaio, autorretrato.

Para ampliar a definição acima, encontramos também a problematização dos conceitos dos gêneros ligados à biografia e à autobiografia em Bakhtin (2003). Segundo o autor russo,

Não existe um limite acentuado e de princípio entre a autobiografia e a biografia, e isso é de grande importância. Diferença existe, evidentemente, e pode ser grande, mas não se situa no plano da diretriz axiológica básica da consciência. Nem na biografia, nem na autobiografia o *eu-para-si* (a relação comigo mesmo) é elemento organizador constitutivo da forma.

Entendo por biografia ou autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e a minha vida. (p. 138-139. Grifos do original)

Nesse trecho Bakhtin (2003) aborda, de forma delimitada, sobre as personagens em sua pesquisa de diversas obras russas. Ele diferencia a biografia da autobiografia dando relevância ao plano de quem narra, de quem é a personagem e da sua autoconsciência dentro da narrativa, mesmo quando o narrador é um indivíduo diferente da personagem. Para ele, a personagem tem sua própria consciência (p. 139). Ele aborda ainda que

A forma biográfica é a mais realista, pois nela há menos elementos de isolamento e acabamento, aí o ativismo do autor é menos transformador, ele aplica com menos princípio sua posição axiológica fora da personagem, quase se limitando a sua distância exterior, espacial e temporal; não há fronteiras precisas do caráter, um isolamento preciso, um enredo acabado e tenso. (p. 139-140)

Em boa parte da sua pesquisa, Bakhtin estudou a autoconsciência das personagens nos romances de Dostoiévski. Para ele, as personagens são construídas e inseridas num texto para transmitir as diversas vozes presentes em discursos que circulam socialmente. A voz da personagem é independente, possui relativa liberdade,

apesar de ser formada pelos discursos de outrem. A personagem não é mais aquela sobre a qual podemos responder “quem ela é”, com traços tipicamente sociais e fisiológicos definidos, traços rígidos contidos numa imagem determinada. Mas, sim, aquela que se interessa por si mesma e pelo mundo que a rodeia. Isso seria o princípio da autoconsciência da personagem. Ao estudar a obra de Dostoiévski, Bakhtin (2005) explica as personagens da seguinte forma:

Trata-se de uma particularidade de princípio muito importante da percepção da personagem. Enquanto ponto de vista, enquanto concepção de mundo e de si mesma, a personagem requer métodos absolutamente específicos de revelação e de caracterização artística. Isto porque o que deve ser revelado e caracterizado não é o ser determinado da personagem, não é a sua imagem rígida, mas o resultado definitivo de sua consciência e autoconsciência, em suma. A última palavra da personagem sobre si mesma e sobre seu mundo. (p. 46-47)

Tudo aquilo de que se serve o autor para criar o perfil de uma personagem transforma-se em objeto de reflexão para ela mesma. Ou seja, aquilo que nos permite responder quem é essa personagem (seus traços rígidos, como dissemos) deixa de ser o princípio de criação da personagem, que passa a ser criada a partir de sua autoconsciência. Bakhtin (2005) assume, assim, que o autor reserva ao herói (assim ele chama) a última palavra, não o construindo com palavras que lhe seriam estranhas, mas com palavras do próprio herói sobre si mesmo e sobre o seu mundo: “[...] não são os traços da realidade – da própria personagem e de sua ambiência – que constituem aqueles elementos dos quais se forma a imagem da personagem, mas o valor de tais traços para ela mesma, para a sua autoconsciência” (p. 47). No nosso caso, a personagem é real, pois é uma leitora de carne e osso que fornece seu depoimento para que a revista publique uma experiência vivida por ela. Porém, a editora relatando a história em primeira pessoa, faz com que a personagem tenha vida própria e tenha consciência própria, mesmo a partir da sua materialidade pelos profissionais do folhetim. No próximo item falaremos dos papéis enunciativos que envolvem esses sujeitos da linguagem.

Falar de si mesmo requer estratégias, mesmo que elas sejam inconscientes. Quem relata algo que aconteceu no passado precisa recorrer à memória. Quem depõe sobre uma experiência de vida, como no caso do nosso *corpus*, está despertando no outro também os sentimentos vividos, os fatos ocorridos, os comportamentos praticados e ainda, as vozes que circulam na sociedade. Acreditamos que é um ato de entrega voluntário por ser uma exposição à instância pública. O depoimento é um relato que se

torna público, acessado por qualquer um. Logo, é um relato de si ou de um alguém específico. Do privado, da intimidade, ele passa a ser público. Na verdade, é um testemunho de alguma situação experimentada e representativa por aquele que conta. Os subgêneros do gênero superordenante fazem parte desse universo pessoal que é transferido para o mundo público intencionalmente. Ora, nessa pesquisa, o nosso *corpus* é veiculado numa revista voltada para o público feminino, tratando-se de um suporte midiático de circulação que tem a intenção de discutir temas pertencentes a esse universo. Esse produto final pertence ao campo do gênero discursivo jornalístico.

A questão que envolve os conceitos e características dos gêneros discursivos possui uma problematização dentro dos estudos acadêmicos da atualidade devido à pluralidade de características como já vimos. Lejeune (1996) afirma que o gênero autobiográfico, por exemplo, implica diversas relações, de acordo com os campos de estudo, desde que leve em conta algumas características de outros textos, tais como a memória, a construção da personalidade e da auto-análise.

Os gêneros pertencentes aos gêneros jornalísticos, um dos domínios dos gêneros, têm sua especificidade, pois acreditamos que há uma problematização nas suas especificações, e o depoimento não foge a essa regra. O estudo sobre os efeitos de gênero ou sobre os efeitos de narrativa de vida pode nos responder parcialmente a essa questão, pois a problemática é ainda pertinente e se faz presente nas pesquisas atuais no campo da linguística. Os gêneros podem ser agrupados, porém a complexidade das características que envolvem esse agrupamento não reina na esfera absoluta da questão.

Acreditamos que a noção de narrativa de vida está ligada aos subgêneros biográficos. Nossa afirmativa se dá pelo fato de todas falarem de *bios*, que significa vidas. É essa característica transversal em relação aos subgêneros que nos levou a procurar desenvolver este capítulo sobre o tema. Os gêneros discursivos do macrogênero biografia estão ligados às experiências de vida do homem, uma vez que contar algo que se viveu, independentemente da maneira e do tipo de discurso, passa pela categoria ligada à bio, ou seja, à vida; algo existente, que tem um lugar no mundo. Estudar o discurso nessa perspectiva é, no mínimo, curioso: analisar a vida através das palavras ditas, das experiências de vida, da forma como o ser humano compõe a sua história e que carrega dentro delas a dor, a alegria, o desespero, a bonança, a felicidade, ou seja, a sua forma de enxergar a vida. Para Machado (2019, p. 760),

Na vida existem pessoas, seres humanos ou indivíduos que trabalham, pensam, sonham, refletem, enfim: vivem. Cada um com sua identidade, seus problemas e suas alegrias, seus defeitos e suas qualidades. Quando um desses indivíduos toma a palavra – nem que seja para dar um simples *bom dia*, dirigindo-se a um outro –, ele se torna um *sujeito da palavra*, *sujeito linguageiro* ou simplesmente *sujeito da comunicação*.

Logo, somos seres falantes e transmissores das nossas experiências. As narrativas de vida têm essa característica pertencente aos gêneros discursivos frutos da biografia.

2.2. As instâncias enunciativas do nosso *corpus*: os sujeitos da enunciação

As narrativas de vida são vistas como uma materialidade discursiva (MACHADO, 2016b). Portanto, para que possamos entender melhor o nosso *corpus*, os depoimentos coletados pela revista *Marie Claire* e transformados em materialidade através das narrativas de vida publicadas na seção brasileira *Eu, leitora* e na francesa, *Moi, lectrice*, , precisamos conhecer as instâncias enunciativas desse produto final. Os sujeitos que envolvem-se no ato enunciativo estão presentes dentro de uma das categorias de análises proposta nesta pesquisa, a do contrato comunicacional.¹⁰ Para que exista um contrato no ato comunicacional, precisamos depreender os sujeitos que fazem parte do quadro comunicacional, como veremos no capítulo teórico. Esses sujeitos fazem parte de um cenário, chamado de *mise en scène*, dentro da TS. Charaudeau desenha quatro sujeitos participantes do discurso: o sujeito comunicante, o sujeito enunciador, o sujeito destinatário e o sujeito interpretante. Essas categorias serão detalhadas posteriormente. Porém, neste momento, iremos tratar esses sujeitos cindindo as três instâncias abordadas por outro teórico, para nos ajudar a compreender melhor os papéis discursivos dos actantes dentro do nosso gênero discursivo. São elas: instância do autor; instância do narrador; instância da personagem.

Para isso, podemos nos utilizar da teoria polifônica desenvolvida por Ducrot (1987), fazendo um diálogo com a proposta charaudiana. O autor questiona a hipótese da unicidade do sujeito produtor do discurso e, por isso, propõe dividir esse sujeito em diferentes instâncias: produtor empírico, locutor L, locutor λ , enunciadores. Sobre essas instâncias, Cunha e Corrêa (2018) explicam que:

¹⁰ O contrato comunicacional define a situação na qual se encontram os sujeitos-comunicantes, sendo que cada discurso exige um tipo de contrato. No capítulo 3 teremos uma abordagem mais aprofundada dessa categoria.

O produtor empírico ou o sujeito falante efetivo (“um elemento da experiência” (DUCROT, 1987, p. 187)) é uma instância que, para Ducrot, deve ser excluída da descrição linguística, porque a descrição que o enunciado dá da enunciação não comporta nenhuma marca que remeta a seu produtor efetivo. O locutor L é definido como “um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado” (1987, p. 182). Ducrot define o locutor L como “uma ficção discursiva” (DUCROT, 1987, p. 187). O locutor λ , por sua vez, se distingue do locutor L por ser um objeto do enunciado (o eu dos enunciados em 1ª pessoa) e por nunca ser o responsável pela enunciação, que é sempre o locutor L. Por fim, os enunciadores são pontos de vista abstratos que o locutor L traz em seu discurso e em relação aos quais exibe diferentes graus de concordância ou discordância. (p. 5)

Partindo da teoria polifônica de Ducrot (1987), chegamos na seguinte definição das instâncias enunciativas do nosso *corpus*:

- 1) Instância do autor: conjunto de pessoas formado por editora, leitora (que presta o depoimento), diagramador, revisor etc. Essa instância corresponde a todos os seres de carne e osso que participam da produção do depoimento. Os seres mais importantes são a leitora, que dá o depoimento, e a editora, principal responsável por transformá-lo na narrativa de vida que será publicado. Essa instância corresponderia ao sujeito empírico, ou seja, o sujeito falante efetivo;
- 2) Instância do narrador: somente a leitora. Essa instância corresponde à figura do autor, que é construída no texto e por meio do texto. É um personagem que não corresponde à leitora de carne e osso, mas sim um simulacro de leitora. É uma ficção. Essa instância corresponde ao Locutor L, ou seja, o ser responsável pelo ato;
- 3) Instância da personagem/todos os personagens representados/construídos no texto: a leitora enquanto personagem que vivencia ações de seus parentes, colegas de trabalho, amigos etc. Essa instância corresponde ao Locutor λ (lâmbda) e aos enunciadores. O Locutor λ é o narrador que se refere na 1ª pessoa, enquanto os enunciadores são os demais personagens.

Essas três instâncias formam composição dos sujeitos envolvidos na enunciação do nosso *corpus* e não estão distantes da encenação proposta por Charaudeau na TS, por isso justificamos o diálogo. O depoimento é dado por uma leitora da revista, coletado pelo editor e transformado em um veículo transmissor da história. A instância do autor conta com a interação de outros sujeitos de carne e osso

para chegar ao produto final a ser publicado. O texto é composto pelo narrador protagonista e pelos personagens ali envolvidos (demais enunciadores).

Nas narrativas de vida, quem conta alguma coisa é obrigado a recorrer às memórias. Falar de algum fato importante que aconteceu em nossa vida abarca diversos sentimentos que se tornam palavras materializadas do que foi vivido, experimentado. Logo, acreditamos que as instâncias do autor e do narrador tecem essa composição relevante das histórias de vida e podem, em algum momento, também estar entrelaçados com a imaginação. Esses são traços pertencentes aos gêneros ligados ao relato, ao *contar algo*, ou seja, traços mais característicos dos gêneros discursivos jornalísticos. Para Machado (2016b, p. 80),

Em nossa opinião, a tarefa de relatar a sua vida a alguém acolhe em si, ao mesmo tempo, sentimentos que se tornam palavras e que surgem da lembrança de acontecimentos realmente vividos, mas também palavras que são produzidas graças à capacidade de imaginar do ser humano, essa sua competência em produzir o maravilhoso/fabuloso que pode se mesclar ao real em uma narrativa, seja ela um modo escolhido para se relatar algo, por exemplo, a história de uma vida. A narrativa surge pois de um equilíbrio feito pelo sujeito-narrador entre seu testemunho do factual incrementado por fatores ficcionais. Estes últimos tentam completar as lacunas da própria fala ou da escrita. Seja como for, memória e a imaginação entram sempre de mãos dadas.

Portanto, as instâncias enunciativas promovem esses efeitos de gênero nas narrativas de vida do nosso *corpus*, tanto a instância do autor quanto do narrador, uma vez que a leitora, ao depor, precisa recorrer à memória, que também não garante totalmente à editora que a história é, passo a passo, cem por cento verdadeira. Essa é uma problemática dos gêneros ligados ao domínio maior, a biografia. Contudo, a nossa análise se baseia no produto final. A capacidade humana de sempre reconstruir o passado é fonte enriquecedora para estudos que envolvem a construção do sentido no texto. Podemos observar que, ao estudarmos, por exemplo, duas falas de uma mesma pessoa contando um mesmo fato pela segunda, ou ainda, pela terceira vez, dificilmente ela conseguiria relatá-lo da mesma forma, como contado na primeira vez. Se tivéssemos acesso ao depoimento bruto da leitora da revista *Marie Claire* e pudéssemos comparar ao texto publicado pelo veículo, poderíamos achar diferenças de tratamento de algum aspecto, porém, apesar de a nossa intenção, nesta pesquisa, ser de trabalhar a subjetividade do narrador, limitaremos as análises no produto final publicado pela revista.

2.3. Narrativas de vida protagonizadas por leitoras da revista *Marie Claire*: o “eu” que se narra

Para Machado (2016b, p. 80), “(...) o ato de contar uma vida ‘obriga’ seu narrador a buscar acontecimentos de seu passado”. Sabemos que a memória é um recurso característico e estilístico dos textos ligados ao gênero superordenante biografia e, buscar na memória, é uma estratégia indutiva para tecer uma narrativa de vida. Para a autora, ainda, “Em suma, o passado é fruto de uma reconstrução, que fazemos de modo mais seco ou mais romanceado, dependendo do nosso modo de ser e de encará-lo...” (p. 80). Os depoimentos coletados da leitora personagem pela editora, esbarram nessa condição. Leiamos uma passagem da narrativa de vida “Eu, leitora: perdi família e amigos por ser trans, mas ‘nasci de novo’ no ambiente de trabalho” em que a narradora/personagem busca na memória da infância suas primeiras informações para as leitoras traçarem uma primeira imagem:

Passagem 2) Fui criada em um ambiente extremamente machista, bem semelhante ao que encontrei na polícia. Desde muito cedo, aprendi a ser e a me comportar como um homem. Ainda assim, a primeira memória que tenho da infância é a de quando minha avó foi castigar o meu irmão vestindo uma camisola vermelha de bolinhas brancas. Eu desejei aquela peça com toda a minha força, mesmo sem entender muito bem o motivo. Dali, minha lembrança salta para os 9 anos de idade, quando comecei a me travestir em casa, escondido da minha mãe.

De acordo com informações da edição publicadas no site da revista, a veracidade das histórias são checadas, porém sabemos que uma mesma história pode ser contada com desvios ou elaborações quando contada várias vezes, conforme relatamos no item anterior. Entretanto, a nossa análise se dá a partir do produto final, como explicamos, ou seja, analisamos o texto produzido pela editora a partir do depoimento da leitora. Contudo, Machado (2016) fala sobre essa situação que esbarramos ao estudar narrativas de vida:

Em nossa opinião, a tarefa de relatar a sua vida a alguém, acolhe em si, ao mesmo tempo, sentimentos que se tornam palavras e que surgem da lembrança de acontecimentos realmente vívidos, mas também palavras que são produzidas graças à capacidade de imaginar do ser humano, essa sua competência em produzir o maravilhoso/fabuloso que pode se mesclar ao real em uma narrativa, seja ela um modo escolhido para se relatar algo, por exemplo, a história de uma vida. A narrativa surge pois de um equilíbrio feito pelo sujeito-narrador entre seu testemunho do factual incrementado por fatores ficcionais. Estes últimos tentam preencher as lacunas da própria fala ou da escrita. Seja como for, memória e imaginação andam sempre de mãos dadas.

(p. 80-81)

Logo, o modo de enunciar dos narradores de narrativas de vida nos interessa, pois o nosso *corpus* formado por depoimentos possui características que podem nos permitir traçar o perfil da personagem protagonista, nos ajudando nas análises da construção identitária da personagem e da construção do seu *ethos*. O modo como se dá a construção das narrativas de vida publicadas na seção “Eu, leitora/ Moi, lectrice”, é de suma importância e aporte para as nossas análises. As categorias de construção identitária e de construção do *ethos* serão exploradas no capítulo de análise. Nossa intenção com esse estudo é clara: buscar como a voz do outro é produzida na escritura do “eu”, desse “eu” que narra sobre ele mesmo. Vejamos uma passagem que busca traçar uma imagem da narradora/personagem para as leitoras:

Passagem 3) Desde a adolescência, nutria a expectativa de me casar e construir uma família – enquanto minhas amigas ficavam com vários caras, preferia relacionamentos sérios.

O trecho acima faz parte da narrativa de vida “Eu, leitora: me apaixonei por um aluno adolescente e lutei contra todos para casar com ele”. Essa passagem constrói bem uma imagem conservadora da sociedade, traçando um perfil da personagem mais certinha em busca de um relacionamento estável.

Enfim, buscamos a representação da figura feminina no interior desses textos publicados. Buscamos um “eu” feminino, carregado de dizeres que pertencem ao universo da mulher e que tornam-se públicos para outras mulheres, no intuito de promover discussões acerca de um determinado tema atual da sociedade.

As narrativas de vida, em geral, chamam a atenção dos leitores, tais como as narrativas de famosos, de personalidades, de pessoas colocadas à margem da sociedade, de temas discutidos na sociedade etc. O ato de tornar pública uma experiência ou toda uma vida atrai leitores. Enquanto pesquisadores do discurso feminino, seja da mulher ou sobre a mulher, valemo-nos da opinião de que a seção *Eu, leitora* (traduzido em português) é um carro chefe do folhetim *Marie Claire*, pois é a partir desse contar que o público-alvo quer se identificar ou descobrir respostas para a própria aflição, em alguns casos. O falar de si mesmo atrai telespectadores, é nato do ser humano.

Interessa-nos também trabalhar o nosso interesse por esse tipo de *corpus*. Machado (2016b) explica como nasceu a terminologia narrativas de vida ou histórias de vida, muitas vezes nomeada assim por ela. Então,

A terminologia ‘narrativa de vida’ procede de uma tradução por nós realizada de *récit de vie*, sintagma empregado pelo sociólogo francês Daniel Bertaux na primeira edição (1997) de um livro do mesmo nome. Vimos então que

uma visão sociológica desse objeto e a teoria de Charaudeau poderia se realizar, sem grandes problemas, ainda mais porque levamos em conta que, em 1992, o linguista já havia formulado uma detalhada explicação sobre o Modo de organização narrativo em sua *Grammaire du sens et de l'expression*. (p. 84)

Contudo, ainda para a autora, tanto Charaudeau quanto Bertaux concordam que, para se contar uma história, é preciso ter características que representam a organização narrativa do discurso, tais como ter personagens, descrição das relações, forma de agir etc. Ou, ainda, “Isso implica em descrições e em julgamentos por parte de quem conta, a respeito do tema da história ou da intriga onde tais personagens se movem” (p. 85).

As narrativas de vida não estão ligadas somente aos documentos genealógicos, tais como a biografia, autobiografia e memórias. Já sabemos que as narrativas de vida estão presentes em diversos outros gêneros. Machado enumera (2016b, p. 85): “gênero poético (poemas, letras de música), o mediático (entrevistas, crônicas sobre o cotidiano), o imagético (filmes, documentários; história em quadrinhos; quadros, *selfies*, etc.)”.

Acreditamos que o fato de contar um fato ou contar toda uma vida atrai os indivíduos, em geral. Tornar-se algo público pode ser uma forma de fazer circular posicionamentos que estão sendo discutidos na mídia, por exemplo. Observamos, ao coletar o nosso *corpus*, que as histórias de vida publicadas no período da seleção, possuem temas pertinentes à época, ao momento de publicação, conforme veremos no capítulo da metodologia. Se há uma grande discussão na sociedade sobre o abuso sexual, temos histórias de vida relacionadas ao tema; se há uma discussão atual sobre a infidelidade, temos narrativas publicadas sobre o assunto; se temos uma tragédia ambiental, como a ocorrida em Brumadinho em 25 de janeiro de 2019, alguma experiência individual sobre a tragédia é contada. Essa foi uma observação pontual da nossa pesquisa até no que se refere à escolha do macrotema “relações afetivas”, tendo em vista sua reincidência nos dois anos de coleta.

Machado cita o autor Cyrulnik (1999, p. 34) abordando que

o relato de si faz com que certos indivíduos – sobretudo aqueles que vivem momentos difíceis – passem a melhor aceitá-los, e, por conseguinte, passem a melhor se aceitarem também. Para esse autor, o fato de colocar-se como personagem de uma história já é um bom caminho para o processo de cura, ou, pelo menos, algo que poderá ajudá-lo na conquista de uma edificação identitária (MACHADO, 2016b, p. 34).

A partir dessa conclusão, acreditamos que a intenção da revista seja mesmo essa: de atrair os olhares femininos para possíveis discussões polêmicas sobre determinado assunto, mesmo que à margem, pois a revista também possui traços conservadores como veremos a partir das análises das narrativas. Para ilustrar essa abordagem, retiramos um trecho da narrativa de vida intitulada “Eu, leitora: Me apaixonei por um aluno adolescente e lutei contra todos para casar com ele”, em que a narradora/personagem busca atrair olhares das mulheres leitoras:

Passagem 4) Em meados de junho, a escola estava toda mobilizada para a festa junina. Como todo ano, organizou-se uma gincana entre as turmas e Júnior encabeçou a comissão dos alunos. A mim cabia coordenar a disputa. Quase todo dia ele vinha me procurar para falar ou esclarecer alguma dúvida sobre o assunto. “Nossa, esse menino é bonito, hein? Olha a boca dele! Pena que é tão novinho...”, me disse a bibliotecária, vendo-o voltar à classe depois de uma dessas nossas conversas. (Os lábios carnudos de Júnior eram mais um de seus atributos que rendiam comentários de mulheres de todas as idades.)

Nessa passagem, a narradora/personagem instiga curiosidade na leitura, uma vez que o tema indica o envolvimento de uma professora com o seu aluno bem mais novo. Portanto, essa passagem deixa claro que a narrativa possui estratégias para atrair o olhar da leitora da revista.

O “eu” observado na seção de onde retiramos o nosso *corpus* revela o eu feminino de uma mulher que depõe sobre si mesma para outras mulheres, tornando públicas suas experiências, suas dores, suas vitórias, sua vida, para que outras possam também realizar reflexões sobre suas experiências e, até mesmo, encorajá-las a tornarem-nas públicas também. Por isso, acreditamos ter nesse suporte um nicho enriquecedor de representações femininas que circulam os imaginários sociais.

2.4. Considerações parciais

Neste capítulo, procuramos buscar algumas noções que giram em torno dos gêneros discursivos e dos tipos de textos ligados ao gênero depoimento, bem como expor as instâncias enunciativas e como se dá o processo de construção do nosso *corpus*. As narrativas de vida protagonizadas por leitoras da revista *Marie Claire* e publicadas na seção *Eu, leitora* possuem características pertencentes ao domínio maior ou macrogênero biografia que tem na genealogia, outros gêneros dos quais chamamos aqui de subgêneros, tais como autobiografia, memória e o próprio depoimento.

Observamos que dentro dos estudos ligados ao campo da linguística, a definição dos gêneros textuais advindos do gênero discursivo jornalístico possuem

alguma complexidade ao depararmos-nos com características mais ou menos genéricas – o que Charaudeau chama de generalidade – um dos três aspectos trabalhados pela TS referente à definição de gênero. Logo, deparamo-nos com as especificidades dos efeitos de gênero propostos por esse teórico e com o desdobramento abordado por Machado (2016a) sobre os efeitos das narrativas de vida. Contudo, esses efeitos são previstos dentro dos gêneros discursivos jornalísticos a fim de promover alguma intencionalidade e, por isso, são lançados no plano da construção do sentido em determinado texto.

As instâncias enunciativas do nosso *corpus* se subdividem em três: a instância do autor; a instância do narrador; a instância da personagem. Trabalhamos com a abordagem de Ducrot para nomear os papéis dos sujeitos, que equivalem também aos sujeitos da linguagem do quadro comunicacional de Charaudeau (1983, 1992), como veremos no capítulo teórico.

O gênero discursivo depoimento possui características que fazem com que ele seja parte do macrogênero biografia e, ainda, possui características que cruzam com outros subgêneros do superordenante. Vejamos um quadro que ilustra essa nossa afirmação:

Características gerais do agrupamento estudado	Subgêneros Discursivos	Características pertencentes à Biografia e ao Depoimento
Relato de uma história;	Todos os gêneros ligados à narrativa de vida;	Ambos sim;
História contada por alguém diferente de quem viveu a experiência;	Biografia; Carta;	Biografia sim; Depoimento não;
História contada pelo narrador/personagem	Autobiografia; Diário Íntimo, Depoimento pessoal; Autorretrato;	Biografia não; Depoimento sim;
O passado está presente através da memória;	Todos gêneros ligados à narrativa de vida;	Ambos sim;
História de uma vida inteira;	Biografia; Diário Íntimo; Autobiografia;	Alguns depoimentos sim, outros não; Biografia sim;
História de uma experiência vivida;	Depoimentos (exemplo: jurídico); Carta; Romance pessoal;	Depoimento sim; Biografia não;
Sequências narrativas ordenantes: situação inicial, clímax, desfecho, situação final.	Todos os gêneros ligados à narrativa de vida.	Ambos sim.

O quadro acima incorpora as principais características que possibilitam o agrupamento dos gêneros ligados ao superordenante biografia.

Por fim, colocamo-nos à frente da proposta sobre narrativas de vida de Machado (2016a), explicitando como o “eu” se expressa ao falar de si mesmo, tecendo também o assunto que envolve os gêneros ligados ao macrogênero biografia, proposto pela mesma autora.

Logo, sabemos que esse foi um breve estudo, uma vez que os gêneros discursivos, grosso modo, possuem grande especificidade e complexidade em sua noção mesmo dentro das pesquisas acadêmicas. Acreditamos e almejamos que esse assunto ainda faça parte de uma pesquisa mais aprofundada no futuro, dentro de novas possibilidades sobre narrativas de vida.

CAPÍTULO 3 – TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E DESDOBRAMENTOS RECENTES

O presente capítulo tem como objetivo apresentar a Teoria Semiolinguística (TS) de Patrick Charaudeau e os conceitos que iremos abordar para traçar a representação da mulher nas versões brasileira e francesa da revista *Marie Claire*. Trataremos de algumas categorias propostas na TS passando, inicialmente, pelo contrato comunicacional e pelos sujeitos da linguagem. A TS apresenta uma abordagem referente às operações enunciativas, dentro de um quadro de enunciação, onde existem sujeitos que interagem, cada qual representando um papel importante no ato de linguagem. O ato de linguagem se constrói pela combinação de dois componentes, o verbal e o situacional, dentro de um quadro comunicacional de interação entre os parceiros da troca linguageira. Logo, cada parceiro está engajado em um processo de reconhecimento e de diferenciação um do outro, colocando em evidência a identidade social desses seres sociais. Portanto, iremos definir, nos itens seguintes, o que vem a ser o contrato comunicacional e os sujeitos da linguagem charaudianos.

Em seguida, trabalharemos com os modos de organização do discurso: narrativo, descritivo, argumentativo e enunciativo. Eles constituem os princípios da matéria linguística, que dependem da finalidade do sujeito comunicante no ato de linguagem para o uso de um ou de mais modos. Trabalharemos, ainda, com a noção de imaginários sociodiscursivos, a construção identitária, o *ethos* e a memória discursiva, fazendo interseção com história de vida. Nossa hipótese é de que, adotando essa perspectiva teórica e utilizando os conceitos mencionados, conseguiremos atingir as representações femininas no *corpus* escolhido.

3.1. Breve histórico da Teoria Semiolinguística

Sabemos que existem várias faces da Análise do Discurso, ou seja, várias correntes e teorias. Tomemos como exemplo teorias cujos fundadores têm origens francesas e suíças, que se diferem das teorias anglo-saxônicas. Elas podem coabitar em grupos de estudos diversos da Análise do Discurso. No entanto, as abordagens francesas e suíças, que trabalham no campo da enunciação e no papel do sujeito do discurso encontram, muitas vezes, respostas nas pesquisas de Bakhtin, Charaudeau e

Maingueneau. Já as abordagens anglo-saxônicas apóiam-se em Grice, Goffman (também presente nos estudos da vertente francesa), Fairclough, Coulthard. É possível depararmos com trabalhos que articulam diversas teorias, sem, é claro, perderem-se pelo caminho, mas sim fazendo surgir um todo coerente e novo (MAINGUENEAU, 2015; MACHADO, 2016b, 2018).

Porém, existe um ponto em comum entre as diversas vertentes da Análise do Discurso: refletir sobre as relações intersubjetivas e traçar as condições históricas e sociais em que os enunciados são construídos. Fazer uma reflexão sobre a base do funcionamento do ato de linguagem é o caminho para compreendermos os mecanismos que envolvem a prática linguística. Portanto, ao entrarmos no campo da Análise do Discurso, percebemos diversas correntes que trabalham e dividem um mesmo espaço de pesquisa, no qual se trabalha uma estrutura e uma realidade sócio-histórica presentes dentro do texto.

A França, considerada um dos principais centros do desenvolvimento da Análise do Discurso, começou a dar importância ao que se refere à compreensão das relações entre os textos e as situações sócio-históricas nas quais são produzidos, a partir dos anos 1960 (MAINGUENEAU, 2014, p. 13). Nesse momento, a AD se desenvolveu de forma mais acentuada, desde as publicações da revista *Langage*, número 13, e do livro de Pêcheux, *Análise automática do discurso*, em 1969. No mesmo ano, Foucault (1969) publicou *Arqueologia do saber*. Essas e outras obras começaram a deixar em evidência a questão do discurso como ponto central da discussão, mesmo apresentando pesquisas bem diferentes umas das outras. Após esse período inicial, a AD se apropriou de conceitos correntes originários da Pragmática, das Teorias da Enunciação, da Linguística Textual, etc. Portanto, nos estudos atuais, autores como Charaudeau e Sophie Moirrand destacam o papel central do gênero do discurso, ancorando-se em uma teoria da enunciação, bem como os trabalhos de Kerbrat-Oreccioni, que se apoiam em perspectivas inglesas e norte-americanas, como as das teorias da polidez ganham espaço em trabalhos diversos.

A Teoria Semiolinguística (TS) é uma das teorias que faz a reflexão sobre o funcionamento do ato de linguagem. Essa teoria teve início nos anos 1980, na França, e aqui no Brasil nos anos 1990, sendo introduzida primeiramente nas Universidades Federais do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Essa teoria tem “os pés bem fincados no chão”, pois explica de forma didática o que pretende e tem uma base sólida na

linguística (Curso Poslin – Letras/UFMG. MACHADO, 2018). Claro que não podemos dizer que esta teoria é mais esclarecedora que a X ou Y: acreditamos que tudo depende do *corpus* que escolhemos e dos objetivos que traçamos e queremos perseguir. A teoria que iremos utilizar para refletir e problematizar as representações da mulher em nosso *corpus* foi elaborada pelo linguista francês Patrick Charaudeau, e sua tese foi publicada em forma de livro, em 1983, com o nome de *Language et Discours*. É considerada uma teoria ainda recente, bem moderna.

Dentro da TS, percebemos a influência de conceitos fundadores, vindos de alguns teóricos que transitam as Ciências da Linguagem, tais como Benveniste, Barthes, Greimas, mas também de outros, dos ingleses, como Grice, Austin, Searle, sem contar a enorme colaboração dos estudos de Bakhtin, teórico russo bastante importante para os estudos da AD da atualidade. Porém, a TS busca, em outras teorias, possíveis diálogos com o campo da linguagem, tais como as de Levi-Strauss, da Antropologia, as de Simone de Beauvoir, da Sociologia etc. Portanto, é uma teoria que não dispensa os campos da Antropologia, da Sociologia, da Psicologia, da Pragmática e do dialogismo de Bakhtin. O termo *linguístico* é frequentemente acrescentado nestas disciplinas como sufixo por exercerem influência no campo das Ciências da Linguagem. A TS reúne conceitos e abordagens, passando pela questão da construção do sentido do texto e pela discussão da interação entre o homem e o mundo através do ato de linguagem.

A título de conhecimento, dentro da TS, praticamos algumas escolhas sempre atuais nas pesquisas: o estudo de formas de argumentar/emocionar usados em documentos variados, entre os quais destacamos os da história, os da imprensa (em suas diversas formas), os imagéticos (grafites, quadros...); os estudos dos textos literários, levando em conta todos (ou alguns dos) sujeitos que entram em sua construção, a sua narratividade etc.; o estudo dos gêneros discursivos e da noção de *gender* (escrita masculina, escrita feminina); o estudo de estratégias retórico-argumentativas em documentos ligados ao exercício da política; o estudo da narratividade ou dos *récits de vie* (que pressupõe também estudos de estratégias de captação do leitor entre outras) (MACHADO, 2015, 2016a, 2016b, 2017, 2018).

Como base teórica, para as pesquisas desses diversos objetos de estudo, utilizaremos da TS, nesta pesquisa, os seguintes conceitos: a noção de contrato, o quadro comunicativo e os diferentes “eus” (os sujeitos da linguagem); o estudo das emoções, da tríade (*ethos, pathos e logos*); os efeitos de ficção e realidade; a aplicação

dos modos de organização discursiva (os quatro, um ou dois dos modos de organização em um *corpus*); os saberes de crença ou de conhecimento; as representações e imaginários; o fenômeno identitário; e o estudo de experiências do indivíduo que permitem pesquisar diferentes narrativas de vida em documentos diversos. Portanto, esse é o viés pelo qual precisamos passar quando trabalhamos com a TS nos estudos sobre a linguagem, sendo, portanto, a apresentação desses conceitos que privilegiaremos neste item do presente capítulo.

A TS concebe a AD como uma ferramenta com a qual se pode estudar os diferentes discursos sociais, bem como suas variações em contextos sociais diferentes. Assim, a linguagem é vista como um fio condutor social de comunicação e o ser humano como um ser social criado e condicionado pela sociedade e pela cultura onde está instalado. Como um indivíduo inserido na sociedade, ele reproduz diversas vozes, porém o lado psicossocial-situacional garante também a sua individualidade. Nesse sentido, este sujeito não é completamente individual, tampouco coletivo, mas, como afirma Machado (2005), um amálgama de ambas as dimensões.

O pesquisador que escolhe a TS para analisar um *corpus* é um sujeito crítico e é munido de posicionamentos. Ele é estimulado a desvendar uma cadeia de manifestações languageiras, pertencentes a diversas culturas, construídas através dos posicionamentos e comportamentos que circulam no dia a dia dos falantes de uma língua. Inicialmente, por volta dos anos 1990 e início dos anos 2000, os trabalhos em que se aplicava a TS eram voltados para os discursos literários, publicitários e de imprensa, visando demonstrar as estratégias discursivas, tais como: Emediato (1996), com a dissertação intitulada “Análise contrastiva da configuração lingüístico-discursiva de títulos de jornais brasileiros (O jornal de referência e popular)”, David (1998), com a dissertação de mestrado intitulada “Análise semiolinguística dos efeitos discursivos em telejornais brasileiros”, Machado (2001) organizadora do livro *Análise do Discurso: fundamentos e práticas*, Mello (2005), organizador do livro *Análise do Discurso e Literatura*, onde temos uma série de artigos de análise do discurso literário, dentre outros diversos trabalhos. Posteriormente, as pesquisas começaram a passar por modificações no que se refere à análise dos *corpora*. Chamamos esse momento de segunda fase da TS (a partir de 2005, com “Les Discours Politiques”). Outros tipos de discursos passaram a ser estudados, tais como o político, o religioso e o judiciário. A

partir dessa segunda fase, Charaudeau ampliou seu leque, tornando-se um analista do discurso num sentido mais amplo.

Recentemente, devido à expansão da *internet* (dos textos digitais), temos muitos trabalhos com *corpus* de fenômenos atuais, ou seja, gêneros discursivos que surgem a partir de uma nova era tecnológica, tais como blogs, redes sociais, imprensa eletrônica etc. Logo, temos uma grande variedade de *corpora* sendo estudados na AD e, claro, na vertente da TS. Como pesquisadores, demonstramos uma habilidade que temos para utilizar diferentes textos, em diferentes gêneros discursivos, pois a TS se propõe a estudar as estratégias usadas por diferentes sujeitos da linguagem em documentos variados para argumentar, seduzir e emocionar. Machado (2001, p.46) enumera os pontos principais da TS:

- A AD deve servir, grosso modo, para analisar os diferentes discursos sociais e suas variantes, de uma cultura para outra. É uma AD que entende a linguagem enquanto veículo social de comunicação;
- Os contratos, os saberes compartilhados, o lado sociocultural dos sujeitos comunicantes são bastante valorizados, uma vez que possuem fortes características psicossociológicas;
- A teoria apresenta um homem que é um ser social (no sentido amplo da palavra), criado/condicionado pela sociedade/cultura do lugar onde vive. Logo, enquanto sujeito-falante, ele “repete” a voz do social, mas o lado psicossocial-situacional lhe garante também uma individualidade. Assim, o sujeito não é nem completamente individual, nem completamente coletivo, mas sim uma mistura dos dois;
- A presença de um forte instrumental teórico através de abordagens que buscam as configurações linguístico-discursivas, levando em conta o lado psicossocial e o lado linguageiro dos sujeitos-comunicantes nos diversos atos de linguagem.

Ainda, para Machado (2018), a teoria semiolinguística valoriza o social, e é ele quem constrói o discurso. Na verdade, há um equilíbrio entre os dois, e esta reflexão parte das questões que passam pela Pragmática, pela Argumentação, pela Psicossociologia, pela Enunciação. As pesquisas são construídas dependendo do *corpus* e da intenção do seu investigador, como já dissemos.

Nosso estudo busca responder a algumas questões que transitam na organização discursiva de narrativas de vida, tais como: como se dá o contrato

comunicacional e a relação dos sujeitos da linguagem dentro dos depoimentos coletados pela *Marie Claire* de suas leitoras. Para a TS, o mundo não é dado *a priori*. Ele é construído e organizado através do discurso por um processo de significação, que compreende procedimentos de transformação e de transação, como veremos no item a seguir. A identidade dos sujeitos é um fator decisivo na atividade discursiva, pois são estes sujeitos que conduzem a encenação do ato de linguagem, como também veremos mais adiante.

Neste item, nosso intuito é apresentar a TS e as categorias e ferramentas de trabalho que serão relevantes para nossa pesquisa. Para isso, vamos nos deter na apresentação dos conceitos com que iremos trabalhar, tais como os sujeitos da linguagem e o contrato comunicacional; os imaginários sociodiscursivos; a construção das identidades e do *ethos*, que veremos a seguir.

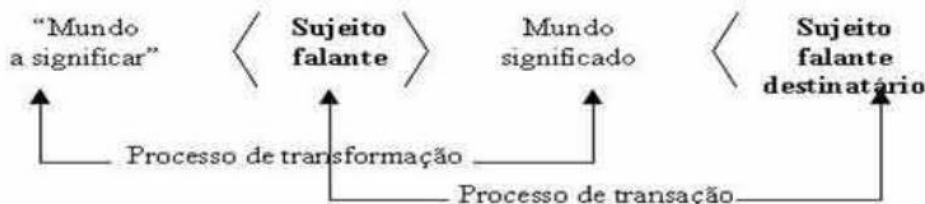
3.2. Os sujeitos da linguagem

Segundo Charaudeau (2001), até o surgimento da Teoria da Enunciação, com as pesquisas de Propp e Benveniste, a língua era tida como um objeto abstrato e os estudos eram voltados para seus sistemas internos. O termo sujeito tinha validade somente como realidade gramatical, sem considerar o sujeito como o ser protagonista da prática da enunciação. As teorias estruturalistas eram reduzidas e limitadas. Com a Teoria da Enunciação, o sujeito incorporou o seu papel como aquele que é o responsável pelo ato de linguagem, carregando para esse ato suas identidades, seus estatutos e seus papéis. Vários teóricos dos anos 1960 apresentaram conceitos sobre emissor e receptor (sobre a oposição Eu/Tu), tais como Jakobson e Benveniste. Podemos ainda citar Barthes, que após as teorias linguísticas desta década, trabalhou, através da semiótica, vários tipos de enunciadores, destinatários etc.

Indagado, ao iniciar a difusão da sua teoria, Charaudeau (1995) explica o porquê do termo “Semiolinguística”. Segundo ele, “sémio-” vem de semiosis, significando uma relação que pode ter forma-sentido, ou seja, uma relação que ocorre em diferentes sistemas semiológicos, movidos por um sujeito que tem uma determinada intenção, que, na verdade, é a de influenciar alguém. Quanto ao termo “linguística”, o teórico quis enfatizar que a forma do sujeito-comunicante é a língua, tida como um material languageiro (forma-sentido). Há a presença da combinação entre a estrutura da língua e a construção do sentido em diversos níveis: palavras, frases, texto, ou seja, é

uma espécie de *semiotização do mundo*. Ainda, para Charaudeau, um ato de linguagem carrega em si uma intenção do sujeito-falante. Logo, a *semiotização do mundo* é realizada da seguinte forma:

FIGURA 2 – Semiotização do mundo



Fonte: CHARAUDEAU (2005, p. 12).

As configurações linguístico-discursivas são produzidas na interação desses dois processos gerais da atividade discursiva: um processo de transformação (mundo a significar transformado em um mundo significado) e um processo de transação (interação entre dois sujeitos, o comunicante e o sujeito interpretante-destinatário), espaço este de restrições situacionais e contratuais, que regula a atividade discursiva, a sua finalidade e seus projetos de influência.

O processo de transformação possui quatro operações, a saber:

- a) Identificação: de seres materiais ou ideais, nomeando-os e conceitualizando-os, a fim de transformá-los em identidades nominais;
- b) Qualificação; atribuição de propriedades aos seres e transformando-os em identidades descritivas;
- c) Ação ou (Actancialização): na medida em que os seres agem e se inscrevem em esquemas actanciais, transformando-os em identidades narrativas;
- d) Causação: lugar em que a ação dos seres recebe uma motivação, inscrevendo-se em esquemas de causalidade.

Do outro lado, o processo de transação contém quatro princípios:

- a) Princípio da interação: pressupõe que todo ato de linguagem é um fenômeno de troca entre dois parceiros que devem se reconhecer. Esses parceiros precisam se reconhecer através dos saberes compartilhados e terem motivações em comum. Precisam também se reconhecerem na diferença entre eles. Esses parceiros precisam

legitimar seus papéis no processo do ato de linguagem. Nesse princípio, funda-se o contrato de comunicação; já que ele implica no reconhecimento do outro;

- b) Princípio da pertinência: pressupõe que os parceiros do ato de linguagem reconheçam os universos de referência. Devem compartilhar os saberes mencionados, os saberes sobre o mundo, sobre os valores psicológicos e sociais, sobre os comportamentos etc. Os atos de linguagem são apropriados a partir do seu contexto, seguindo a finalidade do ato;
- c) Princípio da influência: pressupõe a intenção do sujeito do ato da linguagem, que tem a finalidade de atingir seu interlocutor; seja para fazer agir ou para orientar seu pensamento;
- d) Princípio da regulação: encontra-se em relação restrita com a influência, pois, para toda finalidade de influência, é possível uma resposta de contra-influência. É preciso que os parceiros regulem o jogo de influências, construindo estratégias no interior da prática das regulações.

O processo de transformação funciona a partir do processo de transação. Logo, existe uma dependência do primeiro processo com relação ao segundo: identificar, qualificar e fazer agir os seres, mas também atribuir-lhes uma causalidade, dependendo, é claro, da finalidade do ato de linguagem, de seu caráter de influência, da identidade dos envolvidos na enunciação e da pertinência dos saberes. Este processo agencia a matéria linguística em forma de discurso.

Para exemplificar esses duplos processos, podemos imaginar uma situação: em uma explicação, entre duas pessoas, em qualquer circunstância, ao final da conversa; isto é, após a exposição de um assunto, temos a expressão “c’est tout” (dita por aquela que explicou), no final de uma troca comunicativa, em português. Nesse momento, temos o *processo de transformação*, centrado em “c’est tout” (um sintagma dito em língua francesa numa conversa em língua portuguesa). Para que o ouvinte consiga decifrar o que foi dito é necessário que ele saiba francês e que ele entenda que a explicação foi concluída. Se as duas situações forem construídas, temos o *processo de transação*. Portanto, é necessária a intercompreensão entre os parceiros da linguagem para a construção de um significado. Para Charaudeau, a base do ato da linguagem é a intencionalidade (a dos parceiros da troca languageira). Portanto, os parceiros desse ato têm um propósito, desde que o interpretante também seja capaz de entender a mensagem.

Podemos evidenciar, com essas exposições acerca das trocas languageiras, que o ato de linguagem é guiado pelas circunstâncias situacionais e sociais do discurso, e a sua construção se dá pelo dito e pelo não dito (nas entrelinhas), ou seja, o explícito e o implícito. Ele é um dispositivo onde encontramos o sujeito-falante, seja o sujeito falante de forma oral ou escrita, guiado por um sujeito-comunicante. Para Charaudeau (1992), existem quatro sujeitos que são representados dentro do quadro comunicacional que veremos mais adiante, de uma forma detalhada. São eles: o sujeito-comunicante e o sujeito-interpretante (são considerados sujeitos externos); o sujeito-enunciador e o sujeito destinatário (são considerados sujeitos internos). Esses sujeitos são ligados a um *contrato de comunicação*, e têm uma identidade psicológica e social pré-construída.

Como já sabemos, a TS leva em conta o social, as imagens do sujeito, as máscaras que envolvem o “jogo”, os imaginários discursivos e busca situar o sujeito da linguagem dentro de um contexto em que o ato de fala é realizado. O sujeito da linguagem assume o enunciado, ele toma a linguagem para si. O sujeito é convocado pela linguagem e criado pela sociedade. O contrato comunicacional (que explicaremos mais detalhadamente adiante) é um acordo entre os sujeitos da linguagem, participantes de uma *mise em scène* (encenação). Para Charaudeau (2014), “representamos o ato de comunicação como um dispositivo cujo centro é ocupado pelo sujeito falante (o locutor ao falar ou escrever), em relação com outro parceiro (o interlocutor).” (2014, p. 67)

O sujeito do discurso não é uno. Charaudeau aborda a definição de sujeito como

Um lugar de produção de significação languageira (...). O sujeito não é pois nem um indivíduo preciso, nem um ser coletivo particular: trata-se de uma abstração, sede de produção/interpretação da significação, especificada de acordo com os lugares que ele ocupa no ato de linguagem. (2001, p. 30)

Ele é um indivíduo em seus papéis sociais e, sem sombra de dúvida, o social é múltiplo, uma vez que sofre influência das diferentes vozes que compõem os discursos. Para Charaudeau (2008, p. 433, grifos do autor), “esses discursos de conhecimento e de crença desempenham um papel identitário, isto é, constituem a mediação social que permite aos membros de um grupo construir uma consciência de si e que parte de uma *identidade coletiva*.”. O sujeito na narrativa de vida é um indivíduo, mas ao mesmo tempo, é mais que um indivíduo: ele é um ser construindo a sua “verdade”. O sujeito da linguagem é um efeito de poder, uma vez que ele é criado através dos pensamentos que circulam uma sociedade. E o sujeito charaudiano não é assujeitado, ou seja, controlado

pelas disposições que existem nas sociedades. Ao contrário, ele tem a sua emancipação ao contestar lógicas do poder, ao ter escolhas e agir por si mesmo, projetando uma imagem de si dentro da enunciação.

A análise do texto midiático nos permite refletir sobre as relações construídas entre o “interior” e o “exterior” de um discurso, a heterogeneidade¹¹ enunciada nele e a partir dele, a *doxa*¹² em que ele se ancora. Iremos focar, durante nossas análises, na ação dos sujeitos enunciadores, responsáveis pela construção do sentido, bem como verificar como se dá a construção do texto passando pelos modos de organização do discurso e pela noção de contrato, além de buscar a construção das identidades desses sujeitos nas quais circulam os imaginários sociais.

Em sua *Grammaire du sens et de l'expression*, Charaudeau (1992) propõe categorias da língua dentro do ponto de vista da construção do sentido; propõe, portanto, estudar como o sujeito constrói o discurso no ato comunicacional. As gramáticas tradicionais não entram nessa questão. A AD apresenta uma crítica às teorias estruturalistas que consideram a língua em si mesma, representando a realidade do mundo e com a função básica de informar sobre esse mundo. Para Charaudeau, a visão proposta em sua obra, “é um resultado extraordinário do pensamento, da abordagem teórica de métodos que dizem respeito ao discurso e ao texto” (1992, p. 633). E ainda, “partindo da complexidade dessa nova perspectiva, pede-se que sejamos prudente ao descrever os fenômenos do discurso e da comunicação” (1992, p. 634). Nessa ótica, a língua, na perspectiva da TS, serve para colocar os sujeitos de uma língua em interação, discursivamente, em diferentes formas.

Como já dissemos, o ato comunicacional é conjunto de dispositivos provenientes do indivíduo que incorpora um sujeito falante e que tem uma relação com o sujeito interlocutor (parceiro). Para isso, Charaudeau (1992, p. 634-635) define esses dispositivos. São eles:

¹¹ Heterogeneidade – Um discurso quase nunca é homogêneo: ele mistura diversos tipos de sequências textuais, faz variar a modalização, os registros da língua, os gêneros de discurso etc. Entre os fatores de heterogeneidade, atribui-se um papel privilegiado à presença de discurso ‘outros’ – isto é, atribuíveis a outra fonte enunciativa; Authiez-Revus (1982) introduziu uma distinção amplamente utilizada entre heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 261)

¹² Doxa: é uma palavra emprestado do grego e designa a opinião, a reputação, o que dizemos das coisas ou das pessoas. A doxa corresponde ao sentido comum, isto é, a um conjunto de representações socialmente predominantes, cuja verdade é incerta, tomadas, mais frequentemente, na sua formulação linguística corrente. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 176)

- A situação comunicacional: constitui o quadro físico e mental onde os parceiros trocam as mensagens, determinadas por uma identidade e ligados a um contrato comunicacional. É de ordem psico-social. O lugar onde se constrói uma troca linguageira é o espaço onde a palavra é concebida (projetos de fala ou de escrita);
- Os modos de organização do discurso (narrativo, descritivo, argumentativo, enunciativo) constituem os princípios de organização da materialidade linguística que dependem da finalidade do sujeito da linguagem;
- A língua constitui o material verbal estruturado de categorias linguísticas;
- O texto representa o resultado material do ato comunicacional. Ele é fabricado com uma determinada língua e um discurso. E a sua produção depende da situação comunicacional.

Portanto, o ato comunicacional é algo complexo, uma vez que envolve seres actantes no processo de fala, em uma determinada situação e há, certamente, na fala do sujeito da linguagem, uma intenção – que se reflete na ação do sujeito enunciador sobre o sujeito destinatário.

A enunciação é um termo recorrente na AD e, hoje, é um ponto central nas reflexões sobre a relação entre o sujeito, a linguagem e o mundo. A TS trata a enunciação como ponto relevante na perspectiva do discurso, pois é nela que se encontram as condições de produção do discurso. É no espaço da enunciação que temos a troca linguageira, onde há a combinação do verbal e do situacional, dois componentes que viabilizam uma análise da imagem que o sujeito enunciador projeta de si mesmo ao construir seu discurso, empregando restrições e manobras, criando, por vezes, máscaras. Na construção dessa imagem/*ethos* precisa existir uma legitimação do/dos sujeito(s). Nesse processo estão incluídos os protagonistas e os parceiros da troca linguageira e, nesse espaço onde o discurso é construído (enunciação), são necessários dois princípios básicos que sustentam o ato comunicacional: o *princípio da alteridade* e o *princípio da identidade*. A respeito dos dois princípios, para Paliukonis e Gouvêa (2012, p. 56),

O *princípio da alteridade* postula que todo ato de linguagem é uma troca entre dois parceiros (presentes ou ausentes) que devem se reconhecer como semelhantes – pois compartilham saberes e possuem finalidades comuns – e como diferentes – cada um desempenha um papel particular: de sujeito emissor/produzidor do ato de comunicação (o sujeito-comunicante) e de sujeito receptor desse ato de comunicação (o sujeito interpretante) [...] O *princípio da identidade*, por sua vez, centra-se no próprio indivíduo, é ele que permite dizer: quem sou realmente? Que imagem de mim projeto para o outro? A identidade desse sujeito é bastante complexa. Nela se articulam dados

biológicos, dados psicossociais atribuídos pelos outros e dados construídos pelo próprio comportamento (o que se pretende ser). Todos esses componentes conduzem à construção de duas identidades: a *identidade social* e a *identidade discursiva*.

Logo, a troca entre os parceiros de uma interlocução representa o reconhecimento mútuo, e a projeção dessa troca está vinculada às identidades dos envolvidos no ato comunicacional. É nesse cenário enunciativo dos interactantes de um processo de troca linguageira que se firma uma relação contratual, tendo como base três componentes que, segundo Charaudeau (1996, p. 95), estão envolvidos nessa relação:

- o Comunicacional: corresponde ao quadro físico da situação interacional (qual é a posição física dos parceiros do ato);
- o Psicossocial: refere-se à percepção que os parceiros têm com relação aos outros;
- o Interacional: conhecimento prévio adquirido por cada parceiro (ou construído para si) a respeito do outro. No caso, os parceiros da troca fazem, cada um, um apelo aos respectivos imaginários ou saberes compartilhados.

Portanto, a TS apoia-se no ato comunicacional que envolve uma situação de comunicação que, por sua vez, traz uma identidade (psicossocial) dos envolvidos na troca linguageira ligados por um contrato comunicacional. Segundo Machado (2001, p. 50),

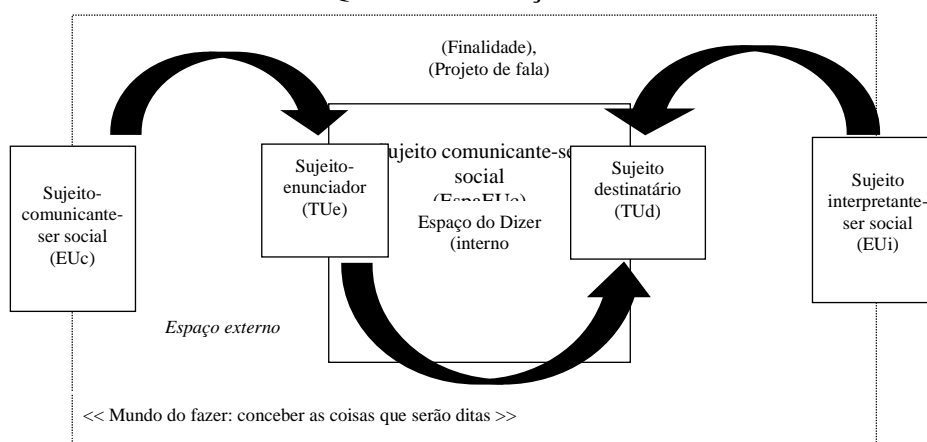
(...) para fazer o contrato comunicacional funcionar, é necessário que o EU-comunicante (Euc) e o Tu-interpretante (Tui) se abram à inclusão de outros sujeitos na cena enunciativa: o Euc aciona um Eue (eu-enunciador) que se dirige, em primeira instância, para um Tud (sujeito-destinatário idealizado). Ambos, Eue e Tud são seres de *mundo de palavras*.

Portanto, para apreendermos mais profundamente o que vem a ser a situação comunicacional do ato de linguagem segundo a TS, precisamos recorrer ao quadro comunicacional, trazendo os dispositivos do contrato de comunicação charaudiano para o cenário da troca linguageira, passando pela situação comunicacional em que os parceiros desse ato comunicativo estão engendrados e ligados entre si por esse contrato, surgindo as relações necessárias entre os sujeitos da linguagem. Mais precisamente, nesta pesquisa, o sujeito na narrativa de vida que é um indivíduo que busca e constrói a sua verdade.

3.3. O contrato comunicacional

Na TS, as condições de base do ato de linguagem, que dizem respeito às identidades dos sujeitos, a sua finalidade, ao seu propósito e ao suporte utilizado, são estruturadas no contrato de comunicação. Logo, podemos afirmar que o contrato possui uma natureza situacional, que insere a identidade e o estatuto dos sujeitos participantes da troca linguageira, determinando seus comportamentos através da linguagem. Charaudeau aborda o ato de linguagem igualmente como um dispositivo complexo, onde estão localizados os parceiros, ou seja, o sujeito falante e o seu interlocutor, ligados por um contrato de comunicação que prevê negociações conversacionais. Nos estudos que se referem à linguagem, mais precisamente na TS, a maneira como os sujeitos do discurso são representados numa produção discursiva, bem como as coerções e os espaços de manobra, são bem representados pela noção de contrato de comunicação, que vai além das noções que circulam vários campos das Ciências Humanas em geral, como, por exemplo, a noção jurídica de contrato. No âmbito que tratamos aqui, o contrato diz respeito a trocas linguageiras que se realizam através de um sujeito-comunicante (EUC) que se transforma em um sujeito-enunciador (EUE). O primeiro se comunica com um sujeito-interpretante (TUI), que, por sua vez, se desdobra em um sujeito-destinatário (TUD). Para que nessa troca haja um contrato entre os interlocutores da fala, é necessária a aceitação do discurso pelo sujeito-interpretante que receberá a mensagem. E ainda, o contrato poderá ser efetivado ou não de acordo com as condições de recepção e de compreensão do sujeito-interpretante. Essa situação é representada pelo quadro:

FIGURA 3 – Quadro da situação comunicacional



O ato de linguagem apresenta-se como uma encenação dos seus interactantes, através de uma encenação (*mise en scène*), ou seja, é um dispositivo que dispõe dos seguintes componentes já citados (situação comunicacional, modos de organização do discurso, a língua e o texto). A relação contratual depende destes componentes, uma vez que a base da TS está localizada entre a troca linguageira dos parceiros e a situação comunicacional. Charaudeau, desde 1983, chama esse espaço de *mise en scène*. Acreditamos que a expressão utilizada por ele é bastante pertinente, uma vez que a troca linguageira, seja ela oral ou escrita, é uma espécie de momento teatral, em que os sujeitos externos da linguagem estão construindo o discurso, ou seja, trata-se de uma representação de mundo, um mundo da linguagem em sociedade. Exemplifiquemos com um cenário essa formulação. Supomos que um médico, ao atender um paciente, utilizará um tipo de vocabulário pertinente ao momento e ainda terá atitudes de um médico dentro do processo interativo do consultório. O mesmo, entre família, não terá a formalidade que cabe à primeira encenação; torna-se-á mais informal e mais engajado no ambiente familiar. Portanto, a *mise en scène* charaudiana fala dessas situações comunicacionais, nas quais cada sujeito incorpora um papel seguindo suas intenções em seu projeto de fala. Para Machado, uma das precursoras da TS no Brasil,

A terminologia *mise en scène* de Charaudeau é bastante feliz. Na verdade, todos nossos atos de linguagem têm um lado 'teatral' já que, se quisermos ser bem sucedidos em nossas comunicações cotidianas, na vida em sociedade, temos de estar sempre atentos para produzir a encenação adequada... Enfim, tudo se aplica, se pensarmos que a AD no seu sentido amplo, enquanto disciplina, toma por base três tipos de discursos bem "representativos", no sentido teatral da palavra: o discurso teatral, o discurso jurídico e o discurso lúdico. (2001, p. 50)

Logo, dentro dessa perspectiva, comunicar é se dispor de uma encenação, a *mise en scène*, da qual fazem parte seres históricos-sociais. Esses seres de palavras que constroem o ato comunicacional estão dentro de uma situação, em um determinado espaço e tempo. O ato de linguagem é uma espécie de "jogo" movido por interesses e intenções desses seres de palavras e este é um ponto forte presente da TS, para as reflexões acerca do discurso. Esse "jogo" possibilita um conjunto de manobras de acordo com a intencionalidade dos parceiros do ato comunicacional, fazendo parte das estratégias dos sujeitos comunicante e interpretante. Ainda, para Machado (2001), temos um problema segundo as próprias palavras do Charaudeau:

Há um sujeito que cria seu texto a partir de dados extraídos de sua cultura, de suas convicções e de seu *ethos*, do universo discursivo que lhe é próprio, a ele, sujeito-individual único. Mas, essas convicções vão encontrar eco no sujeito coletivo e social, cujos gestos e palavras são determinadas por uma ideologia de vida ou, se preferirem, por contratos sociais dominantes. Nem completamente livre, nem completamente submisso, eis como vemos tal sujeito, evoluindo num mundo dominado pelas práticas e trocas languageiras. (2001, p.51)

Como já dissemos, o sujeito charaudiano não é assujeitado, porém ele se situa nessa *mise en scène*, cuja finalidade é buscar um equilíbrio na troca languageira entre os parceiros de um ato comunicacional e, para isso, existem contratos que podem dar certo ou não, no sentido de atingir um objetivo/uma intenção através das estratégias discursivas ali presentes. Com a aplicação da TS, podemos levantar os pontos importantes dessas marcas encontradas nos “jogos” languageiros, em uma dada situação de comunicação, mostrando as relações contratuais dessa troca.

O quadro do contexto onde circulam as vozes dos sujeitos da linguagem é por demais importante na construção do sentido de um texto. Esse quadro influencia as atitudes e comportamentos dos sujeitos do quadro comunicativo, uma vez que eles agem seguindo a dinâmica social. Para Braighi (2016), segundo Charaudeau,

o contrato deve ser aquilo que fala antes que qualquer coisa seja dita, e entendido antes mesmo que seja lido (*apud* DAVID-SILVA, 2005). Para o autor, há uma espécie de espaço de mediação entre os mundos real e o de representação. O contrato de comunicação seria o lugar, então, em que se articula a finalidade comunicativa e se extrai o sentido do ato de linguagem. (2016, p. 138)

Os dois circuitos do quadro comunicacional (o externo e o interno) necessitam estabelecer imbricamentos, uma vez que os interlocutores precisam reconhecer seus papéis dentro da *mise en scène* para que a troca languageira seja reconhecida e o contrato seja estabelecido. Para isso, é preciso também existir uma negociação entre esses parceiros, utilizando-se de recursos estratégicos para a legitimidade dos projetos de fala. O diálogo entre os “atores” da *mise en scène* será estabelecido, efetivamente, a partir do momento em que o contrato comunicacional for efetivo, ou seja, for reconhecido pelos sujeitos da linguagem de uma troca languageira. Aqui, nesta perquisa, almejamos estabelecer esses papéis que protagonizam a construção do sentido no texto, papéis estes que estabelecem um viés do contrato entre narradora e leitora.

Se nos perguntarmos: quando o contrato é realmente efetivado? Acreditamos que sua efetivação se dá quando existem elementos consistentes para a sua validação, tal como o reconhecimento do outro no processo comunicativo, dentro de uma situação comunicativa, proveniente dessa troca languageira. Se existe uma troca, e nesta troca um elo é estabelecido, o contrato foi firmado entre os interlocutores do ato comunicativo. Esse ato comunicativo tem objetivos específicos dos sujeitos envolvidos e é necessário que ele tenha uma potencialidade. Para Emediato

Uma situação é potencialmente comunicativa quando ela consegue reunir as condições necessárias para ligar os interlocutores por interesses comuns pela interação e, a partir daí, cada momento evidenciará a seleção de parâmetros contratuais (temas, maneiras de dizer, posicionamentos, saberes e valores compartilhados, socioletos, respeitos a certas regras conversacionais etc.) que, objetos de avaliação recíproca, são *validados* (efetivando contratos) ou *não validados* (rompendo a interação ou exigindo ajustes). (2007, p. 84, grifos no original)

Quando os interlocutores reconhecem em si os “jogos” de interesse e estabelecem uma troca em potencial há, na *mise en scène*, o contrato de comunicação. Logo, quando é criado um discurso dentro desse processo comunicado, é necessário que ele passe por ajustes e adequação para que a intencionalidade dele seja alcançada e legitimada dentro da troca languageira.

3.4. Os modos de organização do discurso

Os modos de organização discursiva têm a finalidade de apresentar certas categorias da língua para ordenar as finalidades discursivas de um ato comunicacional e se propõem a uma organização do mundo referencial, portanto, são utilizados pelo locutor para construir esse ato de acordo com as suas intenções. Essas categorias participam do funcionamento da comunicação entre sujeitos e estão agrupadas em quatro modos: o enunciativo, o descritivo, o narrativo e o argumentativo. Cada um desses modos tem uma função de base e um princípio de organização. Segundo Charaudeau, “a função de base corresponde à finalidade discursiva do projeto de fala do locutor, a saber: O que é enunciar? O que é descrever? O que é contar? O que é argumentar?” (1992, p. 641). E “o princípio da organização é duplo e passa pelo descritivo, narrativo e argumentativo.” (1992, p. 642). Os modos de organização do discurso são utilizados a partir da intenção do falante, que irá utilizá-los de acordo com o contexto (ou ainda, da *mise en scène*) do seu projeto de fala, ou seja, cada um deles

possui uma função de base e um princípio de organização; cada um desses modos propõe uma organização do mundo referencial, segundo uma lógica de construção desse mundo e uma organização da sua encenação. Para Charaudeau,

Comunicar é proceder uma encenação. Assim como, na encenação teatral, o diretor de teatro utiliza o espaço cênico, os cenários, a luz, a sonorização, os comediantes, o texto, para produzir efeitos de sentido visando um público imaginado por ele, o locutor – seja ao falar ou escrever – utiliza componentes do dispositivo de comunicação em função dos efeitos que pretende produzir em seu interlocutor. (2008, p. 68)

O modo enunciativo tem um lugar particular dentro dos modos de organização, uma vez que ele trata da posição do locutor em relação ao seu interlocutor, mas também intervém na *mise en scène* de cada um dos outros modos de organização. Charaudeau aborda que, por este motivo, o enunciativo comanda os demais modos.

Vejam os quadros dos modos de organização do discurso de Charaudeau (1992):

Modo de Organização	Função de Base	Princípio de Organização
Enunciativo	Relação de Influência (Eu – Tu) Ponto de Vista Situacional do Sujeito (Eu – Ele) Retomada sobre o que foi dito sobre o mundo (Ele)	Posição com relação ao interlocutor Posição com relação ao mundo Posição com relação a outros discursos
Descritivo	Identificar e qualificar os outros no mundo de maneira subjettiva/objetiva	Organização da construção descritiva: Nomear – localizar – qualificar A cena da descrição: Efeitos e processos
Narrativo	Construir a sucessão das ações de uma história dentro de um tempo, com a finalidade de relatar seus atores	Organização da lógica narrativa: atores e processos A cena da narração: identidades e estatutos do narrador
Argumentativo	Explicar uma verdade dentro de uma visão racional para influenciar o interlocutor	Organização lógica argumentativa A cena da argumentação: procedimentos semânticos e discursivos

Fonte: CHARAUDEAU (1992, p. 642).

A *mise en scène* protagonizada pelo locutor utiliza-se de categorias da língua com a intenção de produzir sentido. Essa manobra é perceptível no contrato comunicacional, uma vez que, no ato da linguagem, o sujeito-comunicante opera certos objetivos/intenções, ou seja, o falante possui estratégias que o levam a desempenhar

papéis pertinentes ao seu propósito. Contudo, o ato comunicacional é desenvolvido com as marcas de identidade do locutor, que ali desempenha e cria uma imagem de si para o seu interlocutor.

3.4.1. O modo de organização enunciativo

Charaudeau pede para não confundirmos o modo de organização enunciativo com a situação comunicacional (1992, p. 647). Este último é o espaço onde estão localizados os parceiros do ato comunicacional; no segundo temos os protagonistas, seres da palavra, participantes do circuito interno da linguagem. Logo, o modo enunciativo é a forma por meio da qual o sujeito falante se coloca na *mise en scène* do ato comunicacional, seja expondo, formulando ou exprimindo uma referência de mundo. Segundo Charaudeau (1992, p. 648-649), o modo de organização enunciativo tem três funções:

- estabelecer uma relação de influência entre o locutor e interlocutor;
- revelar o ponto de vista do locutor;
- testemunhar o dizer de outro, um terceiro.

Os procedimentos que permitem a construção enunciativa são de ordem linguística, uma vez que explicam os tipos de relações do ato enunciativo, por meio de processos de modalização do enunciado, e de ordem discursiva, uma vez que contribuem para a ordenação dos outros modos de organização do discurso. A título de exemplo, no modo descritivo, por meio dos efeitos de ficção e de realidade; no narrativo, pelas maneiras de intervenção do narrador e seu status, e no argumentativo, pelas posturas do sujeito que argumenta etc.

A modalização, tida como uma categoria linguística, permite a explicitação dos pontos de vista locutivos do locutor. Ela compõe-se de alguns atos enunciativos, chamados atos locutivos, que correspondem à posição particular do locutor com relação à ação de locução. Esses atos, por sua vez, traduzem-se em subcategorias, nomeadas modalidades enunciativas. Portanto, existem três relações entre os sujeitos do ato comunicacional. Na primeira, há uma relação entre o locutor e o interlocutor (comportamento alocutivo), na qual o sujeito falante anuncia um posicionamento para o interlocutor com a intenção de agir sobre ele (ponto de vista accional). Na segunda, há uma relação entre o locutor e o mundo (comportamento elocutivo), o sujeito enuncia seu

psicionamento com relação ao que está sendo dito sobre o mundo, emergindo daí uma tomada de posição. Já na terceira, há uma a relação do locutor com um terceiro (comportamento delocutivo), o sujeito se apaga do seu ato enunciativo com relação a outros discursos que se opõem ao seu e não implica o interlocutor.

A construção enunciativa se dá através dos processos linguísticos e discursivos. Os primeiros utilizam-se das categorias da língua, bem como dependem da posição do falante na enunciação; os segundos são procedimentos que serão utilizados nos diferentes modos de organização (encenação descritiva, encenação narativa e encenação argumentativa). Portanto, o modo de organização enunciativo é a relação do locutor com o outro, com ele mesmo e com o mundo.

Quadro dos procedimentos da construção enunciativa:

Relações Enunciativas	Especificações Enunciativas	Categorias da Língua
Relação do Interlocutor (Influência)	Relação de Força Locutor/Interlocutor Relação de Demanda Locutor/Interlocutor	Interpelação Injunção Autorização Advertência Julgamento Sugestão Proposição Interrogação Petição
Relação do Dizer (Ponto de Vista da Situação)	Modo de Saber Evolução Motivação Engajamento Decisão	O saber O ignorar A opinião A apreciação A obrigação A capacidade O desejo A promessa A aceitação A declaração
A Relação com o Terceiro (Testemunho sobre o mundo)	Como se colocar no mundo Como falar ao outro	Asserção Discurso relatado

Fonte: CHARAUDEAU, 1992, p. 651.

3.4.2. O modo de organização descritivo

Charaudeau (1992) inicia sua explicação sobre o modo de organização descritivo a partir da problemática que envolve a terminologia do termo. Para ele, as questões que envolvem esse modo discursivo estão ligadas à prática escolar e à confusão que gira em torno dos enunciados das questões, por exemplo. Os termos

contar e descrever possuem uma distinção pequena e é evidente que, num relato, a descrição e a narração sejam modos extremamente ligados. Pode-se descrever um cenário contando como ele é, ou seja, narrando. E, ainda, descrever um dia, o que corresponderia mais a um contar. Porém, para ele, descrever consiste em nada além de fazer existir os seres no mundo, sigularizando-os, por meio de processos de nomeação, como o resultado de uma operação de ordenação dos seres em classes, tornando-os significantes no mundo. É necessário localizar os seres no espaço e qualificar esses seres, descobrindo as suas propriedades, especificando-as segundo suas particularidades.

Sabemos que um texto é sempre heterogêneo e que pode remeter a várias sequências textuais das quais um gênero é frequentemente organizado e concebido, através de diversas ordens organizacionais do discurso. Por isso, Charaudeau (2008, p. 109) aborda a necessidade de tratar o descritivo em três níveis distintos:

Situação de comunicação (que se define em termos de contrato e determina uma finalidade ao texto dela resultante; *o modo de organização do discurso* (que utiliza, em seu fazer, categorias da língua); *o gênero de texto* (que extrai sua finalidade dos interesses em jogo da situação de comunicação).

A título de exemplo, é possível perceber esses níveis em um texto guiado pelo modo de organização descritivo percebe-se esses Charaudeau (2008, p. 109) utiliza uma receita de cozinha que possui categorias de língua pertencentes a outros modos de organização para demonstrar os níveis:

a situação comunicacional é definida como um modelo a seguir (um guia), e o Modo de organização é descritivo: ora descreve uma sucessão de ações (fazer, pegar, por na água, descansar etc.), ora ele descreve uma sucessão de atos enunciativos que são ordens de execução (faça, pegue, ponha na água, descasque etc.)

Para distinguir os modos descritivo e narrativo, é preciso diferenciar um do outro pelas categorias da língua (adjetivo, pronomes definidos etc.) ou pela ausência de algumas marcas linguísticas (tais como a presença de verbos de ação, semântica dos verbos, empregos dos tempos verbais etc.). Entretanto, não podemos nos apoiar somente nessa distinção, uma vez que uma categoria utilizada em um texto não pode determinar uma ordem discursiva – já que o texto é heterogêneo, como já relatamos –, e ela pode estar presente em outros modos de organização. Logo, para Charaudeau (2008), as categorias linguísticas não são determinantes para apontar um modo específico.

A definição de modo organizacional descritivo é, portanto, um procedimento discursivo a fim de descrever algo, sejam seres ou situações, dentro de um texto, para definí-los. Os componentes da construção descritiva têm três formas independentes e indissociáveis: nomear, localizar e qualificar. Para Charaudeau (1992, p. 660-664), os componentes têm o seguinte papel:

- *nomear* é dar existência a um ser, mas não meramente dar uma etiqueta, mas conceber um universo ao ser, numa espécie de percepção e qualificação. É o reconhecimento dentro do mundo;
- *localizar* (ou situar) é determinar o lugar ocupado dentro de um espaço e tempo, ou seja, dar ao ser uma razão de ser, sua posição espaço-temporal;
- *qualificar* é dar ao ser propriedades que o diferenciam do outro, ou seja, é dar atribuição de forma explícita, dar qualidades.

Charaudeau afirma que o modo descritivo está sempre ligado aos outros modos de organização, narrativo e argumentativo e, em determinadas situações, ele depende desses para construir um sentido. Entretanto, o modo descritivo tem uma lógica interna que o diferencia dos demais (1992, p. 665-666).

Os processos discursivos do descritivo são de identificação (nomear), de construção objetiva do mundo (localizar) e de construção subjetiva do mundo (qualificar). Cada um possui uma finalidade, que são, respectivamente, fazer existir um ser, construir uma visão de verdade sobre o mundo e construir uma visão sobre o mundo de acordo com a sua própria visão.

Os processos linguísticos do descritivo utilizam várias categorias da língua que combinam com os processos discursivos. As categorias que correspondem à nomeação são os tipos de denominação (por exemplo, nomes comuns e próprios); os tipos de indeterminação (relato com atemporalidade); os tipos de atualização (os artigos); os tipos de dependência (pronomes possessivos); os tipos de designação (pronomes demonstrativos); os tipos de quantificação (uso de quantificadores); os tipos de enumeração (uso de dêiticos, artigos, nomes no plural não precedidos de artigos).

Para exemplificar algumas categorias descritivas que correspondem à nomeação, leiamos os enunciados do nosso *corpus*:

Passagem 5) Mon mari est addict au sexe.

Meu marido é compulsivo sexual.

(pronome possessivo: meu – substantivo nominativo - marido)

*Passagem 6) Lorsque j'épouse Pierre, il y a dix-neuf ans, je n'ai aucun doute: c'est pour La vie!
Quando casei-me com Pierre, há 19 anos, eu não tive dúvida: é para a vida toda.*

(substantivos nominativos: Pierre, eu, vida)

As categorias que correspondem à localização são as categorias que têm o efeito de enquadrar num tempo e espaço, identificando lugares e épocas. Ou, ao contrário, deixam incertos esses lugares e épocas. Leiamos, a título de exemplo, mais enunciados do nosso *corpus*:

Passagem 7) A empresária Sabrina Nunes viajou de Minas Gerais para Mato Grosso do Sul em busca de emprego.

Meu pai morreu quando tinha três anos de idade. Por isso, fui criada pelo meu padrasto em Itinga, interior de Minas Gerais. Ele foi o responsável por me levar para Maracaju, no Mato Grosso do Sul, para onde fui em busca de emprego.

Minas Gerais – Itinga e Mato Grosso do Sul – Maracaju: localizadores

Três anos de idade: época (data incerta)

As categorias que correspondem à qualificação são o uso de categorias que permitem constuir uma visão do mundo, seja de forma objetiva, seja de forma subjetiva, acumulando detalhes de precisão ou utilizando analogias de forma explícita ou implícita. (1992, p. 686-693). Novamente, exemplifiquemos:

Passagem 8) Diante de tantas idas e vindas, não acreditava que teria uma vida feliz.

Não ter uma vida feliz: uma visão subjetiva do mundo.

Passagem 9) A partir daquele dia, ganhei um quarto, roupas novas e tudo a que seus filhos biológicos tinham direito. Finalmente podia contar a todos que tinha pai, mãe e uma casa bonita.

Ter uma vida feliz finalmente: uma visão objetiva devido ao acontecimento concreto.

A *mise en scène* do modo descritivo passa pelos *efeitos de sentido*, tornando o sujeito falante em descritor, para fazer surgir efeitos de saber, efeitos de realidade e de ficção, efeitos de confiança, efeitos de gênero; pelas *disposições gráficas*, ou seja, como o texto pode se apresentar ao realizar uma descrição; pelos *procedimentos de composição*, tais como uma descrição para informar, uma para contar, uma para explicar (CHARAUDEAU, 1992, p. 694-707).

3.4.3. O modo de organização narrativo

Este modo de organização do discurso é bastante importante para a nossa pesquisa, uma vez que nosso *corpus* é composto por histórias de vida. Segundo

Charaudeau, o modo de organização narrativo *é delicado de se tratar* (1992, p.709). Este modo é objeto de diversas formas de estudo, passando por correntes literárias até chegar na linguística. Dentro do ambiente escolar, há uma grande tradição em estudar textos narrativos, sendo eles o principal objeto de estudo nas escolas em todos os níveis. Acreditamos que o estudo sobre a narrativa não é um objeto exclusivo da Linguística do Texto e do Discurso. Para Cunha (2015, p. 36):

Ainda que cada disciplina defina o fenômeno ‘narrativa’ a seu modo e ainda no interior de cada disciplina a complexidade desse fenômeno resulte em multiplicidade de definições, o estudo da narrativa mereceu e tem merecido a atenção de estudiosos da Filosofia (Ricoeur, Sartre), da Literatura (Propp, Tomachévsky, Todorov, Genette), da Psicologia (Fayol, Brunner), da Antropologia (Levi-Strauss).

Charaudeau (1992) define a narração como uma forma de contar as ações de um acontecimento. Nesse ato de contar, há um contador (narrador), que tem uma intenção ao transmitir alguma coisa a alguém (destinatário – leitor, espectador, auditor), ou seja, uma sequência de acontecimentos que são transformados em narrativas. Ainda, para o teórico, contar não é somente descrever um episódio: “Contar representa uma busca constante e infinita; é dar resposta às questões fundamentais que o homem coloca: Quem nós somos? Qual a nossa origem? Qual o nosso destino? Ou seja, qual é a verdade sobre nós?” (1992, p. 712. Trad. nossa). Portanto, o homem não para de fazer tais questões e a cada dia questiona outras dúvidas complexas.

Por isso, para contar algo, o indivíduo recorre a recursos que possuem vários pontos antagônicos, tais como contar algo entre o real e a ficção e, ainda, contar algo envolvendo a unicidade e a pluralidade. O teórico ainda diz que a narrativa é uma totalidade, e o narrativo é um componente do texto. Não devemos confundir os conceitos de narrativa e o narrativo. Segundo Charaudeau (1992, p. 710), a definição desses dois conceitos não é clara. A narração pode ser definida pelo ato de contar, por uma exposição escrita ou oral de alguma história; o narrativo é definido como uma forma de narrar, é um segmento de texto resultante da narração. A narrativa engloba os modos de organização do discurso, tanto o narrativo quanto o descritivo, pois há muita descrição de seres e lugares dentro da narrativa.

Os sujeitos da linguagem, dentro do quadro comunicacional narrativo, possuem papéis que os identificam como aquele que descreve ou narra. No modo de organização do discurso narrativo, temos dois papéis: o sujeito que descreve (papéis de observador) e

o sujeito que narra (aquele que testemunha e tem o contato direto com o que está se passando).

O princípio da organização do modo de organização narrativo passa pela lógica narrativa e pelos seus componentes. O discurso construído pelo narrativo não se esgota e tem uma sequência de ações bem definidas obtendo dois níveis: possui uma estrutura lógica que marca cada passo do texto narrado e possui uma superfície semântica que dá logicidade ao texto. Logo, temos uma sucessão de ações que seguem uma lógica acional e uma *mise en scène* narrativa, em torno de uma organização acional. Enfim, temos uma organização lógica narrativa e uma organização de encenação narrativa. Os componentes narrativos são de três tipos: os actantes (que possuem papéis durante as ações); os processos que ligam os atores entre si e as sequências que integram os processos dos atores e precisam ter uma certa organização.

Os processos da narrativa estão ligados às categorias da língua, mas não podemos nos esquecer das categorias da organização do discurso. Esses processos significam a semantização das ações proferidas pelos actantes da narrativa e têm relação com os papéis narrativos, o que Charaudeau chama de funções narrativas (1992, p. 724). São elas: função narrativa e acional; hierarquização; processo e qualificação. Charaudeau teve influência de Propp, através de seus trabalhos sobre a semiótica narrativa, cuja análise foi feita dos contos de fadas russos. Estes trabalhos provocaram uma reflexão sobre o chamado de “análise estrutural narrativa”, depois de “poética”, de “narratologia” ou de “discurso da narrativa” (2014, p. 153). Portanto, as diversas vertentes teóricas sobre as narrativas deram uma multiplicação de estudos referentes a esse modo de organização.

As sequências narrativas são bem delimitadas. Temos quatro momentos dentro do texto: situação inicial, estado de atualização, clímax e estado final (resultado da busca que pode obter o sucesso ou o fracasso). Nessas sequências, temos o princípio da coerência (ações determinantes e não arbitrarias), o princípio da intencionalidade (algo a ser motivado), o princípio do encadeamento (produção de etapas produzidas pelo conjunto dos princípios da coerência e da intencionalidade) e o princípio da localização (organização lógica, onde se situam os principais motivos da narrativa).

Os procedimentos da narrativa são o resultado da sua *mise en scène* lógica. E, por isso, eles são construídos a partir de agentes que possuem uma motivação intencional, além de obedecerem a uma cronologia, contínua ou descontínua. O

dispositivo dessa *mise en scène* será aplicada nos capítulos de análise, pois o modo organizacional narrativo é uma categoria forte a ser aplicada no *corpus*. É por meio dele que iremos definir os papéis dos sujeitos nas narrativas de vida, buscando também os pontos de vista externo e interno desses sujeitos.

A partir disso, para Charaudeau (2016, p. 348-349), o sujeito constrói sua própria identidade narrativa. É um sujeito que sabe e que age sobre o mundo. Ao tentar construir sua identidade dentro da narrativa através da linguagem, ele se torna um sujeito possuidor da identidade narrativa, uma vez que se apropria do tempo, transformando uma história em narrativa, vivenciando também uma “experiência temporal” (RICOEUR, 1985). Esse autor aborda que o sujeito falante se apropria de uma identidade no papel de contador e detentor do princípio da interação. Isso seria o que Charaudeau (2016) chama de identidade narrativa. O sujeito também visa alcançar o outro utilizando modos da organização do discurso para realizar o ato comunicacional. O sujeito possui motivações interna (sujeito que conta – sujeito enunciativo) e externa (o sujeito que comunica – sujeito comunicante). Ainda, para Charaudeau (2016, p. 349),

O sujeito trata não só da descrição, da narração ou da argumentação, mas também de um sujeito que descreve, que narra e que argumenta, no interior de um quadro de contrato comunicação no qual ele constrói seu ‘projeto de fala’. Ora, se a construção do texto depende diretamente do contrato de comunicação e do projeto de fala do sujeito falante, este último tem um papel protagonista na aplicação dos modos de organização do discurso. Acreditamos que o contador de histórias tem uma visada narrativa que está impregnada de encantamento segundo as intenções do sujeito da fala. Explicaremos esse papel do sujeito que conta no capítulo das análises do *corpus*.

3.4.4. O modo de organização argumentativo

Para Charaudeau (1992, p. 779), o modo de organização argumentativo é o mais difícil, uma vez que os sujeitos operam dentro do quadro de posicionamentos, o que ele chama de *operações do pensamento*. Desde a Retórica, a argumentação é um ponto da Ciências da Linguagem que fascina bastante, talvez seja pelo poder que ela tem dentro de um discurso qualquer. Esse modo possui uma dimensão argumentativa que trata as estratégias argumentativas como categorias da organização do discurso. Porém, para Emediato:

A dimensão argumentativa permite ao analista dar conta de numerosos discursos que não possuem uma visada argumentativa declarada, mas que comportam mesmo assim uma intenção de agir sobre as crenças do leitor e suas representações sobre o mundo social. (2016, p. 71)

Sabemos que a argumentação supõe a existência de uma asserção sobre o mundo cuja legitimidade interessa a alguém, ou seja, de um sujeito engajado em desenvolver um raciocínio que estabeleça uma verdade, direcionada ao alvo do sujeito que argumenta. O sujeito que argumenta envolve-se, então, em uma atividade discursiva que realiza duas buscas: uma busca pela racionalidade (uma verdade, no que se refere aos fenômenos do universo) e uma busca pela influência (que se dirige ao ideal de persuasão, levando o sujeito alvo a compartilhar um universo de discurso, de forma que legitime ou aceite a proposição do sujeito que argumenta). Para que o sujeito argumentante construa sua argumentação de forma plausível, são necessários certos procedimentos que se inscrevem em uma visão racionalizante, marcada por uma lógica e um princípio de não contradição. Logo, o modo de organização tem como função permitir a construção de explicações sobre asserções feitas sobre o mundo, quanto à experiência ou ao conhecimento, numa perspectiva demonstrativa e persuasiva.

Charaudeau (2009, p. 205) observa os aspectos necessários à argumentação:

- Uma proposta sobre o mundo que provoque um questionamento quanto à legitimidade da proposta.
- Um sujeito convicto com relação a esse questionamento e que desenvolva um raciocínio para tentar convencer sobre a validade de sua proposta.
- Um outro sujeito que seja o alvo de tal argumentação.

Este quadro representa o processo argumentativo:

FIGURA 4 – Processo argumentativo



Quadro baseado na apresentação de Charaudeau (2014, p. 205).

A argumentação define-se numa relação triangular entre o sujeito que argumenta, uma proposta sobre o mundo e um sujeito-alvo, como o quadro acima. Segue a disposição da encenação argumentativa, que opera a razão persuasiva:

O dispositivo argumentativo	Proposta	“Tese”
	Proposição	“Quadro de questionamento”
	Persuasão	“Quadro de raciocínio”
Os tipos de configuração	Situações de troca	“Monologal e Dialogal”
	Contrato de comunicação	“Explícito e Implícito”
As posições do sujeito	Com relação á proposta	“Tomada de posição (a favor/contra) “Não tomada de posição”
	Com relação ao emissor da proposta	“Rejeição do estatuto” “Aceitação do estatuto” “Autojustificativa”
	Com relação a sua própria argumentação	“Engajamento e argumentação polêmica” “Não engajamento e argumentação racional”

Além desses elementos de base, a relação argumentativa dá-se por meio de outros componentes: modos de encadeamento (articulação das relações de conjunção, disjunção, restrição, oposição, causa, consequência, finalidade, relações de sentido); tipos de condições lógicas (ordem do possível, do provável e do necessário); valor de verdade (generalização, particularização e hipótese). Esses componentes da lógica

argumentativa combinam-se entre si, constituindo os modos de raciocínio que organizam a razão demonstrativa, seja por dedução, explicação, associação, escolha alternativa ou concessão restritiva.

No plano argumentativo apresentado pelo modo de organização do discurso, as narrativas possuem estratégias dentro da *mise em scène*, como já dissemos. Nos textos do nosso *corpus* podemos evidenciar trechos que representam bem o quadro argumentativo apresentado. A título de exemplificação, vejamos:

Depoimento: “Eu, leitora: Fui estuprada nas férias e usei minha dor para ajudar outras mulheres”

Apresentação da narrativa, por *Marie Claire* (3ª pessoa): “A psicóloga Niyc, 29 anos, estava na Espanha com amigos quando foi brutalmente atacada por um rapaz que havia conhecido na praia dois dias antes. Desesperada, voltou para casa sem dar queixa e passou a evitar o assunto até com os mais íntimos. Dois anos se passaram até ela conseguir contar a história para os pais, enfrentar o trauma de frente e começar a se tratar. Depois de um processo terapêutico sofrido, que durou dez meses, deu a volta por cima, escreveu um livro em que conta sua experiência – entrou para a ONU e hoje sua missão é apoiar outras vítimas de violência.”

Fragmentos do depoimento (1ª pessoa):

Passagem 10) Fazer terapia foi uma das coisas mais difíceis da minha vida. Me sentia com as feridas tão abertas que só conseguia falar com as pessoas por telefone.

Passagem 11) Quanto mais ele me agarrava, mais eu berrava. Naquele momento, entendi que não havia mais jeito. Ele iria me estuprar.

Me sentia constantemente exausta e fui diagnosticada com fadiga suprarrenal. Antes de qualquer reunião, ficava trancada no carro, aos soluços.

Passagem 12) Na primeira vez que compareci a uma cerimônia de premiação, no ano passado, e contei em uma sala com 100 pessoas que fui estuprada, tremi de medo. Mas, no fim, algumas garotas vieram até mim com lágrimas nos olhos dizendo o quanto eu as havia ajudado e percebi a importância de contar minha história. Minha missão é fazer as pessoas entenderem que todas as experiências fazem parte de SUAS histórias e não podem (nem devem) nos impedir de viver.

Logo, temos um tema polêmico: estupro.

Temos dois sujeitos: sujeito comunicante (revista autora real/editora) e o sujeito enunciador (narradora/leitora e personagem)

Público-alvo: as mulheres

Ao analisarmos o trecho com base no dispositivo argumentativo, temos: questionamento, o porquê do silêncio das mulheres vítimas de estupro.

Ao buscarmos a situação de troca, temos: monologal, pois as leitoras não têm como interagir de imediato ao ler o texto (somente escrevendo uma carta ou e-mail à revista).

Contrato de comunicação: explícito, pois o tema é discutido e leva o público-alvo a fazer uma reflexão sobre o problema;

As posições do sujeito:

- 1 – Existe uma tomada de posição com relação ao tema (proposta), principalmente do sujeito comunicante (autora real/editora) ao expor o assunto na seção da revista;
- 2 – Inicialmente há uma rejeição do estatuto, revertido com a reação da personagem na aceitação do estatuto, quando há a intenção de se posicionar com relação ao tema;
- 3 – Existe um engajamento dos sujeitos envolvidos na narrativa, ao articularem argumentos que denotam polêmica.

Logo, temos uma proposta sobre o mundo visando um sujeito alvo que, na nossa pesquisa, são as leitoras da seção. Nesse trecho, a narradora/personagem se propõe a contar a sua história de estupro para incentivar outras mulheres que sofreram o abuso a denunciarem. A intenção é de incitar a denúncia contra o agressor, estabelecendo uma verdade (a necessidade de não se calar) e persuadir as leitoras que tiveram o mesmo problema a fazer como ela. As marcas discursivas estão presentes nas estratégias argumentativas através de alguns conectores, vocabulário ligado ao assunto e modalizadores.

3.5. Imaginários sociodiscursivos

Na TS, as representações indicam os imaginários sociodiscursivos (ISD) coletivos, produzidos em indivíduos vivendo em sociedade. Para construir a noção de ISD, entendida como a classificação dos sistemas de pensamento, Charaudeau (2017) utiliza conceitos não só da AD, mas também de outros campos, tais como Filosofia, Antropologia Social, Psicologia Social, Sociologia etc. Logo, há uma interdisciplinaridade ao tratarmos do assunto, mesmo sabendo que a noção é inesgotável. Acreditamos que os saberes constroem os imaginários através de enunciados languageiros que são semanticamente agrupáveis. Portanto, os ISD representam o conjunto de saberes que circulam na sociedade no interior de um grupo social. Para Charaudeau (2014, p. 206),

Trata-se de um conceito que propomos para integrar a noção de imaginário ao quadro teórico de uma análise do discurso. Efetivamente, para desempenhar plenamente seu papel de espelho identitário, esses imaginários fragmentados, instáveis e essencializados têm necessidade de ser materializados. Isso acontece de diferentes maneiras: nos tipos de comportamentos (os ritos sociais da vida cotidiana), nas atividades coletivas (aglomerações, manifestações, cerimônias) que têm por efeito dar corpo aos imaginários; na produção de objetos manufaturados e de tecnologias que dão ao grupo o sentimento de possuir e dominar o mundo (a televisão e a internet dão a impressão de dominar o espaço e o tempo); na construção de objetos emblemáticos que, erigidos como símbolos, ‘objetualizam’ (Bourdieu, 1982) e exibem até a exaltação e, às vezes, até mesmo o fetichismo, os valores identitários aos quais os membros do grupo aderem por assunção mais ou menos voluntária (as bandeiras, as insígnias, os slogans, como a foice e o martelo, a cruz gramada, o *Black is beautiful* etc.).

O imaginário social é um universo de significação fundador da identidade de um grupo (soma das relações que os indivíduos estabelecem entre si e que se autorregulam) e constrói seu mundo de significação. O imaginário resulta na interação do homem com o mundo e do homem com o homem. Nessa dupla interação, nascem as representações. Elas podem ser descobertos em: discursos institucionais (escolas, religiões, justiça, política etc.); na sociedade, de forma inconsciente (julgamentos implícitos) e de forma natural (evidências compartilhadas). Portanto, os grupos sociais não param de produzir, de reinterpretar, de questionar, ou seja, existe uma pretensão universal entre todos os saberes. O ISD é a materialização desses diversos discursos que circulam num espaço da interdiscursividade. Eles são testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos de um determinado grupo têm do que acontece no mundo, dos julgamentos que fazem das atividades sociais.

O homem constrói seu saber sob a dependência da realidade. Ele é conhecedor do mundo e se torna sujeito e objeto. Também representa o mundo através de representações coletivas (sistemas de crenças, de conhecimento, de ideais, de valores, de ideologias, de doutrinas, etc.). A ideologia na AD é a representação social como fenômeno cognitivo-discursivo geral, que engendra sistemas de saber nos quais se distinguem os saberes de conhecimento e os de crença, que são os ISD. Portanto, as representações sociais são o conjunto de crenças e saberes compartilhados pelos indivíduos de um mesmo grupo em defesa de um objeto social. (CHARAUDEAU, 2006, p. 196).

Podemos definir os saberes de conhecimento e os saberes de crença, segundo Charaudeau (2015a), da seguinte forma:

- 1 – Saberes de conhecimento – são aqueles que procedem de uma representação racionalizada da existência dos seres e dos fenômenos sensíveis do mundo. Trata-se, para o homem, de tentar tornar o mundo inteligível – colocando marcas no *continuum* de sua materialidade, determinando fronteiras que permitam distinguir o que é semelhante do que é diferente, estabelecendo relações de contiguidade e de substituição entre os elementos apreendidos –, para estabelecer hierarquias, conjuntos e subconjuntos, isto é, construir taxionomias. Esse aprendizado é construído pelo homem através de uma dupla aprendizagem: aprendizado que se dá através das práticas de experiências e o aprendizado que se dá através dos dados científicos técnicos que tentam explicar o mundo (p. 43-44);
- 2 – Saberes de crenças – são os saberes que resultam da atividade humana quando esta se aplica a comentar o mundo, isto é, a fazer com que o mundo não exista mais apenas por si mesmo, mas através do olhar subjetivo que o sujeito lança sobre ele. Não é mais uma tentativa de inteligibilidade do mundo, mas de *avaliação* quanto a sua legitimidade, de *apreciação quanto* ao seu efeito sobre o homem e suas regras de vida. As crenças dão conta do mundo quanto à maneira de proceder à regulação das práticas sociais [...]. As crenças dependem, pois, de sistemas de interpretação. Quando essas crenças se inscrevem numa enunciação informativa, servem para fazer com que o outro compartilhe os julgamentos sobre o mundo, criando assim uma relação de cumplicidade (p. 45-46).

Podemos dizer que os conhecimentos adquiridos pelo homem passam por suas experiências e pelo aprendizado no mundo, bem como pelos julgamentos e valores que circulam a sociedade na qual ele está inserido. Ele é um ser social que está no meio das representações sociais existentes em qualquer comunidade. Dessa forma, podemos citar a Teoria das Representações Sociais de Moscovici, a qual defende que “as relações sociais que estabelecemos no cotidiano são fruto de representações que são facilmente apreendidas” (1978, p. 41). Logo, para ele, a *Representação Social*, possui uma dupla dimensão: sujeito e sociedade. Essa dimensão situa-se no limiar de uma série de conceitos sociológicos e psicológicos.

Portanto, o indivíduo é a representação social dele mesmo, inserido num mundo construído por saberes compartilhados e saberes de crenças que adquirimos

através da nossa inserção no mundo enquanto sujeitos que se utilizam da linguagem para se comunicar e para construir um projeto e uma intenção de fala. Dessa forma, o homem é um ser individual pensante, mas sofre influência do meio do qual ele faz parte.

3.6. A construção identitária

No *Dicionário de Análise do Discurso*, Charaudeau e Maingueneau (2014, p. 266) apresentam a identidade como um conceito difícil de definir: “Ele é ao mesmo tempo central na maior parte das ciências humanas e sociais, e é objeto de diferentes definições, algumas das quais são muito vagas”. Ainda para eles:

Em *análise do discurso*, para poder utilizar a noção de identidade, convém acrescentar-lhe duas outras noções que circulam igualmente nos domínios filosóficos e psicológicos, as de sujeito e de alteridade. A primeira dessas noções permite postular a existência do ser pensante como o que diz ‘eu’. Ricoeur nos lembra desse ‘primado da mediação reflexiva sobre a posição imediata do sujeito, tal qual se exprime na primeira pessoa do singular: ‘eu penso’, ‘eu sou’ (1990, p. 11). A segunda noção permite postular que não há consciência de si sem consciência da existência do outro, que é na diferença entre ‘si’ e ‘o outro’ que se constitui o sujeito.

O indivíduo é um ser social, mas não apenas isso. Alguma coisa anima esse indivíduo e o transforma em um ser ativo – com capacidade criativa, envolto de vontade – e, ainda, reflexivo. Para Gaulejac (2009, p. 12, *apud* MACHADO,¹³ 2017),

O social (ou sociedade) pode ser visto como um conjunto de elementos heterogêneos, capaz de reunir indivíduos em um mundo comum. Este conjunto é formado pelas instituições, pelas normas, pelas construções linguageiras, pelas representações coletivas, pelos movimentos esporádicos ou organizados, pelos códigos impostos e incorporados, pelas grandes narrativas mitológicas e ideológicas, pelas construções políticas, econômicas e culturais, pelos modos de pensar, etc. O social é múltiplo, heteróclito, heterogêneo e polissêmico.

Com isso, a identidade desse indivíduo vai sendo construída através da sua experiência em sociedade. O indivíduo é um ser humano que não apenas se socializa, mas também tem seus ideais, toma suas posições e busca sempre algo que o deixe vivo, passando pelas condutas na vida. Segundo Charaudeau (2009, p.1),

O conceito geral sobre a identidade parte da Filosofia Contemporânea que tem tratado amplamente dessa questão como fundamento do ser, ou seja, a identidade permite que o sujeito tome consciência de sua existência que se constitui através da tomada de consciência de seu corpo (dentro de um espaço e tempo), de seu saber (seus saberes de

¹³ Slide 2 - aula da disciplina STV: Análise do Discurso: Narrativas de Vida. I.L.M. (10 nov. 2017)

mundo), de seus julgamentos (suas crenças), de suas ações (poder fazer). A identidade é a consciência de si mesmo. (Trad. nossa)

A diferença com relação ao outro faz com que o indivíduo tenha consciência identitária. Ao perceber a diferença, o indivíduo se dá conta que possui uma identidade própria. Esse processo de construção identitária chamamos de princípio da alteridade, logo, “essa relação com o outro institui através das trocas que cada parceiro faz ao reconhecer a diferença no outro.” (CHARAUDEAU, 2009, p. 1. Trad. nossa). Cada indivíduo tem um papel diferente, um jeito próprio de si mesmo, apesar de ter as mesmas motivações, finalidades e intenções.

3.6.1. Identidade social

A identidade social tem, em si, uma particularidade: a de ser reconhecida pelos outros. Ela dá o direito de palavra para que tenhamos a legitimidade. Charaudeau (2009, p.3) aborda esse conceito dizendo que “a legitimidade é uma noção que não é exclusiva do domínio político. Geralmente, ela designa o estado ou a qualidade de quem age de uma determinada maneira” (Trad. Nossa), ou seja, o mecanismo da legitimidade é uma forma de reconhecimento do outro, com relação ao sujeito. Logo, a legitimidade depende de normas institucionais praticadas em cada domínio da prática social, atribuídas ao status, lugares e papéis dos parceiros da troca linguageira.

Somos uma parte da sociedade. Não existimos enquanto indivíduos sem nos inserirmos nas práticas sociais. Tentamos ser únicos, mas não existe uma unicidade, pois somos influenciados pelo meio em que vivemos e pelos fatores sociais que nos cercam. A identidade social são as nossas atividades reconhecidas por uma instituição ou pela comunidade à qual pertencemos. Para Charaudeau (2009, p.4),

A identidade social é em parte determinada pela situação de comunicação: ela deve responder à questão que se coloca o sujeito falante quando ele toma a palavra: ‘Eu estou aqui para dizer o que, em função do status e do papel que me é dado pela situação?’, Mas vamos ver que esta identidade social pode ser reconstruída, mascarada e trocada de lugar.

Portanto, podemos afirmar que a questão identitária do indivíduo no discurso é algo complexo. No que se refere à competência comunicacional (ou situacional), o sujeito terá seu reconhecimento na estruturação dos contratos de comunicação, que depende dos sujeitos envolvidos na encenação. O papel social de cada indivíduo é

fundamental numa troca languageira. Temos o direito à palavra, porém temos o meio que estamos inseridos e devemos proporcionar a legitimidade da nossa fala. A identidade social corresponde a essa estrutura e ao contrato social entre os integrantes de uma instância de enunciação. Charaudeau (2009) exemplifica a construção da identidade da seguinte forma: dentro do domínio jurídico, o juiz segue uma lógica dando uma sentença de acordo com a lei. Para isso, sua legitimação se dá porque ele adquiriu um diploma e prestou concurso público para ocupar o cargo. O mecanismo é legítimo e tem o reconhecimento de outros sujeitos. Logo, a legitimidade depende das normas institucionais que regem a profissão e cada uma faz parte de uma prática social que atribui o status e o papel do juiz. Logo, há um reconhecimento da própria palavra pelo outro.

3.6.2. Identidade discursiva

A identidade discursiva se constrói pelo sujeito que fala e que responde a um questionamento: por que estou aqui para falar algo? Esse jogo duplo de quem fala e questiona o porquê tem como base o jogo duplo da credibilidade e da captação. O jogo da credibilidade se baseia no reconhecimento, em relação à verdade, de sua proposição. Esse sujeito que fala defende uma imagem de si mesmo para alcançar a credibilidade e por isso ele tem diversas atitudes discursivas: neutralidade, distanciamento, engajamento, demonstrações argumentativas (CHARAUDEAU, 2009, p. 4). O jogo da captação transmite a necessidade que o sujeito falante tem de ser bem compreendido a partir de seu projeto de intencionalidade, ou seja, ele se preocupa com o compartilhamento de suas ideias e de sua aceitação. Em outras palavras, o que deve ser feito para que o outro aceite o que eu digo? É necessário utilizar estratégias argumentativas para obter a persuasão.

Logo, tanto a identidade social quanto a identidade discursiva se realizam pela influência discursiva, seguindo as intenções do sujeito comunicante e do sujeito interpretante. Elas formam uma unidade essencial na construção do sentido do ato de linguagem.

Para Charaudeau (2009, p. 5), há um jogo entre a identidade social e a identidade discursiva. Segundo ele,

Este jogo entre identidade social e identidade discursiva e a influência de resultado, não pode ser julgada fora de uma situação comunicacional. É a situação comunicacional, no seu dispositivo, que determina o avanço (do contrato que o define) da identidade social dos parceiros do ato de interação verbal, e que, na outra, dá instruções quanto à maneira de se comportar discursivamente, ou seja, define certos tratos de identidade discursiva. Restará ao sujeito falante a possibilidade de escolher entre se mostrar conforme as instruções e as respeitar, ou decidir de mascarar as instruções, subvertendo-as ou transgredindo-as.

3.7. A noção de *ethos* pelo olhar da TS

Em linhas gerais, para a TS, o *ethos* é um tipo de estratégia utilizada em diversos discursos. É a imagem de si projetada no ato comunicacional. Sabemos que a questão do *ethos* vem de muito tempo, com a proposta de Aristóteles (*A Retórica*, 2015). Para ele, os meios discursivos que influenciam o auditório são uma tríade das categorias (provas) retóricas: *logos* (domínio da razão, transmitido através da linguagem – o poder de convencer), *pathos* e *ethos* (situam-se no domínio na emoção). O *pathos* é voltado para o auditório (as disposições em que ele é colocado), e o *ethos* é voltado para o orador (conduta e hábito).

Por um longo tempo essas categorias da retórica foram esquecidas, porém, recentemente, elas são abordadas em diversas teorias. Charaudeau afirma que “a noção de *ethos* foi retomada e redefinida por certos pesquisadores da análise do discurso” (2014, p. 114). Aristóteles distingue um *ethos* discursivo (efeito do discurso) e uma imagem prévia (prevenção sobre o caráter do orador). O polo do *ethos* é importante, uma vez que a convicção vem da confiança que o auditório é levado a atribuir ao orador, em vista de qualidades pessoais que emanam em seu discurso. Portanto, o *ethos* é algo que se constrói no e pelo discurso. Não importa a pessoa do discurso, mas sim o que ele é, a sua conduta e o efeito provocado no seu discurso. O ser orador não deve nem arruinar, nem garantir, *a priori*, a argumentação. O que conta é o que o discurso manifesta de sua sinceridade, de sua indignação, de sua inteligência, de sua elegância, de seu propósito. A retórica é necessária para compensar, corrigir ou simplesmente confirmar as posições extradiscursivas prévias.

No *Dicionário de Análise do Discurso*, Amossy (2014, p. 220) define o *ethos* desta forma:

é um termo emprestado da retórica antiga, (o *ethos* em grego, personagem) designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre os alocutários. Essa noção foi retomada em ciências da

linguagem e, principalmente, em análise do discurso, em que se refere às modalidades verbais da apresentação de si na interação verbal.

No *dicionário*, os autores ainda distinguem o *ethos* em três campos:

Retórica:

O *ethos* faz parte, com o ‘logos’ e o ‘pathos’, da trilogia aristotélica dos meios de prova (Retórica I: 1336 a). Adquire em Aristóteles um duplo sentido por um lado, designa as virtudes morais que garantem credibilidade ao orador, tais quais a prudência, a virtude e a benevolência (Retórica II: 1378 a); por outro, comporta uma dimensão social, na medida em que o orador convence ao se exprimir de modo apropriado a seu caráter e a seu tipo social (Eggs, 1999:32). Nos dois casos, trata-se da imagem de si que o orador produz em seu discurso, e não de sua pessoa real. A perspectiva aristotélica em que se inspiram as ciências da linguagem difere, nesse ponto, da tradição iniciada por Isócrates e desenvolvida mais tarde pelos latinos, que define o *ethos* como um dado preexistente fundado na autoridade individual e institucional do orador (sua reputação, seu estatuto social etc.). (CHARAUDEAU, MAINGUENEAU, 2014, p.220)

Pragmática:

Em Ducrot, a noção de *ethos* como imagem de si é associada ‘aI, o locutor’ como tal, em oposição ao sujeito empírico situado no exterior da linguagem: é localizando-se na fonte da enunciação que o locutor se vê travestido de certos caracteres que, em consequência, tornam essa enunciação aceitável ou indesejável (1984, p. 201). Ducrot insiste na centralidade da enunciação na elaboração de uma imagem de si, posto que as modalidades de seu dizer permitem conhecer bem melhor o locutor do que aquilo que ele pode afirmar sobre si mesmo. A noção de *ethos* herdada de Aristóteles é desenvolvida por Ducrot no âmbito da teoria da polifonia. (CHARAUDEAU, MAINGUENEAU, 2014, p. 221)

Análise do Discurso:

O *ethos* retórico foi, entretanto, principalmente retomado e elaborado nos trabalhos de Maingueneau. O enunciador deve legitimar seu dizer: em seu discurso, ele se atribui uma posição institucional e marca sua relação a um saber. No entanto, ele não se manifesta somente como um papel e um estatuto, ele se deixa apreender também como uma voz e um corpo. O *ethos* se traduz também no tom, que se relaciona tanto ao escrito quanto ao falado, e que se apóia em uma ‘dupla figura do enunciador, aquela de um caractere de uma corporalidade’ (Maingueneau, 1984, p. 100). Desde *Analyse Du Discours* (1991), até *Analyser les textes de communication* (1998), o *ethos* assim definido se desenvolve, em Maingueneau, em relação à noção de cena de enunciação. Cada gênero de discurso comporta uma distribuição pré-estabelecida de papéis que determina em parte a imagem de si do locutor. Esse pode, entretanto, escolher mais ou menos livremente sua ‘cenografia’ ou cenário familiar que lhe dita sua postura (o pai benevolente face a seus filhos, o homem de falar rude e franco etc.). A imagem discursiva de si é, assim, ancorada em estereótipo, um arsenal de representações coletivas que determinam, parcialmente, a apresentação de si e sua eficácia em uma determinada cultura. (CHARAUDEAU, MAINGUENEAU, 2014, p.221)

Diante disso, podemos ver que o *ethos* discursivo mantém uma relação bem estreita com a imagem pré-construída de si, em relação ao auditório.

Em *Imagens de Si no Discurso* (2008), Amossy resgata a noção de *ethos* da Retórica e chama-nos para uma reflexão dentro das diversas visões da AD. Nesse trabalho, a organizadora da obra amplia o debate no que se refere à maneira de olhar o mundo através das interações verbais, passando pelas práticas discursivas. O aporte teórico revela como as interações cotidianas influenciam a construção das imagens de si que o indivíduo constrói a partir das suas experiências e relações interpessoais. Nessa perspectiva, a autora transita entre a noção clássica de *ethos* da retórica e o *ethos* discursivo.

Após falar dessas abordagens em relação ao *ethos*, falemos um pouco sobre o *ethos* pela ótica da TS. Charaudeau (2017) aborda a retomada dessa categoria dentro das Ciências da Linguagem. Ele retoma a questão dessa categoria retirando-a da retórica de Aristóteles, cuja divisão dos meios discursivos se dá pela tríade (*ethos*, *logos* e *pathos*) e afirma:

Nós a retomamos por conta própria, inscrevendo-nos nessa filiação, mas tentando esclarecer dois pontos de sua definição que são objetos de debates: (i) enquanto construção da imagem de si, o *ethos* liga-se à pessoa real que fala (o locutor) ou à pessoa como ser que fala (o enunciador)? (ii) a questão da imagem de si concerne apenas ao indivíduo ou pode dizer respeito a um grupo de indivíduos? (p.114)

Essas problemáticas tornaram-se centrais nas pesquisas que abordam o *ethos* na TS. A TS toma emprestada a noção de *ethos* de Ducrot (1984), noção essa que retirada da Retórica de Aristóteles e de Maingueneau¹⁴ (1993), dentro da prática enunciativa construída pela enunciação. Temos duas situações para estudar o *ethos*: a imagem construída ou pré-construída de si. Na primeira concepção, passando por Aristóteles, o orador deve ser sincero e demonstrar sua personalidade causando uma boa impressão ao auditório. Na segunda concepção, defendida pelos estudiosos do discurso, o *ethos* situa-se na aparência do ato de linguagem, ou seja, naquilo que o sujeito falante entende do ato de enunciação, tornando esta enunciação aceitável ou não, na perspectiva de Ducrot. Logo, a TS trabalha pelo viés de que “o *ethos* está ligado ao exercício da palavra, ao papel que corresponde seu discurso, e não ao indivíduo ‘real’, apreendido

¹⁴ Para Maingueneau, o *ethos* é a imagem de si projetada no ato de enunciar. O *ethos* é crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas, ainda, para ele, não podemos ignorar que o público que se constrói também das representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale. Parece ser necessário distinguir o *ethos* discursivo e o *ethos* pré-discursivo. (2002, p.58)

independentemente de sua atividade oratória.” (MAINGUENEAU, 1993, p. 138, *apud* CHARAUDEAU, 2017, p. 115).

Entretanto, para Charaudeau (2017), a partir desse antagonismo do *ethos* pré-construído e construído, nasce uma questão bastante relevante nas pesquisas sobre o ato enunciativo: ao surgir um sujeito que fala, ele é somente um ser feito de discurso, somente um ser social empírico, ou as duas coisas? E, ainda, um teria precedência sobre o outro? Para ele, ao estudarmos o *ethos* no discurso, é de extrema relevância tratar os dois aspectos. O autor ainda, afirma:

De fato, o *ethos*, enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é uma propriedade exclusiva dele; ele é antes de tudo a imagem de que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz. O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro vê. Ora, para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apóia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe a priori do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem. (CHARAUDEAU, 2017, p. 115)

Logo, para sustentar essa posição, Charaudeau (2017) julga necessário passar pela questão da identidade do sujeito falante, passando por duas componentes: (i) sujeito mostrando sua identidade social de locutor (ela dá o direito à palavra ao locutor e sua legitimidade com relação ao estatuto e ao papel que lhe são atribuídos); (ii) sujeito construindo para si uma figura daquele que enuncia, uma identidade discursiva do enunciador (que além aos papéis que ele atribui no ato de enunciação, utilizando-se de estratégias que ele mesmo escolhe seguir). Para Charaudeau (2017), o *ethos* é o resultado dessa dupla identidade, fundindo-se e tornando uma única (p. 115).

Finalizando este item, sabemos que a questão identitária do sujeito passa pelas representações sociais, ou seja, o sujeito constrói sua imagem a partir das representações sociais das quais faz parte e que são configuradas como imaginários sociodiscursivos (CHARAUDEAU, 2017, p. 117). Logo, o *ethos* é a projeção do indivíduo em sociedade, um sujeito representado por ideias de um indivíduo ou de posicionamentos de um determinado grupo social, o que Charaudeau ainda chama de *ethos* coletivo.

No próximo item, abordaremos a importância do estudo das histórias de vida e qual a relação discursiva que nos motivou a trabalhar com as categorias da TS. Para que possamos entender e analisar as representações da mulher no *corpus* escolhido, precisamos passar pela questão identitária presente no texto, pela construção do *ethos*, pelos imaginários sociodiscursivos, pela relação dos sujeitos na *mise en scène* e pelo

contrato comunicacional onde esses sujeitos definem seus papéis. Dessa forma, poderemos ter uma apreensão maior de como a figura feminina é representada através dos depoimentos das leitoras dados à *Marie Claire*.

3.8. História de vida

A história de vida do indivíduo que relata sua experiência de vida é carregada de estratégias, intenções e emoções. A narrativa de vida funciona como uma espécie de argumentação, carregando consigo doses variadas de sedução destinadas a influenciar ou captar adesão e simpatia, sejam dos ouvintes, sejam dos leitores (MACHADO, 2016a, p. 127). O sujeito que conta uma história de vida está envolto das emoções e estratégias de persuasão.

Buscando embasamentos teóricos ligados diretamente à nossa pesquisa, percebemos que a história de vida e a Análise do Discurso despertam, juntas, um enorme interesse para os estudos atuais sobre a linguagem e que existem várias razões pelas quais esse estudo abriu um espaço dentro da AD mais recente. Para Machado (2016a), uma narrativa de vida é contada por um *eu-enunciador* que, ao contar sua vida, constrói o texto utilizando-se de várias outras vozes e até de fragmentos de vozes, mostrando sempre uma identidade do sujeito-narrador que se constrói através de uma teia fabricada pelo olhar do próprio indivíduo e da sociedade. Ainda, para Machado,

A narrativa de vida – ou relato, ou história – está ligada ao exercício da memória de quem concebe. A memória de um ser humano é um universo onde diferentes vozes se conjugam, além da voz do ser que reflete sobre si e sobre sua existência. Essas vozes “falam” de acontecimentos pessoais, vividos pelo indivíduo em pauta, mas também de acontecimentos coletivos dos quais o indivíduo participou de uma forma ou de outra. Essas informações armazenadas criam um *pot-pourri* de imaginários que vão se refletir nas palavras do ser-pensante, em ocasiões diversas, desde que ele convoque suas lembranças. Por vezes o indivíduo foi testemunha de tais acontecimentos coletivos; mas há casos em que ele deles tomou conhecimento pelas palavras de um terceiro. Seja como for, essas informações pessoais podem se mesclar e dotar o indivíduo de um amplo estoque de imaginários. (2016a, p.122)

Portanto, o que determina o imaginário do indivíduo são o espaço social e as práticas sociais das quais ele participa, sendo estes elementos cruciais para o desenvolvimento do imaginário. É por isso que o indivíduo é influenciado pelas vozes que circulam no meio em que vive, interferindo nos seus pensamentos e na sua forma de se inserir no mundo. Ao relatar uma narrativa de si, o imaginário criado por essas

influências sociais é percebido pelo leitor, uma vez que pode demonstrar um ponto de vista desse que concebe o relato. A questão do *habitus* também é pertinente para a nossa pesquisa, uma vez que o indivíduo vai criando seu discurso a partir de sua socialização, a qual influencia o seu modo de pensar e de agir. Logo, ao contar a própria história, ele deixa em evidência o seu *habitus*. Para Machado, “o *habitus* seria o fruto do encontro do homem com a sociedade.” (2016a, p. 123)¹⁵.

No nosso *corpus*, existem representações do indivíduo que está envolvido na sociedade e que, através dela, sofre influência na sua forma de pensar e de agir. As narrativas de vida sobre situações vividas por mulheres são carregadas de imaginários que circulam na sociedade e, ainda, podemos perceber nelas o comportamento da personagem (leitora) do relato. Existe um contrato comunicacional entre a escritora e a leitora, de uma forma que faz com que ela reconheça na narrativa o indivíduo desconhecido. As personagens das narrativas de vida da seção *Eu, leitora* são seres-de-palavras que representam também outros seres-de-palavras, ou seja, há a presença de outras vozes que influenciam a palavra da personagem principal da narrativa. Dentro da TS, Charaudeau expõe a noção de imaginários sob o olhar de *habitus*, noção inicial proposta por Bourdieu:

Os imaginários relacionados ao espaço atestam a maneira como os indivíduos de um grupo social representam para si mesmos o seu território, como aí se movimentam, como o estruturam, determinando nele pontos de referência, e como aí se orientam. (CHARAUDEAU, 2015b, p. 22).

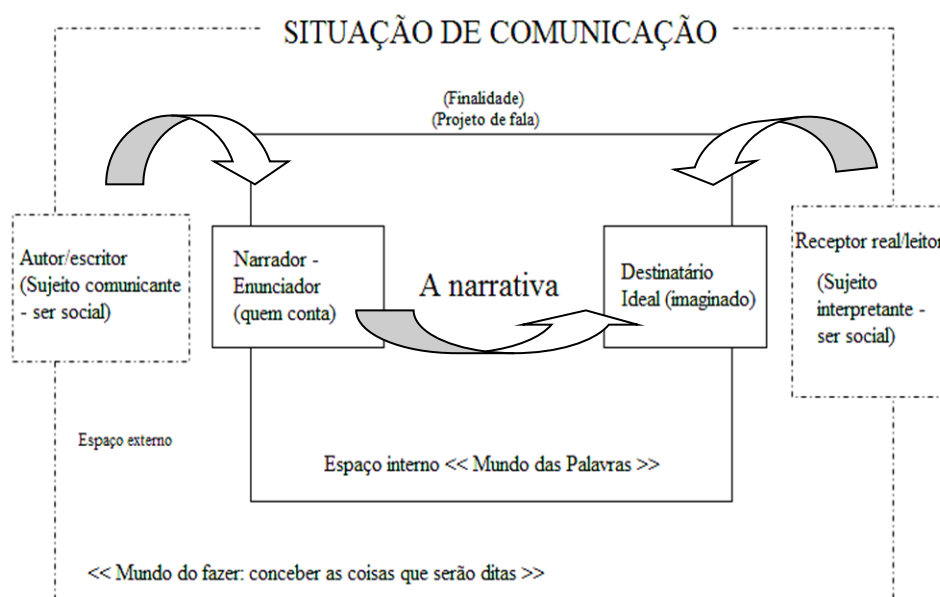
A história de vida é relatada por um sujeito enunciativo que possui comportamentos e falas carregados de memórias, de acordo com a sua experiência vivida em sociedade. Há uma referência de mundo desse indivíduo que se manifesta no discurso. Para entendermos melhor o contrato firmado entre os sujeitos do ato comunicacional, temos o quadro desenvolvido para analisar essa situação comunicacional. Nosso *corpus*, como já dissemos, se compõe das histórias de vida de mulheres que passaram por uma experiência marcante em sua vida e querem repassar

³ Machado (2016a) cita o conceito de *habitus* proposto por Bourdieu. Trata-se de um [...] um sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma e graças às correções incessantes, dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por estes resultados. (BOURDIEU, 1992).

suas alegrias, tristezas, dores, sofrimentos para outras leitoras da revista. Por isso, acreditamos que o sujeito comunicante, a revista *Marie Claire*, se vale das estratégias de persuasão, para a leitora aderir à experiência, e das emoções vividas por outras mulheres.

Vejam os quadros comunicacionais reformulados por Machado (2017) em função das narrativas de vida:

FIGURA 5 – Quadro comunicacional reformulado por Ida Lucia Machado



Quadro Patrick Charaudeau (1983). Reformulado por Machado (2017)

A adaptação do quadro comunicacional se dá sempre quando um estudioso esbarra com um novo perfil de *corpus* a ser analisado. Portanto, aqui, o que percebemos, é a inserção dos papéis dos sujeitos da linguagem, participantes do quadro charaudiano, a partir das narrativas.

Acreditamos que as narrativas de vida são utilizadas como estratégias comunicativas, pois os sujeitos da linguagem utilizam este dispositivo para materializar suas intenções comunicativas, a fim de conseguir alguns efeitos de persuasão. Tratando-se do nosso *corpus*, percebemos, em primeiro momento, que os relatos de vida tendem a seduzir as leitoras da revista *Marie Claire* desde o início, a partir pelo título da seção, como veremos nas análises.

Postulamos que é necessário mergulhar nas entrelinhas dos depoimentos transformados em narrativas de vida das leitoras. Analisar discursos sobre memórias ou narrativas de vida nos faz refletir sobre as palavras utilizadas, pois são elas que tecem o mundo de quem narra, o que está sendo narrado e a intencionalidade desse discurso. As mulheres são representadas pelas atitudes e falas presentes nas histórias de vida. Acreditamos que, antes de tudo, existe algo mágico que tece cada história e cada experiência de vida relatada por essa mídia cuja intenção é de atrair o seu público-alvo: o feminino.

3.9. Considerações parciais

Acreditamos que através das categorias da TS podemos demonstrar as representações da mulher nas revistas *Marie Claire* versões brasileira e francesa. Gostaríamos de deixar claro que essas representações da mulher fazem parte da projeção que a revista faz da figura feminina através desses depoimentos. A mídia tem um amplo campo de exploração desse discurso feminino e de outros discursos que esbarram no gênero feminino. Por isso, visamos, nos dois primeiros capítulos, abordar sobre a trajetória da mulher e suas afluências, bem como expor a teoria e os aportes teóricos que nos fazem necessários para delinear essa representação que passa, principalmente, pela construção identitária da figura feminina nesse suporte.

A TS é apenas um viés para que possamos entender como esse meio midiático constrói o sentido do texto com uma intencionalidade e movido de estratégias discursivas que conduzem seu público-alvo a tornar leitoras da seção *Eu, leitora/Moi, lectrice*.

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA

Nossa intenção nesse capítulo é abordar o percurso da escolha do *corpus* analisado, bem como apresentar como se deu a coleta do material. Ademais, iremos abordar a intencionalidade e o caminho pelo qual a editora passa para construir as narrativas de vida vividas por suas leitoras, através da sua proposta de desenvolver temas atraentes ao público.

No primeiro momento, demonstraremos como se deu a escolha do *corpus*: como foi feita a coleta, a separação dos textos, a escolha do macrotema e a subdivisão dos eixos temáticos, justificando os procedimentos adotados. No segundo momento, iremos apresentar os textos escolhidos, tanto na edição brasileira quanto na francesa, bem como seus títulos e datas de divulgação. Por fim, abordaremos como a revista consegue ampliar o macrotema escolhido para a nossa análise através de narrativas de vida que têm a intenção de envolver e seduzir o público feminino dessa mídia.

4.1. A escolha do *corpus* para análise

Marie Claire é uma revista feminina mensal lançada originalmente na França no século passado, em 1937. A revista pertence ao grupo francês Groupe *Marie Claire* e é distribuída também em 26 outros países, com edições específicas nos respectivos idiomas, e contando, ainda, com uma versão na internet. A revista tem como foco assuntos relacionados à moda, ao comportamento e às atualidades. Sob o slogan *Chique é ser inteligente*, divulgação da edição brasileira, a revista adota uma linha editorial que expõe temas polêmicos sobre comportamento e ainda faz denúncias de violação dos direitos humanos. (GEERS, 2016)

Direcionada para mulheres adultas, não possui, entretanto, um público-alvo definido em termos de faixa etária ou estado civil. Isso faz com que as leitoras encontrem assuntos abrangentes nas seções de moda, beleza, saúde, reportagens, fofocas e turismo. Ainda integram a revista depoimentos reais, tais como a seção *Eu, leitora* analisada nessa tese, crônicas e entrevistas com artistas e famosos. Como exposto, a revista *Marie Claire* trabalha uma grande gama de assuntos fortemente ligados à figura feminina, pois é uma revista voltada para o público feminino. Entendemos que a revista

trabalha com assuntos que geram debates ligados à figura da mulher e têm a intenção de fazer refletir sobre os tabus e dificuldades que a mulher enfrenta ainda nos dias de hoje. Entretanto, estudos já foram realizados sobre esse tipo de narrativa, como o de Caldas-Couthard (1999). O pesquisador estudou narrativas sexuais transgressoras em primeira pessoa da revista *Marie Claire* e afirma que “ao mesmo tempo em que estas narrativas dão às leitoras prazeres proibidos, mantêm uma atitude de condenação dos fatos relatados” (p. 27). A partir dessa afirmativa, acreditamos que a revista *Marie Claire* possui dois lados: o de transgredir as regras impostas à mulher pela sociedade, mas também aborda e apóia situações constrangedoras, como abordaremos nas análises.

Nosso *corpus* está limitado à narrativa de vida contada pela narradora/personagem, em primeira pessoa, nos depoimentos, onde existe todo o desenrolar da história/experiência vivida por ela. No início das narrativas de vida, a editora conta resumidamente a história da leitora através de uma pequena sinopse dos acontecimentos e sugere o tema central da seção. Essa parte não faz parte da análise do nosso *corpus*, como veremos no capítulo de análise, mas ela faz parte da composição da narrativa.

A escolha do *corpus* se deu pelo nosso conhecimento e leitura prévias com relação às narrativas de vida pertencentes à seção da revista que relata as experiências vividas pelas leitoras da *Marie Claire*. Os textos da seção possibilitam um estudo sobre a recepção das histórias de vida vividas pelas leitoras, ditas mulheres comuns na sociedade. Acreditamos que fazer uma pesquisa no que se refere aos sujeitos envolvidos nesse ato de linguagem nos ajuda a elaborar como se dão as representações da mulher em ambas edições, possibilitando, ainda, entender os mecanismos pelos quais passam a construção do sentido no texto.

Encontramos alguns estudos da revista no campo das Ciências Humanas, como já exemplificamos, porém os estudos das narrativas de vida dessa seção escolhida para análise é inédito e nos parece adequado para a intenção da nossa análise. Por isso, acreditamos ser uma pesquisa original. Como de costume da revista, as histórias apresentam conflitos entre diversas relações e situações vividas em um período da vida dessa leitora, muitas vezes instigando a curiosidade do público-alvo da revista, que é, na

verdade, a intenção da editora. A leitora conta um fato marcante ou que tenha mudado a sua vida, tornando público o acontecimento para as demais leitoras.¹⁶

Escolhemos vinte e seis textos dentro do macrotema “relações afetivas”: treze da edição brasileira e treze da edição francesa. A busca dos textos se deu pela publicação eletrônica, ou seja, no site da revista, em ambos os países. O acesso aos textos também passa pela publicação impressa da revista, que circula em livrarias e bancas de jornais em todo Brasil e em outros países. A forma eletrônica é bem mais acessível do que a compra dos exemplares impressos da revista, principalmente os exemplares franceses. No site da revista são publicadas mais histórias do que na seção impressa. Em um único mês é possível ter acesso a dez textos, enquanto que a revista no Brasil é publicada mensalmente. Ao lermos diversas narrativas que abordam temas amplos, chegamos à conclusão que o tema “relações afetivas” se fez bastante presente nas publicações das duas edições, mais do que outros temas, tal como de “mercado de trabalho” (iremos demonstrá-los através de tabelas e gráficos), por exemplo. Para Maingueneau (2008), o tema é o assunto de que se trata o discurso. Ainda para ele,

Uma noção como a de ‘tema’ do discurso é um manejo muito delicado, se se procura conferir-lhe um estatuto pouco preciso. Pode-se utilizá-la em múltiplos níveis: microtemas de uma frase, de um parágrafo...; macrotemas de uma obra inteira, de muitas obras... (...) os temas mais importantes são aqueles que recaem diretamente sobre as articulações essenciais do modelo semântico: se a Graça divide tem um papel no discurso jansenista, é porque toca as relações entre os dois registros opostos de seu sistema de restrições. (p. 81)

Logo, o tema está ligado ao tipo de discurso que se quer construir, falar e tocar para o leitor. Acreditamos que, com essa afirmativa do Maingueneau, os temas abordados pela editora a partir das experiências das leitoras e o contar para outras tem uma intenção de seduzir esse público-alvo almejado da revista, já que, para ele, o tema possui um espaço privilegiado no discurso. É nesse espaço que podemos achar a intencionalidade da revista ao abordar determinado tema.

Para afirmarmos que o tema “relações afetivas” predomina essa seção da revista *Marie Claire*, foi necessário construir uma tabela de consulta para cada edição,

¹⁶ Queremos deixar bem claro aqui que o que nos interessa é o produto final da narrativa, ou seja, como ela foi publicada. O processo editorial não importa nesse momento, uma vez que as análises da representação feminina são feitas a partir do texto da editora, escrito de acordo com o depoimento da leitora.

realizada para separar o *corpus* da edição brasileira coletados nos anos de 2017 e 2018 (consulta: 83 histórias de vida publicadas on-line), vejam:

Título da História de Vida	Data da Publicação on-line	Tema Abordado
1-“Vivo há anos com o homem que enganei pela internet”	23/12/2018	Relações afetivas
2-“Sofri estupro e abusos e hoje ajudo vítimas no mundo todo”	21/12/2018	Abuso sexual
3-“Marina Ruy Barbosa me impediu de cometer suicídio”	21/12/2018	Depressão e suicídio
4-“Casei com o meu amor proibido depois de 40 anos”	19/12/2018	Relações afetivas
5-“Ao abrir o olho vi tudo: um monstro em cima de mim me violentando”	17/12/2018	Abuso sexual
6-“Substituí uma funcionária da cozinha que faltou no lugar onde eu lavava roupa e hoje sou dona de um dos bares mais concorridos do Rio”	14/12/2018	Mercado de trabalho
7-“Engravidarei do meu marido oito meses depois de ele ter morrido”	10/12/2018	Relações afetivas
8-“Perdi meu emprego, me separei e hoje sou cantora de sucesso no meu país, a Argentina”	09/12/2018	Mercado de trabalho
9-“Vivo com meu ex e o meu atual marido na mesma casa”	01/12/2018	Relações afetivas
10-“Me casei com o homem que recebeu o coração do meu ex-marido”	27/11/2018	Relações afetivas
11-“Tive uma infância pobre, quase morri de meningite e venci como atriz nos Estados Unidos”	27/11/2018	Mercado de trabalho
12-“Depois de perder meu irmão de overdose, montei um projeto social para impedir que outros jovens tivessem o mesmo destino”	23/11/2018	Drama familiar
13-“Como psicóloga, cuidava de pacientes com câncer quando descobri que estava com a doença”	15/11/2018	Saúde
14-“Venci o preconceito depois de perder minha alma gêmea: um homem quase trinta anos mais velho do que eu”	14/11/2018	Relações afetivas
15-“Não posso andar na rua”, MC Carol se esconde por medo de ex que tentou matá-la.	13/11/2018	Violência doméstica

16-“Fui molestada na infância, vivi um relacionamento abusivo e me curei com plantas e aromas naturais”	09/11/2018	Abuso sexual
17-“Com câncer no cérebro, meu filho me chamou para dizer que só morreria quando eu estivesse preparada. E assim foi.”	07/11/2018	Saúde
18-“Após passar a juventude toda internada com problemas respiratórios e retirar um pulmão, descobri uma doença genética rara”	04/11/2018	Saúde
19-“Me apaixonei por um homem e uma mulher e hoje namoro os dois”	31/10/2018	Relações afetivas
20-“Meu irmão e eu paramos de nos falar por causa das eleições”	27/10/2018	Relações afetivas
21-“No mundo de sexo liberal, aprendi a amar o meu corpo gordo”	26/10/2018	Drama pessoal
22-“Emagreci trinta quilos malhando em casa e com ajuda psicológica”	18/10/2018	Drama pessoal
23-“Não sabia que estava grávida quando pari um bebê no banheiro”	08/10/2018	Drama Pessoal
24-“Escrevi ‘mãe de viado’ na testa para apoiar meu filho gay”	02/10/2018	Relações afetivas
25-“Tive um parto normal em julho e uma cesárea em outubro do mesmo ano”	04/09/2018	Drama pessoal
26-“Cancelei o meu casamento quando meu noivo marcou vasectomia”	30/07/2018	Relações afetivas
27-“Apliquei hidrogel com o Dr. Bum-bum e tenho traumas das complicações”	20/07/2018	Saúde
28-“Após a medalha nas olimpíadas do Rio, decidi jogar futebol com homem”	12/07/2018	Mercado de trabalho
29-“Aprendi que não sentir culpa faz meu filho mais feliz”	03/07/2018	Relações afetivas
30-“Meu marido me tirou do convênio por crueldade”	15/06/2018	Relações afetivas
31-“Lutei contra médicos para salvar minha filha de um câncer”	07/06/2018	Saúde
32-“Conheci o amor ao adotar uma criança com 10% do cérebro e outra trans”	29/05/2018	Relações Afetivas
33-“Casei com um homem que me traía com garotos de programa”	04/05/2018	Relações afetivas
34-“Perdi minha casa e estou na rua com os meus filhos”	02/05/2018	Drama familiar
35-“Tornei-me muçulmana por convicção”	01/05/2018	Religião
36-“Fui escrava na Europa e hoje socorro refugiados”	27/04/2018	Drama pessoal
37-“Recuperei na justiça 20 mil doados à	26/04/2018	Religião

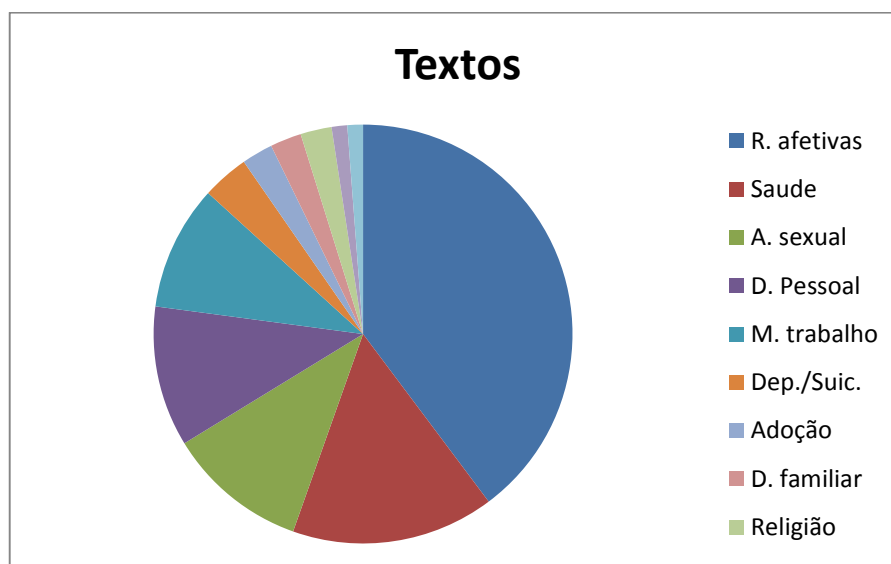
Igreja Universal”		
38-“Sou mais inteligente do que a maioria das pessoas”	24/04/2018	Drama Pessoal
39-“Sonhei com o amor da minha vida antes de conhecê-lo”	19/04/2018	Relações afetivas
40-“Vivi um amor de circo na Europa”	17/04/2018	Relações afetivas
41-“Entrei de cabeça num amor não correspondido”	06/04/2018	Relações afetivas
42-“Vivi a dor de um relacionamento sem sexo”	06/04/2018	Relações afetivas
43-“Meu filho curou meu medo de morte”	27/03/2018	Relações afetivas
44-“Me curei de um problema hormonal que me fez tentar o suicídio”	27/02/2018	Depressão e suicídio
45-“Um homem apontou uma arma para mim no carnaval porque não deixei ele me tocar”	14/02/2018	Abuso sexual
46-“Depois da morte de minha mãe, tive de superar a depressão, mas aprendi a me amar”	01/02/2018	Drama pessoal
47-“Fugi da escravidão sexual e me tornei uma empresária de sucesso”	30/01/2018	Drama pessoal
48-“Depois de um divórcio traumático, tive três filhos com o meu melhor amigo”	27/12/2017	Relações afetivas
49-“Venci a compulsão sem remédio e perdi trinta quilos”	12/12/2017	Saúde
50-“Conheci minha melhor amiga em um ménage”	12/12/2017	Relações afetivas
51-“Sou tradutora durante o dia e dominadora à noite”	14/12/2017	Relações afetivas
52-“Ajudei a minha mãe a fugir com o amor da sua vida”	11/12/2017	Relações afetivas
53-“Fui drogada e bulímica durante sete anos”	11/12/2017	Saúde
54-“Meu filho era abusado pelo próprio pai”	07/12/2017	Abuso sexual
55-“Tentei me matar pulando do 15º andar”	01/12/2017	Depressão e suicídio
56-“Depois de perder a minha família em um acidente de avião, adorei uma criança e redescobri o amor”	30/11/2017	Adoção
57-“Encontrei o amor em um retiro que se quer podia falar”	22/11/2017	Relações afetivas
58-“Sem saber, sofri de toc durante 40 anos”	22/11/2017	Saúde
59-“Fiz um aborto depois de ser dopada e estuprada”	20/11/2017	Abuso sexual

60-“Fui estuprada por um homem que se passava por policial”	10/11/2017	Abuso sexual
61-“Mudança de hábito: de sedentária a fitness”	31/10/2017	Saúde
62-“Engravidei de gêmeos depois de ouvir que eu nunca seria mãe”	30/10/2017	Saúde
63-“Era a outra e nunca percebi”	23/10/2017	Relações afetivas
64-“Casei com um maníaco sexual”	17/10/2017	Drama pessoal
65-“Vivi um romance com um roqueiro famoso”	17/10/2017	Relações afetivas
66-“Tive um filho com um mendigo”	16/10/2017	Relações afetivas
67-“Sou amante do meu ginecologista há sete anos”	07/10/2017	Relações afetivas
68-“Larguei a carreira de executiva bem-sucedida para morar na África”	06/10/2017	Mercado de trabalho
69-“Conheci o amor da minha vida em linha cruzada”	05/10/2017	Relações afetivas
70-“O surfe me salvou após um câncer e uma separação”	28/09/2017	Drama pessoal
71-“Meu marido se veste de mulher”	19/09/2017	Relações afetivas
72-“Não tinha dinheiro pra sabonete, mas montei império de beleza”	15/09/2017	Mercado de trabalho
73-“Como me vinguei do meu ex-marido e recuperei a autoestima”	11/09/2017	Relações afetivas
74-“Me libertei de uma vida sem sexo sobre a cadeira de rodas”	06/09/2017	Relações afetivas
75-“Casei com um desconhecido que me ligou por engano”	06/09/2017	Relações afetivas
76-“Tirei um quarto do cérebro e perdi 40 quilos”	30/08/2017	Saúde
77-“Descobri que tinha esclerose múltipla, me formei e virei escritora”	26/07/2017	Saúde
78-“Meu trabalho de faculdade virou um negócio de vinte milhões”	03/07/2017	Mercado de trabalho
79-“Querida passear pelo mundo e acabei parte dos médicos sem fronteiras”	27/06/2017	Mercado de trabalho
80-“Fui estuprada nas férias e usei a minha dor para ajudar outras mulheres”	21/06/2017	Abuso sexual
81-“Sou policial, sou mulher e não vejo inadequação em postar foto de biquíni, diz a agente Mari Ag”	16/05/2017	Desafios da profissão
82-“Fui adotada adolescente por minha ex-patroa”	26/04/2017	Adoção
83-“Depois de quinze anos, superei o transtorno alimentar que me fez chegar a 38 quilos”	26/04/2017	Saúde

83 textos	De abril/2017 a dezembro/2018	33 temas “relações afetivas” 13 temas “saúde” 9 temas “abuso sexual” 9 temas “drama pessoal” 8 temas “mercado de trabalho” 3 temas “depressão e suicídio” 2 temas “drama familiar” 2 temas “religião” 2 temas “adoção” 1 tema “violência doméstica” 1 tema “desafio profissional”
-----------	-------------------------------	---

Para que possamos entender a dimensão da predominância do tema nos textos com os textos escolhidos para análise, construímos o gráfico de quantificação dos temas abordados nas histórias de vida da edição brasileira nos anos de coleta do material. Observemos:

GRÁFICO 1 - Quantitativo versão brasileira.



Logo, nossa justificativa pela escolha do macrotema se deu pela sua predominância na seção que analisamos; histórias de vida que têm como tema central as relações afetivas interpessoais.

Na versão eletrônica não há um número certo mensal de publicação da seção. Acreditamos que, no ano de 2018, as publicações foram mais constantes, pela frequência de consultas on-line, pois nos anos anteriores o número de publicação/mês foi menor.

Na edição francesa, o tema “relações afetivas” também é predominante. Construímos a seguinte tabela com o *corpus* dessa edição coletado nos anos de 2017 e 2018 (43 histórias de vida – o site francês dispõe de um número menor de textos publicados on-line), vejam:

Título da História de Vida	Data da Publicação on-line	Tema abordado
1 – Le jour où j’ai failli adopter “O dia que eu falhei adotar”	14/12/2018	Adoção
2 – J’ai vécu une histoire d’amour avec un acteur oscarisé “Eu vivi uma história de amor com um ator de oscar”	16/11/2018	Relações afetivas
3 – Deuil perinatal: ce jour où je suis devenue mamange “Luto perinatal: este dia tornei-me uma mãe”	19/10/2018	Drama familiar
4 – J’ai été mise au placard “Eu me coloquei no placar”	18/09/2018	Mercado de trabalho
5 – Je me suis endettée pour payer mes études “Eu me endividei para pagar meus estudos”	14/09/2019	Drama pessoal
6 – Il a sacrifié son désir d’enfant pour moi “Ele sacrificou seu desejo de criança por mim”	13/09/2018	Relações afetivas
7 – Mon nouveau prénom m’a sauvée “Meu novo nome me salvou”	19/10/2018	Mercado de Trabalho
8 – Je me casse tout, tout le temps “Eu me machuco todo o tempo”	14/08/2018	Relações afetivas
9 – J’ai quitté les reseaux sociaux “Eu deixei as redes sociais”	15/06/2018	Relações afetivas
10 – Je rougis tout le temps “Eu reclamo o tempo todo”	04/05/2018	Drama pessoal
11 – Je vis en couple dans une coloc “Eu vivo como casal com uma colega de quarto”	13/04/2018	Relações afetivas

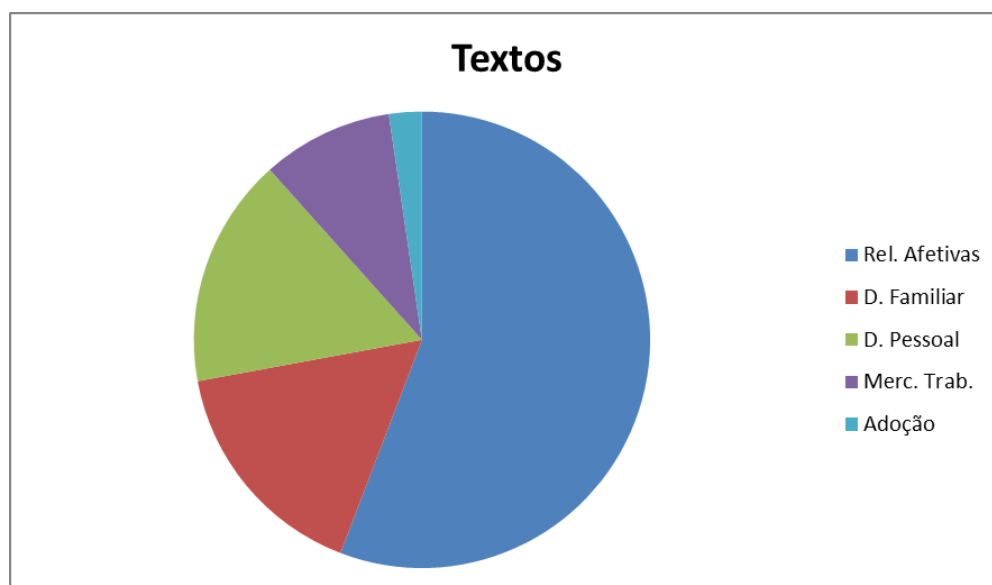
12 – J’ai été extrêmement riche “Eu fui extremamente rica”	Abril/2018 (site e publicado na revista impressa de número 788)	Drama pessoal
13 – J’ai refuse la garde de mes enfants “Eu recusei a guarda das minhas crianças”	22/02/2018	Drama familiar
14 – J’ai privé mès enfants de smartphones pendant um moi “Eu privei meus filhos de smartphones durante um mês”	*	Drama familiar
15 – J’ai trouvé ma nonou quarante ans plus tard “Eu reencontrei minha babá quarenta anos mais tarde”	*	Relações afetivas
16 – L’homme idéal était échangiste “O homem ideal fazia swinger”	*	Relações afetivas
17 – J’ai quitté mon mari pour son père “Eu deixei meu marido por causa do seu pai”	*	Relações afetivas
18 – J’ai rompu avec ma meilleur amie “Eu rompi com a minha melhor amiga”	*	Relações afetivas
19 – Je reste avec lui pour son argent “Eu fico com ele por causa do dinheiro”	*	Relações afetivas
20 – Ma soeur et son copain faisaient l’ajmour à côté de moi “Minha irmã e seu namorado fazem amor do meu lado”	*	Relações afetivas
21 – J’ai rencontré ma meilleur amie sur le Tinder. “Eu encontrei minha melhor amiga no Tinder”	*	Relações afetivas
22 – J’ai été virée du convent “Eu me tornei do convento”	*	Drama pessoal
23 – J’ai volé um bébé à la maternité “Eu roubei um bebê na maternidade”	*	Drama familiar
24 – J’ai tout quitté pour une autre femme “Eu deixei tudo por uma outra mulher”	*	Relações afetivas
25 – Il a mis un terme à sa carrière pour moi “Ele colocou um término na sua carreira por mim”	*	Relações afetivas
26 – J’ai été la femme álibi d’un élu homosexuel	*	Relações afetivas

“Eu fui a mulher álibe de um eleito homossexual”		
27 – L'échangisme et mon mode de vie “O swinger e meu modo de vida”	*	Relações afetivas
28 – J'ai été manipulée par mon prof de yoga “Eu fui manipulada pelo meu professor de yoga”	*	Relações afetivas
29 – On a fait un bébé en amis “Fizemos um bebê entre amigos”	*	Relações afetivas
30 – J'ai caché mon amoureux pendant huit ans “Eu escondi meu amor durante oito anos”	*	Relações afetivas
31 – Ma soeur a couché avec mon mari “Minha irmã se deitou com meu marido”	*	Relações afetivas
32 – Mon Marie est addict au sexe “Meu marido é compulsivo sexual”	*	Drama familiar
33 – Mes parents m'ont caché que j'étais surdonnée “Meus pais me esconderam que eu era superdotada”	*	Drama familiar
34 – J'ai été un patron tyrannique “Eu fui uma patroa tirânica”	*	Mercado de trabalho
35 – J'ai été hackée par mon ex “Eu fui ragueada pelo meu ex”	*	Relações afetivas
36 – Quand gagner au loto se transforme en couchemar “Quando ganhar na loteria se torna um pesadelo”	*	Drama pessoal
37 – Je suis né hermaphrodite: ni vraiment homme, ni vraiment femme “Eu nasci hermafrodita: nem verdadeiramente homem, nem verdadeiramente mulher”	*	Drama pessoal
38 – Obligée de verser une pension à mon ex “Fui obrigada de dar uma pensão para meu ex”	*	Relações afetivas
39 – Mon ex-compagne me prive de ma fille “Meu ex-companheiro me priva da minha filha”	*	Drama familiar
40 – Ma fille m'ai piqué mon compagnon “Minha filha me roubou meu companheiro”	*	Relações afetivas
41 – Je suis jalouse, mais je me soigne “Eu sou ciumenta, mas estou me tratando”	*	Drama pessoal

42 – J’ai aidé sa maitresse à passer son diplôme “Eu ajudei sua amante a obter seu diploma”	*	Relações afetivas
43 – J’influence des policiers et des célébrités grâce à mon don “Eu influencio políticos e celebridades graças ao meu dom”	*	Mercado de trabalho
(*) Não há data de publicação no site da <i>Marie Claire</i> ou no site informa que foi publicado na revista impressa, somente mencionando o número da revista.		
43 textos	De abril/2017 a dezembro/2018	Relações afetivas: 24 Drama pessoal: 7 Drama familiar: 7 Mercado de trabalho: 4 Adoção: 1

Para que possamos entender a dimensão da predominância de textos com os textos escolhidos para a análise, construímos o gráfico de quantificação dos temas abordados nas histórias de vida da edição francesa nos anos de coleta do material. Observemos:

GRÁFICO 2 - Quantitativo versão francesa



Acreditamos que o macrotema “relações afetivas” também possui grande destaque na seção *Eu, leitora* e *Moi, lectrice* por despertar um maior interesse do

público feminino, uma vez que as leitoras podem, em muitos casos, identificarem-se com alguma história publicada. Acreditamos também que elas possam ter vivido uma situação semelhante, ou, simplesmente, possam achar interessante o tema abordado. A identidade da mulher nesses textos cuja temática é *relações interpessoais* nos revela uma busca incansável da legitimação da mulher enquanto ser social, mas também da sua representação socialmente no espaço público. Como o tema é atraente para as leitoras, ele é o mais abordado na seção. A imagem que a revista projeta da figura feminina muitas vezes carrega estereótipos, como veremos no capítulo das análises.

Para que possamos ilustrar a escolha do tema das narrativas de vida da seção da revista, segue a lista dos textos escolhidos para análise, da seção “Eu. Leitora”, edição brasileira e “Moi, lectrice”, edição francesa, respectivamente:

- 1 – Eu, leitora: “Me apaixonei por um homem e uma mulher e hoje namoro os dois.”
16/11/2018
- 2 – Eu, leitora: “Escrevi ‘mãe de viado’ na testa para apoiar meu filho gay.”
02/10/2018
- 3 – Eu, leitora: “Casei com um homem que me traía com garotos de programa.”
04/05/2018
- 4 – Eu, leitora: “Sonhei com o amor da minha vida antes de conhecê-lo.” 19/04/2018
- 5 – Eu, leitora: “Conheci minha melhor amiga num ménage.” 12/12/2017
- 6 – Eu, leitora: “Ajudei a minha mãe a fugir com o amor da vida dela.” 11/12/2017
- 7 – Eu, leitora: “Sou tradutora durante o dia e dominadora durante à noite.”
14/12/2017
- 8 – Eu, leitora: “Demorei 11 anos para ficar com meu amor.” 01/12/2017
- 9 – Eu, leitora: “Eu era a outra e nunca percebi.” 23/10/2017
- 10 – Eu, leitora: “Tive um filho com um mendigo”. 16/10/2017
- 11 – Eu, leitora: “Como me vinguei do meu marido e recuperei a autoestima.”
11/09/2017
- 12 – Eu, leitora: “Me apaixonei por um aluno adolescente e lutei contra todos para casar com ele.” 28/03/2017
- 13 – Eu, leitora: “Perdi amigos e família por ser trans, mas nasci de novo no ambiente de trabalho.” 21/03/2017
- 1 – Moi, lectrice: “J’ai refusé La garde de mês enfants.” 22/02/2018

- 2 – Moi, lectrice: “J’ai quitté mon mari pour son père.” 15/11/2017
- 3 – Moi, lectrice: “J’ai rompu avec ma meilleure amie.”
- 4 – Moi, lectrice: “Je reste avec lui pour son argent.”
- 5 – Moi, lectrice: “Ma soeur et son copain faisaient l’amour à côté de moi.”
- 6 – Moi, lectrice: “J’ai été la femme alibi d’un élu homosexuel.”
- 7 – Moi, lectrice: “L’échangisme et mon mode de vie.”
- 8 – Moi, lectrice: “j’ai été manipulé par mon prof de yoga.”
- 9 – Moi, lectrice: “On a fait un bébé entre amis.”
- 10 – Moi, lectrice: “J’ai caché mon amoureux pendant huit ans.”
- 11 – Moi, lectrice: “Ma soeur a couché avec mon mari.”
- 12 – Moi, lectrice: “Mon mari est addict au sexe.”
- 13 – Moi, lectrice: “J’ai vécu une histoire d’amour avec un acteur oscarisé.”
- 16/11/2018

Portanto, as “relações afetivas”, sejam elas relações amorosas, familiares ou de amizade, se fazem presentes nos textos escolhidos. Como afirmamos, o tema atrai a atenção da leitora e as relações, como um todo, fazem parte de diversos discursos que circulam a sociedade, em cada parte do mundo. Esse tema está relacionado ao drama da mulher com relação aos relacionamentos amorosos, familiares e de amizade. É um tema característico do gênero feminino, pois estão frequentemente mais presentes nas mídias voltadas para esse público. O formato da revista ainda segue padrões impostos para o gênero feminino que carrega em si a importância das relações interpessoais.

Por questão de apoio e organização das análises, subdividimos o tema “relações afetivas” em três eixos temáticos, que chamamos de bloco: bloco A, bloco B e bloco C. Cada bloco possui um microtema ligado ao macrotema escolhido (microtemas de um macrotema que podem ser percebidos em frases, períodos ou até mesmo fazer parte do texto completo). Precisamos deixar claro aqui que esse direcionamento com relação ao macrotema e seus eixos temáticos foi adotado para facilitar a análise e a interpretação do leitor da pesquisa. Maingueneau (2008, p. 82) justifica a amplitude dessa categoria da seguinte forma:

Faz muito tempo, percebemos isso no domínio da história das ideias: se se decompõe em um conjunto de temas do discurso cuja especificidade parece à primeira vista não apresentar a menor dúvida, muito frequentemente fica claro que praticamente nenhum desses temas é realmente original, dado que ele se reencontra em múltiplos outros discursos, até nos seus adversários.

Logo, o tema e os eixos temáticos também fazem parte de outros discursos ligados ao assunto discutido. Pensando numa organização melhor dos textos durante as análises, dividimos o macrotema “relações afetivas” em blocos com os seguintes eixos temáticos:

- 1) Bloco A: histórias de amor entre casais;
- 2) Bloco B: relações fora do tradicional;
- 3) Bloco C: relações polêmicas.

No capítulo 5, as análises serão dispostas em um confronto entre os blocos das duas versões da revista para demonstrarmos as representações femininas ali encontradas e fazermos a comparação.

Marie Claire coloca sua face para debater assuntos polêmicos vividos por mulheres, não somente na seção escolhida para análise, mas em diversos outros textos publicados na revista. Ela busca manter um contato com a sua leitora através dos acontecimentos do cotidiano vivido por essa mulher inserida no mundo contemporâneo. É um verdadeiro espaço midiático para estudar as representações femininas presentes nos discursos sobre a mulher e/ou da mulher, representações essas que revelam como o gênero feminino ainda carrega traços da família tradicional do mundo ocidental como discutiremos no capítulo 5. As revistas voltadas para o público feminino abordam, muitas vezes, os discursos silenciados de alguma forma no ambiente em que a mulher vive, mesmo que ainda estejam presentes os estereótipos negativos. A revista possui espaços de denúncia quando seus textos trazem alguns temas, tais como “abuso sexual”, “violência doméstica” e “depressão”, bem como é um espaço de troca de experiências impostas ao gênero feminino, tais como o perfil da boa esposa e mulher sob o olhar do gênero masculino.

A revista é considerada um espaço aberto para tendências: de moda, beleza e corpo, principalmente seguindo os padrões de beleza que a sociedade impõe às mulheres. A *Marie Claire* abre um leque para debates, porém possui traços inegáveis de que a mulher ainda precisa carregar bandeiras de luta de igualdade entre os gêneros. Por todos esses detalhes, acreditamos que a *Marie Claire* contém um espaço amplo para investigações sobre o traçar da história das mulheres.

4.2. Percurso de análise para a pesquisa

No intuito de trabalhar com as histórias de vida, escolhemos os depoimentos de leitoras – coletados pela revista, transformados em textos com característica narrativa (uma vez que a própria personagem descreve em primeira pessoa a experiência vivida) – pelo fato deles serem um grande nicho no que se refere às representações da mulher no discurso midiático. O objetivo geral dessa tese, como já exposto, é apreender semelhanças e diferenças na representação da mulher contemporânea nessas seções da revista *Marie Claire* brasileira e francesa (publicação entre os anos de 2017 e 2018) a partir da análise dos principais procedimentos linguístico-discursivos de construção das narrativas de vida publicadas nas seções *Eu, leitora* (versão brasileira) e *Moi lectrice* (versão francesa) da revista. Para tanto, adotamos quatro passos para alcançar esse intento:

- 1) Definir o contrato de comunicação próprio das seções *Eu, leitora* (versão brasileira) e *Moi lectrice* (versão francesa):

Essa etapa nos permitirá definir quais são os sujeitos da linguagem envolvidos no ato comunicacional e quais são os papéis que eles assumem, a fim de delinear as representações sociais atribuídas às personagens do texto em análise. Conhecer o contrato comunicacional firmado no *corpus* em análise torna-se fundamental para chegarmos até a definição da imagem criada da personagem protagonista/leitora a partir da sua história de vida, bem como verificar os papéis atribuídos a ela. Esses são os principais resultados que almejamos ter ao abordar o contrato comunicação da TS.

- 2) Estudar os modos de organização do discurso presentes no *corpus*:

Essa etapa nos possibilitará entender como a organização do discurso se dá nessas histórias de vida. É através das sequências narrativas que o depoimento é transcrito criando um texto final publicado. O modo de organização do discurso narrativo é fundamental para nossa análise, bem como os outros modos que se encontram inseridos na narrativa e que, muitas vezes, descrevem e argumentam dentro de um processo enunciativo, sob o olhar da editora. Essa fase é crucial para que possamos levantar dados que nos permitam a chegar numa representatividade feminina na visão da revista.

3) Estudar os imaginários sociodiscursivos, com um aprofundamento na questão da construção identitária e do *ethos*:

Essa etapa nos permitirá resgatar, dentro dos textos, as representações que circulam dentro dos diversos discursos da/sobre a mulher, passando pela construção de identidade do gênero feminino na seção da revista, bem como chegarmos na imagem que ela projeta das personagens protagonistas/leitora na história de vida contada. A partir desse momento da pesquisa poderemos, sem sobra de dúvida, definir quais são as estratégias utilizadas com relação à identidade projetada em ambas edições, brasileira e francesa, mas ele também contribuirá para definirmos quais as diferenças e semelhanças existentes na construção da imagem da mulher em ambos contextos, se elas existirem.

4) Comparar as edições brasileira e francesa:

Nessa importante e última etapa da pesquisa, iremos voltar ao contrato comunicacional firmado entre os sujeitos da linguagem, os recursos utilizados através dos modos de organização do discurso, a imagem final nos dois contextos, a construção identitária da figura feminina projetada no texto e a representação da mulher em ambas as edições para chegarmos nas semelhanças e diferenças existentes nas histórias de vida analisadas.

Para isso, o capítulo de análise está dividido em três partes que compõem a abordagem da Teoria Semiolinguística proposta pelas categorias de análise (como nos propusemos ao explicar no capítulo 3, de revisão de literatura) para chegarmos a um resultado final:

1ª parte) uma análise da revista *Marie Claire*, edição brasileira.

2ª parte) uma análise da revista *Marie Claire*, edição francesa.

3ª parte) uma análise comparativa das edições brasileira e francesa.

Primeiramente, demonstraremos os papéis dos sujeitos e o contrato comunicacional entre a revista e a leitora. No segundo momento, trabalharemos os modos de organização do discurso, principalmente o enunciativo e o narrativo, mas não descartaremos o descritivo e o argumentativo. Em terceiro lugar, demonstraremos os efeitos provocados na construção do sentido do texto e as representações femininas na revista brasileira. Por fim, buscaremos as representações do feminino na escrita: os imaginários sociodiscursivos, a construção da identidade e do *ethos* das personagens femininas. Após a análise das duas edições, buscaremos montar um quadro comparativo

de semelhanças e diferenças que se fizerem pertinentes com relação à construção das representações femininas em ambos contextos sociais.

4.3. Considerações parciais

Procuramos demonstrar nesse capítulo como se deu a coleta do *corpus*, bem como explicar como a teoria *charaudiana* será abordada para chegarmos a um resultado final da nossa tese.

A nossa fascinação pelo objeto de estudo aumentou ainda mais quando passamos por todas essas etapas, da escolha do tema até a escolha e a justificativa dos textos a serem analisados. Acreditamos que nesse material há um grande nicho de informações as quais nos levarão para o resultado que mais nos interessa, qual seja, responder à pergunta: qual é a projeção da imagem da mulher nos dias de hoje em ambos os contextos das edições em análise? A escolha do objeto nos permitirá traçar as representações sociais que circulam a sociedade com relação ao gênero feminino e aos papéis atribuídos a ele.

No momento dessa coleta de dados, observamos que certos assuntos são abordados mais diretamente do que outros, uma vez que uns têm mais incidência que outros dentro da seção da revista. Observamos, ainda, que o propósito da revista *Marie Claire*, como a de qual outra, é atrair cada vez mais suas leitoras, uma vez que o mercado de revista, cujo público-alvo é o feminino, é bastante disputado e crescente atualmente.

Enfim, estamos certos de que essa etapa nos possibilitou delinear um pouco mais o nosso objetivo de se fazer revelar as faces existentes da representação feminina enquanto pesquisadores da linguagem e enquanto admiradores dos discursos que envolvem o gênero feminino na esfera social. Possibilitou-nos, também, revelar que os estereótipos ainda estão enraizados em pleno século XXI e a busca pela paridade entre os gêneros está somente começando, pois o seu progresso dependerá do posicionamento das gerações futuras perante esse fato.

PARTE 2

CAPÍTULO 5 – REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM NARRATIVAS DE VIDA DA REVISTA *MARIE CLAIRE*

Nossa intenção, neste capítulo, é demonstrar como se dá o fazer narrativo, ou seja, de que maneira a narrativa se constrói em torno dos sujeitos narradores e como eles se exprimem para dar maior legitimação aos seus ditos por meio das estratégias discursivas. Nessa perspectiva, temos como objetivo, nessa pesquisa, apreender as representações da mulher na revista *Marie Claire* versões brasileira e francesa. Partiremos, pelas análises dos principais procedimentos linguístico-discursivos, de construção das narrativas. Para isso, precisamos observar, na seção da revista, qual estilo adotado, quais as estratégias que essas narradoras empregam para captar leitoras e como as narradoras reconstróem o passado para revelar uma história no tempo presente, buscando sempre verificar os papéis narrativos da mulher, bem como os papéis narrativos da figura masculina.

Portanto, iniciaremos com a apresentação das análises de textos do *corpus* selecionado: os textos da versão brasileira da seção “Eu, leitora” e os textos da versão francesa “Moi, lectrice”. Esse estudo nos permitirá comparar as duas versões no item final desse capítulo, suas diferenças e semelhanças, uma vez que abordaremos as categorias da TS separadamente para que após possamos demonstrar as representações do feminino, conforme já dissemos nos capítulos anteriores.

Conforme abordado no capítulo metodológico, separamos os textos por blocos (A, B e C), seguindo eixos temáticos, ou seja, dividimos em três microtemas o macrotema “relações afetivas” para apresentarmos as incidências de análises e reflexões partindo das categorias propostas pelas TS. Cada bloco será analisado e, depois, confrontaremos com o mesmo bloco (segundo o microtema), mas da versão diferente (versão francesa), sendo assim, realizando o estudo comparativo conforme nos propomos. Inicialmente, demonstraremos como se dá o contrato comunicacional, bem como a relação dos sujeitos envolvidos na enunciação. Num segundo momento, iremos abordar os modos de organização do discurso mais pertinentes ao gênero do discurso do *corpus*, que são o enunciativo, o narrativo e o descritivo. Por fim, demonstraremos os imaginários sociodiscursivos presentes, como se dá a construção identitária da figura feminina e o *ethos* construído nessas narrativas de vida. Recontextualizando, feita a análise dos textos brasileiros, analisaremos os textos franceses, passando pelo mesmo percurso para, em seguida, fazermos uma análise comparativa dos

aspectos discursivos das duas versões separadamente por blocos da revista no que se refere às representações da mulher. Nossa hipótese está acerca da ideia de que, em ambas as revistas, temos semelhanças, mas sobretudo diferenças culturais que ditam comportamentos ora semelhantes, ora diferentes, dentro do discurso dessa mulher leitora protagonista das narrativas de vida. Nesse último momento, teremos mais claramente as evidências que nos permitirão a comparação como se propõe a TS.

Para realizar nossas análises, obedecemos a ordem a seguir, dividindo os textos por bloco, conforme eixo temático (microtemas):

1. Versão brasileira:

Bloco A	Bloco B	Bloco C
Eixo temático: Relações fora do tradicional.	Eixo temático: História de amor entre casais.	Eixo temático: Relações polêmicas.
<p>1 – <i>Eu, leitora: sou tradutora durante o dia e dominadora à noite.</i></p> <p>2 – <i>Eu, leitora: me apaixonei por um homem e uma mulher e hoje namoro os dois.</i></p> <p>3 – <i>Eu, leitora: escrevi mãe de viado na testa para apoiar o meu filho gay.</i></p> <p>4 – <i>Eu, leitora: casei com um homem que me traía com garotos de programa.</i></p>	<p>1 – <i>Eu, leitora: sonhei com o amor da minha vida antes de conhecê-lo.</i></p> <p>2 – <i>Eu, leitora: ajudei a minha mãe fugir com o amor da sua vida.</i></p> <p>3 – <i>Eu, leitora: demorei onze anos para ficar com o meu amor.</i></p> <p>4 – <i>Eu, leitora: tive um filho com um mendigo.</i></p> <p>5 – <i>Eu, leitora: me apaixonei por um aluno adolescente e lutei contra todos para casar com ele.</i></p>	<p>1 – <i>Eu, leitora: conheci a minha melhor amiga num ménage.</i></p> <p>2 – <i>Eu, leitora: eu era a outra e nunca percebi.</i></p> <p>3 – <i>Eu, leitora: como me vinguei do meu marido e recuperei a minha autoestima.</i></p>

2. Versão francesa.

Bloco A Eixo temático: relações fora do tradicional.	Bloco B Eixo temático: histórias de amor entre casais.	Bloco C Eixo temático: relações polêmicas.
<p>1 – <i>Moi, lectrice: mon mari est addict au sexe.</i></p> <p>2 – <i>Moi, lectrice: mon échangisme et mon mode de vie.</i></p> <p>3 – <i>Moi, lectrice: j'ai été la femme alibi d'un élu homossexuel.</i></p>	<p>1 – <i>Moi, lectrice: j'ai quitté mon mari pour son père.</i></p> <p>2 – <i>Moi, lectrice: j'ai rompu avec ma meilleur amie.</i></p> <p>3 – <i>Moi, lectrice: on a fait un bébé entre amis.</i></p> <p>4 – <i>Moi, lectrice: j'ai caché mon amoureux pendant huit ans.</i></p> <p>5 – <i>Moi, lectrice: j'ai vécu une histoire d'amour avec un acteur oscarisé.</i></p>	<p>1 – <i>Moi, lectrice: j'ai refusé la garde de mes enfants.</i></p> <p>2 – <i>Moi, lectrice: je reste avec lui pour son argent.</i></p> <p>3 – <i>Moi, lectrice: ma soeur et son copain faisaient l'amour à côté de moi.</i></p> <p>4 – <i>Moi, lectrice: j'ai été manipulée par mon prof de yoga.</i></p> <p>5 – <i>Moi, lectrice: ma soeur a couché avec mon mari.</i></p>

Para seguir nossas análises, dividimos o capítulo em três tópicos: 1) Análise das narrativas da revista *Marie Claire*, depoimentos brasileiros; 2) Análise das narrativas da revista *Marie Claire*, depoimentos franceses; 3) Análise comparativa dos textos brasileiros e franceses da revista *Marie Claire*. Somente assim poderemos identificar da melhor forma possível as semelhanças e diferenças existentes na construção do sentido do texto em ambos os contextos, bem como fazer o estudo comparativo. Essa é a estrutura de capítulo que adotamos para responder a nossa hipótese de que existem diferenças comportamentais das personagens femininas, ao tecerem as narrativas de vida nas duas versões, bem como diferenças das representações do feminino no *corpus* escolhido.

5.1. Análise das narrativas da revista *Marie Claire* brasileira

5.1.1. Estudo dos papéis dos sujeitos e o contrato comunicacional

Sabemos que a questão do sujeito está intensamente presente dentro dos estudos linguísticos contemporâneos. Mais precisamente o início dos estudos se deu nos anos de 1960. É, a partir desse momento pós-estruturalista, que o sujeito ganha um espaço e se destaca nos estudos dentro das *Ciências da Linguagem*. A questão do sujeito tornou-se central dentro das teorias da enunciação, pois ele é o grande protagonista da comunicação, uma vez que o seu papel dentro do ato de linguagem é de inteira relevância para os estudos ligados às construções identitárias e de imagens de si dentro do discurso. Os primeiros estudiosos a

darem relevância ao papel do sujeito no ato comunicacional foram Bakhtin (1929), Jakobson (1963) e Benveniste (1966). Bakhtin, precocemente, já adiantava a questão do sujeito questionando o estruturalismo linguístico do início do século XX, mas foi traduzido no ocidente na segunda metade do século. Mello (2003) define o sujeito bakhtiniano da seguinte forma: “o sujeito é visto como um ser histórico e produto de um conjunto de relações sociais, e propõe o então chamado ‘indivíduo social’ nos estudos preliminares de uma teoria do dialogismo social” (p. 35). Ora, se para Bakhtin o sujeito é um ser social, ao fazer parte de uma sociedade, em que ele troca experiências com outros sujeitos, as construções de sentido do discurso partem das experiências desse sujeito como indivíduo e membro de um determinado grupo, que detém valores, julgamentos e saberes que compartilham entre si.

Portanto, na nossa pesquisa, é preciso traçar os papéis dos sujeitos do ato comunicacional do *corpus* escolhido para nossa análise por meio do contrato comunicacional de Charaudeau para chegarmos às representações do feminino na revista *Marie Claire*, uma vez que o sujeito tem uma posição privilegiada dentro do discurso, levando-se em conta as questões da interação verbal, da subjetividade do indivíduo e da interlocução entre sujeitos. Como exposto no capítulo 3 sobre a TS, a interação verbal é uma prática da linguagem em que os sujeitos do quadro comunicacional proposto ou de uma dada circunstância constroem um texto de acordo com suas intenções perante o outro. Para a TS, a construção do sentido de um ato comunicacional depende das circunstâncias da produção enunciativa e dos destinatários aos quais o discurso é direcionado. Portanto, a TS defende que o ato de linguagem corresponde a trocas languageiras que se constroem por meio dos sujeitos que protagonizam o discurso dentro de uma *mise en scène*. Logo, a enunciação é a ação e a influência que o sujeito que enuncia exerce sobre o sujeito que recebe a mensagem, sujeitos esses que, como vimos no capítulo 3, a TS chama de sujeito-enunciador e sujeito-destinatário (idealizado), respectivamente.

Nossa análise, a partir de agora, entrará no aprofundamento do contrato comunicacional, que tem como principal objetivo reconhecer estratégias discursivas utilizadas por sujeitos enunciadorees em uma determinada situação comunicacional, no nosso caso, o espaço entre a revista *Marie Claire* brasileira e suas leitoras. Um dos nossos objetivos nesse momento é de compreender e analisar o significado do texto, bem como reconhecer as marcas da identidade dos sujeitos que protagonizam esse ato de linguagem proposto para análise.

Como já expomos no capítulo teórico, o quadro comunicacional é composto de quatro sujeitos: o sujeito-comunicante (EUc); o sujeito-enunciador (EUe); o sujeito-

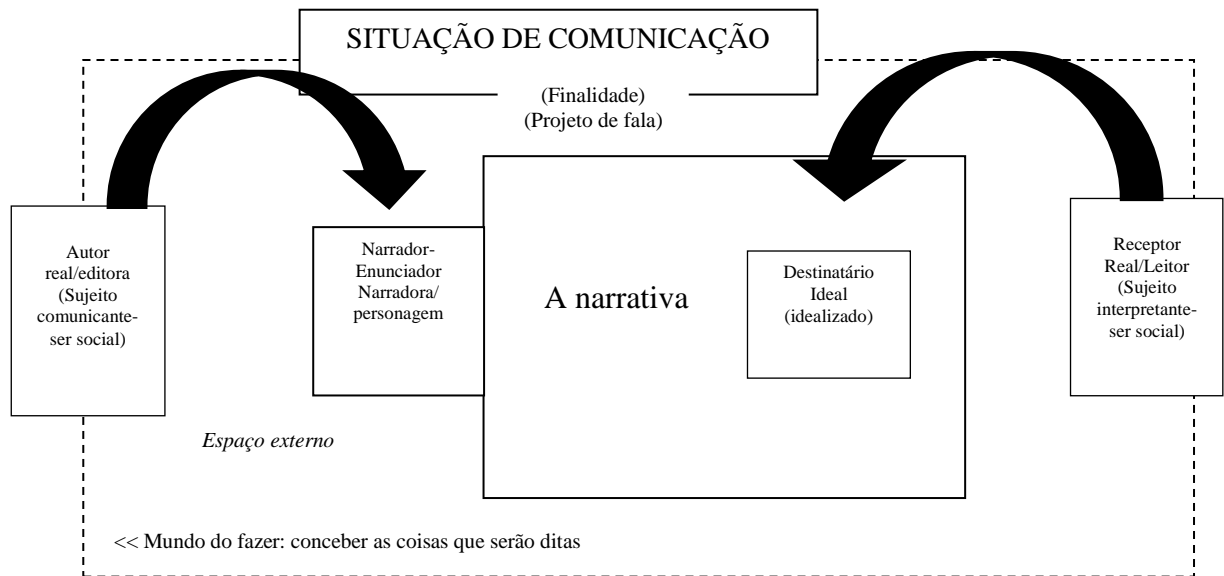
destinatário (TUd); o sujeito-interpretante (TU_i). O sujeito-comunicante e o sujeito-interpretante operam no espaço externo (em nível situacional) e o sujeito-enunciador e o sujeito-destinatário operam no espaço interno (em nível discursivo – o espaço do dizer).

É dentro desse planejamento, em que se propõe o quadro comunicativo de Charaudeau (1992), que definimos, a partir do nosso *corpus*, os seguintes papéis:

1. autora real/editora: sujeito-comunicante;
2. narradora/personagem (quem conta a história por meio do próprio depoimento): sujeito-enunciador;
3. leitora idealizada: sujeito-destinatário;
4. leitora real: sujeito-interpretante.

Seguindo nossa análise, o quadro comunicacional é refeito da seguinte forma:

FIGURA 6 – Proposta do quadro comunicacional



No quadro anterior, podemos observar a distribuição dos sujeitos nos espaços interno, da ordem discursiva, e no externo, da ordem situacional. Logo, a autora real/editora da revista *Marie Claire* é o sujeito comunicante, pois é ela quem cria a situação comunicacional com a intenção de persuadir a leitora (público-alvo), por meio dessa narrativa de vida, representada no quadro pela leitora real, com o propósito de se obter o contrato comunicacional de forma positiva, ou seja, torná-la uma leitora assídua das suas publicações. Para isso, a revista se baseia no seu público-alvo e traz, para o contexto da revista, assuntos

relacionados ao feminino e temas que atraem o gênero. Portanto, a intenção da revista é de manter a fidelidade com as leitoras e, para isso, utiliza-se de estratégias discursivas.

O sujeito enunciador é a narradora/personagem, aquela que conta a história na perspectiva da leitora (uma leitora da revista relatando sua própria experiência) para outras leitoras. A autora real/editora, como sujeito comunicante, transforma o depoimento em materialidade (em texto escrito para ser publicado), tendo como a protagonista da história de vida uma leitora, que narra, em primeira pessoa, a sua história, que, conseqüentemente, tem a intenção de reter o olhar do público-alvo da revista, idealizando-a com possíveis características femininas, pertencentes ao gênero, circulantes nos imaginários sociais, uma vez que ela quer atrair a atenção das mulheres. Não há uma reciprocidade imediata do sujeito destinatário, pois acontece somente o contato quando a leitora real lê a história que foi narrada para publicação. A leitora passa a ter o papel de sujeito interpretante dentro da instância comunicacional. Mesmo assim, há um contrato comunicacional previsto entre os sujeitos da linguagem participantes dessa *mise en scène*.

Para entendermos o quadro comunicacional, observemos o seguinte trecho da narrativa de vida da revista brasileira, “sou tradutora durante o dia e dominadora à noite”, pertencente ao bloco A de análise (microtema: relações fora do tradicional). O sujeito comunicante (autora real/editora) faz uma breve apresentação da história que será narrada pelo sujeito enunciador (narradora/personagem):

Passagem 13) Depois de várias decepções amorosas, a advogada e tradutora M., 36 anos, resolveu procurar um parceiro na internet. Encontrou uma tribo que pratica os mais variados fetiches e tornou-se dominadora de homens na cama. Criou um blog e colocou anúncios em comunidades na internet para divulgar seus dotes. Encontrou dezenas de submissos que pagam para ter encontros (nem sempre sexuais) com ela. Mas M. continua à procura de um grande amor. (Texto: Eu, leitora: sou tradutora durante o dia e dominadora à noite)

Este trecho é o início da seção “eu, leitora, sou tradutora durante o dia e dominadora à noite”. O depoimento foi retextualizado pela editora Maria Laura Neves, responsável pela escrita do relato da leitora chamada de M. A autora real/editora, como sujeito comunicante, abre espaço para o sujeito-enunciador narrar a história. A apresentação do resumo da história de vida é feita em terceira pessoa, pois é uma apresentação da história a ser narrada pela leitora/personagem (narradora/personagem). Entretanto, não levaremos em consideração essas passagens, pois não fazem parte do nosso *corpus* de análise, como nos propomos. Como podemos ver no próximo trecho (início da narrativa de vida), a narrativa se dá em primeira pessoa (narradora/personagem):

Passagem 14) minha infância foi solitária, minha mãe não me deixava brincar na rua com as outras crianças nem dormir na casa de amigas. Lembro de poder brincar apenas com meu irmão, um ano mais novo. Minha mãe era uma mulher autoritária e rígida, especialmente comigo, sua única filha. Ela dizia que eu deveria me

portar como uma mocinha delicada – o que era difícil, porque sempre fui a mais alta e menos discreta da classe. (Eu, leitora: sou tradutora durante o dia e dominadora à noite)

A narrativa publicada se dá em primeira pessoa, ou seja, a leitora torna-se a protagonista da história de vida vivida por ela e contada para as outras leitoras, que, dentro do circuito interno, chamamos de sujeito-destinatário, e elas são idealizadas, pois pressupõem um tipo de leitora e sua reação em relação à experiência de vida, uma vez que a revista conhece o público-alvo e trabalha com o seu perfil. Essa preocupação com o público-alvo leva a revista a divulgar (no formato impresso ou digital) assuntos interessantes para o público feminino, e os mais predominantes estão estampados nos subtópicos no *site* da revista e tratam de amor e sexo, moda, beleza, celebridades, comportamento, *blogs*, vídeos, horóscopo, *shopping* etc. Vejamos a figura do site a seguir que demonstra os subtópicos citados:

FIGURA 7 – Exposição do *site* da revista



Logo, nossa afirmação pode ser baseada nessa figura da página *on-line* da revista, pois os assuntos abordados são os mais diversos ligados ao universo feminino, conforme vimos na imagem anterior do site da revista brasileira. Não só no *site*, mas as capas das revistas impressas também são convidativas e atraem o público desejado. *Marie Claire* é uma revista com personalidade forte, dirigida a mulheres inteligentes e bem-resolvidas, que mostra toda a riqueza do universo feminino ao reunir reportagens que interessam a esse público. A partir da nossa experiência com o folhetim, não nos resta a menor dúvida do seu direcionamento, apesar de, muitas vezes, abordar assuntos polêmicos de forma conservadora

como veremos. Acreditamos que isso acontece por causa do público-alvo, uma vez que as leitoras devam ter diversos posicionamentos que circulam no âmbito conservador de uma sociedade.

As leitoras da revista são representadas no quadro comunicacional como sujeito-destinatário e sujeito-interpretante. O sujeito-destinatário é a leitora idealizada pela revista, ou seja, aquela que tem as características do público que a revista pretende atingir: o perfil da *Marie Claire* brasileira busca mulheres de diversas faixas etárias, classes sociais e independe da sua condição familiar, porém interessada em assuntos tradicionalmente ligados ao feminino, tais como relações afetivas, conflitos de gênero, beleza, moda etc. Já o sujeito-interpretante é a leitora real a quem a história de vida procura tocar, de alguma forma, ou seja, a leitora de fato da seção, que pode também fugir aos padrões idealizados pela revista (sujeito-comunicante).

Nesse contexto, partimos do pressuposto de que os seres sociais envolvidos nessa interação têm papéis que estabelecem uma relação de cumplicidade, uma vez que lançam estratégias que permitem, no quadro da enunciação, expor suas intenções. O ato de comunicação pressupõe um contrato, e os indivíduos envolvidos são capazes de entrar em um acordo, o que corresponde à aceitação da troca linguageira. Segundo Charaudeau (2008, p. 56), o contrato é o:

[...] conjunto de condições nas quais se realiza qualquer ato de comunicação (qualquer que seja a sua forma, oral ou escrita, monolocutiva ou interlocutiva). É o que permite aos parceiros de uma troca linguageira reconhecerem um ao outro com os traços identitários que os definem como sujeitos desse ato (identidade), reconhecerem o objetivo do ato que os sobredetermina (finalidade), entenderem-se sobre o que constitui o objetivo temático da troca (propósito) e considerarem a relevância das coerções materiais que determinam esse ato (circunstâncias).

Ainda, para o teórico francês, a noção de contrato comunicacional pressupõe que todos os indivíduos envolvidos numa troca linguageira que compartilham as mesmas práticas sociais cheguem a um acordo das representações que se localizam no discurso. Logo, o sujeito que transmite a mensagem espera que o outro a reconheça. Os sujeitos comunicante e interpretante são os sujeitos que atuam, praticam a ação e estão no lugar da instância discursiva. E os sujeitos enunciadore e destinatário são os *seres da palavra* na cena da enunciação, localizados no espaço do dizer. Logo, o contrato existente na seção “Eu, leitora” (nas duas versões) se dá a partir dos movimentos desses sujeitos dentro dessa encenação: a revista que traz uma história em que as personagens passam suas identidades e no espaço do

dizer trazem as representações sociais presentes nos imaginários coletivos, que, de alguma forma, carregam traços e vozes de outros indivíduos para que compartilhem saberes. Leiamos um trecho em que a narradora/personagem cria traços de identidade a partir da sua experiência:

Passagem 15) A Leonna acabou virando minha identidade nas salas de bate-papo. A dominação virou um segredo partilhado com poucas amigas e praticado principalmente em conversas de chat. Nunca tive nenhum grilo ou angústia por assumir essas duas personalidades. Ao contrário, Leonna me libertou e me trouxe autoestima. Passei a valorizar o meu lado autoritário, que antes encarava como defeito. O meu cotidiano continuou normal: tradução para empresas, convívio com o meu filho, encontro com os meus amigos. Quando estava sozinha em casa, entrava na internet e no universo BDSM. (Eu, leitora: sou tradutora durante o dia e dominadora à noite)

Portanto, a narradora/personagem diz ter duas identidades: a que considera de uma vida comum, trabalha e cuida do filho, com a sua identidade como mulher e mãe que todos conhecem; a segunda, uma vida criada a partir do mundo BDSM (bondage, dominação, sadismo e masoquismo) que poucos sabiam, apenas algumas amigas e que ainda tinha um nome fictício: “Leonna”. Nesse momento, a narradora/personagem revela às leitoras que, apesar da vida dupla, ela não tem problemas em relação à própria consciência. Acreditamos que a intenção da narradora é de tentar evitar julgamentos das mulheres que leem a seção da revista como sujeito interpretante (a leitora real).

As categorias dos sujeitos da linguagem e do contrato comunicacional nos textos brasileiros têm a mesma incidência, ou seja, a situação comunicacional se constrói da mesma forma, os sujeitos estão ocupando os mesmos papéis e o contrato comunicacional é realizado de forma monolocutiva, como vimos. Busquemos textos nos três blocos para exemplificar a conclusão:

- Texto: “eu, leitora: sonhei com o amor de minha vida antes de conhecê-lo”.

Essa narrativa pertence ao bloco B cujo eixo temático é “história de amor entre casais”. Como apresentado no primeiro texto do bloco A, a editora lança, no primeiro momento, uma apresentação da personagem protagonista em terceira pessoa. Leiamos:

Passagem 16) A escritora Chris Linnares, autora do livro Divas no divã, achava que seria feliz sem um namorado. Mas, aos 28 anos, no momento em que vivia o auge do sucesso na carreira, começou a sentir uma enorme solidão. Uma noite, sonhou que um homem dizia para encontrá-lo em Los Angeles. Semanas depois, ela mudou de país em busca do grande amor.

A narrativa de vida inicia-se também pela exposição da própria personagem sobre a respectiva vida, dizendo também os motivos pelos quais ela se tornou a mulher forte e responsável no trabalho, cumprindo o respectivo papel de sujeito enunciador, levando-se em consideração o sujeito destinatário alvo da revista. Leiamos o trecho a seguir da narradora/personagem:

Passagem 17) Em casa, aprendi que ser feliz é ser bem-sucedida no trabalho. Minha mãe me ensinou isso. Ela veio de uma família humilde, com muito custo terminou os estudos e hoje é dona de uma escola com mais de três mil alunos. Minhas amigas também foram criadas assim. Cresci achando que ter um relacionamento sério não era tão importante e que poderia viver bem sem namorado ou marido. Cheguei até a escrever um livro que virou uma peça, Divas no divã, em que eu atuava tirando sarro das mulheres que achavam que não conseguiam viver sem um homem. Olhando para trás, vejo que eu também queria encontrar um amor e não assumia isso. Preferia fazer uma sátira da situação.

Passamos para a análise de outro texto pertencente ao bloco C cujo eixo temático é “relações políticas”.

- Texto: “eu, leitora: conheci minha melhor amiga num ménage”.

Leiamos:

Passagem 18) A publicitária Maria se apaixonou loucamente por um colega de trabalho. Quando ele finalmente deu bola, ela ficou com medo de decepcioná-lo e chamou uma desconhecida para um ménage – ela que acabou virando sua melhor amiga

No trecho anterior, a apresentação é breve, mas instiga a leitora a continuar a sua leitura e manter o contrato comunicacional conforme a intenção da revista. Logo, a narrativa se inicia em primeira pessoa:

Passagem 19) A primeira vez em que vi aquele homem enorme, charmosíssimo, com a barba displicentemente mal feita foi durante a gravação de um filme publicitário, ramo em que trabalho até hoje. Não conversamos muito, apenas amenidades. Mas o suficiente para perceber que ele tinha um sotaque gaúcho encantador. Encontrei com ele em outros trabalhos, sempre rapidamente. A vez que conversamos mais demoradamente (uns 15 minutos) foi sobre música. Tínhamos um gosto parecido. Não o vi durante um bom tempo, até o dia em que apresentaram a equipe que ficaria alguns meses gravando uma campanha publicitária em uma cidade do interior de São Paulo. Lá estava ele, altivo, seguro e estonteante.

Contudo, fica claro que o nosso *corpus* tem um contrato comunicacional e o dispositivo dos sujeitos da linguagem proposto pela TS. O propósito intencional da revista é firmado quando ela se utiliza da estratégia de inserir, primeiramente, uma apresentação breve da narrativa para que a leitora se sinta motivada em continuar a leitura. No início da narrativa anterior, do bloco C, a narradora/personagem chama a atenção da leitora da revista de forma atrativa ao qualificar a personagem masculina, utilizando-se de subjetivemas, conceito que veremos nas análises posteriores no que se refere aos modos de organização do discurso. É de extrema convicção que temos, nos trechos iniciais das narrativas de vida, uma intencionalidade dentro do contexto, quando se constrói o sentido do texto. É como se fosse uma atração. São sugestivos os dizeres: veja o porquê de me apaixonar, venha descobrir a minha polêmica história entre amigas. Instigar uma fantasia seduz a continuar a leitura. Uma estratégia para firmar positivamente o contrato comunicacional.

Enfim, esse é o nosso olhar em relação aos sujeitos da linguagem e ao contrato comunicacional charaudianos na versão brasileira. É por meio dele que evidenciamos as estratégias discursivas utilizadas pelos sujeitos que enunciam para captar a atenção e firmar o

contrato positivo entre a revista e seu público-alvo feminino, pois é essa a intenção do folheto.

5.1.2. Estudo dos modos de organização do discurso: os pontos de vista na construção narrativa

Seguindo o gênero do discurso do nosso *corpus* (depoimento), temos a predominância dos modos de organização do discurso narrativo e descritivo e, claro, a partir da intervenção do autor-narrador, temos o modo enunciativo presente em qualquer troca linguageira, modo este que comanda os demais conforme afirmado pela teoria. O ato de se comunicar conta com um dispositivo em que o sujeito falante é o centro dessa *mise en scène*. A situação de comunicação, os modos de organização do discurso, a língua e o texto são os dispositivos que fazem parte da enunciação do discurso. Para Charaudeau (2014), “comunicar é proceder a uma encenação” (p. 68).

A situação comunicacional é um dispositivo de grande importância para a nossa análise, uma vez que os sujeitos pertencem a esse espaço de troca linguageira e se utilizam dele para criar a *mise en scène*. As características físicas dos parceiros, as identitárias e as contratuais podem definir o acordo entre esses sujeitos da linguagem. Existem duas situações comunicacionais: a dialogal e a monologal. A dialogal é quando os parceiros do ato comunicacional estão presentes fisicamente, um em frente ao outro, permitindo uma troca imediata, ou seja, uma reciprocidade imediata. Já na monologal, os parceiros não estão presentes frente ao outro e não há uma troca imediata entre os sujeitos da linguagem, ou seja, não há uma reciprocidade concomitante.

Esse último caso, o monologal, é a situação comunicacional do nosso *corpus*, uma vez que o texto é concebido na ausência do sujeito que irá receber a mensagem após a sua publicação. Os textos monologais têm as seguintes características: não há uma percepção imediata entre os interlocutores devido a não presença dos parceiros. Podem existir ou não elementos do ambiente no qual é concebido o ato de comunicação. A ordem das palavras é progressiva. E há previamente uma organização lógica e reflexiva do texto (CHARAUDEAU, 1992, p. 641).

Os procedimentos dos modos de organização do discurso são determinados por categorias da língua que têm uma função de acordo com a intenção do sujeito comunicante, no nosso caso, a revista *Marie Claire* brasileira. E cada modo tem uma função de base que é o princípio da organização do discurso. Conforme já vimos no capítulo teórico, o modo

enunciativo tem a função base de enunciar, ou seja, demonstrar como se dá a enunciação e como se dá a construção dos papéis atribuídos aos sujeitos dessa encenação. O modo narrativo tem a função base de relatar. O modo descritivo tem a função base de caracterizar. O modo argumentativo tem a função base de argumentar / posicionar. Os três últimos modos precisam de um mundo referencial e de sua encenação. O modo enunciativo tem a função base de organização do espaço do dizer (princípio da organização do discurso), e é essencial para a descoberta da posição do locutor em relação ao interlocutor. Logo, o modo enunciativo comanda os outros três modos de organização do discurso.

No nosso *corpus*, os modos predominantes correspondentes ao gênero do discurso depoimento são o enunciativo (pois temos a intervenção variável do autor-narrador de acordo com o gênero), o narrativo (relato de histórias de vida) e conseqüentemente o descritivo (caracterização do real), pois, em textos narrativos, seqüências descritivas são bastantes presentes, como veremos nas análises. Para Charaudeau (1992), em relação ao modo enunciativo,

não podemos confundir o *modo de organização enunciativo* com a *situação comunicacional*. Neste último, os parceiros do ato de linguagem são seres sociais, externos à linguagem. No enunciativo, o foco está nos protagonistas, internos à linguagem. (p. 647)

A categoria discursiva enunciativa demonstra como o sujeito falante se posiciona dentro da *mise en scène* do ato de comunicação, como ele enuncia e se coloca em relação ao mundo. Ainda, para Charaudeau (1992, p. 648), “todo ato de linguagem compõe-se de um *propósito referencial* do ato de linguagem que engloba um *ponto de vista enunciativo* do sujeito falante dentro de uma situação comunicacional”.

Como exposto no capítulo 3 sobre a TS, o modo enunciativo tem três funções: o *alocutivo* (relação de influência perante o outro), o *elocutivo* (ponto de vista sobre o mundo, excluindo o outro) e o *delocutivo* (apagamento do ponto de vista) que se refere à posição do locutor em relação ao seu interlocutor. O modo enunciativo elocutivo é o que se faz presente no nosso *corpus*, uma vez que o falante enuncia seu posicionamento e seu ponto de vista sobre um determinado assunto (sobre o mundo) sem que o interpretante esteja engajado nessa tomada de posição; e, para isso, ele se utiliza de modalidades da língua.

Nessa situação comunicacional, o sujeito falante revela seu ponto de vista subjetivamente a partir de um determinado propósito. Charaudeau (1992, p. 649) especifica o ponto de vista sobre o mundo da seguinte forma: 1) Ponto de vista do modo de saber sobre o propósito (modalidades de *constatação* e *saber/ignorância*); 2) ponto de vista de avaliação

sobre o propósito (modalidades de *opinião* e *apreciação*); 3) ponto de vista de motivação do propósito (modalidades de *obrigação*, *possibilidade* e *querer*); 4) ponto de vista de *engajamento/adesão* ao propósito (modalidades de *aceitação/recusa*, *acordo/desacordo*, *declaração*); 5) ponto de vista de decisão (modalidade de *proclamação*). O modo enunciativo pode ser expresso por subjetivemas (marcas de subjetividade), que são detectados muitas vezes por meio dos substantivos, dos adjetivos, dos verbos e dos advérbios que revelam a construção do sentido passando pelos pontos de vista do sujeito que enuncia.

Leiamos algumas passagens extraídas do depoimento para demonstrar o modo enunciativo elocutivo da história de vida “Eu, leitora: sou tradutora durante o dia e dominadora à noite”, pertencente ao bloco A, ‘relações fora do tradicional’:

Passagem 20) Minha infância foi solitária.

Presença do adjetivo que denota solidão, vazio do seu período de infância. Temos uma “constatação”, pois a narradora tem conhecimento da existência de um fato.

Passagem 21) Minha mãe era uma mulher autoritária e rígida, especialmente comigo, sua única filha.

Presença dos adjetivos que denotam inflexibilidade (autoritária e rígida). Presença do advérbio (especialmente) e do adjetivo (única) que especificam unicidade. Aqui, temos a modalidade “proclamação”, com a qual a narradora expõe uma realidade de quando criança.

Passagem 22) Ela dizia que eu deveria me portar como uma mocinha delicada [...].

Presença do verbo que impõe comportamento (deveria me portar). Presença do advérbio que denota doçura, traço tradicionalmente ligado ao feminino (delicada). Logo, temos a modalidade “obrigação”, pois é imposta à narradora como deve agir, como deve ser seu modo de ser.

Passagem 23) Hoje, vejo que esse comportamento meu autoritarismo era a reprodução do comportamento dela que eu vivia em casa.

Presença do substantivo (autoritarismo) que denota imposição. Temos a modalidade “constatação”. A narradora chega à conclusão de que o seu modo de ser foi marcado pelo que vivia na sua infância.

Passagem 24) Sou advogada, mas nunca exerci a profissão.

Presença do advérbio de negação (nunca) que denota uma oposição do que deveria ser. Temos a modalidade “recusa” da profissão.

*Passagem 25) Meus relacionamentos sempre seguiram um padrão: **intensos, fogosos, cheios de paixão** e de **fúria**, mas que **invariavelmente** acabavam **rápido** porque eu teimava em impor minha vontade aos parceiros.*

Presença de adjetivos (intensos, fogosos, cheios de paixão) e advérbios (invariavelmente/rápido) que denotam instabilidade emocional (tradicionalmente presente nos traços femininos), modalizado também por meio da “constatação” de características dos relacionamentos que a narradora teve. Presença de substantivo forte, constatação de modo de agir (fúria).

No depoimento analisado, podemos constatar que o modo organizacional enunciativo é expresso por subjetivemas que denotam o comportamento enunciativo elocutivo, uma vez que é a intenção do sujeito comunicante demonstrar seu ponto de vista em relação ao mundo, ou seja, é intenção do sujeito demonstrar ao leitor uma relação que ele constrói consigo mesmo.

Os subjetivemas são utilizados pelo falante para marcar um ponto de vista sobre o mundo no qual ele se relaciona e conta uma história, no nosso caso presente no *corpus* da *Marie Claire* brasileira. A escolha das palavras marca o posicionamento do sujeito falante sobre um determinado propósito, função essa do modo enunciativo elocutivo. Ele demonstra uma relação consigo mesmo diante do mundo que o cerca.

O modo enunciativo também faz parte dos diversos textos analisados. Vejamos algumas passagens, por exemplo, do texto “Eu, leitora: Casei com um homem que me traia com garotos de programa” (pertencente também ao bloco A, microtema relações fora do tradicional):

*Passagem 26) Eu estava empregada em um hospital no Rio de Janeiro, onde vivo e trabalho como psiquiatra, quando minha chefe me encaminhou um paciente que tinha crises **de ansiedade, pânico** e deveria ser medicado.*

Presença dos substantivos (ansiedade e pânico) para constatar o problema do paciente, distúrbio psicológico. São subjetivemas para pontuar um problema. Temos a modalidade “constatação”.

*Passagem 27) Estava tão **feliz** com a minha vida que decidi fazer algo pelo próximo.*

Presença do adjetivo (feliz), que também denota a modalidade “constatação”, ao falar do estado da personagem.

Analisemos também um texto do bloco C (microtema relações polêmicas), “Eu, leitora: como me vinguei do meu ex-marido e recuperei a autoestima”.

Passagem 28) Ao ser descoberto, não negou nada e ainda me disse que eu era ‘ruim de cama, gorda e cheia de cicatrizes’

Presença de adjetivos (ruim, gorda), que denota a modalidade “constatação”, ao caracterizar negativamente o físico da personagem protagonista.

Passagem 29) As palavras de Rafael martelaram em minha cabeça o tempo todo e, quando nos separamos, minha loucura começou. Numa busca obsessiva, corri contra o tempo. Em apenas dois meses, emagreci 27 quilos e, aos 45 anos, paguei um garoto de programa para avaliar o meu desempenho na cama.

Presença do substantivo (loucura) que denuncia o estado emocional da personagem devido à crise. Temos a modalidade ‘constatação’. Presença do verbo (avaliar), que denota, dentro do texto, a modalidade recusa, uma vez que a personagem se sente desprezada pelo marido e precisa avaliar o desempenho sexual com outro parceiro.

Seguindo as nossas análises, vejamos passagens de outro texto, agora pertencentes ao bloco B, pertencentes ao microtema “história de amor entre casais”, “Eu, leitora: demorei 11 anos para ficar com meu amor”:

Passagem 30) Sentia raiva, estava arrasada.

Presença do substantivo (raiva), que denuncia o estado emocional da personagem pela traição do noivo. Logo, temos a modalidade “constatação”.

Passagem 31) Mesmo depois de um ano, não tinha superado a dor. Tentava reconstruir a vida, mas estava em cacos. Aos 25 anos, eu me arrastava para fazer as coisas. Meus amigos e minha família insistiam para eu sair e me divertir, mas estava vivendo uma ressaca emocional fortíssima.

Presença de substantivos (dor, cacos, ressaca), que denotam o estado da personagem, temos então a “constatação” do estado. Temos também a presença do verbo arrastar (arrastava), que denota a modalidade “recusa” da personagem em tocar a vida após a decepção amorosa.

Passagem 32) No começo de 1995, resolvi reagir e me matriculei em uma academia. Na segunda semana, estava de shortinho na porta da sala de aula e vi um rapaz que também esperava o início da aula. Ele me olhou, mas desviei o olhar. Ele continuou e deu um sorriso. Fiquei meio constrangida porque, apesar de ser muito comunicativa no dia a dia, sempre fui tímida para paquerar. Essa cena se repetiu algumas vezes, até que ele puxou papo.

Presença do verbo (reagir), que denota novas chances, ou seja, pertence à modalidade possibilidade, obrigação e querer, logo, a personagem quer mudar o quadro da situação. Presença dos adjetivos (tímida, constrangida), que caracteriza o modo de ser da personagem, logo, temos a modalidade “constatação”. Ao paquerar, a personagem é munida de timidez e se constrange.

Como observamos, os textos têm modalidades que indicam como se dá a construção do sentido de acordo com o assunto abordado e pode ser notado por meio dos subjetivemas.

Passemos a tratar do modo de organização do discurso narrativo juntamente com o descritivo. Sabemos que narrar não é somente descrever acontecimentos e fatos, mas também é uma forma linguageira que implica uma série de intervenções e tensões provocadas por aquele que conta. Para abordar esses modos, precisamos trabalhar com os componentes de ordem narrativa e descritiva presentes no texto selecionado. A narrativa é a totalidade de um texto, e ela utiliza para descrever o tempo e as características a partir dos modos narrativo e descritivo por meio do sujeito que conta uma história (CHARAUDEAU, 1992, p. 715). Ainda, para ele, “o descritivo nos faz descobrir um mundo concebido como um ser que está em algum lugar, que se apresenta como tal, de uma forma que não muda, por meio da descrição”. Já o narrativo “é o contrário, pois nos faz descobrir um mundo que é construído por meio de um enredo ou desenrolar de uma história com a presença de uma sucessão de ações que influenciam uns aos outros e se transformam em um encadeamento progressivo” (p. 715).

Logo, o descritivo e o narrativo transmitem o tipo de visão de mundo que o sujeito constrói ao descrever (imutável) e ao narrar (construído). Portanto, os papéis do sujeito são dois: aquele que tem o papel de observar (quem descreve) e aquele que tem o papel de apresentar as ações (quem mostra a encenação). Logo, nessa construção entre contar e descrever, os depoimentos das leitoras da revista *Marie Claire* apresentam efeitos também de ordem ficcional que se misturam com a realidade proposta da história de vida contada por elas. Para Machado (2018, p. 54), os efeitos de realidade e de ficção são habituais em todas as narrativas que dizem respeito às histórias contadas e recontadas, e isso pode ser verificado em qualquer gênero discursivo: biográfico, histórico, jurídico, midiático, literário etc. Charaudeau (1992) aborda os efeitos de realidade e de ficção como dois efeitos que devem ser tratados como um fenômeno de alternância entre os dois modos de visão do mundo, em que o narrador descreve um acontecimento representando um mundo realista e um mundo à margem dele.

Os depoimentos publicados na seção “Eu, leitora”, segundo o editorial da revista, são histórias reais e, para tal afirmação, sua veracidade é investigada pela própria revista, conforme informa o *site* de inscrição por meio do qual a leitora envia sua história. Entretanto, existem efeitos que podem ser percebidos na construção da narrativa, quando a narradora fala de um determinado assunto mostrando algo marginalizado habitualmente, provocando assim um efeito de ficção. Leiamos a passagem seguinte:

Passagem 33) Fui sozinha. Chegando lá, encontrei o rapaz, que me apresentou a amigos e amigas. Logo de cara, percebi que ele não me atraía. Não fiquei muito perto, dei umas sumidas, umas despistadas. Não precisei dizer que não queria nada. Ele estava acostumado a esse tipo de encontro – às vezes a empatia que rola no mundo virtual não acontece no mundo real. Fiquei maravilhada com o ambiente e com as fantasias. As pessoas iam muito bem arrumadas. Me impressionou ver que mulheres seminuas circulavam pelo ambiente e ninguém tentava tocar nelas sem permissão. Naquela primeira noite, não fiquei com ninguém. Apenas conversei com homens e mulheres que me descreveram suas fantasias e contaram maravilhas do mundo BDSM.

A narradora/personagem conta a experiência e descreve o ambiente transformando o real em algo misterioso e instiga a curiosidade de quem lê essa passagem, criando um efeito de ficção, de história fantástica. Esses efeitos fazem parte da função do modo narrativo, bem como outros efeitos, tal como o efeito de gênero. A descrição do ambiente contribui para esse efeito, o de não real.

Os componentes da lógica narrativa, como vimos no capítulo 3 – teórico, são três: os actantes, os processos e as sequências. Os actantes estão ligados à ação. Os processos unem actantes entre si. Já as sequências integram os actantes e os processos. Ou seja, esses componentes interagem entre si. Para que possamos exemplificar essa interação, vamos a algumas análises:

Passagem 34) Todos os meus namorados reclamavam do meu temperamento, diziam que eu era controladora e intolerante. Eu até tentava me segurar para não me intrometer na vida deles, mas não consegui.

Nesse trecho, temos o relato de como a narradora/personagem interagia com os seus parceiros. Logo, temos a ação expressa da narradora/personagem sobre outros actantes nas sequências que expõem o motivo pelo qual a relação com homens era sempre conturbada, além de termos também sequências descritivas, marcadas pelos adjetivos atribuídos a ela.

Passagem 35) No ano passado, após terminar um namoro e desgastada por tantas decepções amorosas, decidi procurar parceiros em sites de relacionamentos e no Orkut.

Nesse trecho temos uma sequência de fatos que explicam o porquê de a personagem/narradora procurar um parceiro nas redes sociais.

Há uma logicidade dos fatos, uma progressão da história de vida, uma organização que passa pelos componentes narrativos. As sequências de ações são bem definidas, construindo uma *mise en scène*, em que existe uma semantização das ações bem proferidas pela personagem/narradora. Para ilustrar nossa abordagem, vejamos os trechos a seguir que compreendem passagens que mostram as sequências narrativas dentro do texto: situação inicial, estado de atualização, clímax e estado final (que é o resultado da busca que pode ter o sucesso ou o fracasso) (CHARAUDEAU, 1992):

Situação inicial – a situação inicial da história começa com a narradora/personagem relatando como foi a sua infância no ambiente familiar como começou a sua adolescência e o início da sua fase adulta. Para comprovar o que dissemos, seguem as passagens:

Passagem 36) Minha infância foi solitária, minha mãe não me deixava brincar na rua com as outras crianças nem dormir na casa de amigas.

Passagem 37) Aos treze anos arranjei meu primeiro namorado, da minha idade.

Passagem 38) Depois de dois anos, conseguimos driblar o cerco dos nossos pais e fizemos amor [...]. Nove meses depois nasceu o meu filho, hoje com 21 anos. Quando eu soube da gravidez, quis casar.

Passagem 39) Quando meu filho tinha 1 ano, percebi que não gostava mais do meu marido [...]

Passagem 40) Separada, voltei a morar com meus pais. Nessa época começaram as nossas mais violentas brigas. Foi um período difícil. Apesar de ter tido meu filho, era jovem e queria me divertir.

Passagem 41) Aos 18 anos prestei vestibular para Direito por causa da insistência infernal da minha mãe. Sou advogada, mas nunca exerci a profissão.

Passagem 42) Trabalho como tradutora para empresas. Depois do meu primeiro casamento, namorei duas vezes.

Estado de atualização – na segunda parte, evidenciamos o surgimento de um fato novo no desenrolar da história. A narradora/personagem conta o motivo pelo qual conheceu a comunidade BDSM e como ingressou nesse mundo, revelando de forma descritiva o ambiente do grupo. Vejam as passagens:

Passagem 43) No ano passado, após terminar um namoro e desgastada por tantas decepções amorosas, decidi procurar parceiros em sites de relacionamentos e no Orkut. Durante essa busca topei com as comunidades virtuais 'homens que adoram mulheres dominadoras' e 'mulher nasceu para mandar'.

Passagem 44) Navegando nessas comunidades, descobri o BDSM [bondage (amarrar), dominação, sadismo e masoquismo].

Passagem 45) No princípio fiquei um pouco apreensiva.

Passagem 46) Descobri que o pessoal que faz parte do BDSM chama o mundo comum de 'baunilha'.

Passagem 47) Descobri também que há um tipo de fetiche chamado dominação: uma parte do casal submete a outra às suas fantasias e desejos.

Passagem 48) Comecei a conversar com um homem que se dizia submisso e morava em Minas Gerais [...] Chegando lá encontrei o rapaz [...] Logo de cara percebi que ele não me atraía.

Passagem 49) Continua a frequentar os sites, fóruns e comunidades BDSM.

Clímax – Nesse momento do texto, a narradora/personagem relata suas experiências no mundo BDSM (bondage, dominação, sadismo e masoquismo). Ela conta sobre a primeira relação entre ela e um submisso, o desenrolar do namoro e como se tornou uma empresária do

ramo da comunidade BDSM. É o ápice da história, da sua experiência enquanto *dominatrix*.

Leiamos:

Passagem 50) Em uma sala de bate papo, conheci um técnico de informática, solteiro, que estava à procura de uma dona (a maneira como os submissos se referem às namoradas) [...] Marcamos de nos encontrar num motel.

Passagem 51) Depois de alguns encontros nos motéis, passamos a namorar e ele virou um escravo pessoal.

Passagem 52) Vivemos dez meses maravilhosos, até que um dia, numa balada, o vi de longe conversando com umas meninas. Um submisso jamais pode fazer uma coisa dessas [...] Depois de algumas conversas, ele admitiu que precisava procurar uma submissa porque ele também era um dominador.

Passagem 53) Fiquei triste. Não queria praticar sexo 'baunilha'.

Estado final – A partir das passagens, a narradora/personagem relata como acontece o mundo da dominação profissional, como os clientes chegam até ela e o relato final da história, em que ela afirma que, apesar de gostar do mundo BDSM, sonha com o amor de sua vida e viver no mundo “baunilha”. Temos um desfecho descrito pela narradora/personagem do mundo em que escolheu para viver enquanto não conhece seu grande amor. Temos, logo, as passagens que descrevem o que dissemos:

Passagem 54) [...] tive a ideia de partir para a dominação profissional, virar uma dominatrix [...] Não demorou muito para o primeiro cliente me procurar.

Passagem 55) A dominação profissional começa no momento em que o submisso entra em contato comigo.

Passagem 56) Nunca aconteceu de um cliente tentar mudar as regras acordadas, forçar a barra para transar quando não tive vontade.

Passagem 57) Nunca tive crise de consciência por ser dominadora [...] às vezes fico imaginando o que faria se meus familiares descobrissem minha outra identidade.

Passagem 58) Existe um desconforto em ser dominadora. É difícil encontrar um submisso de verdade. [título do depoimento]

Passagem 59) Desde que entrei para o BDSM, não transei mais com um baunilha. Mais por falta de oportunidade do que falta de vontade. Se me apaixonar por um homem que não tenha fetiches e se ele se apaixonar por mim, deixo a minha vida de dominadora numa boa.

Nessas sequências narrativas apresentadas, temos ações que determinam o enredo da história (desenrolar das ações pelos actantes), uma motivação e intencionalidade (explicação do porquê de buscar um mundo novo e surpreendente), o encadeamento de ideias produzido pela intencionalidade da personagem/narradora (de demonstrar o mundo BDSM às leitoras, descrevendo passo a passo suas experiências), a organização lógica (progressão dos acontecimentos), em que está situado cada movimento da narrativa (a cada passagem e continuação da história). Esses procedimentos resultam numa *mise en scène* lógica e são construídos pelos sujeitos do ato comunicacional. Ao construir essa teia narrativa, os sujeitos

da encenação (comunicante e enunciadores) constroem uma identidade de forma contínua por meio da linguagem, tornando-se um sujeito detentor da identidade narrativa, ora descrevendo o que é imutável, ora tecendo uma história por meio das ações que são as atitudes e comportamentos presentes no texto que delimitam, muitas vezes, a identidade da figura feminina.

Para também analisar outros textos de eixo temático diferente, escolhemos o texto “Eu, leitora: demorei 11 anos para ficar com o meu amor”. Fizemos uma análise retirando trechos maiores que demonstram ações completas que revelam cada sequência narrativa. Vejamos o modo de organização do discurso narrativo bem demarcado:

Situação inicial: a personagem é breve ao relatar sua fase entre a infância e a adolescência. Mas o mais importante, nesse início da história de vida, é a inserção do episódio que ela fala que não imagina que ali estava o seu futuro marido. Porém, ela relata também a sua primeira experiência em relacionamento. A personagem conta, inicialmente, a primeira parte da sua vida.

Passagem 60) Quando eu era criança, adorava espiar o pátio dos meninos mais velhos na escola. Assistia àqueles garotos sem imaginar que no meio deles estava meu futuro marido. Depois que me formei na escola, fiz faculdade de jornalismo. No primeiro ano, comecei a namorar um rapaz e fiquei com ele quase sete anos. Ficamos até noivos. No último ano, no entanto, comecei a notar que algo não estava bem, ele estava diferente — sempre tenso e agitado. Eu perguntava o que estava acontecendo e ele respondia que estava tudo normal, que era apenas impressão minha. Eu insistia e ele não abria o jogo. Passaram-se quatro meses até que recebi um telefonema anônimo de uma mulher contando que o meu noivo estava me traindo: tinha se apaixonado por outra pessoa, mas não sabia como romper comigo porque ficava com dó! Após dizer isso, desligou. E o meu mundo desabou! Eu o procurei para tomar satisfação e ele enfaticamente negou. Insisti até que ele, chorando, confessou que tinha tido um caso. Pedi um voto de confiança, queria mostrar o quanto desejava ficar comigo. Rejeitei essa ideia, pois estava muito ferida, magoada. Tirei a aliança e disse que não queria mais nada. Ele me procurava chorando, dizendo que eu tinha de perdooá-lo. Mas não conseguimos ir adiante. Sentia raiva, fiquei arrasada.

Passemos para o segundo momento do texto.

Estado de atualização: nesse momento, a personagem relata como reencontrou o seu futuro marido, depois de terem estudado na mesma escola durante a infância. Ela relata também o período em que ficaram afastados antes de se tornarem marido e esposa. Na passagem 38, ela descreve o reencontro e, na passagem 39, ela descreve as circunstâncias da nova separação.

Passagem 61) No começo de 1995, resolvi reagir e me matriculei em uma academia. Na segunda semana, estava de shortinho na porta da sala de aula e vi um rapaz que também esperava o início da aula. Ele me olhou, mas desviei o olhar. Ele continuou e deu um sorriso. Fiquei meio constrangida porque, apesar de ser muito comunicativa no dia a dia, sempre fui tímida para paquerar. Essa cena se repetiu algumas vezes, até que ele puxou papo. Perguntou se fazia tempo que eu frequentava a academia e se morava por ali. Descobrimos, na conversa, a primeira coincidência: apesar de ele ser sete anos mais velho do que eu, tínhamos estudado no mesmo colégio na mesma época.]

Passagem 62) Logo depois desse cineminha, tive uma viagem de trabalho e fiquei vários dias fora da cidade. Na volta, sofri um acidente de carro e machuquei a região do braço e dos ombros. Resultado: não podia mais fazer

ginástica, deixei de ir à academia e não vi mais o Marco Antônio. Eu já estava triste com o término do meu namoro e fiquei ainda mais jururu e bicho do mato após o acidente. Ele, por sua vez, apesar de ter o meu telefone, não ligou. Achou que eu não estava interessada. Durante os três anos seguintes, tive alguns casos frugais, rápidos, nada consistentes. No fundo, eu ainda não tinha superado a traição do meu ex-namorado.

No ápice da história, temos o relato da personagem, ao novamente reencontrar o seu futuro marido. Temos, nessa fase da narrativa, o clímax.

Clímax: a personagem descreve o reencontro. As passagens 40 e 41 revelam como a personagem reaproximou-se do futuro marido.

Passagem 63) Aos 36 anos, a única certeza que eu tinha é que não queria mais me relacionar com homens que fugiam de relacionamentos sérios. Pronto! Enfim, eu assumia totalmente para mim e para o mundo que desejava um relacionamento sólido, mas que fizesse sentido para minha alma! Não somente para passar o tempo. Queria que perdurasse e meu coração se sentisse empolgado de verdade! Fui levando minha vida sem grandes sobressaltos. Em 2006, fui fazer uma tarde de compras com a amiga Adriana no shopping. Assim que cheguei lá, vi o Marco Antônio subindo a rampa. Dei uma corrida e o alcancei. Conversamos um pouco e ele acabou almoçando com a gente.

Passagem 64) No final da festa, ele me pediu carona e, ao chegar à porta do prédio, me convidou para subir e tomar um vinho do Porto. Fiquei meio hesitante, mas topei. A noite foi maravilhosa. Senti uma emoção muito forte e, ao mesmo tempo, rolou muita harmonia. Tive a sensação de que aquela era a minha verdadeira história. Fiquei super empolgada e o Marco também. Saí da casa dele às 6 horas da manhã e às 10 horas ele ligou. Às 17 horas, telefonou de novo para marcar um jantar. Eu estava exausta, afinal não tinha dormido, mas superfeliz. Quando estava quase saindo do trabalho, meu chefe me chamou e disse que tinha uma situação urgente para resolver. Teríamos de fazer um projeto naquele mesmo dia e embarcar no dia seguinte para o Rio de Janeiro. Liguei para o Marco e avisei que o jantar estava cancelado. Ele ficou decepcionado, mas disse que queria me ver logo. Fiquei praticamente internada num hotel no Rio durante duas semanas, num clima de tensão total. Cada vez que ele me ligava era como um presente para o meu coração, eu ficava eufórica. Quando voltei para São Paulo, fomos para a praia. Lá, ele me apresentou para amigos e familiares como sua namorada. Foi um final de semana incrível

Logo, após descrever o clímax, passemos para o estado final do texto, com a realização do que foi exposto no título.

Estado final: finalmente a personagem consegue equilibrar o trabalho e o namoro com o futuro marido, após diversos momentos de separação devido às circunstâncias.

Passagem 65) Na volta, continuei no tal projeto, que me tomou muito tempo por mais uns dois meses. Eu tinha poucas horas para o namoro, mas mesmo assim a história vingou. No final do ano, fomos para a Disney juntos e lá percebi que tínhamos os mesmos gostos e hábitos. Na volta, ele começou a falar em vivermos juntos. Em meados de 2007, concretizamos essa ideia. Hoje, vivemos uma história linda. Somos apaixonadíssimos um pelo outro, verdadeiros cúmplices, amantes, amigos. Sabemos que ficaremos unidos até quando a vida deixar. Posso dizer, com todas as letras, que o Marco é o grande amor da minha vida. Mesmo depois de cinco anos juntos, continuamos nos olhando com enorme carinho, brilho no olhar, desejo e muita cumplicidade.

Acho que esse grande encontro só não rolou antes porque estávamos desconfiados de relacionamentos, reticentes com a ideia de ter alguém de verdade em nossas vidas. No fundo, tudo tem uma hora certa para acontecer. Talvez se tivéssemos namorado antes, a história não tivesse ido em frente. Nesse tempo em que estamos juntos, voltamos para Paris e cumpri a minha promessa de levar meu grande amor até a Ponte Neuf. Foi mágico e emocionante. Acho que agora, para completar nossa história, só falta passarmos a lua de mel em Veneza, naquele mesmo lugar onde já estive sozinha, chorando ao som de violinos.

Portanto, demonstramos diversas passagens que revelam os modos de organização do discurso explícito nas narrativas de vida. A composição das histórias de vida analisadas são tipicamente de estrutura enunciativa, narrativa e descritiva.

5.1.3. Estudo dos imaginários sociodiscursivos, da construção identitária e do *ethos*

Podemos dizer que a nossa identidade é construída por meio das semelhanças e diferenças que percebemos em relação ao outro. Nos depoimentos do nosso *corpus*, estão presentes diversos posicionamentos que circulam na nossa sociedade como um todo, e esses pontos de vista estão inseridos nos imaginários coletivos, dos quais se constroem as identidades coletivas de diversos grupos que compõem uma comunidade. Sabemos que o mundo é feito de indivíduos que se encontram para manifestarem seus desejos e anseios os quais podem gerar conflitos, confrontos ou integralização social. É, a partir dessa manifestação de interação entre indivíduos, que se dá o início do processo de construção identitária coletiva. Entretanto, a construção identitária individual torna-se complexa, pois sofremos influência do mundo de que fazemos parte. Não somos únicos e nem limitados em nós mesmos, pois nossa imagem é criada a partir do outro e da visão de mundo que criamos. Para Charaudeau (2016, p. 23),

A questão da nossa identidade, entre o individual e o coletivo, não é simples. Desejaríamos ser únicos, mas dependemos dos outros. Acreditamos ter uma opinião pessoal, mas logo percebemos que ela não é exclusivamente nossa. Em outros momentos queremos nos sentir em comunhão com os outros, mas, ao mesmo tempo, ao ver como funciona o grupo, temos medo de perder nossa singularidade. É uma ilusão acreditar que a nossa identidade é única e homogênea. Somos simultaneamente, o que não é o outro e o que ele é. E mesmo quando gostaríamos de nos ver como únicos, o olhar do outro se encarrega de nos enviar uma imagem de nós mesmos, um aspecto de nossa identidade que varia em função dos diferentes olhares que pousam sobre nós. Basta observarmos como os outros nos veem: os membros da nossa família não nos veem como os nossos amigos nem como os nossos colegas de trabalho, nem como a administração quando nos dirigimos a ela para reclamar, nem como as forças da ordem ou da justiça, quando somos submetidos a um controle.

Logo, a nossa identidade é construída por meio da coletividade, ou seja, da nossa inserção como indivíduos de uma sociedade na qual fazemos parte e nos relacionamos diariamente, em que existem crenças, juízos, saberes compartilhados etc. Para eu existir, é necessário o outro. Para que possamos construir uma imagem de nós mesmos, temos influência do outro para tornar a nossa consciência individual viva. “É nessa contradição de ‘ter necessidade do outro’ e ao mesmo tempo ‘sentir necessidade de se diferenciar do outro’

que se constrói nossa consciência identitária, ao mesmo tempo individual e coletiva” (CHARAUDEAU, 2016, p. 25).

Evidentemente, temos, nas narrativas de vida da revista *Marie Claire*, uma construção identitária da narradora/personagem, uma vez que ela reflete sua personalidade e vivência ao contar uma experiência de vida. A seção “Eu, leitora” conta com uma apresentação-prévia dessa narradora/personagem. Primeiramente, a seção começa com um pequeno texto que fala sobre a leitora e um resumo da experiência vivida em terceira pessoa, o que será contado pela depoente na seção. Nesse primeiro momento, quando essa descrição é mais detalhada, a leitora da revista (sujeito interpretante) já começa a projetar uma imagem da personagem da história que irá conhecer. Quando não tão detalhada, a leitora pode perceber inferências que podem ajudar nessa construção prévia identitária. O que é possível projetar por meio do olhar da leitora do depoimento, a seguinte passagem inicial do produto final do depoimento dado à seção “Eu, leitora”? Apesar de não fazer parte do nosso *corpus*, leiamos trechos de alguns dos textos que fazem a apresentação da história de vida da leitora feita pela autora real/editora do texto “Eu leitora: Sou tradutora durante o dia e dominador à noite” (bloco A):

Depois de várias decepções amorosas, a advogada e tradutora M., de 36 anos, resolveu procurar um parceiro na internet. Encontrou uma tribo que pratica os mais variados fetiches e tornou-se dominadora de homens na cama. Criou um blog e colocou anúncios em comunidades na internet para divulgar seus dotes. Encontrou dezenas de submissos que pagam para ter encontros (nem sempre sexuais) com ela. Mas M. continua à procura de um grande amor.

Podemos traçar, a partir desse trecho, algumas características do perfil da leitora depoente da história de vida. A autora real/editora nos informa previamente algumas características identitárias da protagonista da história. A editora desenha o perfil da narradora/personagem da seguinte forma: descreve uma mulher frustrada amorosamente (após diversas decepções), relata a idade que caracteriza um amadurecimento (36 anos), trabalha com o julgamento de que a narradora/personagem é provavelmente bem-sucedida (advogada e tradutora), insere a mudança de vida da narradora/personagem, ao se elevar o tema central da história utilizando-se do verbo *tornar-se* (tornou-se dominadora de homens na cama), e, por último, a editora aborda o perfil anterior tradicional da figura feminina que ainda se mantém na personagem (mas continua à procura de um grande amor). Essa última característica atribuída à narradora/personagem nos leva a refletir sobre o posicionamento da revista em relação à figura da mulher: uma mulher que se ingressou no mundo BDSM, mas que ainda acredita no amor. Essas nuances são frequentes nas narrativas de vida que analisamos. A revista se mostra conservadora apesar de apresentar assuntos polêmicos que circulam o

universo feminino. A personagem é bem resolvida profissionalmente, porém frustrada pela falta de uma história de amor. A mulher precisa de uma relação amorosa estável para ser realizada na vida? Percebemos que a autora real/editora carrega essa questão a partir do depoimento da leitora.

Em outra narrativa do *corpus*, “Eu, leitora: sonhei com o amor da minha vida antes de conhecê-lo”, ao fazermos a leitura da introdução, podemos traçar uma mesma visão da construção da imagem da narradora/personagem. Leiamos a apresentação da autora real/editora:

A escritora Chris Linnares, autora do livro Divas no divã, achava que seria feliz sem um namorado. Mas, aos 28 anos, no momento em que vivia o auge do sucesso na carreira, começou a sentir uma enorme solidão. Uma noite, sonhou que um homem dizia para encontrá-lo em Los Angeles. Semanas depois, ela mudou de país em busca do grande amor.

Esse texto faz parte do eixo temático “história de amor entre casais” (bloco B). A apresentação da protagonista da história de vida pela autora real/editora parte do pressuposto de que a narradora/personagem pensava em ter uma vida feliz por ser bem-sucedida até sonhar com o amor e sair à busca em outro país. Logo, nessa apresentação, percebemos a desconstrução da imagem da mulher no sentido bem amplo e atesta que uma mulher precisa de um amor para se sentir completa. A editora, mais uma vez, vai de encontro ao que uma sociedade patriarcal defende, ou seja, a mulher tem necessidade de estar casada e cumprir o papel social para ser feliz. Caso contrário, será uma mulher frustrada e incompleta. A revista, nos dois contextos da narrativa, afirma a necessidade de ter um amor para toda a vida para ser feliz, para ser completa, ou seja, realizada na vida.

Nesse momento, a pré-construção do *ethos* (discursivo) das personagens dá início a um entendimento prévio da imagem de si que será projetada nos excertos dos textos analisados, ou seja, as leitoras já podem construir uma imagem da protagonista da história de vida por meio da apresentação da editora. No segundo momento, os textos são construídos em primeira pessoa, porém sabemos que as leitoras já construíram uma pré-imagem da protagonista da história mesmo antes de ler todas as narrativas contadas por elas. A construção identitária das personagens protagonistas passa por diversas questões que circulam os imaginários coletivos. Nesse viés, podemos questionar a revista ao demonstrar implicitamente uma tomada de posição: se ela é bem-sucedida profissionalmente, por que as decepções amorosas? Se ela se encontrou no mundo que a satisfaz chamado de BDSM, por que ela ainda sonha com um grande amor? Ou, no segundo texto, ela é feliz e bem-sucedida,

porém descobriu que lhe faltava amor para suprir a solidão? Ela deixou todas as suas conquistas e mudou de país antes mesmo de conhecer o seu futuro marido?

Temos, a partir dessas questões anteriores, uma dicotomia entre as experiências tradicionais e modernas, nos quais caracterizam o antes e o depois da imagem das personagens. Tradicionais, pois configuram como a mulher deve se portar em sociedade, e modernas, pois configuram como a mulher se posiciona hoje referente à tradição ligada ao gênero e como ela conquista um espaço. Em estudo realizado sobre revistas femininas no Brasil, intitulada *A inteligência chique em Marie Claire*, Barros (2002, p. 31) afirma que, “mesmo as revistas mais progressistas, a *Marie Claire*, por exemplo, sucumbem diante do tradicionalismo que perpassa os tempos, constituindo-se, dessa forma, um instrumento de manutenção de valores vigentes na sociedade”. Mesmo escolhendo temas atuais para publicação que afirmam uma identidade progressiva da mulher do século XXI, o folhetim esbarra no patriarcalismo.

Esse posicionamento da revista revela uma construção identitária baseada ainda em bases tradicionais da sociedade (como vimos em Bourdieu [2012] no primeiro capítulo, sobre a dominação masculina) que, apesar de contar uma experiência não tão comum, ela expõe a necessidade da personagem protagonista de encontrar um grande amor, desejo estereotipado do gênero feminino. Esses estereótipos são traços que visam a marcar um grupo dentro de uma comunidade, podendo ser verdadeiros ou não, de acordo com a visão de quem lida com eles (CHARAUDEAU, 2007, p. 1).

Enfim, Charaudeau (2017, p. 115) aborda que “para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe *a priori* do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem”. Ou seja, o sujeito comunicante, a autora real/editora, apoia no depoimento da leitora para narrar, em terceira pessoa, um resumo da história de vida que será contada com o objetivo de atrair a atenção da leitora da revista.

Num terceiro texto (bloco C), a autora real/editora coloca-se restritamente ao apresentar a narradora/personagem, limitando a um único período para apresentar a leitora depoente. O texto é “Eu, leitora: eu era a outra e nunca percebi”. Vejamos a breve apresentação:

Passagem 66) Sabrina, médica, 36 anos, compartilha sua experiência de ser a outra mulher.

Nessa apresentação limitada da narradora/personagem, nos mostra somente o tema polêmico que será abordado na seção. Para a leitora decifrar o perfil da personagem, é preciso

continuar a leitura e desbravar o relato da narradora/personagem para perceber as construções identitárias e a imagem das personagens da narrativa. Nessa história de vida, a leitora poderá detectar somente a idade e qual a experiência vivida pela narradora.

Logo, no início da narrativa de vida, a narradora/personagem relata os acontecimentos sem uma breve apresentação da leitora do depoimento, limitando-se a dizer com o que trabalha e como conheceu o homem que a traía. Nesse texto, a leitora da revista pode criar imagens dessa personagem por meio de inferências, além da imagem da mulher traída. Vejamos o trecho a seguir:

Passagem 67) César trabalhava no mesmo prédio que eu. Um dia fomos apresentados por um amigo em comum e começamos a nos comunicar por mensagens. Eu era da área financeira; e ele, da administrativa. Até que dias após nos conhecermos, me convidou para tomar um drinque.*

Abriu o jogo desde o início. Disse que ele e sua esposa estavam juntos desde a faculdade e apenas se casaram por conta da pressão de familiares e amigos. Segundo ele, agora eram apenas melhores amigos, mas viviam juntos porque tinham um apartamento financiado. Isso os impediam de divorciar. Havia uma dívida em conjunto.

O trecho anterior é o início da narrativa, componente do nosso *corpus* de análise. Não há muitas informações sobre a protagonista, mas sim sobre o tema central da narrativa: como começou a relação e como eles se posicionaram na história. Diferentemente dos dois primeiros textos analisados anteriormente, fica obscuro a real construção identitária da personagem protagonista na apresentação. O que observamos é que, nesses textos, temos a presença de atitudes e comportamentos que circulam os imaginários coletivos e que são repassados ao discurso, ou seja, os imaginários sociodiscursivos circulam o tema e demonstram esses comportamentos quando a autora real/editora tece a narrativa. Assim permanecem em toda essa história de vida. A imagem que conseguimos construir da protagonista é voltada totalmente para a traição do homem com o qual ela se relacionou por um tempo, no papel da outra. Leiamos os trechos seguintes:

Passagem 68) A noite foi divertida. Começamos a nos encontrar com drinques aqui e ali depois do trabalho. Uma vez fomos a um evento organizado pela empresa dele. Ninguém disse nada para mim e tomei isso como sinal de que ele estava falando a verdade sobre o casamento de fachada. Conhecia alguns colegas do escritório dele até.

Nessa passagem, a narradora/personagem diz que se envolveu por não saber que ele era casado, pois ninguém a contou. Ela tenta se livrar do julgamento das leitoras.

Passagem 69) Com o passar do tempo, as coisas ficaram estranhas – mas sempre houve uma explicação perfeitamente plausível para dissipar minhas preocupações. Não conseguíamos sair muito porque ele dizia não ter grana. Preferia ficar na minha casa e fazíamos sessões de Netflix. Perguntei várias vezes se a mulher sabia sobre mim; ele dizia que sim e que ela estava feliz por ele.

Nessa passagem, a narradora/personagem mostra indícios de que ela não poderia desconfiar dele, uma vez que ele se explicava quando ela se preocupava, apesar das atitudes estranhas.

Passagem 70) Uma vez estávamos almoçando num restaurante e nos deparamos com ela. Tiveram uma breve discussão sobre quem alimentaria o gato naquela noite. Ele tomou isso como uma oportunidade para me convencer de que ela sabia que estávamos juntos. Quando o nosso escritório fechou para o Natal, me levou para almoçar e me deu vários presentes. Explicou que passaria a maior parte das férias de Natal na casa de seus pais, para se afastar de sua esposa, pois as coisas estavam ficando um pouco difíceis vivendo juntos.

Nessa passagem, a narradora/personagem mostra às leitoras de forma mais enfática como ele conseguia mentir sobre o distanciamento em datas comemorativas. Tecendo a narrativa dessa forma, fazemos uma leitura de que a narradora/personagem busca justificar a relação apesar dos indícios estranhos jamais permitidos numa relação amorosa normal.

Passagem 71) Depois do Natal, suas desculpas ficaram mais frequentes. Houve uma noite em que ele estava com um grupo de amigos, mas me assegurou que ele viria a minha casa depois. Não veio e me mandou uma mensagem dizendo que estava muito cansado, mas me veria no dia seguinte. No outro dia, mandou outra mensagem dizendo que teve uma intoxicação alimentar e mais uma vez não viria.

Nessa passagem, a narradora continua a expor as desculpas dele que estavam cada vez mais frequentes.

Passagem 72) Depois de semanas de suportar as suas desculpas, fui até a casa dele com seus pertences que havia deixado no meu quarto. Quando ele abriu a porta, entreguei o saco e me afastei sem dizer uma palavra. Liguei para uma amiga para me divertir um pouco e nos encontramos. Ela também trabalhava com César e depois que eu disse que havia desistido dele, me contou que todos esses dias que ele havia desmarcado comigo, estava com a esposa. Fiquei doente, não acreditava ter passado por isso, por que ninguém me havia contado; ela disse que era uma situação complicada, as pessoas não queriam se envolver. Me senti horrível com sua esposa, ele mentiu para nós duas. Por um longo tempo, pensei em contatá-la para lhe dizer o que havia acontecido, mas estava com medo de me culpar. Fiquei irritada e ferida, mas o que mais me incomodou era que tantas pessoas haviam sido cúmplices em suas mentiras, não me contando. Eu era a única pessoa que não sabia que ele estava se fazendo de um marido perfeito.

Nessa passagem, a narradora/personagem conta a descoberta de que era a outra e ele casado. Ela demonstra para as leitoras a sua reação de indignação mesmo depois de ter apresentado todos os fatos que comprovavam que ele era comprometido e de que ela era a amante. Ela culpa as pessoas de serem cúmplices, isentando a própria culpa. Essas justificativas que circulam os imaginários coletivos referente à culpabilidade de transgredir uma norma da sociedade é bastante comum e evidente nos discursos sobre o tema relações amorosas e traição.

Voltando ao texto do bloco B, no início da história, a personagem protagonista do texto “Eu, leitora: sou tradutora durante o dia e dominadora durante a noite” conta como foram os primeiros anos de vida e traça o perfil da mãe que influenciou o seu comportamento tanto na infância quanto na vida adulta. Leiamos o trecho inicial:

Passagem 73) Minha mãe era uma mulher autoritária e rígida, especialmente comigo, sua única filha. Ela dizia que eu deveria me portar como uma mocinha delicada – o que era difícil, porque sempre fui a mais alta e menos discreta da classe. Fora de casa, eu era mandona e briguenta. Hoje, vejo que esse meu autoritarismo era a reprodução do comportamento dela que eu via em casa. Ela, por sua vez, também reproduzia a rigidez com que foi criada pela minha avó – dura e controladora como ela.

Ora, a partir do que foi dito anteriormente, a construção identitária de um indivíduo se dá por meio das suas experiências de vida, do meio em que vive e da influência do outro para que tenha existência e lugar no mundo. Esse trecho é um exemplo de como uma identidade pode ser construída no ambiente familiar, de mãe para filha, mostrando características de ordem social. Ainda, para Charaudeau (2016, p. 27),

As características de ordem social têm a ver com as posições que ocupamos e com os papéis que desempenhamos em nossas diferentes atividades de vida coletiva, quando essa é pública – aqueles ligados a nossa atividade profissional, a nossos cargos administrativos, a nossas responsabilidades no mundo do trabalho. Mas também os papéis que desempenhamos em nossa vida privada em razão de sexo (homem/mulher), de idade (criança/jovem/adulto/idoso), de pertencimento religioso ou étnico, na medida em que essas posições e esses papéis constituem para os outros os sinais que lhes permitem nos classificar numa categoria social.

Todavia, a identidade é construída por meio dos comportamentos que compartilhamos em grupo, tais como pensamentos, gostos, pontos de vista, valores, juízos, seja no ambiente de trabalho, familiar, círculo de amizade etc. Os grupos constroem sua identidade a partir desses comportamentos, que o próprio nome já diz, são agrupados de acordo com o que defendem e dividem.

A personagem/narradora conta sobre as características do grupo que frequenta (O BDSM). É disso que falamos no último parágrafo. Ela conta da seguinte forma:

Passagem 74) No princípio, fiquei um pouco apreensiva. Imaginei que encontraria um monte de gente esquisita e infeliz falando de suas mais bizarras fantasias. Mas me surpreendi com o nível intelectual dos participantes: advogados, médicos, jornalistas, professores universitários. Gente feliz e bem resolvida. O BDSM tem uma filosofia muito interessante: as relações devem ser consensuais, sãs e seguras; tudo deve ser acordado previamente entre o casal ou as demais pessoas que vão se relacionar. Descobri que o pessoal que faz parte do BDSM chama o mundo comum de “baunilha” [o termo é uma tradução do inglês “vanilla”, descrito como sem graça pelos dominadores e sadomasoquistas].

A descrição anterior do grupo de indivíduos pertencentes à comunidade BDSM confirma a tese de que a construção identitária coletiva é construída a partir dos gostos, saberes em comum, preferências, opiniões etc. Logo, a identidade de um grupo é feita

daquilo que os membros do grupo compartilham: suas opiniões, conhecimentos, valores, gostos (em família, no trabalho, enquanto mulher, homem, jovem ou idoso etc.), que constituem um vínculo social, o espelho no qual os indivíduos se reconhecem como pertencentes a um mesmo conjunto, a uma mesma identidade, e que norteiam sua conduta na vida em sociedade. O grupo se constrói então segundo fatores de ordem social que constituem uma identidade social, fatores de ordem cultural que constituem uma identidade cultural. (CHARAUDEAU, 2016, p. 27)

Quando a narradora/personagem diz “*no princípio, fiquei um pouco apreensiva*”, ela quer dizer que ficou dessa forma porque ainda não fazia parte dessa comunidade e, ainda, relata que, no primeiro encontro, somente conheceu pessoas e quis entender como o ambiente funcionava. Vejamos novamente a passagem por outro ângulo:

Passagem 75) Fui sozinha. Chegando lá, encontrei o rapaz, que me apresentou a amigos e amigas. Logo de cara, percebi que ele não me atraía. Não fiquei muito perto, dei umas sumidas, umas despistadas. Não precisei dizer que não queria nada. Ele estava acostumado a esse tipo de encontro – às vezes a empatia que rola no mundo virtual não acontece no mundo real. Fiquei maravilhada e com as fantasias. As pessoas iam muito bem arrumadas. Me impressionou ver que mulheres seminuas circulavam pelo ambiente e ninguém tentava tocar nelas sem permissão. Naquela primeira noite, não fiquei com ninguém. Apenas conversei com homens e mulheres que me descreveram suas fantasias e contaram maravilhas do mundo BDSM.

Nessa passagem, há uma exposição dos costumes do grupo que frequenta BDSM: como agem e como enxergam o mundo. A personagem/narradora começa a descrever a identidade do grupo nesse momento.

Percebemos que, inicialmente, a narradora tem cautela ao revelar a imagem da personagem protagonista na nova fase da vida: a de deixar as decepções amorosas para trás e viver experiências sexuais gratificantes. O *ethos* construído da personagem protagonista e das personagens secundárias é de que ainda não rejeita um perfil ainda tradicional. Vejamos alguns enunciados que simbolizam a nossa reflexão:

- 1) *Naquela primeira noite, não fiquei com ninguém.*
- 2) *Contei para algumas amigas mais próximas as minhas aventuras. A primeira reação delas foi de espanto.*
- 3) *As que quiseram me acompanhar ficaram superpróximas, mas não falamos mais desse assunto.*
- 4) *A família nunca suspeitou desse meu lado.*

Essas passagens representam bem uma progressão de atitudes e comportamentos dentro do texto até ser revelado como o mundo BDSM funcionava para a personagem/protagonista. Em primeiro lugar, ela somente foi à procura de uma nova experiência após ter diversas decepções amorosas. Leiamos a passagem que demonstra essa afirmação:

Passagem 76) No ano passado, após terminar um namoro e desgastada por tantas decepções amorosas, decidi procurar parceiros em sites de relacionamentos e Orkut. Durante essa busca, topei com as comunidades virtuais ‘homens que adoram mulheres dominadoras’ e ‘mulher nasceu para mandar’.

Como já dissemos, a revista *Marie Claire* brasileira ainda mantém uma relação conflituosa com diversos grupos considerados minoria na sociedade como um todo. Acreditamos, a partir dessas análises do *corpus*, que a versão brasileira da revista ainda

mantém um viés tradicional mesmo quando dá voz a esses grupos marginalizados e ao gênero feminino, público-alvo da respectiva publicação. Ainda, para Barros (2002), “a imprensa feminina, embora apresente conteúdos bem delineados, tem uma irrefutável adaptabilidade, ajustando-se às exigências do mercado. Se, por um lado, ela é a imprensa que mais se renova; por outro, se encontra engessada por uma visão altamente conservadora”.

Acreditamos existir aqui uma construção do *ethos* no decorrer da narrativa: uma construção de si para as outras leitoras e também a partir de como essas leitoras a veem (a personagem protagonista), ou seja, existe um cruzamento de olhares: “um olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê” (CHARAUDEAU, 2017, p. 115). O *ethos* está ligado ao imaginário social, uma vez que a identidade do sujeito passa pelas representações sociais que são denominadas como imaginários sociodiscursivos. Não há como sair das representações sociais que circulam nos grupos sociais. Nessa narrativa de vida, temos a representação social de um mundo explorado por um certo grupo que está à procura de relações abertas, sem preconceito e conflitos, como se percebe na construção de identidade da comunidade BDSM exposta pela personagem protagonista. Ainda para Charaudeau, “o *ethos* é bem o resultado de uma encenação sociolinguageira que depende dos julgamentos cruzados que os indivíduos de um grupo social fazem uns dos outros ao agirem e falarem” (2017, p. 118).

Aos poucos, a personagem/narradora vai revelando o mundo da BDSM e contando suas experiências que se encaixam com a sua personalidade. No próximo trecho, a personagem/narradora revela que, nesse mundo, poderia ser ela mesma, com as características próprias de quando era intimidada pela mãe:

Passagem 77) Descobri também que há um tipo de fetiche chamado dominação: uma parte do casal submete a outra às suas fantasias e desejos. Na dominação feminina há uma supremacia da mulher: temos de ser tratadas como rainhas. Os homens não podem sentar à mesa se a gente não sentar primeiro, não podem comer se a gente não der a primeira garfada, têm de abrir a porta do carro. É uma devoção absoluta. Têm de ter uma fidelidade canina à sua dona. A dominação vai além do corpo, do sexo, envolve a alma. Isso é lindo, é fantástico. Fiquei fascinada pela possibilidade de ser dominadora, de ter um submisso para mim, um escravo sexual. Nessa tribo o meu autoritarismo seria valorizado e eu podia ser eu mesma sem medo ou vergonha [...].

Logo, a narradora/personagem se identifica, ao chegar à conclusão de que poderia ser ela mesma dentro da comunidade BDSM. Até esse momento da narrativa, ela descreve como era seu mundo amoroso, cheio de desilusões amorosas e começa a se justificar do porquê de entrar nesse novo mundo até então pouco conhecido por ela. Ela cria um *ethos* de injustiça para as leitoras e, por isso, dá margem para inserir suas razões para ir de encontro à comunidade. Os principais traços que encontramos disso no texto é quando ela justifica o seu gosto pelo mundo BDSM dizendo que as mulheres dominadoras são tratadas como “rainhas”

(comem primeiro e o homem deve abrir a porta do carro para que ela possa entrar). É essa a imagem construída do sujeito enunciador para o seu sujeito destinatário. E é a partir desse trecho da narrativa que a personagem/narradora começa a revelar suas experiências ao se integrar à comunidade. Sua voz é revelada dentro do texto por meio da escolha de certas palavras (tais como *supremacia da mulher*, *devoção absoluta*), escolha de argumentos (*a dominação vai além do corpo, do sexo, envolve a alma*). Aqui, a intenção do orador é passar uma boa impressão para o seu auditório para que ele ganhe confiança. A personagem/narradora, antes de expor a comunidade BDSM, se utiliza de várias estratégias para ganhar a confiança da leitora.

Para Maingueneau (2002, p.56), “o *ethos* está crucialmente ligado ao ato da enunciação, mas não podemos ignorar que o público se constrói também das representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele comece a falar”. É essa pré-construção da imagem da protagonista da história que a revista tenta construir no pequeno trecho introdutório em terceira pessoa no início da seção e, durante o texto, a personagem/narradora vai autoafirmando com a progressão das suas atitudes e comportamentos. Logo, no primeiro momento, temos um *ethos pré-construído*, mesmo que a leitora ainda não saiba nada da personagem. Durante a narrativa e depois, temos a construção do *ethos discursivo* durante o desenrolar da história. Ainda, para Maingueneau (2002, p. 58),

Parece-nos necessário mostrar uma distinção entre o *ethos* discursivo e o *ethos* pré-discursivo. Somente o primeiro corresponde à definição aristotélica. Certamente, ele possui dois tipos de discursos ou de circunstâncias pelas quais o destinatário não deveria ter suposições de representações preliminares do *ethos* do locutor: assim como num romance. Mas em outro domínio, como no político, por exemplo, onde a maior parte dos locutores, constantemente presentes na cena midiática, são associados a um tipo de *ethos* que cada enunciação pode confirmar ou invalidar. De toda maneira, mesmo se o destinatário nada sabe previamente do *ethos* do locutor, o mero fato de que um texto revela um tipo de discurso ou certo posicionamento ideológico leva a expectativas em termos de *ethos*. Nós podemos também colocar em dúvida a solidez da distinção entre o pré-discursivo e o discursivo, argumentando que cada discurso se desenvolve no tempo (um homem que falou no início de uma reunião e que retoma a palavra depois de ter adquirido uma certa reputação que após suas afirmações pode confirmar ou não. De toda maneira, podemos pensar que a distinção entre o pré-discursivo e o discursivo deve tomar em conta a diversidade dos gêneros do discurso, que não é, portanto, relevante no absoluto.

Ora, a partir dessa abordagem do Maingueneau, depende da situação e do gênero, para que o sujeito destinatário consiga construir um *ethos* ou não. Depende se ele já conhece o locutor ou não, mesmo assim, dependendo do conhecimento do sujeito comunicante – no nosso caso, a revista *Marie Claire* – a pré-construção do *ethos* discursivo.

As representações sociais estão presentes na progressão do texto, em que o sujeito comunicante (autora real/editora) revela um lado tradicional na tentativa de construir uma certa imagem da personagem da história de vida. Ela justifica a respectiva entrada na comunidade por meio da repressão sofrida pela mãe e pelas decepções amorosas. A personagem/narradora usa da progressão dos fatos até entrar no mundo BDSM. Conta a convivência com a família durante a infância, as decepções amorosas, o descobrimento da comunidade BDSM, sua aproximação com esse mundo, a primeira experiência, as diversas outras experiências e, no final, afirma que abandonaria a comunidade para viver uma vida comum ao lado de um amor. Leiamos os trechos que confirmam nossa análise:

Passagem 78) Nunca tive crise de consciência por ser dominadora. Nunca tive dó de um submisso: eles adoram ser mandados. Me encontrei na dominação. Foi um reforço para a autoestima. Não caio mais nas chantagens emocionais da minha mãe, por exemplo. Não sinto culpa de tentar ser feliz [...].

Passagem 79) Desde que entrei para o BDSM, não transei mais com um baunilha. Mais por falta de oportunidade do que por falta de vontade. Se me apaixonar por um homem que não tenha fetiches e se ele se apaixonar por mim, deixo a minha vida de dominadora numa boa.

Logo, a progressão e o cuidado com a imagem da personagem nesse texto do bloco B é visível durante toda a narrativa de vida. É, nesse contexto, que são acordados os fenômenos das representações sociais. É, no conjunto das práticas sociais, que o discurso é construído e, por isso, temos aqui as representações do feminino, nem sempre abertas ao novo, passando sempre pelo tradicional.

Passemos para a análise de outro texto do bloco C, “relações polêmicas”. O texto é intitulado “Eu, leitora/: conheci minha melhor amiga num ménage”. A apresentação inicial esconde traços do perfil da protagonista. Entretanto, leiamos:

Passagem 80) A publicitária Maria se apaixonou loucamente por um colega de trabalho. Quando ele finalmente deu bola, ela ficou com medo de decepcioná-lo e chamou uma desconhecida para um ménage – ela que acabou virando sua melhor amiga

Mais um trecho introdutório de apresentação do tema pela autora real/editora. Nele, não há muitos indícios para a leitora construir uma imagem da protagonista. Porém, essa passagem demonstra insegurança daquela que vivera a trama. Vejamos um trecho da narrativa de vida:

Passagem 81) A primeira vez em que vi aquele homem enorme, charmosíssimo, com a barba displicentemente mal feita foi durante a gravação de um filme publicitário, ramo em que trabalho até hoje. Não conversamos muito, apenas amenidades. Mas o suficiente para perceber que ele tinha um sotaque gaúcho encantador. Encontrei com ele em outros trabalhos, sempre rapidamente. A vez que conversamos mais demoradamente (uns 15 minutos) foi sobre música. Tínhamos um gosto parecido. Não o vi durante um bom tempo, até o dia em que apresentaram a equipe que ficaria alguns meses gravando uma campanha publicitária em uma cidade do interior de São Paulo. Lá estava ele, altivo, seguro e estonteante.

A narradora/personagem traz mais características do homem de sua relação do que de si mesma. Porém, podemos enxergar alguns traços inferidos por meio da respectiva narração. Por exemplo, quando a personagem diz que conversaram de música, trabalhava em campanhas publicitárias, vivia em grandes centros urbanos (São Paulo).

Outra narrativa, curiosamente, leva-nos a pensar como as construções identitárias se formam a partir das experiências de vida, como afirma Charaudeau. O texto “Eu, leitora: “ajudei minha mãe a fugir com o amor da vida dela” traz valores familiares baseados em uma sociedade patriarcal, bem expressada em certos trechos da narrativa. Vejamos o trecho a seguir:

Passagem 82) Meus pais se conheceram em uma pequena cidade do interior de São Paulo. Minha mãe tinha 21 anos e meu pai, 22. Foram apresentados pelo irmão dele, que namorava a melhor amiga dela. Ficaram amigos, mas logo começaram a namorar. Dois anos mais tarde se casaram. As famílias aprovaram a união. Quatro meses depois, minha mãe engravidou de mim. Quando eu tinha um ano, nasceu minha irmã, Isabel. Desde que temos lembranças, meus pais nunca tiveram um casamento harmonioso. Brigavam bastante porque tinham temperamentos diferentes, por falta de grana e, principalmente, porque minha mãe tinha um ciúme doentio do meu pai. Não era para menos. Ele teve vários casos extraconjugais e, apesar de discreto, minha mãe acabava descobrindo. As brigas eram muito calorosas. Trocavam agressões verbais – muitas vezes assustadoras mesmo. Mas não havia agressão física.

O relato da protagonista, ou seja, da narradora/personagem evidencia a respectiva experiência familiar baseada em conservadorismo, contrapondo as atitudes do pai dentro do casamento. Trechos tais como “as famílias aprovaram a união”, “apresentados pelo irmão dele”, “dois anos mais tarde se casaram” (apesar da idade precoce dos dois), “mas não havia agressão física” (a personagem procura amenizar a situação) leva-nos afirmar a construção familiar patriarcal. Os costumes de a família ser a favor ou não do casamento se remete ao século passado. A personagem ainda descreve predominantemente traços positivos dos pais apesar da conturbada relação:

Passagem 83) Eles foram jovens bonitos. Ele sempre andava bem-vestido, o cabelo impecável. Era sensível e sedutor. Minha mãe tinha corpo bem-feito, cabelos escuros. Apesar da beleza, o que chama a atenção na Dona Neide, como ela é conhecida, é a simpatia. Alegre, divertida, tem brilho próprio. Adora jogar conversa fora e fazer novas amizades. Meu pai é mais introvertido.

Nessa passagem, a narradora/personagem constrói a imagem da mãe com mais traços positivos que a do pai. O uso de adjetivos esbarra na construção do sentido em que constatamos uma visão que temos das nossas mães na forma mais pura e imaculada. Na passagem que se segue, temos a narradora/personagem saindo em defesa da mãe em relação às traições do pai. Ela descreve a não aceitação da mãe perante às atitudes do pai, mas relatando também que a mãe não cogitava separação. A mãe preferiria a viuvez para seguir a vida em frente. Esses traços pertencem bem a uma sociedade movida pela não aceitação do

divórcio, enraizado ainda em muitas mulheres, as quais optam por manter casamentos custe o que custar:

Passagem 84) Desde criança ouço queixas da minha mãe sobre as traições do meu pai. Ela não se conformava com a atitude dele. Mas ficava injuriada mesmo com o fato de a sociedade encarar a infidelidade masculina como algo cultural ou até como necessidade física, ao mesmo tempo que recriminava a traição feita por mulheres. Lembro-me de ela dizer que se sentia atraída por outros homens. Mas era incapaz de ter um caso. Sentiria culpa, pois recebeu uma educação machista. Longe dele, ela dizia que sonhava com a viuvez. Quando ele morresse, estaria com outro no dia seguinte. A separação nunca foi uma alternativa.

O texto na análise seguinte, intitulado “Eu, leitora: perdi amigos e família por ser trans, mas nasci de novo no ambiente de trabalho”, conta com um tema bastante atual sobre a transsexualidade. A narradora/personagem foge dos padrões tradicionais de família e conta sua experiência para as leitoras. Inicialmente, vamos ler o que a editora fala da personagem ao tratar desse assunto polêmico dentro da sociedade, uma leitora mulher transsexual. A editora apresenta assim:

Passagem 85) Ex-policial, a gaúcha Michelle Brea Soares de Castro, de 36 anos, conta como foi se tornar uma mulher trans dentro de um ambiente corporativo acolhedor, depois de passar fome e enfrentar muito preconceito. Decidida a não viver mais às escondidas, ela perdeu amigos e familiares, mas hoje se levanta contra a transfobia em um dos países que mais mata transsexuais no mundo, o Brasil

A editora faz uma breve apresentação expondo o tema da transsexualidade e relata as dificuldades vividas pela protagonista da história pelo fato de ser uma mulher trans, expondo também dificuldades financeiras (*depois de passar fome*). Nesse momento, fizemos uma leitura de que a revista dá espaço a um assunto polêmico, porém com cautela. A editora dá espaço para a própria narradora/personagem expor o assunto na narrativa por ela contada. Para enxergarmos como a narradora/personagem constrói sua imagem e identidade, vejamos algumas passagens seguidas de análises:

Passagem 86) Comecei a minha carreira como policial, aos 26 anos. Meu objetivo era um só: conseguir uma vida mais digna para mim e minha família. Na época, morava com a minha mãe e meu irmão mais novo em Porto Alegre, onde vivo até hoje. Juntos, passamos fome.

Nessa passagem inicial da história, a narradora/personagem começa relatando as dificuldades da família e a vontade de se firmar profissionalmente; para, em seguida, falar das dificuldades pessoais enfrentadas por ela ser trans, sempre buscando demonstrar o preconceito social. Leiamos a próxima passagem:

Passagem 87) No batalhão, eu era Ricardo Leonel Soares de Castro. Mas o meu comportamento delicado fez a minha capacidade enquanto militar ser contestada diversas vezes. Eu era uma mulher trans _ e eles não estavam prontos para me receber. Fui criada em um ambiente extremamente machista, bem semelhante ao que encontrei na polícia. Desde muito cedo, aprendi a ser e a me comportar como um homem. Ainda assim, a primeira memória que tenho da infância é a de quando minha avó foi castigar o meu irmão vestindo uma camisola vermelha de bolinhas brancas. Eu desejei aquela peça com toda a minha força, mesmo sem entender muito bem o motivo. Dalí, minha lembrança salta para os 9 anos de idade, quando comecei a me travestir em casa, escondido da minha mãe.

Nessa passagem inicial do texto, a narradora/personagem conta como sofreu preconceito e como viveu escondendo a sua natureza por causa do ambiente familiar. Por meio das expressões seguintes, ela deixa clara as evidências de repressão durante a infância: “criada em ambiente extremamente machista, minha avó foi castigar o meu irmão vestindo uma camisola de bolinhas brancas, escondido da minha mãe”. Logo, para criar uma imagem assertiva perante às leitoras, a narradora/personagem relata passo a passo como se deu a própria transformação a partir do que sentia durante a infância e precisava se reprimir. Machado (2019, p. 764), diz que

de todo modo, o ato de linguagem deve ser visto como um ato comunicativo, em que o “eu”, ser de fala ou de escrita, se dirige a um “tu”, em determinado local, hora e situação, ato esse carregado de intenções e motivado por uma visada de influência.

Logo, a intenção da personagem, na nossa interpretação, é garantir um espaço entre as leitoras da revista. Nesse sentido, almeja que essas leitoras a vejam como uma mulher. Docemente, a narradora/personagem das informações que devem causar naturalidade na situação ainda considerada polêmica nos grupos conservadores da sociedade brasileira. Nas passagens iniciais do texto, a intenção da narradora/personagem é de atingir as leitoras, de se juntar a elas como mulher trans. Uma mulher que tem os mesmos comportamentos e conflitos internos pertencentes ao universo feminino, aos imaginários coletivos dessa comunidade.

Na passagem seguinte, a narradora/personagem abre um pouco mais sua identidade às leitoras. Ela se junta por meio de estratégias que tendem a aproximá-la do público da revista. Leiamos:

Passagem 88) Sem ter onde buscar informações e carente de referências, só tinha ouvido falar na Roberta Close, me entendi, aos 19, como um homem crossdresser, que gosta de se vestir como mulher. No fundo, porém, eu queria mesmo era viver como "ela". Sempre pensei que, se eu tivesse outra vida, queria nascer menina. Sem saber, eu já era uma.

Portanto, ao dizer “sem saber, eu já era uma”, acreditamos que a narradora puxa para si as leitoras, dizendo: olha, eu sou mulher! A protagonista se aproxima do universo feminino para que seja reconhecida como as outras leitoras do folhetim. Dizer para o outro é intencional, tem um propósito, nada distante da persuasão. Mostrar uma visão de mundo do qual os sujeitos da encenação fazem parte. A troca linguageira precisa dessa *mise en scène* charaudiana, cada um no seu papel de sujeito dentro dessa troca.

A seguir, temos relatado a negação da sexualidade pela própria protagonista da história, o que, para a sociedade conservadora, ainda é uma situação constrangedora, e, para aqueles que fazem essa transição, também o é:

Passagem 89) Há exatos sete anos, comecei a encontrar textos sobre o assunto e entendi que, antes de tomar qualquer decisão, eu precisava enfrentar minha família, amigos e uma namorada de três anos. Todos esses obstáculos impactados pela minha criação conservadora, me levaram a uma negação inicial.

Portanto, o relato a seguir mostra que a protagonista não desistiu e, enfim, regularizou civilmente a respectiva situação:

Passagem 90) Informação que se tornou uma prioridade antes de embarcar em uma transformação pessoal. Minha transição só começou de fato em janeiro de 2016. Realizada profissionalmente como analista sênior de banco de dados da Dell, onde trabalho há cinco anos, e líder de uma equipe de quatro funcionários, comuniquei a empresa que daria início ao processo, mesmo temerosa sobre o que seria passar por isso em um ambiente corporativo.

A diversidade e as questões de gênero já são uma preocupação global deles, que imediatamente deram início às mudanças burocráticas para que eu pudesse de fato adotar o meu nome social: Michelle Brea Soares de Castro uma homenagem a um amor da adolescência. É nele que eu me reconheço, mesmo sem ter dado entrada ao processo legal.

Temos, nesse momento da narrativa, o relato da transformação cível. De Ricardo, ela passa a ser Michelle, e é reconhecida no ambiente de trabalho. Essa narrativa de vida constrói uma imagem dessa nova mulher que participa do universo feminino, por vez conservador. Acreditamos que, com a abordagem do tema transsexualidade, que faz parte do nosso *corpus*, cujo tema é relações afetivas, a revista *Marie Claire* abre portas para uma nova mulher de hoje, igualmente reconhecida por todas as outras que nasceram com o gênero definido na sociedade. Esse é um texto que busca, definitivamente, definir uma nova identidade dentro das representações da mulher na mídia.

Dentre representações antagônicas da figura feminina dentro das narrativas da seção estudada, observamos os traços antigos da sociedade ainda fixada nas personagens e nas experiências relatadas presentes na construção do texto realizada pelo sujeito comunicante do quadro comunicacional de Charaudeau.

É assim que a mulher é representada em grande parte nos textos da revista *Marie Claire*, versão brasileira. Temas complexos e conflituosos são abordados, ora de forma aberta e avançada, ora de forma conservadora e cautelosa como vimos em alguns textos do nosso *corpus* analisado neste item.

5.2. Análise da revista *Marie Claire* francesa¹⁷

5.2.1. Estudo dos papéis dos sujeitos e o contrato de comunicação

Sabemos que o sujeito é o grande protagonista da comunicação. Seu papel dentro do ato de linguagem é de inteira relevância para os estudos ligados às construções identitárias e de imagens de si dentro do discurso, como já dissemos na primeira parte da nossa análise da versão brasileira da revista *Marie Claire*. Procuraremos expor como a versão francesa é construída no que se refere aos sujeitos da linguagem e do quadro comunicacional para chegarmos nas representações da mulher francesa na revista *Marie Claire* e acreditamos que encontraremos semelhanças e diferenças ao compararmos as versões.

O contrato comunicacional da versão francesa apresenta propriedades muito semelhantes ao da versão brasileira, o que se explica por conta de terem uma mesma linha editorial, ou linhas parecidas, porém em territórios diferentes. Podemos perceber que, apesar de o contrato ser o mesmo, as diferenças culturais que ambas as versões têm influenciam na maneira como a mulher é representada dentro das narrativas brasileira e francesa no que se refere aos comportamentos, às atitudes e ao modo de se enxergar e se perceber o mundo. Observamos que as questões culturais de uma sociedade influenciam na forma como a mulher é representada em todos os espaços direcionados à figura feminina, principalmente nas suas falas projetadas nas experiências individuais de cada uma. Logo, o contrato é o mesmo, porém as representações são adversas e findadas dentro da visão da revista *Marie Claire*. No capítulo teórico, demonstramos como se dá o contrato comunicacional: o sujeito comunicante (a editora) elabora o texto narrado pela protagonista da história de vida que idealiza uma leitora seguindo o perfil do público-alvo proposto pelo folhetim. O contrato comunicacional se dá da mesma forma nas duas versões, porém as diferenças que encontramos são baseadas na forma como a mulher é representada no folhetim a partir dos imaginários coletivos presentes no discurso.

O primeiro texto que iremos analisar é o texto escolhido para nossas primeiras análises é “*Moi, lectrice: mon mari est addict au sexe*, Eu, leitora: meu marido é viciado em sexo”, na Língua Portuguesa. O texto pertence ao bloco A, relações fora do tradicional.

Como já expomos, o quadro comunicacional é composto dos quatro sujeitos: o sujeito-comunicante (EUc); o sujeito-enunciador (EUe); o sujeito-destinatário (TUD); o

¹⁷ Em razão de diferenças entre as línguas, a tradução que proponho após cada excerto, ao longo deste item, não foi feita fielmente ao original.

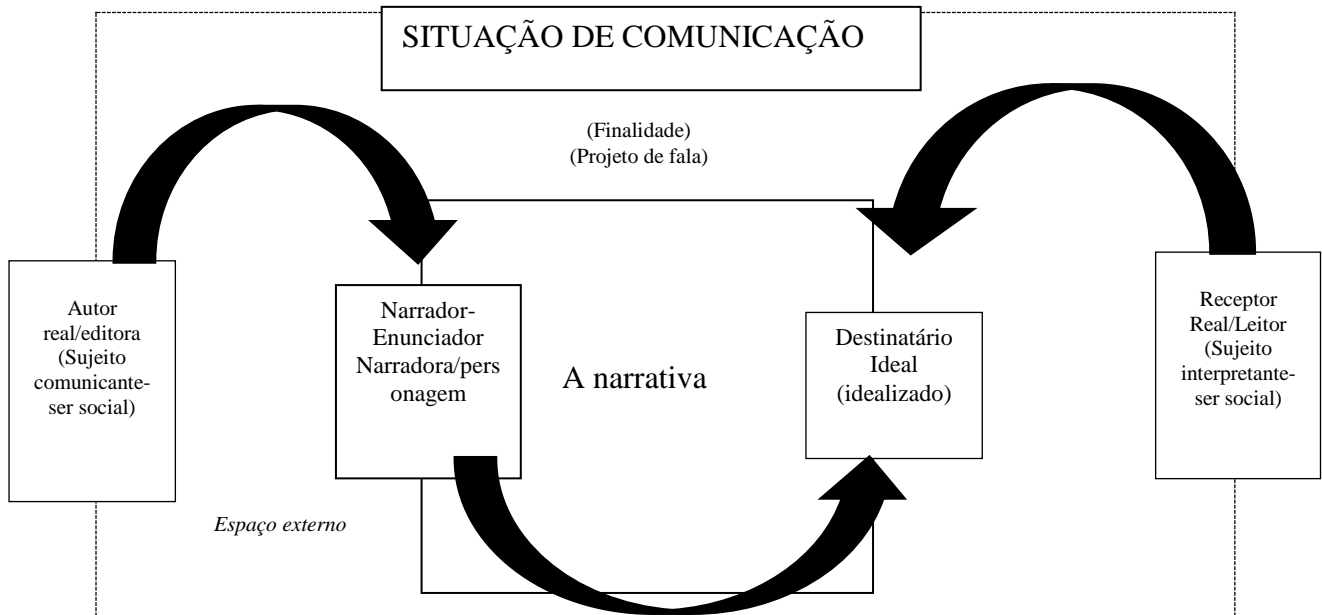
sujeito-interpretante (TUi). O sujeito-comunicante e o sujeito-interpretante operam no espaço externo (em nível situacional) e o sujeito-enunciador e o sujeito-destinatário operam no espaço interno (em nível discursivo – o espaço do dizer).

Dentro desse planejamento que se propõe o quadro comunicativo de Charaudeau (1992), definimos os seguintes papéis:

- 1) Autora real/editora: sujeito-comunicante;
- 2) a narradora leitora (quem conta a história por meio do próprio depoimento): sujeito-enunciador;
- 3) a leitora idealizada: sujeito-destinatário;
- 4) a leitora real: sujeito-interpretante.

Seguindo nossa análise, o quadro comunicacional da *Marie Claire* francesa é feito da seguinte forma:

FIGURA 8 – Quadro comunicacional charaudiano.



Fonte: << Mundo do fazer: conceber as coisas que serão

No quadro comunicacional charaudiano, chamamos de sujeito comunicante a autora real/escritora e de sujeito-enunciador a narradora/personagem. O texto se inicia com uma chamada criada pelo sujeito enunciador expõe a problemática de que trata a narrativa:

Passagem 91) Rien n'aurait pu faire croire à Sandra que Pierre – son mari depuis dix-sept ans – était 'sex addict'. Comment survivre alors aux années de mensonges? L'amour et le désir sont-ils encore possibles? (Moi, lectrice: mon mari est addict au sexe)

Nada poderia ter feito com que Sandra acreditasse que Pierre – seu marido há dezessete anos – era viciado em sexo? Como então sobreviver aos anos de mentiras? O amor e o desejo ainda são possíveis?

O sujeito enunciador, nesse caso, é o que chamamos no quadro comunicacional de Eue. Já o sujeito comunicante (autora real/editora) lança o problema que envolve a protagonista da história de vida antes mesmo de começar a narrar o resumo da história de vida, do que será revelado, no título da seção (mesmo com a expressão, *Moi, lectrice*).

Depois desse primeiro momento, a narrativa de vida inicia-se em primeira pessoa, como todos os textos da seção, realizada pela protagonista da história, o que indicamos no quadro comunicacional de sujeito enunciador (narradora/personagem), relatando uma breve apresentação da relação do casal:

Passagem 92) Lorsque j'épouse Pierre, il y a dix-neuf ans, j'ai aucune doute: c'est pour la vie! Sexuellement, l'alchimie est parfaite, et pendant des années notre couple ressemble à une carte postale. Idyllique. Le soir, je m'endors sur un nuage avec le gentil mari qui adore sa femme, le père qui joue avec ses enfants, le gendre idéal. (Moi, lectrice: mon mari est addict au sexe)

Quando me casei com Pierre, há 19 anos, eu não tenho dúvida: é para toda a vida. Sexualmente, a alquimia é perfeita, e durante anos nossa relação parece um cartão postal. À noite, eu adormeço numa nuvem com o marido gentil que adora sua esposa, o pai que brinca com seus filhos, o genro ideal. (Trad.)

O sujeito enunciador (Eue) revela seu cotidiano que, aparentemente, apresentava uma vida perfeita. Nesse momento, apesar de o assunto ter sido deflagrado pelo sujeito comunicante, o sujeito enunciador (Eue1) prepara a história por meio de uma progressão de fatos ocorridos na experiência de vida da narradora/personagem para atrair a atenção das leitoras. O sujeito enunciador (Eue1) vai até o passado para resgatar as lembranças e volta ao presente para dar a eles um sentido e um motivo para vir a público uma experiência, por meio da narrativa e com a intenção de interpelar, de alguma forma, suas leitoras.

Em seguida, ela conta o momento da descoberta do marido como compulsivo sexual, momento em que relata a descoberta que o seu casamento não era tão perfeito como ela achava. Vejamos o trecho:

Passagem 93) En juillet 2011, c'est le cataclysme, quand je découvre que mon mari a une sexualité compulsive. Cinq ans plus tôt j'ai eu une alerte. Il a oublié son téléphone à la maison, et lorsque sonne un bip de message reçu, je le lis: Suis toute seule et je m'ennuie. Je vais monter lire au chaud sous ma couette, bonne nuit, fait des beaux rêves, Trésor. Sa collègue... A l'époque, il nie, elle aussi, affirmant que le SMS est en réalité destiné à son mari. A l'époque, je pense qu'il est vulnérable, car sa mère vient de mourir, qu'il a fait sa crise de la quarantaine et joue à séduire, mais je deviens méfiante. Quand je découvre qu'il va sur des sites pornos soft, il concède: Ça m'arrive de temps en temps, j'aime bien les jolies filles. Ça me met mal à l'aise, mais mon frère me dit faire de même. Je me convaincs: Tu ne vas pas en faire un fromage!

Em julho de 2011, o cataclisma, quando eu descobro que meu marido é viciado em sexo. Cinco anos antes, eu tive uma alerta. Ele esqueceu seu telefone em casa e quando toca um bip de mensagem recebida, eu li: estou sozinha e com saudade. Estou indo para debaixo do edredom quente, boa noite, tenha bons sonhos, Tesouro. Sua colega... Na época, ele nega, ela também, afirmando que o SMS na realidade era para seu marido. Na época, eu pensei que ele estava vulnerável, pois sua mãe tinha morrido, que estava na sua crise dos quarenta e

estava experimentando seduzir, mas eu fiquei desconfiada. Quando eu descobro que ele vai em sites pornôs, ele afirma: isso me acontece de vez em quando, eu gosto das mulheres bonitas. Isso me deixou desconfortável, mas meu irmão me disse que também fazia isso. Eu me convenci. Você não vai fazer tempestade em copo d'água (trad.)

Logo, nesse momento, a narradora/personagem revela uma segunda situação dentro do texto: de um casamento perfeito para um casamento de mentiras.

Ainda, no depoimento francês, em cada parágrafo ou divisão de assunto, há uma chamada construída pelo sujeito enunciador (Eue1), narradora/personagem, para abordar um microtema do texto (tema específico do que se trata um trecho do texto). Há uma progressão ao contar a história. Acreditamos que essa progressão tem um propósito que é o de revelar, aos poucos, cada situação vivida pela personagem protagonista. Nesse momento, o sujeito enunciador (Eue1) tem a intenção de provocar e alertar o sujeito destinatário de que quando há algo de errado em uma relação, existem sinais que demonstram isso. Percebemos que é uma estratégia intencional para alertar as mulheres que, por meio de pequenos sinais, pode descobrir um grande problema camuflado pelo parceiro. Nesse viés, o contrato se acordará se a leitora interpretante se prender à mesma conclusão. O segundo passo do sujeito enunciador (Eue1) é demonstrar que, a partir dessa realidade, no casamento que parecia perfeito, existia uma lacuna de desconfiança. Ela afirma:

Passagem 94) De 2006 à 2011, j'ai de plus en plus le sentiment de vivre avec un inconnu. Il est sous pression, telle une cocote-minute prête à implorer, il pique des colères disproportionnées envers les enfants.

De 2006 a 2011, eu tenho cada vez mais o sentimento de viver com um estranho. Sob pressão, tal como uma panela de pressão a explodir, ele tinha raiva desproporcional em relação às crianças.

Mais uma vez, a narradora/personagem demonstra, para as leitoras, sinais de que algo está errado dentro da relação. Essa análise nos possibilita verificar, dentro da enunciação, a ação e a influência que os sujeitos enunciadores podem realizar sobre o sujeito destinatário, fazendo com que ele interaja em determinada situação comunicacional, no nosso caso, a relação entre a revista *Marie Claire* e suas leitoras por meio da voz da narradora. Logo, a linguagem torna-se um instrumento que coloca os sujeitos de uma interação dentro de uma transformação da significação do mundo para um mundo em que existem discursos baseados em representações sociais. Para Paulinkonis (2018, p. 145), “dessa forma, importa observar os processos de transformação e de transição ou o percurso que vai da frase ao texto, o que possibilita a passagem do significado da língua para o sentido do discurso”. A apreensão do sentido se dá, dentro das progressões existentes na narrativa de vida, por meio das estratégias discursivas utilizadas pelos sujeitos enunciadores (a editora que transcreve o depoimento para o texto publicado e a narradora/personagem que conta sua história), realizando um contrato

comunicacional. Como não há reciprocidade imediata das leitoras em relação à história de vida publicada, os sujeitos comunicantes e enunciadore (1 e 2) idealizam o perfil das leitoras da revista *Marie Claire*. O tema da história de vida é lançado de imediato no início da seção, na intenção de atrair a curiosidade dessas mulheres que compram e seguem a revista.

O enredo dessa história, “*Moi, lectrice: mon mari est addict au sexe*”, apresenta uma condição de anormalidade (não tradicional e não moral) dentro de uma relação amorosa. No contexto do enredo, a protagonista, narradora/personagem, não abandona o marido, mas sim o ajuda a superar a compulsão sexual. Haverá um contrato comunicacional entre os enunciadore e o sujeito interpretante? Essa atitude da leitora que conta sua experiência teria uma aceitação total das leitoras da revista? O conteúdo desse texto nos faz emanar perguntas de posicionamentos diferentes que as leitoras podem ter no final do texto, tais como não apoiar o marido e não o ajudar a tratar a doença e, ainda, não aceitar as traições e pedir uma separação. Mais uma vez a revista *Marie Claire* francesa utiliza-se de uma narrativa de vida para firmar o tradicional da conduta da figura feminina. Para Barros (2002, p. 10), “infelizmente, a virada do milênio não foi capaz de exorcizar as teorias – empíricas ou não – de cunho biológico que endossam preconceitos sexistas. Há aqueles que ignoram o fato de a definição dos papéis feminino e masculino ser meramente uma construção histórica”. Portanto, o texto em análise confirma a separação clássica entre os gêneros.

Geers (2016) busca, na história da imprensa e das mídias, uma forma de explicar como se deu os primeiros estudos sobre revistas como a *Marie Claire*. Até os anos de 1990, na França, não foram feitos estudos ligados a revistas femininas. Ela afirma que “hoje, graças aos estudos de recepção, iniciados por Stuart Hall no seio das *Cultural Studies*, é possível pensar na ideia de uma leitora *receptora-consumidora* passível de objetos culturais, notadamente de produtos midiáticos” (p. 25). Afirma ainda que “a imprensa feminina é muitas vezes um suporte publicitário, um guia de *saber-fazer* e um *saber-viver* e uma prática cultural, definida como própria do gênero feminino”. É seguindo essas intenções da própria revista *Marie Claire*, que definimos o contrato comunicacional, o acordo firmado positivamente entre a revista e suas leitoras, ao aderirem o movimento dessa mídia.

Sabemos que existe uma encenação dentro do circuito do quadro comunicacional: o externo (situacional) – uma troca linguajeira em que não há uma reciprocidade imediata do interlocutor, no caso do nosso *corpus*; o interno (o comunicacional), que trabalha a organização do dizer – os enunciadore se dispõem de intenções e estratégias para conduzir seu interlocutor. Logo, temos um conjunto de saberes compartilhados construído (de forma

consciente ou não) por indivíduos de uma mesma comunidade, ou seja, a comunidade feminina (os sujeitos da linguagem – comunicante, enunciador, destinatário e interpretante). No conjunto dessa interação, os sujeitos têm papéis que constroem a narrativa. Porém, “o sujeito não é um indivíduo preciso, nem tão pouco um indivíduo coletivo preciso, mas uma abstração, um lugar de abstração da produção/interpretação da significação, dependendo do lugar que esse sujeito ocupa no ato de linguagem” (MELLO, 2003, p. 45-46).

A progressão do texto é visível e presente no conteúdo das chamadas dos parágrafos da narrativa, e podemos chamá-la de sequências do modo de organização do discurso narrativo (conforme veremos nas análises posteriores). Vejamos:

Passagem 95) J'ai de plus en plus le sentiment de vivre avec un inconnu.

Eu tenho cada vez mais o sentimento de viver com um desconhecido.

A narradora/personagem relata as mudanças no comportamento do marido em relação aos filhos e à maneira de vida do casal.

Passagem 96) Sex addict: le sexe como ansiolytique.

Vício sexual: sexo como ansiolítico.

A narradora/personagem relata que a forma que o marido vê de melhorar suas tristezas é de se envolver sexualmente com outras parceiras.

Passagem 97) Je suis face aux ruines de mon couple.

Estou enfrentando as ruínas do meu casamento

A narradora/personagem começa a ter indícios mais frequentes das traições, tais como mensagens, bilhetes e preservativos nos pertences pessoais do marido.

Passagem 98) Sex addict: consulter un sexothérapeute.

Compulsão sexual: consultar um sexoterapeuta

A narradora/personagem chega à conclusão de que, apesar das traições e da compulsão sexual, eles se amam e resolve ajudar clinicamente o marido.

Passagem 99) La douleur est si violente que j'ai la tentation de me supprimer

A dor é tão violenta que sou tentada a me reprimir

A narradora/personagem conta sua dor para suportar a situação.

Passagem 100) Sex addict: vivre avec le leur que ça recommence.

Compulsão sexual: viver com o medo de que recomece.

A narradora/personagem conta a superação do casal, porém vive com medo de tudo recomeçar novamente.

Enfim, o ato de linguagem é um fenômeno que combina o ato de dizer (discursivo – lugar da *mise em scène*) e o ato de fazer (situacional – lugar que ocupam os responsáveis pelo ato). Logo, Mello (2003, p. 46) explica que

A teoria compreendida por Charaudeau busca explicar a estruturação do ato de linguagem por meio da postulação de um dispositivo que compreende um duplo circuito: 1) uma instância externa, espaço do *Fazer* psicossocial dos parceiros envolvidos na comunicação, também chamado de espaço das limitações; 2) uma instância interna, espaço de organização do *Dizer*; também chamado de espaço de estratégias, onde os protagonistas montam suas estratégias (*enjeux*) de encenação do ato de linguagem.

Portanto, essa progressão presente no texto demonstra a encenação, ou o que Charaudeau (1992) chama de *mise em scène*, do ato de linguagem movido de estratégias que conduz o sujeito interpretante a ter um panorama do desenrolar da experiência narrada. Esse é um indício semiológico da encenação do *Dizer*. É, no texto, que temos a materialização da encenação do ato de linguagem e por ele passam estratégias, como apresentamos a da progressão dos fatos, para se obter a atenção do público-alvo.

Passemos para uma próxima análise, um texto do bloco C, “relações polêmicas”, intitulado “*Moi, lectrice: ma soeur a couché avec mon mari.*” “Eu, leitora: minha irmã deitou-se com o meu marido”. Vamos analisar a progressão do texto em relação ao movimento dos sujeitos do contrato comunicacional. A história começa com a revelação da traição de sua irmã. No segundo momento, a narradora/personagem relata a trajetória até a descoberta. Vejamos as passagens dessa progressão:

Passagem 101) “Non. Pas elle !” Depuis trois ans, régulièrement, ce cri jaillit en moi. Elle, c’est Emma, ma soeur préférée. Mani comme je l’appelais depuis toujours. Avec Mani, nous faisons bloc contre Louise, notre aînée, très autoritaire, surnommée “Miss Perfection”. Mani était son parfait opposé. Désobéissante, fantasque, rigolote et aussi très fragile. Moi j’étais la petite dernière, toujours un peu dans la lune.

Não. Ela não. Após três anos, regularmente; este grito jorrava em mim. Ela, é Emma, minha irmã preferida. Mani como eu a chamava desde sempre. Com Mani, nos fazíamos bloqueio contra Louise, nossa mais velha, muito autoritária, apelidade de ‘Miss Perfeição’. Mani era sua perfeita oposição. Desobediente, lunática, debochada, mas também frágil. Eu era a mais nova, sempre um pouco na lua. (trad.)

Nesse trecho, a narradora/personagem inicia o texto com uma expressão que indica surpresa e não aceitação do episódio: “*Non. Pas elle*; Não, ela não”. Logo, ela relata a cumplicidade que tinha com a irmã Mani. Pouco a pouco, ela passa para a leitora seu mundo família para depois contar sobre a traição. Portanto, as passagens anteriores contam a história até a segunda fase da trama. Ela conta suas experiências antes de conhecer o seu marido e as

experiências vividas em conjunto com a irmã. Em seguida, o marido entra no relato. Leiamos a seguinte passagem:

Passagem 102) Puis, il y a onze ans, j'ai rencontré Thibault. Directeur dans un groupe de presse, il avait besoin de renseignements. Entre nous, ça a tout de suite accroché. Aucun de mes ex ne m'avait produit cet effet: Thibault me donnait une énergie folle. Avec lui, je ne flottais plus, je ne me sentais plus floue.

Depois, há 11 anos, eu encontrei Thibault. Diretor em um grupo de imprensa, ele tinha necessidade de buscar informações. Entre nós, tudo isso estava acertado. Nenhum dos meus ex tinham conseguido esse efeito: Thibault me dava uma energia louca. Com ele, eu flutuava mais, eu me sentia mais confusa.)

Essa passagem demonstra que a narradora/personagem quer informar a leitora (sujeito interpretante) como se deu o episódio, explicando passo a passo da sua experiência. Também, nesse texto, temos as chamadas que despertam o interesse da leitora. A progressão do texto é visível e está presente no conteúdo das chamadas dos parágrafos da história da leitora. Vejamos:

Passagem 103) Comme dans un cauchemar, je l'ai vu se garer en bas de chez Mani et j'ai su. Tout de suite, sans aucun doute possible.

Como em um pesadelo, eu o vi estacionar embaixo da casa de Mani e eu soube. Imediatamente, sem nenhuma sobra de dúvidas. (trad.)

Passagem 104) Des agendas surchargés.

Agendas sobrecarregadas.

Passagem 105) Comme dans un cauchemar.

Como em um pesadelo.

Passagem 106) La tête vide, le corps en apesanteur.

A cabeça vazia, o corpo leve)

Acreditamos que os subtópicos dos parágrafos dessa narrativa atraem a leitora para o final do texto, amarrando a atenção do sujeito interpretante. A persuasão se faz presente no movimento de cada subtópico. Uma trajetória que leva ao desfecho trágico da traição. Essa é uma estratégia discursiva para lidar com a leitora. Percebemos claramente a *mise en scène* nas passagens anteriores. Percebemos que, no texto, temos mais uma vez a materialização da encenação do ato de linguagem e, por ele, passam estratégias de acordo com a intenção do autor, como apresentamos a da progressão dos fatos, para se obter a atenção da leitora, ou seja, o público-alvo da revista. Assim, o perfil dos textos publicados na seção estudada nos permite detectar como o texto é arquitetado e qual é a intenção do sujeito comunicante (editora) dentro dessa mídia voltada para a mulher.

A mídia ligada ao feminino, desde que surgiu, faz questão de definir esse público-alvo. Se analisarmos mais detalhadamente a mídia feminina, sabemos que, ao longo dos tempos, ela abriu espaço para temas ligados e de forma conveniente ao universo feminino.

Dentro da sua bagagem, lançou diversos assuntos, quase sempre ligados ao âmbito doméstico, beleza corporal e relações afetivas (como abordamos no capítulo metodologia). Para Barros (2002, p. 6), a revista *Marie Claire* “apresenta um tipo de linguagem peculiar, repleta de simpatia e de personalidade. Devido a isso, consegue estabelecer com a leitora uma comunicação muito particular, impondo sutilmente condutas, por vezes ancoradas na credibilidade dos especialistas”. É, por isso, que o contrato de comunicação se torna positivo no que se refere à *mise en scène* dessa revista. As leitoras buscam, na *Marie Claire*, uma voz, muitas vezes silenciada. Porém, a revista sabe articular esse espaço de forma conveniente com o conservadorismo da sociedade francesa, mas também equilibrada, levantando-se questões que geram questionamentos.

5.2.2. Estudo dos modos de organização do discurso: os pontos de vista na construção narrativa

Sabemos que a finalidade dos modos de organização do discurso é delimitar certas categorias da língua as quais ordenam as finalidades discursivas que constroem o ato comunicacional e organizam, de forma referencial, o mundo. Os modos de organização são utilizados pelos locutores para se atingir um objetivo, ou seja, utilizam-se de estratégias para atingir uma intencionalidade discursiva. As categorias que iremos empregar, nas nossas análises, a partir de agora são: o modo enunciativo, o modo narrativo e o modo descritivo, pois são os mais pertinentes no nosso *corpus*, assim como verificado também na análise do depoimento brasileiro.

A função presente no modo enunciativo da revista francesa também é o elocutivo, o que podemos perceber por meio dos subjetivemas que encontramos nos enunciados. Leiamos alguns trechos selecionados para demonstrar o modo enunciativo elocutivo da história de vida “*Moi, lectrice: mon mari est addict au sexe*. Eu, leitora: o meu marido é compulsivo sexual.”

Passagem 107) Sexuellement, l'alchimie est parfaite, et pendant les années notre couple ressemble à une carte postale.

Sexualmente, a alquimia é perfeita e durante anos nosso casamento parecia um cartão postal.

Temos aqui três marcas de subjetividade: *parfaite* (adjetivo que denota perfeição); o advérbio *pendant* (denota longevidade); *carte postale* (substantivo com valor de adjetivo).

Passagem 108) Et notre sexualité épanouie.

E nossa sexualidade florescendo.

Temos aqui a marca por intermédio do verbo *épanouir* que indica renascer, beleza etc.

Passagem 109) Aujourd'hui je sais que les sexe addicts ont une vie de couple normale et que leur dépendance se manifeste ailleurs.

Hoje, eu sei que os viciados em sexo têm uma vida em casal normal e que o vício se manifesta em outros lugares.

Temos aqui uma marca que explica uma situação de normalidade (*normale*) e o segundo termo um advérbio (*aujourd'hui*) que explica uma temporalidade de acontecimento do fato da compulsão sexual.

Enfim, temos a marca de alguns subjetivemas nos trechos apresentados anteriormente, os quais denotam os pontos de vista do enunciador sobre o mundo com o qual ele se relaciona ao contar a história de vida. A escolha semântica marca o posicionamento do sujeito falante sobre um determinado propósito, função essa do modo enunciativo elocutivo. O sujeito mostra uma perspectiva de si mesmo em relação ao mundo que o cerca.

Tratando a partir de agora dos modos narrativo e descritivo, iremos trabalhar também com alguns componentes linguísticos pertencentes à organização do discurso. O descritivo nos faz a revelação do mundo como ele é e o narrativo nos mostra como se dá a construção das ações dos protagonistas da *mise en scène*. Temos a representação do mundo como ele é por meio das descrições e outro mundo por meio dos acontecimentos dos fatos. Vejamos alguns trechos descritivos:

Passagem 110) Ça m'arrive de temps en temps, j'aime bien les jolies femmes.

Isso me acontece de tempo em tempo, eu amo as bonitas mulheres.

Presença do adjetivo *jolies*.

Passagem 111) À mes yeux, c'est moi que suscite son désir, puisqu'il me répète qu'il me trouve belle.

Aos meus olhos, sou eu quem desperto seu desejo, já que ele repete que me acha bela.

Presença do adjetivo *belle*.

A narração se constrói por meio da progressão dos fatos e é bem explícita nas chamadas de cada parágrafo e mudança de situação dentro do desenrolar da história do texto francês. Após a apresentação da vida do casal antes e depois da descoberta da compulsão sexual do marido, a cada movimento da narrativa, o enunciador cria um subtítulo para o que será revelado no parágrafo seguinte. Esse é um traço particular da revista francesa da seção. Os subtítulos são:

1) *J'ai de plus en plus le sentiment de vivre avec un inconnu.*

Eu tenho, a cada vez mais, o sentimento de estar vivendo com um estranho.

2) *Sex addict: le sexe como ansiolytique.*

Vício sexual: sexo como ansiolítico

3) *Je suis faces aux ruines de mon couple.*

Estou enfrentando as ruínas do meu casamento

4) *Sex addict: consulter um sexothérapeute.*

Vício sexual: consultar um sexoterapeuta

5) *La douleur est si violente que j'ai la tentation de me supprimer.*

A dor é tão violenta que tenho a sensação de me reprimir.

Essa sequencialidade estrutural do texto faz parte da organização do texto narrativo. Temos uma logicidade dos fatos, uma progressão da narrativa de vida, uma organização textual que passa pelos componentes narrativos. Há uma sequencialidade dos acontecimentos, construindo toda uma *mise en scène* realizada pela narradora/personagem. Para demonstrar isso, vejamos as passagens que tecem esses componentes narrativos:

Situação inicial: no início da narrativa de vida, a narradora/personagem conta como foi seu casamento. Relatou um amor à primeira vista, em que tudo era perfeito.

Passagem 112) Lorsque j'épouse Pierre, il y a dix-neuf ans, je n'ai aucune doute: c'est pour la vie!

Quando eu me caso com Pierre, há 19 anos, eu não tenho dúvida: era para toda a vida.

Estado de atualização: nesse momento, a narradora fala do cataclisma que ocorreu após 17 anos de casamento. Pela primeira vez, o casamento está em risco. Ela relata que desconhece o marido e que os alertas de traição continuam acontecendo.

Passagem 113) En juillet de 2011, c'est le cataclysm, quand je découvre que mon mari a une sexualité compulsive. Cinq ans plus tôt j'ai eu une alerte.

Em julho de 2011, é o cataclisma, quando eu descubro que meu marido tem uma sexualidade compulsiva. Cinco anos mais cedo eu tive um sinal.

Passagem 114) De 2006 à 2011, j'ai de plus en plus le sentiment de vivre avec un inconnu.

De 2006 a 2011, eu tenho cada vez mais o sentimento de viver com um desconhecido.

Passagem 115) Un jour, au retour de vacances sans lui, il finit par m'avouer qu'il n'a jamais cesse de coucher avec sa collègue.

Um dia, voltando de férias sem ele, ele acabou me confessar que nunca parou de se deitar com sua colega.

Clímax: a narradora/personagem descobre alguns motivos que levam o marido a trair: ele sofrera de depressão, e o sexo é uma espécie de ansiolítico. Ela decide procurar uma ajuda médica para o marido para livrá-lo da compulsão sexual.

Passagem 116) Je découvre que le sexe lui sert d'anxiolitique, c'est sa façon de soulager les angoisses qu'il porte en lui depuis fort longtemps.

Eu descobri que o sexo para ele serve de ansiolítico, é a maneira que ele tem de retirar as angústias que ele carrega há muito tempo.

Passagem 118) [...] Je décide de l'accompagner dans sa lutte et je trouve un sexothérapeute.

Eu decido de acompanhá-lo nessa luta e acho um sexoterapeuta.

Passagem 119) Ma vie est construite sur un mensonge.

Minha vida foi construída sobre uma mentira.

Passagem 120) Depuis deux ans, je lutte pour me reconstruire et doublement: moi-même au sein de mon couple.

Há dois anos eu luto para reconstruir duplamente; eu mesma sou a sustentação do meu casamento.

Desfecho: a narradora/personagem revela o final da história contando como o casamento fortaleceu-se novamente. Ela relata ainda que viveria por mais vinte anos ao lado do marido apesar de todo o sofrimento causado à família devido à compulsão sexual.

Passagem 121) Pierre dit être guéri, ne plus avoir des pulsions ni envie d'aller sur internet.

Pierre diz estar curado, de não ter mais vontade de navegar na internet.

Passagem 122) Depuis peu, je ris à nouveau, je redeviens celle que j'étais, je retravaille avec plaisir, je retrouve le goût de vivre. La preuve: à nouveau, je me projete dans vingt ans avec lui.

Há pouco tempo, eu rio novamente, tornei-me a ser como antes, eu trabalho com prazer. Eu redescobri meu gosto pela vida. A prova: eu me projeto nos próximos 20 anos com ele.

Temos anteriormente uma sequência narrativa apresentada por meio dos quatro componentes narrativos. Essa teia narrativa é construída por meio da *mise en scène* protagonizada pelos personagens da história, apresentando passo a passo o desenrolar da experiência de vida da leitora que protagoniza a história de vida. Os sujeitos da enunciação constroem uma teia narrativa em que estão presentes suas identidades, suas atitudes e comportamentos perante um problema abordado na história de vida. Levam ao público-alvo as ações derivadas das respectivas experiências como indivíduos que vivem em sociedade e compartilham saberes, nos quais circulam imaginários sociodiscursivos, liberados a partir do ato comunicacional em que estão engajados.

5.2.3. Estudos dos imaginários sociodiscursivos, da construção identitária e do *ethos*

Percebemos, na versão francesa, que as representações sociais acontecem dentro de uma visão tradicional ainda enraizada. Não é fácil sair dos estigmas impostos pela sociedade. Para Barros (2002), nem as publicações que procuram abordagens mais modernas escapam aos conteúdos tradicionais do estigma da mulher servil, cuja grande motivação da vida é amar

e ter um parceiro para toda a vida. Nosso texto nos transmite o que os casais enfrentam, nesse novo percurso histórico, rodeados por tecnologias capazes de aproximarem cada vez mais as pessoas virtualmente. No final do século passado, com o advento dessas novas tecnologias e meios de comunicação imediatos (tais como o telefone móvel e a *internet* – uso imediato de mensagens por e-mail e de SMS), as pessoas se tornaram mais próximas virtualmente e, com isso, abriu-se um leque para diversos tipos de relações, as quais crescem, primeiramente, à longa distância. Isso, visivelmente, impactou as relações mais estreitas em geral, de forma positiva, mas também negativa. Esse advento mudou o cotidiano da população mundial. Assim, não podemos deixar de afirmar que influencia comportamentos e atitudes de todos indivíduos usuários.

Nas narrativas francesas que estamos analisando, percebemos vários traços dessa nova era movida pela tecnologia e também por relações mais rasas. Na narrativa de vida “*Moi, lectrice: mon mari est addict au sexe*”, pertencente ao bloco A, “relações fora do tradicional”, a narradora/personagem começou a descobrir o problema existente na sua relação com o marido por meio de uma abordagem direta de SMS, chamada de mensagem de texto. Esse fato revelador de uma situação do texto é uma prova de que os meios tecnológicos contribuem para ditar comportamentos individuais, independentemente do tipo e, certamente, estamos longe de prejudicá-los. Nossa identidade pode ser construída de uma forma e transformada por meio desses meios tecnológicos de comunicação, perfis de redes sociais tão comuns hoje na vida de um indivíduo. A *internet* dispõe de diversos aplicativos e redes que ditam moda e relacionamentos a distância. A influência do mundo externo faz com que tenhamos uma identidade individual mesclada com a coletiva, pois não somos únicos e homogêneos, uma vez que sem o outro não construímos nossas experiências. E isso reflete também no nosso processo linguageiro e é transmitido nos discursos que circulam os imaginários sociodiscursivos de diversos grupos. Por isso, podemos afirmar que desenvolvemos, desde criança, a nossa personalidade a partir das relações sociais que vivemos, internas e externas à nossa casa, que são interiorizadas e organizadas por nós. Para Chodorow,

o self consciente geralmente não se dá conta de muitos traços da personalidade ou de sua completa organização estrutural. Ao mesmo tempo são causas importantes de qualquer comportamento da pessoa, tanto do que é culturalmente esperado como do idiossincrático ou do singular para o indivíduo. Os aspectos conscientes da personalidade, como o conceito do self geral de um indivíduo e essencialmente a identidade do gênero masculino/feminino, precisam e dependem da consciência e da estabilidade de sua organização inconsciente. (1979, p. 67-68.)

Logo, nossos comportamentos são adquiridos e ditados pela nossa relação com o mundo; e, a partir dessa experiência, construímos nossas ações transmitidas em sociedade e podemos permear nossos comportamentos por meio dos gêneros (nossa pretensão aqui é de mapear as representações femininas no *corpus* escolhido).

O *ethos* construído pela narradora/personagem e afirmado na narrativa de vida em análise, nesse momento, segue alguns parâmetros sociais de comportamento bastante evidentes na nossa visão. A narradora/personagem busca construir uma imagem de si passando por características bem quistas de uma mulher tradicionalmente considerada como a esposa ideal. A mulher perfeita é idealizada pela submissão. Para Zimbalist e Lamphere (1979, p. 19),

Embora alguns antropólogos discutam a existência ou não de verdadeiras sociedades igualitárias (LEACOCK, 1972) e todos concordem que há sociedades onde a mulher alcançou reconhecimento e poder social considerável, ninguém viu uma sociedade onde a mulher possua poder publicamente reconhecido e autoridade superior a do homem).

Essa afirmação nos leva a crer que a mulher ainda disputa o seu lugar no mundo e, não é diferente em lugar nenhum do mundo, que ela busque esse lugar por meio do seu discurso instalado em diversos campos, tal como o midiático.

Leiamos a passagem, a seguir, capaz de fidelizar nossas afirmativas ditas anteriormente.

Passagem 123) Car, dans ce cauchemar, l'amour qu'on éprouve l'un pour l'autre l'a emporté. Aujourd'hui, je pense que cette épreuve peut même nous consolider. A certains moments, nous revivons une lune de miel.

Pois, dentro desse pesadelo, o amor que a gente experimenta um pelo outro é o que arrebatou. Hoje, eu penso que esse teste pode nos consolidar. Em certos momentos, nos revivemos uma lua de mel.

Logo, a narradora/personagem, nessa passagem, justifica que aceitou as traições do marido em nome do amor e que, hoje, ela vive como se fosse sempre em lua de mel. Ela venceu os obstáculos, ajudou o marido a superar a compulsividade sexual e, mais ainda, perdoou as traições justificadas em cima da doença e dos problemas. Uma esposa que perdoa é considerada uma boa esposa dentro de uma sociedade conservadora, ainda mais em nome do amor e da família tradicional defendida pelas instituições.

A narradora/personagem, em momento algum, cogita a possibilidade de pedir o divórcio, uma vez que ela, em diversos momentos, busca estabelecer um equilíbrio, mesmo se anulando. Ela relata os momentos em que esteve à beira do colapso interno e individual pela problemática que envolve a sua história. Nesse texto, especificamente, possibilita-nos dizer que existe uma valorização da figura feminina tradicional enraizada na sociedade, ou seja, o

comportamento da narradora/personagem é de uma mulher paciente, que age em nome da família (união entre o marido e os filhos em comum) e que busca uma solução plausível que não seja a separação e fragmentação da família defendida pela sociedade custe o que custar.

Essa história de vida não contraria a nossa ideia de que a revista *Marie Claire* francesa, apesar de abordar assuntos polêmicos e de gerar debates (falando de tabus e problemáticas que envolvem o gênero e seu envolvimento com o gênero masculino), ainda se utiliza de bases tradicionais até na escolha dos textos a serem publicados: podem trazer polêmica, discussão, porém não há demonstração de imponderação do gênero feminino. Ora, em nenhum momento dessa narrativa de vida, a narradora/personagem perde o controle, demonstrando-se perplexa com a compulsão sexual do marido. Pelo contrário, demonstra compreensão e compaixão em nome do amor que sentiam um pelo outro e em nome do tempo que viviam juntos. Essa narrativa, em especial, carrega mais traços conservadores no que diz respeito à construção identitária da mulher e sua imagem diante das leitoras e da sociedade francesa a qual ela pertence. Para Charaudeau (2016, p. 35), existe uma opinião baseada na coletividade, mas, apesar disso, a palavra é do indivíduo:

No momento de sua enunciação, não há palavra coletiva. Não há, como num coral ou no coro da tragédia grega, várias bocas que se abrem ao mesmo tempo para proferir uma mesma palavra. O que há é apenas uma pessoa que fala para enunciar uma palavra que lhe é própria. Desse ponto de vista, pode-se dizer que só existe palavra individual. Mas, ao mesmo tempo, ao defender a sua crença, o indivíduo pretende que essa seja partilhada pelos outros [...].

A palavra é do indivíduo, mas existe a influência do outro. É o conjunto de vozes que o indivíduo carrega dentro de si e sua forma sua identidade (com influência dos imaginários sociodiscursivos) que é transmitida por meio dos seus ditos à comunidade (exemplificada na nossa pesquisa pelas narrativas de vivida). A identidade em geral do indivíduo passa por alguns fenômenos:

[...] a identidade é que permite o sujeito de ter consciência de sua existência que se constitui por meio da tomada de consciência de seu corpo (um ser no espaço e no tempo), de seu saber (seus conhecimentos sobre o mundo), de seus julgamentos (suas crenças), de suas ações (seu poder de fazer). A identidade vai de encontro à tomada de sua própria consciência (CHARAUDEAU, 2016, p. 36)

Logo, o ser é um indivíduo único, que influencia o outro e é influenciado pelas representações sociais que circulam nos imaginários sociodiscursivos. Os sujeitos da linguagem charaudianos nos possibilitam, além de delatar os papéis dos indivíduos envolvidos no ato comunicacional e na troca languageira, fazer emergir as imagens de si dos

narradores construídas por meio das representações circulantes em uma dada comunidade ou grupo. Para confirmar o que dissemos, analisaremos alguns trechos, em que a narradora/personagem constrói sua identidade comparada a da mulher tradicional em relação ao comportamento familiar ideal:

Passagem 124) Effrondré, Pierre me répète qu'il m'aime, qu'il ne veut pas me perdre, et ce n'est pas un cinéma. Je l'aime, on a nos deux enfants, je décide de l'accompagner dans la lutte et je trouve un sexothérapeute. (Moi, lectrice: mon mari est addict au sexe)

Em colapso, Pierre repete que ele me ama, que não quer me perder e que não é um filme. Eu o amo, temos dois filhos, eu decido acompanhá-lo na luta e eu acho um sexoterapeuta.

É evidente, nesse trecho, o bom comportamento da mulher que decide ajudar o marido, em nome da família, no lugar de pedir uma separação.

Passagem 125) J'ai alors le sentiment que quelque chose se brise en moi. Je me sens comme quelqu'un dont on a cabriolé la Maison, sans rien voler, juste saccagé. Je suis en face aux ruines de mon couple, envahie par une peur terrible.

Eu tenho a sensação de que algo está quebrando em mim. Eu me sinto como que alguém tivesse violado a casa, sem roubar nada, apenas saqueado. Estou diante das ruínas do meu casamento, invadida por um medo terrível.

Nesse trecho, a narradora/personagem demonstra uma fragilidade, muitas vezes, atribuída ao gênero feminino. Medo e violação são palavras que marcam essa passagem, demonstrando a fragilidade da personagem nesse momento de tensão.

Percebemos que, dentro da *mise en scène*, há um apelo aos sentimentos. Aqui, temos sentimentos ligados ao gênero feminino. Existem efeitos provocados dentro dos enunciados em que podemos captar indícios, tais como o sentimento de indignação (próximo por vezes da compaixão), de angústia (devido a uma situação de perigo). Essas são estratégias discursivas tomadas pelo sujeito que enuncia, ao tentar provocar sentimentos nos seus interlocutores. Para Charaudeau (2016, p.91), “o efeito de indignação é próximo ao de compaixão, mas está mais voltado para a questão moral da situação em que as vítimas se encontram. E, ainda, o efeito de angústia [...] é devido à evocação de uma ameaça que nasce de uma situação de perigo potencial, pondo aquele que a escuta numa posição de vítima possível dessa ameaça”.

Passemos para a próxima narrativa de vida intitulada “*Moi, lectrice, j'ai quitté mon mari pour son père*” (Eu, leitora: deixei o meu marido pelo seu pai), pertencente ao bloco B, “história de amor entre casais”. Vejamos a apresentação da narrativa em terceira pessoa, para depois começarmos as análises do texto narrado pela personagem:

Mariée depuis treize ans, Inès, 43 ans, est saisie de panique lorsqu'elle comprend qu'elle éprouve des sentiments pour Victor, le père de son mari Thibault. Sa peur surmontée, elle choisit de vivre cet amour, transgressif mais réciproque, et de ne plus se conformer à ce que la société attend d'elle.

Casada há treze anos, Inês, 43 anos, entrou em pânico quando ela entendeu que experimentava sentimentos por Victor, o pai de seu marido Thibault. Seu medo foi superado, ela escolheu viver este amor, transgressivo, mas recíproco, e de deixar de cumprir o que a sociedade esperava dela.

O início dessa narrativa expõe resumidamente o tema abordado na narrativa: uma mulher que deixa o seu marido pelo seu sogro. É uma atitude polêmica dentro de uma sociedade conservadora. Para avaliarmos o que a revista traz como discurso e traços do perfil da personagem, vejamos as passagens seguintes da narrativa contada pela narradora/personagem.

Então, leiamos algumas passagens:

Passagem 126) Je n'ai jamais eu le sentiment de faire quelque chose de mal, car nous étions deux adultes consentants. Mais notre lien par alliance induisait une insupportable connotation incestueuse. Ce mot reste pénible à prononcer... Ensuite, j'étais submergée par la honte de trahir Thibault, mon mari, car je l'aimais – différemment du début, mais toujours fort – et ne voulais pas lui faire mal.

Eu jamais tive o sentimento de fazer qualquer coisa de mal, pois nós éramos dois adultos dispostos. Mas nosso vínculo por aliança induzia uma insuportável conotação incestuosa. É uma palavra dolorosa de se dizer... Em seguida, eu estava mergulhada pela vergonha de trair Thibault, meu marido, pois eu o amava – diferentemente do início, mas ainda forte – e eu não queria fazer mal a ele.

Nesse trecho, podemos observar, nas palavras da narradora, um condenamento de sua atitude de nutrir sentimentos pelo pai do seu marido. Há também a sensação de angústia, como aborda Charaudeau, na passagem anterior. Para ela, a relação era incestuosa, proibida e dolorosa, pois também amava o seu marido e não queria fazê-lo sofrer.

Passagem 127) On n'a qu'une vie, alors j'ai cessé de lutter. Jusque-là j'avais toujours agi en accord avec ce que mon éducation bourgeoise et la société attendaient de moi, pour ma carrière, mes enfants, mon couple. J'étais le bon petit soldat qui réussissait et ne décevait pas. Et j'y trouvais mon compte, ma vie me rendait heureuse. J'existais avant Victor, mais avec lui je me suis sentie pleinement vivante.

Nós só temos uma vida, então eu parei de lutar. Até então, eu sempre agia de acordo com o que minha educação e sociedade burguesas esperavam de mim, para minha carreira, meus filhos, meu casamento. Eu fui o bom soldado pequeno que conseguiu e não decepcionou. E eu encontrei minha conta lá, minha vida me fez feliz. Eu existia antes de Victor, mas com ele me senti totalmente viva.

Nesse trecho, temos a afirmação de uma vida dita normal por obedecer aos padrões coletivos de uma sociedade patriarcal. Ela deveria manter os bons costumes como um soldado de infantaria. Mas justifica a sua traição por se sentir viva ao lado do homem que era o pai do seu marido.

Passagem 128) Pendant onze mois, nous nous sommes vus en secret, assez facilement car mon emploi du temps de cadre est élastique. Et Victor exerçait une profession libérale. Mais quel malaise, lors des repas ou des vacances en famille avec Thibault, c'était glauque.

Durante onze meses, nos vimos em segredo, com muita facilidade porque minha agenda executiva é elástica. E Victor exercia uma profissão liberal. Mas que desconforto, durante as refeições ou férias em família com Thibault, era assustador.

Nesse trecho, a personagem relata o constrangimento quando estavam todos juntos. O incômodo da situação familiar.

Passagem 129) Lorsque la culpabilité m'a rattrapée, elle m'a étranglée. Je n'arrivais plus à me regarder en face. Cela me réveillait la nuit et j'avais des migraines et des crampes musculaires à répétition. Mes amis pensaient que je faisais un burn-out. Mon diagnostic était autre: je n'étais plus quelqu'un de bien à mes yeux. Si je ne reprenais pas ma vie en main, j'allais sombrer. J'ai décidé de quitter Thibault.

Quando a culpa me pegou, ela me estrangulou. Eu não conseguia mais me olhar na cara. Isso me acordava e eu tinha dores de cabeça e dores musculares repetidamente. Meus amigos pensavam que eu estava esgotada. Meu diagnóstico era outro: eu não estava nada bem dentro de mim. Se eu não retomasse a minha vida nas minhas mãos, eu ia me perder. Eu decidi deixar Thibault.

Nesse trecho, a personagem fala do seu esgotamento mental devido à traição, relatando os problemas físicos que ela adquiriu com o sentimento pelo Victor, uma relação proibida e sem precedentes. Acreditamos que a personagem quer dar fortes motivos para justificar a sua decisão de se separar.

Passagem 130) La culpabilité de Victor s'est ajoutée à la mienne, on s'est engueulé, j'ai cru que c'était la fin de notre histoire, mais elle était solide.

A culpa de Victor se juntou a minha, a gente gritou um com o outro, eu acreditei que era o fim da nossa história, mas ela estava sólida.

Enfim, nesse trecho, é evocado o clímax do estresse entre a narradora/personagem e o Victor (pai de seu marido), por causa da relação às escondidas.

Essa narrativa de vida nos leva a considerar que, apesar de se tratar de um assunto polêmico, do qual a revista quis abordar e levar para discussão perante às leitoras, o faz de forma conservadora, pois a todo o tempo a personagem se diz consternada e muito mal em relação à situação. Há uma autocondenação nas palavras da personagem. A construção identitária dessa personagem é construída no pilar dos bons costumes, apesar de ela tomar a decisão de se separar do marido para ficar com o seu amor. O discurso da personagem desconstrói a imagem de mulher certinha e de família, mesmo passando pelas justificativas. No texto, fica claro que a personagem não seguia os parâmetros que a sociedade exige, comparando a mulher como um soldado obediente.

Outra narrativa que iremos analisar é intitulada “*Moi, lectrice: j'ai caché mon amoureux pendant huit ans* (Eu, leitora: escondi o meu amor durante oito anos)”, pertencente ao bloco B, do microtema “histórias de amor entre casais”. A narrativa começa com a seguinte apresentação da história para a leitora:

Passagem 131) A 38 ans, Carole tombe sous le charme puissant d'un entrepreneur. Une histoire d'amour qui va la mener à le cacher, pendant huit longues années, chez elle. Car il est en cavale, recherché par la police.

Aos 38 anos, Carole cai sob o charme poderoso de um empresário. Uma história de amor que vai leva-la a escondê-lo, durante oito longos anos, em sua casa. Pois ele é fugitivo, procurado pela polícia.

Essa é uma narrativa que chama a atenção da seguinte forma: “um amor bandido, eu escondi um foragido por amor”. É uma história inusitada, porém bastante atrativa no que se refere ao universo feminino. O proibido instiga qualquer ser humano. Vamos observar como a narradora/personagem constrói a sua imagem perante o fato de também estar cometendo um delito em nome do amor. Leiamos as seguintes passagens:

Passagem 132) Tout est allé si vite. Un soir, Estelle m'appelle. “Viens à la maison, il y aura Paul, le meilleur pote de Fab, ce soir”, me dit-elle. “Merci, mais ce genre de dîners arrangés, ce n'est pas pour moi. Je te rappelle d'ailleurs que je suis avec quelqu'un...”, lui dis-je. Je raccroche. Fab, qui sort avec ma copine Estelle, est un voisin et ami. Nos enfants sont dans les mêmes classes, toujours fourrés ensemble. Estelle rappelle, insiste, je cède. Et, d'échanges animés en fous rires tout au long de la soirée, je tombe sous le charme du fameux Paul. Dès le lendemain, je romps avec mon copain du moment. Je revois Paul, et très vite entre nous c'est la passion.

Tudo aconteceu rápido. Uma noite, Estella me liga: ‘Venha à minha casa, o Paulo estará aqui, o melhor amigo de Fab, nesta noite’, disse-me ela. ‘Obrigada, mas esse tipo de jantar arranjado não é para mim. Lembre-se de que te falei que eu estou com alguém’, eu disse. Eu desliguei. Fab, que sai com a minha amiga, é um vizinho e amigo. Nossos filhos estão na mesma classe, sempre bagunçando juntos. Estella telefona novamente, insiste, eu cedo. E, trocando animação com risos loucos durante a noite, eu caio no charme do famoso Paul. Dois dias após, eu rompo com o meu namorado do momento. Eu revejo Paul et rapidamente entre nós é paixão.

Nessa passagem, a narradora/personagem conta às leitoras como conheceu o amor da vida dela. Ela não queria conhecê-lo, uma vez que tinha um namorado e parecia um jantar arranjado. No trecho em que ela diz que esse tipo de encontro não é para ela, a narradora/personagem constrói um perfil para quem lê o relato, deixando claro que ela não gosta de se aventurar. Porém, ela cede e vai encontrar os amigos para conhecer o famoso Paul. Esse primeiro momento é de descoberta daquele que ela cai de amores. A narradora/personagem sugere ter um caráter estável ao negar o encontro no primeiro convite.

Na passagem seguinte, temos alguns traços que podem clarear como a imagem da narradora/personagem é construída diante das leitoras.

Passagem 133) Un mois plus tard, il me tend un trousseau de clés: “Je t'ai fait un petit cadeau”... C'est une Clio toute neuve! Ravie, je ne me pose pas trop de questions: Paul a les moyens, il dirige des sociétés d'import-export bagnoles ordinateurs... Bref, le prince charmant existe!

Um mês depois, ele me dá um chaveiro com chaves: te dou um pequeno presente. Radiante, eu não pergunto muita coisa.: Paul tem meios para isso, ele dirige empresas de importação/exportação de carros computadorizados. Em resumo, o príncipe encantado existe!

Quando a narradora/personagem diz que o príncipe encantado existe, ela afirma a necessidade de ter alguém que a dê suporte, que faça por ela, como em um conto de fadas, nada obstante do universo feminino conservador. Mas o fato é que há a questão de o amor ser fugitivo da justiça, e a questão é como a narradora/personagem irá lidar com essa situação após Paul tornar-se fugitivo e qual o comportamento. É o que veremos a seguir:

Passagem 134) J'ai caché mon amoureux: nous vivons donc en vase clos pendant des années. C'est lourd, d'autant que j'aime sortir, m'amuser, voir du monde. Excepté des voisins âgés qui ne posent pas de questions, je

ne reçois plus personne. Au travail (mon oxygène), on me croit célibataire. Les fêtes de famille, les invitations diverses? J'y vais toujours seule. Noël, le réveillon du jour de l'an? Encore seuls, volets fermés, mais avec champagne et musique. Pas de restos ni de cinéma, ni de promenades en famille... jamais.

Eu escondi o meu amor: nós vivemos trancados durante anos. É pesado, ainda mais que eu gosto de sair, de me divertir, de ver o mundo. Exceto os vizinhos idosos que não perguntam nada, eu não recebo ninguém. No trabalho (meu oxigênio), as pessoas acreditam que sou solteira. Nas festas de família, convites diversos? Eu estava sempre sozinha. Natal, passagem de ano? Ainda sozinhos, persianas fechadas, mas com champagne e música. Nada de restaurantes, nem cinema, nem passeios em família... nunca.

Temos, nessa passagem, a narradora/personagem, a qual traz o relato do sacrifício vivido por ela e por seus filhos em nome do amor. Ela o aceitou como foragido da justiça, e, por isso, abdicou também da própria vida vivendo em prisão. Ela expõe às leitoras sobre o que gostava de fazer e estava impossibilitada de fazê-lo por causa da condição de Paul, seu amor. Carole representa um tipo de mulher que se anula em nome de uma paixão muito frequente hoje no submundo dos crimes. Mulheres dedicam o seu tempo para visitar companheiros na prisão em nome do amor. Não abandonam seus companheiros passando por diversas humilhações de revista e muitas se submetem à visita íntima para ter relação com o parceiro numa prisão. No caso da narradora/personagem da narrativa de vida analisada, ela tem em sua casa, a prisão; já que o amor é foragido e está escondido da justiça. Essa é uma situação vivida por diversas mulheres em todo o mundo. É um comportamento bem interessante perante esse novo século em que as mulheres estão cada vez mais independentes em diversos sentidos. Dentro do discurso dessa mulher, podemos perceber que, apesar de não estar fazendo nada obrigada, ela se sente sufocada pela situação, e, com o desgaste, futuramente, ela relata o rompimento do casal em que ambos seguem suas vidas, apesar de manterem contato.

Nossa quarta narrativa a ser analisada é intitulada “*Moi, lectrice: Ma soeur a couché avec mon mari*”, pertencente ao bloco C, “relações polêmicas”. Como o título já diz, a leitora sofreu uma traição do marido e da irmã de quem mais amava. O início da narrativa conta a história do casal, porém, para analisarmos a identidade da personagem protagonista, escolhemos algumas passagens do texto para fazer o levantamento. Leiamos:

Passagem 135) C'était horrible, j'avais l'impression d'être abandonnée, humiliée, sale... Pendant un an, je suis restée dans cette obsession, avec cette phrase qui revenait sans cesse: "Pas lui, pas elle." Puis c'est devenu: "Pas elle", parce que Thibault est tombé dans un puits le jour même où je l'ai vu, pathétique, sur ce lit. Pour moi, et c'est ce qui est ressorti de mon analyse, la vraie trahison est venue de cette soeur, mon double pendant tant d'années.

Era horrível, eu tinha a impressão de ter sido abandonada, humilhada, suja... Durante um ano, eu fiquei nessa obsessão, com essa frase na cabeça que vinha sem parar: 'Ele não, ela não'. Depois vinha: 'Ela não', porque Thimbault caiu bem no mesmo dia onde eu o vi, patético, na cama. Para mim, é o que eu tirei da minha análise, a verdadeira traição veio da minha irmã, esse peso ficou durante anos.

Nessa passagem, a narradora/personagem relata para as leitoras todo o sofrimento causado pela descoberta da traição. As palavras “abandonada”, “humilhada”, “suja”, expressam a emoção da dor. A questão de ela ser traída também pela irmã nos revela como a narradora/personagem lida com a situação, visivelmente nos dizeres “ela não”, “traição veio da minha irmã”. Nessa passagem, percebemos que a personagem se mostra indignada com a situação, porém não causa grande alarme, não faz o famoso “barraco”. É um traço característico de mulheres que procuram a sensatez mesmo perante uma insensatez.

Leiamos a próxima passagem em que a narradora/personagem conta às leitoras o desfecho depois da descoberta:

Passagem 136) Désormais je la hais. Il y a deux ans, j'ai rencontré celui qui est aujourd'hui le père de ma fille. Je l'adore, mais en moi quelque chose est cassé. Je reste méfiante, je fouille dans ses affaires, je consulte en cachette son mobile. Je ne peux pas m'en empêcher, et j'en veux encore plus à ma soeur pour ce qu'elle a fait de moi. (Moi, lectrice: ma soeur a couché avec mon mari.)

A partir daí eu a odeio. Há dois anos, eu encontrei aquele que hoje é o pai da minha filha. Eu o adoro, mas em minha alguma coisa quebrou. Eu fico desconfiada, eu procuro nas suas coisas, eu consulto escondido seu telefone. Eu não posso me impedir, eu quero ainda mais pelo que a minha irmã fez comigo.

Nessa passagem, a personagem/narradora revela às leitoras suas atitudes de insegurança advindas da traição anterior. Por se sentir insegura, ainda mais ter sido traída pela irmã, a narradora/personagem vasculha o telefone do atual marido. Ela transmite uma imagem para as leitoras de insegurança adquirida pelo trauma, situação essa que talvez muitas leitoras devem sentir e ter dentro das relações amorosas após uma traição. Leiamos o seguinte para complementar a nossa análise:

Passagem 137) Je suis toujours en analyse car j'ai encore beaucoup de colère et aussi un chagrin infini. Comme si ma soeur était morte et que je ne pouvais pas la pleurer. Je ne crois pas que je lui pardonnerai un jour.

Eu estou sempre em análise, pois eu tenho ainda muita dor e um sofrimento infinito. Como se a minha irmã estivesse morta e eu não pudesse chorar. Eu não acredito que um dia irei perdôá-la.

Logo, nossa interpretação passa pelas emoções profundas existentes nessa narrativa de vida. A dor que a narradora/personagem relata gira em torno mais da irmã que da própria traição do marido, talvez porque, para ela, fosse comum um homem trair uma mulher, mas com a irmã não. Ela repete várias vezes esse sintagma: “ela não”. O que nos leva a crer, também presente em outras narrativas da versão francesa, a aceitação da mulher em relação às traições conjugais. É um traço que encontramos frequentemente por meio das nossas análises do *corpus* francês.

Esta explícita a necessidade de que a narradora/personagem tem, nessas duas últimas passagens, de desabafar com as leitoras, exprimindo a dor que ela carrega dentro de si mesma. Podemos observar constantemente um diálogo presente com essas leitoras mesmo que na

forma elocutiva, como dissemos no capítulo teórico. Essa é uma interação verbal de que dispomos nas relações sociais dos indivíduos de uma sociedade. A presença evidente do dialogismo bakhtiniano transborda nessas narrativas, uma vez que “toda a parte verbal de nosso comportamento (quer se trate de linguagem exterior ou interior) não pode, em nenhum caso, ser atribuída a um sujeito individual considerado isolado” (BAKHTIN, 1980, p. 182). Temos uma sociabilização dentro da troca linguageira que parte do sujeito individual, mas de forma intersubjetiva, ou seja, seu discurso tem interferência do outro em sua construção, mesmo de forma intencional. Logo, o sujeito que enuncia domina essa encenação construindo o sentido do texto.

“*Moi, lectrice: j’ai vécu une histoire d’amour avec un acteur oscarisé*” (Eu, leitora: vivi uma história de amor com um ator de oscar) é uma narrativa que conta o envolvimento da leitora com um ator que tem o Oscar. Pelo título, podemos pré-imaginar que se trata de uma experiência glamurosa, pois ter uma relação, uma história de amor, com uma celebridade quer dizer viver uma história de contos de fada. Para chegarmos a conclusões mais profundas, vamos passar por alguns momentos da narrativa de vida.

Passagem 138) J’ai été élevée dans le culte des artistes: ma mère était d’une famille très cultivée et avait voulu, dans sa jeunesse, être actrice. Elle a veillé à ce que je voyage beaucoup, à ce que j’apprenne vite l’anglais. Elle voulait que je fréquente tous les milieux, pour être à l’aise partout. Jeune fille, j’ai aussi voulu être comédienne, j’ai fait une école de théâtre à Paris. J’ai finalement renoncé à jouer, mais mon attachement au théâtre m’a amenée à travailler dans ces milieux, où j’ai régulièrement croisé des célébrités.

Eu fui levada em um culto de artistas: minha mãe era de uma família culta, queria, na sua juventude, ser atriz. Ela prometeu viajar muito e aprender o inglês rapidamente. Ela queria que eu frequentasse todos as esferas da vida para eu ficar confortável em todos os lugares. Moça jovem, eu queria ser comediante, eu fiz uma escola de teatro em Paris. Eu finalmente deixo de lado a atuação, mas minha aproximação com o teatro me levou a trabalhar nesse meio, onde eu regularmente cruzava com celebridades.

Nessa passagem inicial da narrativa, a narradora/personagem relata como se deu a sua entrada no mundo de celebridades, o que justifica o seu envolvimento com o ator. Ela aborda bem esse mundo diferente da normalidade, em que existem pessoas de todos os tipos e graus de importância, relatando também o seu trabalho nesse meio. Percebemos um efeito de ficção, já que temos uma mistura de realidade com o mundo cinematográfico e está presente em alguns trechos dessa passagem: viajar muito, aprender outra língua, estudar numa escola de teatro em Paris. São caminhos incomuns traçados por pessoas comuns.

Passagem 139) J’accueillais les invités importants. C’était une belle soirée dans une villa méditerranéenne avec son jardin fleuri de bougainvilliers et de lauriers. On m’avait prévenue de sa venue, je l’attendais, fébrile. J’étais impressionnée, parce que j’aimais ses films. Il avait travaillé avec des réalisateurs américains légendaires, et il avait un oscar. Il est arrivé avec un ami. Comme j’avais développé, très jeune, une aisance de conversation dans tous les milieux, il m’a été simple de l’aborder, et l’entente entre nous a été immédiate.

Eu recebia as celebridades importantes. Era uma bela noite na cidade mediterrânea com seus jardins floridos de bougainvilliers e de lauriers. A gente tinha previsto a sua vinda, eu o esperava, febril. Eu estava

impressionada, porque eu jamais tinha esses filmes. Ele tinha trabalhado com realizadores americanos legendários, e ele tinha um Oscar. Ele chegou com um amigo. Como eu tinha desenvolvido, muito jovem uma facilidade de conversação em todos os meios, ele foi de fácil acesso, e a compreensão entre nós foi imediata.

Portanto, nessa passagem, temos o primeiro encontro entre a narradora/personagem e a sua paixão do Oscar. Até este momento do texto, a narradora/personagem lança um *glamour* na voz para atrair a atenção das leitoras. O mundo dos artistas, da moda e da beleza é bastante explorado na revista *Marie Claire*, e, muitas vezes, está evidente no modo como a editora conduz esse sujeito enunciador. Nessa narrativa, podemos perceber esse lado do folhetim. Existe uma cortina de caracterização em cima da imagem da personagem da experiência vivida. A personagem traça seu próprio perfil desenhando o meio em que ela vive: no mundo das celebridades, em *Cannes*, cidade onde conheceu o ator pessoalmente. É dentro dessa enunciação que o sujeito tece suas verdadeiras intenções e estratégias para atrair o leitor. É uma tomada de posição dentro dessa *mise en scène* criada pela personagem. Temos uma sequência de ocorrências que explicitam esse mundo tão idealizado pelas leitoras: *glamour*. Acreditamos que, quando falamos, não estamos agindo sozinhos, mas sim o mundo está agindo em nós para que possamos nos comunicar com ele. Para Dahlet (2005, p. 57),

Quando falamos, não estamos agindo sós. Todo locutor deve incluir em seu projeto de ação uma previsão possível de seu interlocutor e adaptar constantemente seus meios às reações percebidas do outro. Como decorrência dessa mesma reciprocidade, toda ação verbal torna a forma socialmente essencial de uma interação.

Logo, o sujeito não é homogêneo. Ele constrói a própria imagem por meio da troca linguageira, carregada de experiências vividas coletivamente e transporta dentro de si os imaginários coletivos que circulam dentro de grupos de uma sociedade. Por conseguinte, a mulher conhece o universo feminino e sabe o que a outra mulher gosta, quer ouvir, quer se identificar dentro de uma seção como a *Moi, lectrice*. Esses imaginários coletivos são abstraídos para a construção dessa interação entre os parceiros participantes dessa *mise en scène*.

Partimos para outra análise da narrativa “*Moi, lectrice: l'échangisme et mon mode de vie*” (Eu, leitora: o *swinger* e meu modo de vida) que relata como uma mulher vive dentro do mundo de trocas de experiências sexuais, o mundo do *swinger*. A editora inicia a seção logo apresentando o tema explicitamente, porém não estende a palavra, abrindo alas para a narradora/personagem:

Passagem 140) Jamais Elsa, 45 ans, n'aurait pensé qu'elle entrerait un jour dans un club échangiste. Pourtant, c'est là, avec son nouveau compagnon, qu'elle a découvert le plaisir du libertinage et du sexe en groupe...

Portanto, abrimos com algumas passagens para que possamos enxergar como se dá a representação da personagem que apresenta hábitos não muito comuns para uma vida tradicional.

Passagem 141) Quand j'ai rencontré mon mari, j'étais très sentimentale et lui aussi. Je me suis dit: "C'est l'homme de ma vie. C'est avec lui que j'aurai des enfants." Il correspondait parfaitement à mes attentes. Passionné de littérature et de musique, il m'idéalisait, me mettait sur un piédestal. Mes copines me répétaient que j'avais beaucoup de chance. Nous partageons les mêmes goûts.

Quando eu encontrei o meu marido eu estava muito sentimental em relação a ele. 'É o homem da minha vida. É com ele que eu quero ter os meus filhos'. Ele correspondia perfeitamente às minhas expectativas. Apaixonada pela literatura e pela música, ele me idealizava e me colocava num pedestal. Minas amigas repetiam que eu tinha tido muita sorte. Nos dividíamos os mesmos gostos.

Nessa passagem, temos o estado inicial da narrativa. Mais uma vez, temos marcada a idealização da sociedade, ao imaginar uma vida perfeita para um casal: mesmos gostos, sintonia perfeita, uma realização plena. Os dizeres da narradora/personagem mergulham nos imaginários coletivos de uma sociedade evidentemente controladora, que define o que é felicidade para o indivíduo, uma vez que ela relata “minhas amigas repetiam que eu tinha tido sorte”.

Passagem 142) Peu à peu, j'ai eu le sentiment que je cherchais trop à lui plaire. Je ne voulais pas le décevoir. Je finissais par m'ennuyer avec lui. Pas lorsque nous étions avec des amis, mais quand nous étions seuls.

Pouco a pouco, eu tive o sentimento que eu fazia muito para lhe dar prazer. Eu não queria desapontá-lo. Eu acabaria me entediando com ele. Não quando nós éramos amigos, mas quando nós estávamos sozinhos.

Nessa passagem, a narradora/personagem dá indícios de monotonia que o casamento se esbarrou. Calmamente, ela explica para as leitoras, até começa a se justificar sobre, os atos que fazia e pelos quais poderia ser julgada posteriormente por elas. Notamos que as personagens das narrativas de vida da seção estudada procuram sempre dar justificativas pelos respectivos atos considerados “rebeldes” pela sociedade ou até “inaceitáveis”.

Passagem 143) L'échangisme est un mode de vie. Habillée, je me sens une femme plutôt banale, pas sexy. Dans le club, nue, je suis une autre femme, audacieuse, et je fais l'amour avec des hommes qui ne me regarderaient pas dans la rue. C'est éphémère, c'est sombre, je ne reconnaîtrais pas la personne dans le couloir, mais je sens souvent de l'amour. Et aussi, chez les hommes, un besoin de tendresse.

O swinger é um modo de vida. Vestida, me sinto uma mulher muito comum, não sexy. No clube, nua, sou outra mulher, ousada, e faço amor com homens que não me olhariam na rua. É efêmero, é sombrio, eu não reconheceria a pessoa no corredor, mas muitas vezes sinto amor. E também, nos homens, a necessidade de ternura.

Observemos essa passagem. Temos a construção de duas imagens da narradora/personagem. Uma construída de uma mulher casada, bem-vestida, mas sem graça. Outra construída de uma mulher fatal, *sexy* e interessante. Para ela, o *swinger* é uma forma de vida para iluminar o seu ser, a sua essência, a sua feminilidade. A narradora/personagem revela dois perfis.

Nossas análises confirmam que a revista *Marie Claire* francesa procura abordar assuntos ligados ao gênero feminino devido à intenção de atrair o seu público-alvo, mas, por intermédio de um perfil demasiadamente tradicional da mulher presente ainda na sociedade francesa, que não escapa a regras impostas pela sociedade do país ainda conservador. Acreditamos que essa é uma forma de representar a mulher na mídia francesa: ela ocupa o centro, é a protagonista, uma vez que toda abordagem é direcionada às leitoras. A revista, por meio de seus enunciadores, busca uma efetivação do contrato comunicacional a partir dessa abordagem que passa por assuntos ligados a tabus, mas com certa restrição, pois acredita adquirir credibilidade das suas leitoras que vivem num mundo dividido entre o patriarcalismo e a liberdade feminista. Nesse momento estudado, temos uma parte do *ethos* feminino criado pela revista. O discurso midiático voltado para o público feminino busca credibilidade e legitimação. Sobre credibilidade, Charaudeau (2016, p. 73) afirma:

Toda pessoa que quer ser reconhecida como credível deve tentar responder à pergunta: como fazer para ser credível, de tal modo que os outros sejam levados a julgar o outro digno de crédito? E, para isso, a pessoa deve fabricar, de si mesma, uma imagem que corresponda a essa qualidade. De maneira geral, uma pessoa pode ser julgada credível se for possível verificar que o que ela diz atende a certas condições: condição de sinceridade (o que ela diz corresponde sempre ao que ela pensa); condição de saber (ela sabe e pensa com a razão); condição de desempenho (ela tem os meios de aplicar o que anuncia ou promete).

Portanto, a revista *Marie Claire* francesa busca essa credibilidade perante às leitoras por meio da projeção da imagem da mulher que ela constrói, pensando no perfil de mulher que ela quer atingir, sempre buscando as representações sociais da comunidade a qual pertence – no caso desse item, a sociedade francesa. A revista trata de assuntos ligados à mulher, dirigido ao seu público-alvo, uma vez que tem a intenção de atrair cada vez mais um número maior de leitoras da revista. Tais publicações exercem uma grande influência na vida das mulheres: as reportagens, as seções, as publicidades fazem parte dessa teia de atrações do universo feminino. A revista *Maire Claire*, bem como outras circulantes na mídia feminina, retrata e, ao mesmo tempo, ajuda a moldar papéis femininos existentes no passado e no presente. Como qualquer outro veículo de cultura de massa, transmite ideologias que contribuem para a construção de representações da mulher por meio de diversas concepções e paradigmas sociais como observamos em diversos trechos analisados neste capítulo. *Marie Claire* é um espaço de debate, sem sombra de dúvidas. Mas é um espaço que conversa com a tendência do momento e com o vai-e-vem das manifestações que direcionam o andar das comunidades diversas ligadas ao universo feminino.

5.3. Análise comparativa das versões brasileira e francesa da revista *Marie Claire*

A partir das análises acima realizadas, é possível perceber que existem semelhanças e diferenças no que se refere à construção identitária e do *ethos* da figura feminina entre as versões brasileira e francesa da revista *Marie Claire*, bem como a presença dos imaginários sociodiscursivos que circulam nas representações da mulher. Como dissemos, nossa hipótese parte da ideia de que, as representações da mulher nas duas versões, podem existir diferenças a partir dos traços culturais existentes em cada sociedade, influenciando a mulher a construir o seu comportamento a partir das experiências de vida levadas às leitoras. Charaudeau (2016) aborda a construção identitária do indivíduo dizendo que o “eu” é também a representação do “outro”, que o indivíduo precisa do outro para sua própria existência. Sem o outro não saberíamos quem somos. E afirma: “é nessa contradição de ‘ter necessidade do outro’ e ao mesmo tempo ‘sentir necessidade de ser diferente do outro’ que se constrói nossa consciência identitária, ao mesmo tempo individual e coletiva” (p. 25).

Nesse momento, faremos uma comparação das duas versões em relação à teoria desenvolvida na pesquisa. Primeiramente, passando pelas categorias da TS conforme nos propusemos na introdução do nosso trabalho. Primeiramente, podemos dizer que o contrato comunicacional se dá de forma semelhante, nas duas versões: temos um sujeito comunicante (a revista), dois sujeitos enunciadorees (chamamos na nossa versão do quadro charaudiano de Eue1 e Eue2, representados, respectivamente, pela narradora/personagem e pela editora); o sujeito destinatário (leitora idealizada pela revista e que tem características traçadas a partir do público-alvo que ela quer atingir e manter fiel à revista); o sujeito interpretante (que é a leitora real da revista, porém sem uma reciprocidade imediata por se tratar de um texto monologal, escrito baseado em uma suposta leitora). Em entrevista,¹⁸ Charaudeau (2020) afirma:

Então, o contrato é o mesmo porque trata-se de uma mesma revista, de um mesmo tópico nessas narrativas de vida. Então, para a nossa comparação a hipótese é, apesar de se tratar de um mesmo contrato, vamos ter discursos diferentes devido à diferença cultural.¹⁹

¹⁸ Entrevista concedida por Patrick Charaudeau em 24/01/2020, em sua residência em Paris para a doutoranda, ao analisar o *corpus*.

¹⁹ *Donc, le contrat est le même parce qu’il s’agit du même magazine et il s’agit de la même rubrique avec ce récit de vie. Donc, pour la comparaison l’hypothèse est, malgré le fait qui s’agit du même contrat, il va avoir des discours différents par rapport la différence culturelle.*

A partir dessa afirmação, nossas análises realizadas separadamente dão suporte para avaliar quais são essas diferenças, principalmente ligadas à construção das representações femininas nas narrativas de vida.

Em relação aos modos de organização do discurso, temos uma progressão também semelhante nas duas versões, conforme demonstramos, em análises, pois os enredos das histórias de vida se desenrolam progressivamente, passo a passo, tendo início, meio e fim, respeitando a lógica narrativa: situação inicial, acontecimentos, clímax e desfecho. Porém, apenas na versão francesa da revista, os depoimentos apresentam *chamadas* (subtítulos) em cada parágrafo, ao mudar uma situação/ação dentro da narrativa de vida. Vejamos algumas passagens das duas versões para exemplificar a nossa comparação:

No depoimento “Eu, leitora: escrevi ‘mãe de viado’ na testa para apoiar meu filho gay”, a narradora/personagem começa a narrativa falando os costumes familiares quando ainda morava com os pais, para depois falar da homossexualidade do filho. Temos uma sequência narrativa clara nos textos do *corpus*, respeitando as etapas narrativas propostas pelo modo organizacional narrativo mais comum:

Passagem 144) Eu venho de uma família relativamente pobre. Com essa coisa da ditadura, minha mãe estava prestes a terminar o ensino médio e acabou saindo antes com medo e tal, era muito jovem. Então ela não tem o ensino médio completo. O meu pai só teve o ensino médio. Eu sou uma das poucas pessoas da minha família que conseguiram ter uma faculdade. [Eu, leitora: escrevi ‘mãe de viado’ na testa para apoiar meu filho gay]

No segundo trecho, a narradora/personagem aborda a atitude do filho para ir a uma manifestação a favor da comunidade LGBT.

Passagem 145) Quando o Rafael falou, no sábado, para a amiga dele colocar escrito “viado” na testa dele, a minha primeira reação foi: “Rafael, não, filho, para que você vai colocar isso aí?”. Ele disse: “Mãe, nós estamos indo para uma manifestação.” E aí ele tem todo o discurso. Eu perguntei: “E por que não ‘gay’, em vez de ‘viado’?”. E ele: “Porque é de ‘viado’ que me xingam, é de ‘viado’ que me chamam. Eu estou me apropriando disso. Quando eu coloco na minha testa ‘viado’, eu tiro o poder deles. Eu estou tirando a palavra da boca dessas pessoas.” E aí eu não tenho argumento, né? Porque eu não vou ensinar o meu filho a ser covarde, a não se manifestar. Eu não sei se importa, mas eu tenho um histórico familiar. Meu pai foi preso em 1973 e solto em 1979.

Na próxima passagem, a narradora/personagem conta à leitora as barreiras e preocupações, ao se ter um filho homossexual, que, na verdade, é mais uma preocupação em relação à aceitação da sociedade e o sofrimento do filho.

Passagem 146) O meu filho, como todo adolescente, tem aquela vontade de se colocar. Ele sempre foi assim, desde pequeno que faz questão de dizer que é gay. E eu e o meu marido, como pais preocupados, queríamos sempre preservá-lo, poupá-lo, porque pensávamos o seguinte: é uma criança, como é que os adultos vão receber essa notícia? Porque o problema nem seria propriamente as outras crianças, os outros jovens, mas os pais, com medo dos seus filhos se relacionarem com um menino gay. A gente ficava temeroso de que ele ficasse falando para as pessoas, mas não adiantava nada, porque ele chegava e falava.

Ao relatar, no texto, seus valores, suas aceitações e comportamentos da família em relação ao fato, a narradora/personagem finaliza o texto demonstrando tranquilidade às leitoras.

Passagem 147) Acho que o que eu quero para o meu filho é o que toda mãe deseja: que ele seja bem-sucedido, que ele seja feliz, que ele encontre o espaço dele no mundo. Para os meus dois filhos, é isso que eu quero.

Logo, as situações são reveladas sistematicamente, do estado inicial à situação final. Vejamos, agora, a versão francesa da revista *Marie Claire*:

A versão francesa tem subtítulos como já dissemos, ao iniciar os parágrafos que tratam de um assunto. Vejamos a escala do texto acima desses subtópicos:

Passagem 148) J'avais parfois du désir pour lui, pour l'aura de puissance qui émanait de lui, mais je n'ai jamais été amoureuse. [Moi, lectrice: je reste avec lui pour son argent]

Eu tinha às vezes desejo por ele, pela aura potente que emanava dele, eu nunca tinha ficado apaixonada.

Passagem 149) J'ai choisi William pour mettre mon cœur à l'abri [Moi, lectrice: je reste avec lui pour son argent]

Eu escolhi Willian para manter o meu coração seguro.

Passagem 150) J'avais l'impression de jouer dans une comédie romantique de luxe, entre Pretty Woman et Diamants sur canapé [Moi, lectrice: je reste avec lui pour son argent]

Eu senti como se estivesse atuando em uma comédia romântica de luxo, entre Pretty Woman e Diamonds no sofá

Passagem 151) C'est terrible comme on s'habitue vite à avoir un compte en banque intarissable [Moi, lectrice: je reste avec lui pour son argent]

É terrível a rapidez com que você se acostuma a ter uma conta bancária inesgotável.

Passagem 152) Mariage par intérêt: la tentation de partir [Moi, lectrice: je reste avec lui pour son argent]

Casamento por interesse: a tentação de ir embora.

Nas passagens anteriores, o texto francês conta com esses subtópicos para demonstrar passo a passo a narrativa de vida da narradora/personagem. É uma estratégia da versão francesa para dar sequencialidade à narração.

O processo do modo enunciativo também é elocutivo nas duas versões da revista *Marie Claire*. A narradora/personagem transmite a própria visão de mundo e a própria visão ao enxergar e vencer as barreiras da vida geradas pelos acontecimentos ou experiências, relatando esses momentos e transformações passo a passo para as leitoras. Vejamos duas passagens das revistas brasileira e francesa para ilustrar a elocução:

Nessa narrativa de vida, trouxemos duas passagens que demonstram a visão de mundo da narradora/personagem ao viver uma experiência com um homem que morava numa praça. Ela relata o medo de ter transgredido a barreira da sensatez e se pune, a partir da sua concepção do que é certo ou errado.

Passagem 153) Nesse momento senti medo e me dei conta de que tinha transado com um mendigo. Acho que ele percebeu, pois quando eu disse que ia embora, me segurou. Perguntou se eu não acreditava que o destino tinha me colocado no banco da praça. Respondi que acreditava e fui embora, mas deixei meu telefone. (Eu, leitora: tive um filho com um mendigo)

Na segunda passagem, a narradora/personagem revela sua visão do mundo ao se admitir ingênua, envolvendo-se com alguém que vivia na rua. Leiamos:

Passagem 154) Não sou mais ingênua a ponto de achar, como antes, que o amor resolve tudo. Mas, se coração, desejo vê-lo vivendo com dignidade, longe dos delitos e da fome.

Para exemplificar a elocução na outra versão, trazemos trechos de um texto que compartilha às leitoras a necessidade imposta pela sociedade de ser mãe antes da realização profissional, relatando uma nova percepção da personagem em relação ao assunto. Vejamos as passagens seguintes:

Nessa narrativa de vida, escolhemos duas passagens que demonstram a visão de mundo da narradora/personagem: na primeira, ela fala sobre acreditar que as ambições profissionais deveriam existir após cumprir a maternidade. Leiamos:

Passagem 155) Après des études d'architecture réussies, j'avais fait le choix de mettre ma carrière en pause, avec l'idée de reprendre lorsque les enfants seraient plus âgés. Je souhaitais les voir grandir tout en permettant à Arnaud, mon mari, de s'épanouir dans sa carrière d'architecte. Je l'avais décidé sans trop de regrets: ma mère, comme toutes les femmes de sa génération, avait fait passer la maternité avant ses ambitions professionnelles. (Moi, lectrice: eu recusei a guarda dos meus filhos.)

Depois de estudos de arquitetura bem-sucedidos, optei por colocar minha carreira em espera, com a ideia de retomar quando as crianças fossem mais velhas. Eu queria vê-los crescer enquanto permitia que Arnaud, meu marido, florescesse em sua carreira como arquiteto. Eu tinha decidido sem muitos arrependimentos: minha mãe, como todas as mulheres de sua geração, tinha colocado a maternidade antes de suas ambições profissionais.

Na próxima passagem, a narradora/personagem relata sobre a decisão de deixar a guarda para o ex-marido depois da decisão da separação. Ela conta que sofreu a condenação das pessoas perante a decisão de partir sozinha e cuidar de si mesma. Porém, ela conta também que, apesar dos obstáculos, a vida não poderia se reduzir à maternidade.

Passagem 156) J'avais passé des années à essayer de rendre tout le monde heureux sans écouter cette petite voix intérieure qui me disait que j'avais d'autres choses à vivre et à donner, que je ne me résormais pas à la figure maternelle. J'avais besoin de me consacrer enfin à moi. Les jugements de mes proches me blessaient profondément, d'autant que je ne les avais pas attendus pour culpabiliser. Je n'avais pas pris ma décision à la légère.

Passei anos tentando fazer todo mundo feliz sem ouvir aquela voz interior que me dizia que eu tinha outras coisas para viver e a dar, que eu não me resumia a figura materna. Eu precisava finalmente me dedicar a mim mesma. Os julgamentos dos meus entes queridos me machucaram profundamente, especialmente porque eu não tinha esperado que eles se sentissem culpados. Eu não tinha tomado minha decisão de consciência limpa.

A construção identitária dos textos analisados tem vieses diferentes, pois, apesar de todos pertencerem ao mesmo macrotema “relações afetivas”, têm microtemas que abrangem

assuntos ligados ao termo afetivo, tais como traição, dificuldade de inserção social, mundos marginalizados etc. Vejamos os exemplos de microtemas derivados do macrotema:

Essa narrativa de vida conta a história de uma transsexual. Temos o microtema “mundos marginalizados”. A narradora/personagem fala da sua trajetória desde a infância até ter o reconhecimento enquanto mulher trans. Vejamos a passagem a seguir que relata a respectiva transsexualidade no ambiente de trabalho.

Passagem 157) Mas o meu comportamento delicado fez a minha capacidade enquanto militar ser contestada diversas vezes. (Eu, leitora: perdi família e amigos por ser trans, mas nasci de novo.)

A narradora/personagem leva para as leitoras a dificuldade de construir a própria identidade na vida profissional, principalmente no ambiente militar, espaço em que as demonstrações homofóbicas são mais evidentes do que em outros espaços.

Passagem 158) Desde muito cedo, aprendi a ser e a me comportar como um homem.

Nessa passagem, a situação fez com que a narradora/personagem escondesse o comportamento pertencente a ela. Durante várias passagens da narrativa, a narradora/personagem tenta esconder sua real identidade.

A *Marie Claire* francesa nos leva também para assuntos polêmicos dentro do macrotema “relações afetivas”. A construção identitária é algo mais rigoroso e conservador, apesar de apresentar discussões. Escolhemos a narrativa a seguir para exemplificar.

Passagem 159) Depuis deux ans, je lutte pour me reconstruire, et doublement: moi-même et au sein de mon couple. Parfois je suis pleine d'espoir, puis je me sens happée par un immense trou noir. Il suffit de déclencheurs bêtes, comme par exemple aller chez ma mère car – ironie du sort – as collègue habite dans la même rue... Ce drame m'oblige à puiser des ressources au plus profond de moi. (Moi, lectrice: mon mari est addict au sexe.)

Nos últimos dois anos, tenho lutado para reconstruir a mim mesma e ao meu relacionamento. Às vezes estou esperançosa, então me sinto pego por um enorme buraco negro. Tudo o que é preciso são ações bobas, como ir à casa da minha mãe – porque - ironicamente - sua colega vive na mesma rua... Esta tragédia me força a extrair recursos de dentro de mim.

Na passagem anterior, a narradora/personagem fala do seu apagamento para reconstruir o casamento após a descoberta da traição e da compulsão sexual do marido. Em entrelinhas, ela constrói o perfil de uma mulher paciente e resiliente. A aceitação do comportamento do marido em relação à compulsão reflete e dita as atitudes durante a história. Geralmente, na maioria dos textos, enxergamos a ponderação dessas mulheres protagonistas das narrativas de vida do nosso *corpus* francês.

A linha editorial tem uma diferença entre a *Marie Claire* brasileira e a francesa: a partir das análises dos itens anteriores, na brasileira, apesar de existirem traços conservadores, alguns microtemas são abordados de forma mais aberta, e os assuntos mais polêmicos são

transmitidos com mais clareza, admitindo posicionamentos claros perante situações inaceitáveis, enquanto que a *Marie Claire* francesa segue uma linha mais tradicional, em que várias narrativas abordam os mesmos problemas que diversos casais enfrentam no dia a dia, mas apaziguando diversas situações no que se refere ao comportamento da personagem protagonista. Apesar dessa abordagem diferente, o contrato comunicacional se dá semelhantemente, uma vez que a narrativa é adaptada de acordo com o público-alvo de cada versão. Acreditamos que isso aconteça pela própria influência das leitoras ativas da revista, pois o perfil do público-alvo é avaliado em qualquer mídia direcionada a um determinado nicho. Portanto, nossa afirmativa é ilustrada pela análise das passagens a seguir:

Edição brasileira: “Eu, leitora: me apaixonei por um aluno adolescente e lutei contra todos para casar com ele.”

Nessa narrativa de vida, percebemos algumas nuances que exemplificam nossa afirmativa de que a versão brasileira é mais flexível e solta no que se refere à representação feminina. Apesar de conter no texto situação de discriminação em relação ao fato de a narradora/personagem ter um envolvimento com aluno bem mais jovem, na passagem a seguir, temos um relato natural que a protagonista faz da figura masculina diante dela. Leiamos:

Passagem 160) Em uma excursão organizada pela escola, vi Júnior de sunga pela primeira vez. Minha reação foi igual à de todas as garotas, entre alunas e professoras, que presenciaram a cena: quase enfartei. Ele tinha corpo de homem, mas mantinha todo o brilho de adolescente. Naquele dia, só tinha olhos para mim. E eu estava completamente louca por ele.

Para a *Marie Claire* francesa, escolhemos o seguinte texto para exemplificar a nossa abordagem: “*Moi, lectrice: J’ai été manipulée par mon prof de yoga.*”

Na passagem a seguir, ao ser exposta, a narradora/personagem se sente violada. Ela nos remete um ar de pureza e qualquer atitude que a toca fora dos padrões a pune enormemente. Leiamos:

Passagem 161) Erkam intervient et me demande, devant tout le monde, de réfléchir à mes liens affectifs, à ce conjoint qui rejette mes valeurs spirituelles et, donc, ce que je suis en profondeur. Je suis choquée par la brutalité de son intervention, qui expose à tous mon intimité, sans mon consentement. Je ne réponds pas, je sens les regards réprobateurs.

Erkam intervém e me pede, na frente de todos, para refletir sobre meus laços emocionais, sobre este cônjuge que rejeita meus valores espirituais e, portanto, o que eu sou em profundidade. Estou chocada com a brutalidade de sua intervenção, que expõe toda a minha intimidade, sem meu consentimento. Eu não respondo, sinto os olhares de desaprovação.

As diferenças culturais são perceptíveis quando passamos de uma versão a outra. A mídia brasileira, em geral, trabalha com uma representação da mulher um tanto que estereotipada, valorizando e explorando o lado sensual, ou seja, a figura da mulher é

explorada de forma diferente que na versão francesa, evocando a sensualidade e o poder de sedução, como vimos no texto “Eu, leitora: sou tradutora durante o dia e dominadora à noite”, enquanto que, na cultura francesa, a mulher é mais centrada na visão do homem no que se refere aos padrões não só de beleza, mas outros que essa sociedade valoriza, como vimos no texto “*Moi, lectrice: l'échangisme et mon mode de vie*”, texto que fala das experiências da narradora/personagem dentro do mundo do *swinger*, porém de forma mais escondida e leve. Essas visões culturais de representação da mulher estão nas experiências vividas pelas narradoras/personagens do nosso *corpus*.

Os valores e hábitos são manifestados por meio das narrativas, como vimos nas passagens retiradas nos itens anteriores. Percebemos que as narradoras / personagens da versão brasileira têm uma maneira mais livre de contar as suas experiências. Elas constroem uma imagem mais leve de mulher contemporânea, já as narradoras/personagens da versão francesa têm uma maneira mais preocupada com a opinião das leitoras ao justificarem os seus atos mais rebeldes, apoiando-se sempre na ação do outro para abrandar o seu comportamento que, por vezes, transgride as normas sociais. Para ilustrar nossa afirmativa, vejamos algumas passagens a seguir das duas edições: a brasileira e a francesa.

Na passagem a seguir, a narradora/personagem descreve sua experiência sexual com uma mulher e um homem. Ela descreve o fato com menos cuidado e sem pudor, utilizando-se vocabulário e expressões mais carregadas, tais como “tesão”, poderia ser atração para abrandar; “tirando a minha calcinha”, poderia ser me despindo; “sexo oral”, poderia inferir o ato. Ela até tenta suavizar o fato com palavras que abrandam a atitude, tais como “nervosa” (ato de estado quando algo não vai bem), “emoção” (como em uma transa informal pode existir emoção?), “inesquecível” (romantizado). Porém, predomina-se o sensual. Leiamos:

Passagem 162) A transa começou nervosa. Fiquei surpresa ao notar que sentia atração e tesão, pela primeira vez em 26 anos de idade, por uma mulher. Bastante tesão por ela. Emoção em transar com ele, algo que passei dias e dias imaginado sozinha. Ela, bem desenvolta, deve ter sacado que eu estava atraída por ela e foi logo tirando minha calcinha. Fez um sexo oral inesquecível em mim. Deitamos os três na cama. Enquanto ela me excitava, eu fazia sexo oral nele com o máximo de empenho possível. O pênis dele, sem dúvida, é o mais lindo que eu já vi. Tomado de prazer, ele me penetrou enquanto ela beijava meus mamilos. E assim foi indo, numa sequência indescritível de fluídos, sensações deliciosas. [Eu, leitora: conheci minha melhor amiga num ménage]

Para a exemplificação da narrativa francesa, escolhemos o texto seguinte:

Na passagem a seguir, notamos que a narradora/protagonista tem o cuidado de garantir que as leitoras a apoiem na atitude que tem de trair o seu marido por causa da monotonia do casamento. Ela justifica “as escapadas” uma vez que começa a questionar a relação. Acreditamos que é uma forma que a protagonista encontra para não ser julgada. Leiamos:

Passagem 163) Après ces quelques escapades dans les bras d'un autre, j'ai commencé à remettre en cause notre couple. Lorsque j'essayais de discuter avec mon mari de ce qui n'allait pas, il répondait laconiquement: "Tu n'es jamais contente." Je n'avais toujours pas le droit d'exprimer des choses négatives. C'est là que l'idée de le quitter s'est imposée. J'avais envie de vivre seule avec mes enfants pour me sentir libre. (Moi, lectrice: l'échangisme est mon mode de vie.)

Depois dessas poucas escapadas nos braços de outro, comecei a questionar nosso relacionamento. Quando eu tentava falar com meu marido sobre o que estava errado, ele dizia laconicamente: "Você nunca é feliz." Eu ainda não tinha o direito de expressar coisas negativas. Foi quando surgiu a ideia de deixá-lo. Eu queria viver sozinha com meus filhos para me sentir livre.

Logo, percebemos que, de alguma forma, existe uma preocupação dos julgamentos dessas narradoras/personagens que podem ser criados pelas leitoras em relação às atitudes e tomadas de decisão das protagonistas das histórias de vida. Charaudeau (2016) aborda esse assunto sobre pré-julgamentos, dizendo que são

Movimentos de atração, mas também movimento de rejeição, na medida em que essa diferença pode representar perigo, uma ameaça para a integridade de nossa identidade. É por isso que a percepção da diferença é acompanhada, geralmente, de um julgamento negativo, pois ameaça a sobrevivência de si mesmo. É como se não fosse aceitar que outros valores, outras normas, outros hábitos diferentes dos seus sejam melhores ou, simplesmente, existam. E quando esse julgamento endurece e se generaliza, torna-se o que se chama de estereótipo, clichê, preconceito. É preciso compreender que, ao julgar o outro negativamente, protegemos nossa identidade, caricaturamos a do outro e nos persuadimos de que temos razão contra o outro. É assim que, persuadido de que sou sensível, acolhedor, caloroso, serei levado a julgar o outro como racional, frio ou agressivo, ou, inversamente, persuadido de que sou racional, seguro, direto e franco, o julgarei anárquico, extrovertido, pouco confiável. (p. 25)

Logo, mesmo na busca de difundir e discutir temas polêmicos que abarcam o universo feminino, a linha editorial da revista passa também pela preocupação dos julgamentos das leitoras em relação aos relatos das experiências vivenciadas pelas narradoras/personagens, de certa forma passando por uma preocupação em menor grau na versão brasileira e, e em maior grau, na versão francesa.

Quanto às representações da figura das mulheres brasileira e francesa nos depoimentos, verificamos algumas diferenças relevantes. Observemos a seguir:

A) Características dos depoimentos brasileiros:

- 1) Existem estereótipos em relação à figura feminina tradicional, porém o macrotema e os microtemas apresentados distorcem, por vezes, essa imagem, uma vez que trata das personagens protagonistas que passam por diversas situações e relatam as experiências de forma mais segura.

Vejamos exemplos em que percebemos a presença do conservadorismo familiar e a personagem/narradora transgride os estereótipos impostos pela mãe:

Passagem 164). Lembro de poder brincar apenas com meu irmão, um ano mais novo. (Eu, leitora: sou tradutora durante o dia e dominadora à noite.)

Passagem 165) Ela dizia que eu deveria me portar como uma mocinha delicada — o que era difícil, porque sempre fui a mais alta e menos discreta da classe. Fora de casa, eu era mandona e briguenta.

Passagem 166). Quando meu filho tinha 1 ano, percebi que não gostava mais do meu marido e decidi me separar. Minha mãe foi contra, disse que ia me colocar em um colégio interno. Mantive a decisão e brigamos até ela desistir da ideia.

- 2) Existem comportamentos geralmente não atribuídos à figura feminina nos imaginários coletivos, tais como autoritarismo, dominação, imponderação, rebeldia. Mas também encontramos alguns comportamentos atribuídos ao gênero feminino, tais como fragilidade, medo, insegurança. Vamos exemplificar a seguir as duas situações.

Nessa narrativa de vida, nos deparamos com a insegurança da protagonista da história. Ela relata o sentimento de inferioridade em decorrência dos dizeres do marido em relação ao corpo dela e ao comportamento dele nos momentos íntimos do casal. Leiamos:

Passagem 167) Minha história começa onde muitas terminam. Depois de 24 anos de casamento, meu mundo desabou quando soube que Rafael, o grande amor da minha vida, tinha outra. Ao ser descoberto, não negou nada e ainda me disse que eu era 'ruim de cama, gorda e cheia de cicatrizes'. (Eu, leitora: como me vinguei do meu marido e recuperei a autoestima)

Na passagem a seguir, de outra narrativa, temos outro tipo de atribuição ligada a uma figura feminina mais forte e decidida.

Passagem 168) Todos os meus namorados reclamavam do meu temperamento, diziam que eu era controladora e intolerante. Eu até tentava me segurar para não me intrometer na vida deles, mas não conseguia (Eu, leitora: sou tradutora durante o dia e dominadora à noite.

- 3) A escolha do léxico pertence ao universo feminino. Palavras, expressões e os títulos carregam essa marca. Vejamos algumas passagens:

Passagem 169) Assumi pra mim mesma que queria ter namorado, casar. (Eu, leitora: demorei 11 anos para ficar com meu amor.)

Passagem 170) Era uma espécie de sinal do coração.

Passagem 171) Fui embora me sentindo uma nova mulher.

Passagem 172) Senti uma emoção muito forte e, ao mesmo tempo, rolou muita harmonia. Tive a sensação de que aquela era a minha verdadeira história.

Nas passagens anteriores, identificamos a presença do romantismo (no sentido de expressar-se romanticamente, amorosamente) mais explorado nas figuras femininas.

Expressões e relatos como esses são vistos em quase totalidade das narrativas, mesmo naqueles textos em que as abordagens não se limitam aos dizeres graciosos aclamados pelo público-alvo (se pensarmos na idealização do sujeito-destinatário do contrato comunicacional).

B) Características dos depoimentos franceses:

- 1) Existem estereótipos em relação à figura feminina tradicional, e os microtemas afloram as questões circulantes. Nas narrativas a seguir, temos a beleza estereotipada e sendo usada para construir uma relação de interesse. Em algumas sociedades, a mulher é representada como um dependente da figura masculina. A protagonista admite que o seu casamento é uma troca de interesses.

Veamos passagens dessa narrativa em que percebemos que a sociedade aceita mulheres que mantêm um relacionamento de interesse. São estereótipos que fazem parte do cotidiano da construção da imagem feminina. Nessa narrativa de vida, a protagonista confirma essa imagem com as suas atitudes, explicando a sua escolha. Também, na segunda passagem a seguir, constatamos que algumas profissões são consideradas mais femininas do que masculinas, tais como modelo, principalmente por meio de regras pré-estabelecidas, seguindo padrões de beleza ditados por diversas comunidades de uma sociedade. A narradora/personagem deixa claramente evidente que é uma mulher bonita. Na *Marie Claire* francesa, as imagens aceitas e construídas numa sociedade são mais evidentes e mais presentes.

Passagem 173) Je suis au clair avec mes choix: j'ai épousé William pour le confort luxueux, la sécurité qu'il m'offre, et lui m'a choisie pour mon physique, comme trophée et future mère de ses enfants. C'est notre deal. A une différence notable: je n'ai jamais été attirée par William comme il l'a été par moi. Je le respecte, c'est un homme qui tient parole, qui assume ses responsabilités, qui aime la famille et fidèle en amitié. (Moi, lectrice: je reste avec lui pour son argent.)

Sou clara nas minhas escolhas: casei com William pelo conforto luxuoso, pela segurança que ele me oferece, e ele me escolheu por causa do meu físico, como troféu e futura mãe de seus filhos. Esse é o nosso acordo. Uma diferença notável: eu nunca me senti atraída por William como ele era por mim. Eu o respeito, ele é um homem que mantém sua palavra, que assume suas responsabilidades, que ama a família e é fiel na amizade.

Passagem 174) A Paris comme en Allemagne, j'avais été abordée plusieurs fois par des photographes qui voulaient me booker comme mannequin. (Moi, lectrice: je reste avec lui pour son argent.)

Em Paris, como na Alemanha, fui abordada, várias vezes, por fotógrafos que queriam me transformar em modelo.

- 2) Existem traços mais atribuídos à figura feminina, tais como medo, fragilidade, ponderação, sensatez, ao compararmos com a versão brasileira. Na passagem seguinte, a

narradora/personagem descreve a sua irmã com diversos adjetivos muito ligados ao universo feminino, principalmente, utilizando-se do adjetivo “frágil”.

Passagem 175) Désobéissante, fantasque, rigolote et aussi très fragile. Moi j'étais la petite dernière, toujours un peu dans la lune. (Moi, lectrice: a soeur a couché avec mon mari)

Desobediente, caprichosa, engraçada e também muito frágil. Eu era a última, sempre no mundo da lua.

3) A escolha vocabular é carregada de comportamentos ligados ao feminino, ou seja, mais presentes nas atitudes expressas pela mulher no dia a dia. Vejamos mais uma passagem:

Passagem 176) Je sais désormais que si un jour ça allait mal, je n'y laisserais pas ma peau. Paradoxalement, depuis que je peux imaginer ma vie indépendamment de lui, je suis à nouveau capable d'en imaginer une avec lui. Parce que je l'aime et non parce que je suis dépendante de lui. Car, dans ce cauchemar, l'amour qu'on éprouve l'un pour l'autre l'a emporté. Aujourd'hui, je pense que cette épreuve peut même nous consolider. A certains moments, nous revivons une lune de miel. (Moi, lectrice: mon mari est addict au sexe.)

Agora sei que se um dia algo desse errado, eu não ficaria. Paradoxalmente, já que posso imaginar minha vida independentemente dele, sou novamente capaz de imaginar uma com ele. Porque eu o amo e não porque sou dependente dele. Pois neste pesadelo, o amor que se sente um pelo outro prevaleceu. Hoje, acho que esse evento pode até nos consolidar. Às vezes, vivemos uma lua de mel.

Nessa passagem, temos uma romantização da situação. A narradora/personagem cria uma situação positiva para justificar o seu perdão. As palavras capaz, amor, lua de mel e prevaleceu são marcas subjetivas do universo feminino.

As diferenças apresentadas são as percepções que tivemos no que se refere às representações da mulher, nas análises realizadas separadamente do *corpus*, brasileiro e francês entre os textos que têm mais reincidência escolhidos para tal finalidade. Buscamos delinear os traços semelhantes e os traços diferenciais observados nos itens deste capítulo.

Portanto, conseguimos trazer essas semelhanças e diferenças na construção do texto no que se refere aos sujeitos da linguagem, ao contrato comunicacional, à estrutura lógica da organização do discurso e às representações e construção identitária da mulher nas seções da revista *Marie Claire*.

O caminho que escolhemos para comparar as duas versões contou com pontuações de características existentes no que se refere ao universo feminino a partir dos estudos realizados sobre a trajetória da mulher exposto no capítulo 1. Sabemos que existe uma manipulação no mundo midiático e não seria diferente na mídia voltada para o público feminino. A mídia procura ainda camuflar, nas escritas da mulher e sobre a mulher, o conservadorismo ainda existente, mesmo com diversos espaços conquistados pelo gênero feminino. A mídia tem o papel de denunciar, polemizar e discutir os direitos e posicionamentos femininos, porém ainda usa de ponderação, uma vez que os imaginários que circulam coletivamente têm diversos traços que ainda pretendem regular atitudes e

comportamentos dos indivíduos. Essa reflexão cabe nas duas versões da revista *Marie Claire*. Logo, a revista procura atingir um número máximo de leitoras. Para isso, ela deve satisfazer diversos imaginários que circulam no universo feminino que são ponderados e imponderados. Portanto, leiamos a seguir uma abordagem referente ao assunto de Charaudeau (2016, p. 120),

As mídias de informação (rádio, imprensa, televisão) dirão que sua missão não é manipular pessoas, mas sim informá-las. Isso é verdade. Mas o que se pergunta é se existe informação objetiva, pois a preocupação de interessar ao maior número de ouvintes, de leitores e de telespectadores não leva as mídias a espetacularizar as informações e, portanto, a desfigurá-las?

Ora, como vimos, a revista *Marie Claire* tem uma vertente que polemiza as diversas situações vividas pelas leitoras protagonistas de histórias de vida de forma parecida nas duas versões, seguindo uma linha editorial, porém regula sua representação baseando-se nos imaginários sociodiscursivos que circulam no universo feminino a qual ele pertence, ou seja, de acordo com que está previsto em cada comunidade (brasileira e francesa), o que diferencia um pouco as duas versões como vimos nas análises separadas.

Logo, como dissemos, a representação feminina no folhetim carrega também o conservadorismo ainda circulante nos imaginários coletivos, trazendo para dentro da narrativa de vida indícios de manipulação e controle dos comportamentos femininos mesmo em situações que revelam o enfrentamento às regras impostas pela sociedade ocidental. As narradoras ora discutem assuntos polêmicos, ora usam de ponderação para uma dada explicação sobre o comportamento adotado em uma situação qualquer. Acreditamos, então, que existe uma *mise en scène* durante toda a narrativa. Ainda, para o autor,

a “superdramatização” (a dramatização exacerbada) é uma característica do discurso de informação das mídias na maneira de relatar e comentar os acontecimentos. Para atrair o público, trata-se de construir o acontecimento numa narrativa suscetível de ter um impacto emocional [...]. (CHARAUDEAU, 2016, p. 121.)

Logo, quando a editora constrói o sentido do texto na seção “Eu, leitora”/“*Moi, lectrice*”, uma vez que é a editora quem constrói a narrativa publicada, acreditamos que ela coloca as nuances de dramatização que ela almeja para atrair e comover o público-alvo, e, efetivamente, conseguir a adesão. Isso é perceptível nas duas versões.

Acreditamos que, apesar das nuances e da preocupação da luta contra a inferioridade das mulheres, historicamente falando, a identidade feminina, pouco a pouco, impõe-se às vezes naturalmente sempre no espaço público. Nas duas versões, temos esse modo de construção do sentido semelhantes. É como se a igualdade fosse possível na escritura da/sobre

a mulher, sempre dentro do discurso voltado para esse público. É uma forma de validar seus comportamentos e a ocupação de um lugar dentro das esferas sociais.

Observamos, a partir do nosso *corpus* e ao fazer a comparação entre as versões, que o espaço da mulher dentro da mídia é uma constante busca pela afirmação identitária. Temos a construção identitária como representação. É o que acreditamos existir nas narrativas de vida do nosso *corpus* brasileiro e francês. Os modos de ser coletivo refletem na identidade de uma esfera social. Os comportamentos são ditados. Porém, há transgressões que são levadas para camuflar uma determinada luta, ou seja, dentro do discurso polêmico e identitário, existe o conservador e a luta pela liberdade da transgressão. A partir das nossas análises, na versão brasileira, a luta é mais evidente.

Portanto, podemos afirmar que existe uma falsa impressão de liberdade dentro dessa mídia voltada para o público feminino. Dessa forma, a revista passa a atender um público mais conservador e outro menos conservador. Logo, a liberdade é mascarada por meio dessas experiências vividas por leitoras da revista. *Marie Claire* é a representação da mulher que busca firmar o seu lugar no mundo, demonstrando uma visão mais libertária, porém sempre esbarrando na convencionalidade imposta pela sociedade. O discurso da mulher, nas narrativas de vida da seção da revista, propõe igualdade dos gêneros, embora criadas também sob o pilar da moral. Nosso *corpus* é um exemplo claro dessa suposta liberdade feminina, mais livre na versão brasileira e mais fechada na versão francesa.

Compreender o sentido da liberdade é algo que nos leva a uma reflexão. Os modos de pensar se diferem de um período a outro como vimos no capítulo 1, ao expormos uma breve história da mulher. As culturas são específicas, os saberes compartilhados, as bandeiras levantadas. São questões difíceis de serem abordadas a partir dos critérios contemporâneos. A linguagem empregada em cada sociedade implica uma situação histórica vivida dentro de uma experiência coletiva. Logo, jogada no discurso e refletida em sociedade. O coletivo está presente nas experiências individuais vividas em cada narrativa do nosso *corpus*. As diferenças e semelhanças das duas versões tornam-se mais evidentes a partir dessas questões culturais quando fazemos uma comparação.

O discurso empregado nas duas versões da revista *Marie Claire*, a brasileira e a francesa, reflete dentro da sua construção a condição da mulher em sociedade, como ela é representada e como se dá a construção identitária, bem como a projeção da sua imagem perante as leitoras dessa mídia.

Baseado nas nossas pesquisas, a figura feminina busca incansavelmente fincar os pés na igualdade, sem sofrer a dominação masculina, porém que ainda a visão conservadora é inferida no discurso. Em alguns estudos (2007, 2012), a dominação do gênero feminino é restrita ao lar. A figura feminina também, na maioria das vezes, é construída ligada ao homem. Sempre, na narrativa, existe uma situação ligada ao sexo masculino. Por isso, a predominância do macrotema “relações afetivas”. Para Zimbalist e Lamphere (1979, p. 123),

a distribuição do poder e da autoridade na família, o ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico e as estratégias femininas são todos relacionados. O poder e a autoridade são conceitos que caracterizam os meios nos quais as decisões são tomadas e executadas. O poder, segundo Weber, ‘é a probabilidade de um protagonista, num relacionamento social, estar em posição de realizar seu próprio desejo apesar da resistência, indiferente às bases nas quais essa probabilidade se apoia,’ (1947, p. 152). Quando o poder se apoia na legitimidade (isto é, na noção de que um indivíduo tem o ‘direito’ de impor seu desejo), e quando é exercido na hierarquia de papéis, é definido como autoridade. A autoridade, em outras palavras, ‘é o aspecto de um status num sistema de organização social... em virtude da qual o beneficiado é colocado numa posição legítima para tomar decisões que são estruturadas, não somente em si mesmo, mas na coletividade’.

Logo, essa explicação esbarra numa comprovação de comportamento feminino no que se refere ao espaço privado. É no relato das experiências que sentimos a necessidade da mulher em se autoafirmar como um indivíduo capaz de conduzir situações adversas e, por isso, elas têm a necessidade de passo da esfera privada para a esfera pública. *Marie Claire* é o fio condutor desse movimento promovido pelas leitoras.

Neste capítulo, podemos, por meio das análises, traçar a representação da mulher dentro do discurso midiático escolhido como *corpus*. Fizemos uma análise individual de cada versão para depois fazer a comparação e buscar a resposta para a nossa hipótese, passando pelas categorias da TS.

Considerações parciais

A partir das análises mais detalhadas deste capítulo, observamos que existem semelhanças e diferenças entre as versões, brasileira e francesa. O contrato comunicacional é semelhante, pois se trata de duas revistas com a mesma linha editorial. Os modos de organização do discurso também seguem as características de uma narrativa, predominando o modo enunciativo, o modo narrativo e, conseqüentemente o descritivo. Quando começamos nossa abordagem nas categorias referentes à construção da imagem da mulher, percebemos

melhor as diferenças entre as versões principalmente no que se refere à representação feminina dentro do discurso.

Sabemos que existe uma luta mais evidente do espaço feminino em alguns campos de convivência com o gênero masculino, tais como no mercado de trabalho, no âmbito privado (no lar e nas relações) e nas esferas sociais como um todo. Na versão brasileira, vimos nas narrativas um discurso mais imponderado, polemizando mais as experiências em busca de uma afirmação mais efetiva em relação ao outro sexo. Na versão francesa, existe uma busca pela explicação de um comportamento empoderado para justificar uma certa atitude, por exemplo. A construção do sentido do discurso dentro da narrativa passa por nuances entre um texto e outro. Porém, é indiscutível que essas nuances são diferentes quando comparamos a brasileira com a francesa.

Logo, nossa hipótese de que as diferenças culturais refletem na construção do sentido das narrativas de vida se confirma, apesar de encontrarmos ponderação em ambas as versões.

CONCLUSÃO

Nossa pesquisa buscou definir diversas representações da mulher dentro da seção da revista *Marie Claire* composta por narrativas de vida, uma vez que o *corpus* da pesquisa contém vinte e seis experiências protagonizadas por mulheres intituladas “*Eu, leitora*” e “*Moi, lectrice*”. Realizamos nossa pesquisa a partir da nossa metodologia teórica detalhada no capítulo 4, passando pela Teoria Semiolingüística do teórico francês Patrick Charaudeau, pelos pesquisadores da Análise do Discurso do Núcleo de Análise do Discurso da Faculdade de Letras da UFMG, bem como buscamos aporte teórico em outras áreas para dialogar com essa teoria e dar suporte à nossa análise completa.

Inicialmente, na introdução da nossa tese, lançamos a seguinte pergunta: o que significa ser mulher na visão de uma revista feminina como a *Marie Claire* e como se constrói a respectiva identidade por meio do discurso inferido nas narrativas de vida?

As representações da mulher que aqui conseguimos levantar por meio das categorias da língua trazidas pela TS nos fazem refletir sobre o atual papel da mulher dentro da mídia voltada para esse público. A revista *Marie Claire* demonstra estar aberta a debates e aberta a tratar de assuntos polêmicos. Porém, ainda passa pelo viés da mulher tradicional imposta sempre pela sociedade nas duas versões da mesma revista, mas principalmente na versão francesa como vimos no capítulo 5. A construção identitária da mulher ainda emerge dentro dos padrões que ainda circulam em nossos imaginários sociais e perpassam para o discurso da mulher e sobre a mulher, conduzindo as leitoras a grandes reflexões sobre o universo feminino a respeito da imagem feminina.

Marie Claire é, sem dúvida, uma das revistas do mundo que mais abrem as portas para debates e assuntos polêmicos que envolvem o gênero feminino, porém ainda seguindo o viés que o mercado midiático impõe: abordagens polêmicas, porém com influências tradicionais de sociedades ainda conservadoras, o que, sabemos, existem em todo o mundo.

Vimos também, por meio de dados estatísticos, que o amor é um tema indispensável nas publicações femininas e é um grande arquétipo dominante da cultura de massa em relação ao gênero. De modo geral, a mídia feminina, embora se adapte aos tempos modernos de uma mulher que deseja cada vez mais a conquista do seu espaço,

tem a tendência de deixar engessada, dentro do discurso, uma visão ainda imposta baseada na falta de paridade dentre os gêneros, mesmo nas revistas aparentemente revolucionárias, como a *Marie Claire*, publicada em diversas línguas e países.

Portanto, a construção identitária passa por diversos vieses que transformam e que delineiam as representações da mulher nessas narrativas, mesmo porque, apesar do depoimento ser de uma leitora que viveu uma experiência marcante em sua vida e deseja torná-la pública, é a editora a autora da narrativa, trazendo e marcando, com isso, o perfil da revista que infere o desejo de satisfazer o seu público. Enfim, a nossa pesquisa teve a pretensão de demonstrar como se dá a construção do sentido das narrativas de vida da revista *Marie Claire* passando pelas representações sociais do gênero feminino que nela estão presentes e traçamos, a partir das análises, tendências ligadas à imagem da mulher nessa mídia tão atual, mesmo que publicada há décadas na França e posteriormente no Brasil.

Nossa hipótese de que as diferenças entre as duas versões passariam pelos imaginários coletivos que circulam em cada sociedade se confirmou. A *Marie Claire* brasileira se mostra mais aberta aos anseios femininos do novo século. A brasileira, apesar de ainda estar buscando um espaço merecido nos diversos campos antes ocupados pelo homem, mostra-se mais atual dentro da construção do discurso da editora. Isso não quer dizer que acontece somente na versão brasileira. As duas versões têm pequenas diferenças como vimos no capítulo anterior (p. 223) referente à linha editorial. A francesa, mesmo que timidamente (pelo menos nos textos analisados), também demonstra um discurso menos conservador, mesmo que barrados por situações em que fica mais evidente optar por regras impostas pela sociedade francesa patriarcal. Como disse Charaudeau em entrevista (24/1/2020), a comparação torna-se relevante, quando percebemos essas diferenças culturais dentro da construção identitária da mulher, refletindo na representação do gênero feminino nessas narrativas de vida.

Nosso objetivo de verificar as estratégias discursivas referentes à abordagem da imagem da mulher e a respectiva representação dentro das narrativas também foi atingido. Demonstramos por meio da TS como se constrói a construção do sentido do texto, ou seja, como são representadas as mulheres leitoras e protagonistas, passando pelo contrato comunicacional de Charaudeau. Dialogamos com diversos autores da AD, bem como com outros teóricos das Ciências Humanas. Percebemos que esse diálogo nos deu suporte para chegarmos a diversas conclusões durante as análises do *corpus*.

Nossa pesquisa nos mostra como é construída a representação da mulher no tipo de mídia como a revista *Marie Claire*. O discurso é construído por meio dos imaginários sociodiscursivos que circulam na sociedade e são fidedignos aos costumes, comportamentos e atitudes de uma comunidade. A trajetória da mulher traz dentro da escritura feminina marcas que são carregadas de história construídas por meio de muita luta do ‘*segundo sexo*’ pela paridade entre os gêneros. É no ato comunicacional que podemos enxergar essa luta constante da mulher de garantir um espaço não além do gênero masculino, mas sim de poder caminhar ao lado dele a título de igualdade. As narrativas de vida do nosso *corpus* refletem claramente essa necessidade da figura feminina de se autoafirmar dentro das trocas languageiras no espaço midiático.

Contudo, nosso estudo desperta não somente o pensamento crítico de possíveis interpretantes/leitores acadêmicos, mas fomenta também a discussão do papel das pesquisas da área linguística do texto e do discurso em relação à representação da mulher nos textos em que elas falam sobre si próprias, ou seja, sobre as respectivas experiências de vida dentro de sociedades ainda tão enraizadas de dominação masculina. Longe de ser uma tese feminista, pois nos propomos, como analistas do discurso, verificar como se dá a construção do sentido no texto, e não a levantar bandeiras que cabem somente às protagonistas de carne e osso fazerem e reivindicarem em sociedade em pleno século XXI.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. *Iracema*. Ceara: Typ. De Viana e Filhos, 1865.
- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- AMOSSY, R. (org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011.
- ARISTÓTELES. *A Retórica*. Editora: Folha de São Paulo, 2015
- AUTHIEZ-REVUS, J. Heterogeneité montrée et heterogeneité constitutive: elements pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV – Revue de Linguistique*, Paris, v. 26, p. 91-151, 1982.
- BAKHTIN, M. *Maxisme et philosophie du langage*. Paris : Lambers Lucas Editions, 1979.
- BAKHTIN, M. *Le Freudisme*. Lausanne: L'Âge d'homme, 1980.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2005.
- BARBOSA, E. G.; SILVA, S. A. B. Cor e sexo no jornalismo: representações das mulheres negras nas paginas de duas revistas femininas. *Revista da ABPN*, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 133-156, 2010.
- BARROS, A. C. N. *Estudo sobre a representação da mulher veiculada na revista Marie Claire*. 2002. Monografia (Especialização em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- BEAUVOIR, S. *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 1949.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique général*. Paris: Editions Gallimard, 1966.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Trad. Maria H. Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRAIGHI ANDRADE, A. A. *Análise do discurso midiativista: uma abordagem às transmissões simultâneas do Mídia Ninja*. 2016. 655f. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.
- BUTLER, J. Vida precária. *Contemporânea: Dossiê Diferenças e (Des)igualdades*. São Carlos, v. 1, n. 1, p. 13-33, 2011.
- CALDAS-COUTHARD; ROJO, L. M. Las revistas femininas y la construction de la feminidad. *Revista Iberoamericana de Discurso y Sociedad*, [S.l.], v. 1, n. 3, 1999.
- CHARAUDEAU, P.. *Langage et discours : éléments de sémiolinguistique (théorie et pratique*. Paris : Hachette-Université, 1983.
- CHARAUDEAU, P. *Grammaire du Sens et de l'Expression*. Paris : Hachette Éducation, 1992.

CHARAUDEAU, P. Des conditions de la mise en scène du langage. In : DECROSSE, Anne (dir.). *L'esprit de société*. Bruxelles : Mardaga, 1993.

CHARAUDEAU, P. Rôles sociaux et rôles langagiers. In : VION, R. ; VERONIQUE, D. (org.). *Modèles de l'interaction verbale*. Aix-en-Provence : l'Université de Provence, 1995.

CHADAUDEAU, P. La médiatisation de l'espace public comme phénomène de fragmentation. *Revue Études de Communication*, Villeneuve d'Ascq, n. 22, p. 73-92, sept. 1996.

CHARAUDEAU, P. *Uma teoria dos sujeitos da linguagem*. In: MARI, H.; MACHADO, I. L.; MELLO, R. de. (org.). *Análise do Discurso: práticas e fundamentos*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2001. p. 23-38.

CHARAUDEAU, P. L'identité culturelle entre langue et discours. *Revue de l'AQEFLS*, Montréal, v. 24, n. 1, p. 1-6, 2002.

CHARAUDEAU, P. De quelques imaginaires sociaux de la Modernité. Une prise de conscience pour une meilleure défense des identités linguistiques et culturelles. In : COLLOQUE DU CONGRES DE LA FEDERATION INTERNACIONALE DE PROFESSEURS DE FRANÇAIS, FIPF, 2003, Lima. *Actes [...]*. Lima : FIPF, 2003.

CHARAUDEAU, P. Réflexions sur l'identité culturelle. Un préalable nécessaire à l'enseignement d'une langue. In : GABRY J. et al. *Ecole, langues et modes de pensée*. Paris : Créteil : CRDP Académie de Créteil, 2005.

CHARAUDEAU, P. Identités sociales, identités culturelles et compétences. In : *Hommage à Paul Miclau*. 2006. Disponível em : <http://www.patrick-charaudeau.com/Identites-sociales-identites.html>.

CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In : BOYER, H. *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Paris : L'Harmattan, 2007.

CHARAUDEAU, P. *La justification d'une approche interdisciplinaire de l'étude des médias*. *Revue Communication, L'analyse linguistique des discours des médias : apports, limites et enjeux*. Québec: Éditions Nota Bene, 2008.

CHARAUDEAU, P. Identité sociale et identité discursive. Un jeu de miroir fondateur de l'activité langagière. In: _____ (dir). *Identités sociales et discursives du sujet parlant*. Paris: L'Harmattan, 2009.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2015a.

CHARAUDEAU, P. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. In: LARA, G. P.; LIMBERT, R. De C.P. (org.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015b.

CHARAUDEAU, P. *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2017.

- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CHODOROV, N. Estrutura familiar e personalidade feminina. In: ZIMBALIST, M.; LAMPHERE, L (org.). *A mulher, a cultura, a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 65-94.
- CUNHA, G. X. Um panorama de abordagens da narrativa nos estudos da linguagem. *Gravita Letras*, Três Lagoas, MS, n. 21, p. 35-51, jul./dez. 2015.
- CUNHA, G. E.; CORRÊA, T. A construção de imagens de si como um fenômeno enunciativo: estudo comparativo de depoimentos brasileiro e francês publicados na revista *Marie Claire*. *Linha d'água* (on-line), São Paulo, v. 31, n. 3, p. 142-165 set-dez. 2018.
- CYRULNIK, B. *Le merveilleux malheur*. Paris: Odile Jacob, 1999.
- DAHLET, P. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- DAVID, G. S. *Análise semiolinguística dos efeitos discursivos em telejornais brasileiros*. 1998. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 1998.
- DIAS, S.M.M. Imprensa feminina, folhetim e histórias de vida. In: INTERCOM – CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, XXVI., 2003, Belo Horizonte. *Atas* [...]. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003. p. 1-12.
- DUCARD, D. Dar a palavra: da reportagem radiofônica à ficção documental. In: LARA, G. P.; LAMBERTI, R. P. *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- EMEDIATO, W. *Análise Contrastiva da Configuração Linguístico-Discursiva de Títulos de Jornais Brasileiros*. 1996. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1996.
- EMEDIATO, W. Contrato de leitura, parâmetros e figuras de leitor. In: MARI, H.; WALTY, I.; FONSECA, M. N. S. (org.). *Ensaio sobre leitura 2*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2007. p. 83-98.
- FERREIRA, B. C. *O jornalismo nas revistas femininas Claudia e Marie Claire*. Os conceitos de beleza e saúde aplicados ao corpo feminino e ao controle do comportamento da mulher. 2017. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação da Escola de Comunicação e Artes, USP, São Paulo, 2017.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1997.
- GARCIA, C.C. *Breve histórico do movimento feminista no Brasil*. São Paulo: Editora Claridade, 2015.
- GAULEJAC, V. *Qui est “je”*. Paris: Le Seuil, 2009.
- GEERS, A. Le sourire et le tablier. La construction médiatique du féminin dans *Marie-Claire* de 1937 à nos jours. 2016. Thèse (Doctorat em Histoire Visuelle) – Écoles des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris, 2016.

LARA, G. P.; LIMBERT, R. De C.P. (org.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015. 206 p.

LEJEUNE, P. *Le pacte autobiographique*. Paris: Editions du Seuil, 1996.

LIMA, P. A. Práticas de subjetivação na revista *Marie Claire*: tentativas midiáticas de controle do indivíduo do gênero feminino. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA UFG/JATAÍ: HISTÓRIA E DIVERSIDADE CULTURAL, III., Jataí. *Anais [...]*. Jataí: UFG, 2012.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro. Editora Rocco. 1977.

LOBATO, M. L. M. A trajetória do feminino na imprensa brasileira: o jornalismo de revista e a mulher do século XX. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9º, 2013, Ouro Preto. *Anais [...]*. Ouro Preto: UFOP, 2013. [GT de História do Jornalismo].

MACHADO, I. L. Uma teoria de análise do discurso: a Semiologia. In: MARI, H.; MACHADO, I. L.; MELLO, R. (org.) *Análise do Discurso*. Fundamentos e práticas. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2001. p. 39-62.

MACHADO, I. L. Algumas considerações sobre a teoria semiológica de Patrick Charaudeau. In: MACHADO, I. L. et al. *Movimento de um percurso em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2005.

MACHADO, I. L. *Parodie et analyse du discours*. Paris: L'Harmattan, 2013.

MACHADO, I. L. A narrativa de vida como materialidade discursiva. *Revista da ABRALIN*, v. 14, p. 95-108, 2015.

MACHADO, I. L. Um espaço de liberação para vozes femininas? In: MACHADO, I. L.; SANTOS, J. B. C.; NUNES DE JESUS, S. (org.). *Análise do Discurso*. Afinidades epistêmicas Franco-Brasileiras. Curitiba: Editora CRV, 2016a. p. 29-54.

MACHADO, I. L. *Reflexões sobre uma corrente de análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida*. Coimbra: Gracio Editor, 2016b.

MACHADO, I. L. Slide 2 - aula da disciplina STV: Análise do Discurso: Narrativas de Vida. 10 nov. 2017.

MACHADO, I. L. Notas do curso *Abordagem das narrativas de vida na perspectiva da AD*, ministrado pela professora, 2018.

MACHADO, I. L. Trabalho apresentado no Seminário do Núcleo de Análise do Discurso (Letras/UFMG) em 5 de abril de 2019.

MACHADO, I. L. O ato da linguagem segundo a semiologia: implicações, explicações e aplicações práticas. *Gragoata*, Niterói, v. 24, n. 50, p. 760-772, dez. 2019.

MAINGUENEAU, D. Problèmes d'ethos. *Pratiques: Linguistique, Littérature, Didactique*, Lorraine, n. 113-114, p. 55-67, 2002.

MAINGUENEAU, D. *Análise de texto de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza; Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Discours et analyse du discours*. Paris: Armand Colin, 2014.

- MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Trad.: Maria Augusta Bastos de Mattos. São Paulo: Parábola, 2015.
- MELLO, R. Os múltiplos sujeitos do discurso no texto literário. In: MARI, H.; MACHADO, I. L.; MELLO, R. (org.). *Análise do Discurso em perspectivas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2003. p. 33-50.
- MELLO, R. Análise do discurso e literatura: uma interface real. In: MELLO, R. (org.). *Análise do discurso e literatura*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2005. p. 31-44.
- MOSCOVICI, S. *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1978.
- PAULIUKONIS, M. A. L.; GOUVÊA, L. H. M. Texto como discurso: uma visão semiolinguística. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade de Passo Fundo*, v. 8, n. 1, p. 49-70, 2012.
- PERROT, M. *Histoire des femmes en Occident*. Paris: Plom, 1991. 5 v.
- PERROT, M. *Les femmes ou les silences de l'histoire*. Paris: Flammarion, 1998.
- PERROT, M. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PERROT, M. *Minha história das mulheres*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- PEYTARD, J. *Mikhail Bakhtine*. Dialogisme et analyse du discours. Paris: Bertrand-Lacoste, 1995.
- RÉIGNER, F. Exotisme et alterité dans la presse féminine: quelques différences franco-allemandes. *Questions de communications*, n. 8, p. 339-354, 2005.
- RICOEUR, P. *Temps de récit*. Le Seuil, 1985. Tome III: Les temps raconté.
- RIOT-SARCEY, M. *Le genre en question: pouvoir, politique, écriture de l'histoire*. Paris: CREAPHIS Editions, 2016.
- SCALZO, M. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2003.
- ZIMBALIST, M.; LAMPHERE, L. (org.). *A mulher, a cultura, a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.